Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas (TOE) na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPI a disponibilizar este TEDE sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir do dia 22/04/2022

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação

2. Identificação da Dissertação

Autor:	CAIO LEONARDO DA SILVA SOUSA		Matrícula:	20201003800 (*identificador*)
Telefone:	34401069			
Identidade:	3257277 - SSP/PI	CPF:	E-mail:	caio.jovi2008@hotmail.com
Orientador:	JOHNY SANTANA DE ARAUJO	CPF: 474.646.073-68	E-mail:	johny@ufpi.edu.br
Membro da banca:	TELMA BONIFÁCIO DOS SANTOS REINALDO	CPF: 124.573.453-91	E-mail:	telma.bonifacio@ufma.br
Membro da banca:	FRANCISCO GLEISON DA COSTA MONTEIRO	CPF: 448.623.853-20	E-mail:	gleison.monteiro@ufpi.edu.br
Membro da banca:	JOHNY SANTANA DE ARAUJO	CPF: 474.646.073-68	E-mail:	johny@ufpi.edu.br
Data da Defesa:	22/04/2022		Titulação:	Mestre
Título:	A REPERCUSSÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DOS JORNAIS PIAUIENSES (1914-1918).			
Instituição de Defesa:	Universidade Federal do Piauí/UFPI		CNPJ:	06.517.387/0001-34
Afiliação:			CNPJ:	
Palavras-chave:	Primeira Guerra Mundial; Elite Intelectual; Piauí; Notícias; Conflito.			

3. Agência de Fomento

UFPI

4. Informação de acesso ao documento

Liberação para publicação: **Total**

Caio Leonardo da Silva Sousa
Assinatura do autor

17/10/2022
Data

Havendo concordância com a publicação eletrônica, toma-se imprescindível o envio em formato digital da tese ou dissertação.

ATENÇÃO

Para verificar a autenticidade deste documento acesse **/sigaa/documentos/** informando o identificador, a data de emissão e o código de verificação **018b51d7e5**

Digitalizado com CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

A REPERCUSSÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DOS JORNAIS PIAUIENSES (1914-1918).

CAIO LEONARDO DA SILVA SOUSA

TERESINA – PIAUÍ
2022

CAIO LEONARDO DA SILVA SOUSA

A REPERCUSSÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DOS JORNAIS PIAUIENSES (1914-1918).

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em história do Brasil – PPGHB da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de Araújo

TERESINA – PIAUÍ
2022

Quando estalou, na face da Terra, essa guerra cruenta que por mais de quatro anos ensanguentou a Europa, a humanidade estacou perplexa diante da evidência do terrível acontecimento. (...)

Ameaça no primeiro momento, logo se converteu em fato consumado.

Luiz de Morais Correia

AGRADECIMENTOS

Nestes dois anos de mestrado, de muito estudo, dedicação, esforço e empenho, gostaria de agradecer a algumas pessoas especiais que me acompanharam e foram fundamentais para realização deste sonho. Por isso, quero expressar aqui, através de palavras sinceras, um pouco da importância que elas tiveram, e ainda têm, nesta conquista que para mim, é apenas o primeiro dos grandes passos da minha vida profissional e pessoal. Primeiramente, agradeço especialmente aos meus país Fabiana e Nonato; aos meus avós maternos Otávio de Félix e Socorro Silva, e principalmente à minha querida namorada Bruna Virgínia, pela compressão e profundo apoio, me estimulando e ajudando nos momentos mais difíceis, especialmente por serem privados de momentos da minha companhia e atenção. Obrigado por tudo que vocês têm feito por mim, por me ajudar a superar cada obstáculo encontrado no caminho e, acima de tudo, por todo amor, carinho e confiança depositados em mim. A vocês, minha família, sou eternamente grato por tudo que sou, por tudo que conquistei e pela felicidade que tenho.

Estendo minha eterna gratidão ao meu orientador Prof. Dr. Johny Santana de Araújo, por ter abraçado comigo, esse difícil, mas prazeroso desafio, por ter me guiado em toda essa caminhada, com ensinamentos, sugestões, explicações e, especialmente, pela amizade construída ao logo de dois anos, que, por muitas vezes, deixou de lado seus momentos de descanso para me ajudar e orientar, transformando-se em um querido e grande amigo, me inspirando através da pessoa e grande profissional que é. Foi essencial para que eu compreendesse da melhor forma, o caminho a seguir no apaixonante campo da história militar. E, principalmente, obrigado por sempre ter acreditado e depositado sua confiança em mim ao logo desses dois anos de mestrado. Sem sua orientação, confiança, apoio e amizade, jamais teria chegado até aqui.

Um obrigado especial aos meus amigos Romário, Victor, Cláudio, Helissandro, Laila e Camila à quais tenho vasta gratidão por toda amizade e parceria consolidada. Agradeço também, em especial, à Ítalo e Luís, por toda amizade construída desde a graduação e avigorada no mestrado, sempre estiveram ao meu lado e os considero como irmãos, pois, apesar da distância, sempre nos ajudamos, apoiamos, debatemos e torcemos um pelo outro. A todos vocês, meus amigos, minha eterna gratidão, vou carregá-los em meu coração pelo resto de minha vida. Quero também agradecer aos professores Dr. Francisco Nascimento e Francisco Gleison, membros da banca de Qualificação, pelas sugestões, conselhos e interesse em contribuir para o desenvolvimento deste trabalho, este último, acompanha minha caminhada desde a graduação, onde foi membro da minha banca de TCC e me incentivou veementemente a dar continuidade a esta pesquisa no mestrado, contribuindo na construção do projeto para

ingresso no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (PPGHB-UFPI). Além destes, agradeço também ao professor e amigo Dr. Agostinho Coe, por ter iniciado comigo esta pesquisa, que, com meu desejo de estudar uma das grandes guerras com o olhar voltado para o Piauí, sugeriu este tema e me orientou ainda na graduação, portanto, faz parte dessa "História".

Agradeço também às minhas colegas de trabalho Francisca Moura e Gabriela Sousa, que sempre compreenderam e me deixaram a vontade para terminar a escrita desta pesquisa em meio a correria e obrigações do trabalho na direção da escola. Sem esse gesto de carinho, jamais teria conseguido concluir. Agradeço também ao Núcleo de Pesquisa em Memória (NUPEM-UFPI), ao Arquivo Público do Estado do Piauí, aos acervos virtuais da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNDigital) e do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense, instituições de memória que me deram o aporte documental de fontes necessárias para consolidação desta pesquisa, sobretudo, em tempos adversos de pandemia.

Por fim, o agradecimento mais importante: agradeço a Deus, pai celestial, por estar comigo, me guiando, iluminando cada passo na minha vida pessoal, acadêmica e profissional, sendo pilar nos meus piores momentos, sobretudo, àqueles que pensamos em desistir. Agradeço por tantos presentes divinos, talvez, até mais do que posso merecer. Obrigado, meu pai, por me permitir chegar até aqui e realizar esse sonho, que por muitas vezes, nem em minhas melhores aspirações, esperava conseguir. Obrigado, pai celestial, por tudo que sou, tenho e ainda hei de conquistar, sou extremamente grato por sempre olhar por mim, me mostrar que seus planos são maiores que os meus e sempre interceder neles. Sem essa força divina, amor e fé, nada disso seria possível, és sempre a razão de tudo.

A todos vocês, o meu muito obrigado!

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo propor um estudo sobre a Repercussão da Primeira Guerra Mundial nos jornais Piauienses, entre os anos de 1914 a 1918, que foram os anos que perdurou o conflito no cenário global. O Piauí, apesar de ser um lugar longínquo do continente europeu em que incidia o *front* de guerra, foi bastante afetado pelo conflito, tendo detrimentos e mudanças em diversos setores da sociedade, como no aspecto econômico, estrutural, político e social, buscando, dentro do contexto mundial, mostrar as mudanças e transformações ocorridas no local decorrentes da guerra. Comumente pouco estudada, sobretudo, na historiografia piauiense, a Primeira Guerra Mundial, digna de uma pesquisa, nos possibilita visualizar que os prejuízos e modificações provocadas pelo conflito não ficaram restritas apenas ao continente europeu, alastrando-se por todo o mundo, chegando assim ao Piauí, que teve suas economia bastante afetada à medida que viu suas exportações diminuírem com o bloqueio naval imposto pela Alemanha, provocando a queda da venda da borracha de maniçoba e a cera de carnaúba, principais produtos de exportação da economia piauiense nos primeiros anos de guerra. Sendo assim, buscaremos mostrar o Piauí como local de transformações provocadas pela guerra, fazendo assim parte do círculo dos acontecimentos e mudanças. Os nossos intelectuais desde o início do conflito, logo debruçaram-se no debate à cerca das causas, perigos e mudanças da eminente guerra, usando os jornais para produzir e reproduzir matérias, expressar suas opiniões, análises e incluir o Piauí no debate sobre o conflito assim como nas principais capitais e cidades do Brasil. Essa prática levaria esse mesmo seleto grupo de intelectuais locais a criar no ano de 1917 a Academia Piauiense de Letras (APL), órgão máximo das letras no Piauí, de extrema importância para o desenvolvimento da intelectualidade piauiense, sendo fruto das diversas mudanças ocorridas nesse período. As principais fontes utilizadas foram jornais de ampla circulação local, como: *Diário do Piauí* (PI), *Aviso* (PI), *A Cruz* (PI), *Chapada do Corisco* (PI), *O Tempo* (PI), *Alto Longá* (PI); as mensagens governamentais enviadas a Assembleia Legislativa e Conferências ministradas por intelectuais locais.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira Guerra Mundial; Elite Intelectual; Piauí; Notícias; Conflito.

ABSTRACT: The present work aims to propose a study on the Repercussions of the First World War in Piauí newspapers, between the years 1914 to 1918, which were the years that the conflict lasted in the global scenario. Piauí, despite being a distant place on the European continent where the war front was located, was greatly affected by the conflict, with detriments and changes in various sectors of society, such as the economic, structural, political and social aspects, seeking, within of the world context, show the changes and transformations that occurred in the place resulting from the war. Commonly little studied, especially in Piauí historiography, the First World War, worthy of research, allows us to see that the damage and changes caused by the conflict were not restricted to the European continent, spreading throughout the world, thus reaching the Piauí, which had its economy severely affected as it saw its exports decreased with the naval blockad imposed by Germany, mainly with the drop in the sale of maniçoba rubber and carnauba wax, the main export products of the Piauí economy in the first years of the war. Therefore, we will seek to show Piauí as a place of transformations caused by war, thus becoming part of the circle of events and changes. Since the beginning of the conflict, our intellectuals soon became involved in the debate about the causes, dangers and changes of the imminent war, using newspapers to produce and reproduce articles, express their opinions, analyzes and include Piauí in the debate about the conflict. as well as in the main capitals and cities of Brazil. This practice would lead this same select group of local intellectuals to create, in 1917, the Piauí Academy of Letters (APL), the highest body of letters in Piauí, extremely important for the intellectual development of Piauí, as a result of the various changes that took place during this period. The main sources used were newspapers with wide local circulation, such as: *Diário do Piauí* (PI), *Warning* (PI), *A Cruz* (PI), *Chapada do Corisco* (PI), *O Tempo* (PI*)*, *Alto Longá* (PI); the governmental messages sent to the Legislative Assembly and Conferences given by local intellectuals.

KEYWORDS: First World War; Intellectual Elite; Piauí; News; Conflict.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Evolução dos navios couraçados no início do século**.....33**

QUADRO 02: Produção de navios dreadnoughts e super-dreadnoughts pelas grandes potências**.....35**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9

2. CAPÍTULO I **– O CAMINHO PARA A "GRANDE GUERRA" (1870-1914) 21**

2.1 "A conflagração europeia": a eclosão da Primeira Guerra Mundial, as razões e o desenvolvimento do conflito. 21

2.2 A contribuição da historiografia sobre o conflito 54

3. CAPÍTULO II **– A ECLOSÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, O BRASIL E A REPERCUSSÃO NO ESTADO DO PIAUÍ. 73**

3.1. O contexto social brasileiro e as particularidades do Estado do Piauí antes e após o início da guerra 73

3.2. A entrada do Brasil no conflito e o impacto da guerra no Piauí 103

4. CAPÍTULO III **– AS NOTÍCIAS DA GRANDE GUERRA MUNDIAL NOS JORNAIS PIAUIENSES-(1914 – 1918) 121**

4.1 A divulgação do conflito e o posicionamento dos jornais 121

4.2 O fim da "Grande Guerra" e as visões do conflito proferidas pela elite intelectual piauiense. 132

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 145

6. REFERÊNCIAS 151

1. INTRODUÇÃO

Ao logo de toda história da humanidade diversos acontecimentos marcam e transformam os homens e sociedades ao longo do tempo. Nesses confins do tempo, muitas vezes nos deparamos com um passado de sofrimento e mudanças, que geralmente são retratados nas escolas, livros, televisões e por alguns de nós, aguerridos viajantes no tempo, que por oficio e amor, insistimos em fazer uma viagem ao passado e contorna-lo em busca de respostas e indagações a respeito dessas memórias. Este passado, pode não significar muita coisa para quem vive hoje, mas para nós, viajantes do tempo, e para aqueles que viveram tais fatos, constituem-se como episódios transformadores do que hoje compõe nossa sociedade.

Como historiador, sempre buscamos encontrar um melhor caminho para vasculhar essas lembranças que marcaram nossa sociedade, o que chamamos de lugar da memória, aquela que Le Goff e Maurice Halbwachs chamaram de memória coletiva e que tanto falavam. Buscamos, antes de tudo, mostrar como o Piauí, lugar tão longínquo da Europa, teve transformações e sofreu consequências pela eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Esta pesquisa pretende estudar a repercussão da Primeira Guerra Mundial nos jornais piauienses durante os anos de conflito (1914-1918), analisando o envolvimento, interesse e o debate daqueles que estavam na direção dos jornais que aqui chamaremos de “elite intelectual”, em produzir as matérias e divulgar o conflito. Por muito tempo e até os dias atuais, a imprensa diária ou periódica teve influência na disseminação de ideologias, seja através da manipulação de notícias ou disseminando ideias de acordo com seus anseios, no sentido de ganhar o apoio da população. Diante do conflito que foi a segunda maior guerra de todos os tempos, é importante procurar entender o impacto e deslumbramento que a mesma se deu em outras partes distantes do continente europeu. No Piauí a imprensa teve um importante papel na divulgação da guerra, pois, logo nos anos anteriores à conflagração de 1914, já alertavam/divulgavam indícios de um possível conflito mundial. Nesse sentido, buscaremos compreender os jornais como espaço de divulgação dos acontecimentos, assim como de articulações políticas, econômicas e sociais.

Sendo assim, procuraremos observar a relevância que o conflito gerou no Piauí e como os jornais viraram veículos de divulgação da Guerra, analisando de que maneira a elite intelectual que estavam em suas direções se comportavam em relação ao conflito que durou, segundo a historiografia oficial de 1914-1918, abordando notícias publicadas nos diferentes periódicos piauienses em busca de compreender o que os mesmos pretendiam ao focar e trazer tais acontecimentos, que por muitas vezes eram específicos. Diante desses fatos, notamos a

importância dessa abordagem quando as autoras Ana Regina Rêgo e Ranielle Leal Moura, ressaltam que "(...) se as nossas forças militares pouco atuaram nas trincheiras da primeira guerra, os nossos políticos, jornalistas e escritores, por outro lado, se lançaram no conflito desde o início".[1]

A proposta de pesquisa para este trabalho é de ampliar as discussões e análises desenvolvidas anteriormente no meu Trabalho de Conclusão de Curso,[2] buscando a partir de inquietações que não foram aprofundadas, a ampliação a respeito das relações e interesses que os políticos à frente dos jornais piauienses mantinham entre si, bem como a maneira que foi divulgada o conflito e a forma que a sociedade se comportou com a eclosão mundial. Em outras palavras, sempre me intrigou as duas grandes guerras mundiais, bem como suas particularidades. Pensando em abordar uma temática a respeito desses dois confrontos, propomos pesquisar a Primeira Guerra Mundial por ser um tema ainda pouco abordado pela historiografia do Piauí, e que necessita de uma narrativa aprofundada para compreendermos como o Estado envolveu-se no primeiro conflito de proporções mundial. Deste modo, me despertou a atenção sobre a maneira como o Piauí se relacionou com o conflito, seja diretamente ou de forma indireta, através da análise de como a sociedade piauiense definiu os principais acontecimentos, além do interesse da imprensa em noticiar o conflito através dos jornais locais, meio de informação que elite intelectual dominavam. Portanto, interessou-me analisar quais as notícias que chegavam ao Piauí e como estas eram tratadas localmente, além da investigação dos veículos de informação utilizados para divulgar o conflito.

A decisão de continuar a pesquisa sobre a repercussão da primeira guerra mundial através dos jornais piauiense se deu ainda pelo desejo acadêmico de querer contribuir com a historiografia piauiense e também nacional, através de um tema que pouco foi discutido em âmbito local, pois como ressalta Celso Castro "a história militar acadêmica tem tido trajetória difícil no Brasil"[3] pois, segundo o mesmo, com a expansão alcançada pelas universidades e "o fortalecimento da história como profissão (a partir da segunda metade do século XX) coincidiram com a intensificação do envolvimento militar na política e, acima de tudo, com o regime militar de 1964-85, que desencorajou a pesquisa acadêmica sobre as Forças Armadas".[4]

---

[1] RÊGO, Ana Regina; MOURA, Ranielle Leal. *Imprensa brasileira na Primeira Guerra Mundial: intelectuais em ação*. Trabalho apresentado no GT de Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. p. 3.

[2] SOUSA, Caio Leonardo da Silva. *A repercussão da primeira guerra mundial através dos jornais piauienses.* 2018. 83 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

[3] CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Vitor. KRAAY, Hendrik. *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: FGV. 2004. p. 3.

[4] Ibid. p. 13.

A inspiração acadêmica para dar continuidade a essa pesquisa é ainda impulsionada também pela vontade de identificar os ideais daqueles que não estavam no *front* da guerra, pois na maioria dos trabalhos científicos sobre a temática é abordada somente peculiaridades de como eram os campos de batalhas, os grandes fatos e as desenvolturas políticas que levaram até essa catástrofe mundial, sendo pouca abordada as relações e impactos em setores sociais como a imprensa. Portanto, o desejo de pesquisar a respeito dos impactos que o conflito causou nas comunidades fora do continente europeu foi predominante para continuar a pesquisar esta temática.

Destarte, percebendo que podemos pensar a História Mundial, Nacional e Regional desde perspectivas complementares, visto que as partes se relacionam como um todo, o estudo da Primeira Guerra Mundial com o olhar voltado para lugares distantes do *front* de guerra é pertinente para mostrarmos que o Piauí era um local remoto dos grandes acontecimentos da guerra apenas em termos espaciais, pois em relação aos impactos, discussões, notícias e ideologias, fazia parte do centro, já que à medida que às notícias chegavam e circulavam nos grandes centros e capitais do Brasil, também chegavam até o Piauí. Entretanto, iremos atentando-se, sobretudo, para a maneira em que foi construído/recebido o conflito pelas elites intelectuais locais, investigando os mecanismos utilizados por as mesmas, como a imprensa, para a formação de uma ideologia sobre o conflito. Sendo assim, seguimos o pensamento do historiador Eric Hobsbawm em sua obra: *Era dos extremos: o breve século XX*, quando ressalta:

> À medida que o historiador do século XX se aproxima do presente, fica cada vez mais dependente de dois tipos de fonte: a imprensa diária ou periódica e os relatórios econômicos periódicos e outras pesquisas, compilações estatísticas e outras publicações de governos nacionais e instituições internacionais.[5]

Nessa perspectiva, podemos notar que o historiador ao aproximar-se do presente, volta seus olhares para imprensa e a enxerga como possibilidades de fontes imprescindível para exercer o seu oficio e realizar a análise histórica/historiográfica. A imprensa mostra-se como detentora de uma pluralidade de fontes, pois sua produção é vasta e possibilita ao pesquisador debruçar-se por diferentes objetos de pesquisas, além de enxergar as diferentes opiniões daqueles que dominavam esse setor de divulgação. Anos após o fim da Primeira Guerra Mundial, sobretudo no ano de 1929 em que surgiu a escola dos *Annales*, a historiografia passou por uma renovação estrutural que ficou conhecida como *nova história cultural*.[6] Essa pluralidade de fontes que se encontra a disposição do pesquisador foi provocada por uma

[5] HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 2.
[6] BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. – 2.ed. – São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

versatilidade documental, que ampliou os olhares e reorganizou as fronteiras e diálogos com outras disciplinas e fontes que se tornavam cada vez mais rotineiras.

Entretanto, para compreender o interesse da elite política e intelectual à frente dos jornais perante o conflito, será necessário o entendimento de suas bases ideológicas e suas relações com seus pares, pois, como ressalta Rêgo "ao longo de toda a sua trajetória, a imprensa piauiense se relaciona, de forma íntima com a política e o poder, o que perdura, na atualidade".[7] Seguindo essa linha, vemos que o jornalismo praticado no Piauí, desde o segundo Reinado e chegando até o período de estudo tinha a influência dos partidos, com isso, os políticos que corriqueiramente estavam ligados a um grupo familiar, "possuem não apenas afinidades intelectuais, mas, sobretudo, laços de parentesco e interesses econômicos. Assim, organizam-se em torno de um partido e fundam um jornal, para exercer a função de porta-voz de suas ideias e dos anseios de suas famílias".[8]

Nesse sentido, analisaremos também como a maioria desses jornais piauienses que surgiram ou tinham suas bases ideológicas/partidárias, se preocuparam em construir versões muito peculiares sobre a Primeira Guerra Mundial por meio das matérias e análises que divulgaram nos periódicos. Percebemos isso através das fontes localizadas até então, abrigadas no arquivo púbico do Estado do Piauí, como essa notícia publicada pelo jornal *Diário do Piauhy* com o título *A culpa sangrenta da Inglaterra na Guerra Mundial*, que diz: "Horrorizada e atordoada está à humanidade civilizada, há oito dias, diante de uma das maiores catástrofes da história universal inteira, diante do rompimento repentino de uma guerra mundial, cujas consequências terríveis são de todo incalculáveis (...)".[9]

Vemos que desde o primeiro ano de conflagração europeia, as notícias já circulavam no Piauí em um dos principais jornais do estado que, segundo Pinheiro Filho, tinha suas notícias voltadas para o campo político, na qual defendia candidaturas de algumas personalidades, e na sua direção estava Cândico Gil.[10] Tendo em vista a relação estreita entre os periódicos vigentes no Piauí e a tentativa de constituir uma opinião pública a favor dos seus interesses, configura-se também enquanto problemática dessa pesquisa estudar a maneira como essas elites políticas se relacionavam/comportavam na direção desses jornais, tanto na capital como em outras cidades do Estado, onde cada periódico defendia suas ideologias e interesses. Podemos perceber isso na notícia que o jornal *A Cruz* publica no ano de 1915, onde o mesmo traz um apelo à

[7] RÊGO; MOURA. op. cit., p. 3.
[8] Ibid. p. 4.
[9] ESTADO DO PIAUÍ. *Diário do Piauí*. Teresina-PI, n° 267 de 24 de novembro de 1914. p. 2.
[10] PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa do Piauí*. Teresina: Zodíaco, 3º edição, 1997.

comunidade cristã através de uma reportagem intitulada *ROMA*, onde traria um comunicado do papa Bento XV à comunidade católica. O informativo dizia que:

> O santo Padre recomendou aos sacerdotes e aos católicos em geral que não estão envolvidos na triste conflagração europeia, que guardem a neutralidade fundada na caridade a qual se estende a todos os homens e a ninguém nem faz injustiça. A alma católica escreve o *Osservatore Romano*, órgão da Santa Sé, quer nas conversações particulares, quer nos jornais, não sai, não deve sair duma atitude de neutralidade efetiva, a qual lhe é imposta por um sentimento superior com que nada tem a ver este ou aquele partido.[11]

Buscaremos analisar enquanto fonte de pesquisa para sustentação deste trabalho, jornais como: *Diário do Piauí*, *A Notícia*, *A Cruz, Alto Longá* entre outros, como também relatórios governamentais na intenção de identificar o grau de importância que as elites políticas também disponibilizavam para a guerra, principalmente à comunicação do governador do Estado com a Câmara Legislativa Estadual, assim como alguns jornais adotarem a característica de posicionar-se contra ou a favor do conflito e, até mesmo, divulgar posicionamentos dos países envolvidos em uma das frentes que se confrontavam na guerra. Assim, procuraremos evidenciar os principais argumentos usados por essa elite em relação a guerra, desde a vertente do combate ser uma ameaça a humanidade até a discussão de qual nação seria a principal causadora da guerra, onde alguns periódicos que tinham afinidade maior por um país envolvido em uma das frentes beligerantes, tomavam a iniciativa de divulgar reportagem acusando o país rival de ser o principal responsável pelo estouro do conflito, à exemplo da matéria divulgada pelo *Diário do Piauí* citada anteriormente.

Para o melhor desenvolvimento de uma narrativa que irá abordar os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial no Piauí, faz-se necessário uma reflexão acerca do termo "Guerra Mundial", à medida que a utilização do conceito, empregado pela primeira vez no ano de 1914 como "Primeira Guerra Mundial", teve como principal motivo o fato de ser a primeira grande guerra do mundo que contou com um amplo número de nações europeias que travaram batalhas entre si, alastrando-se até países de outro continentes pois, até então, os conflitos eram específicos ficando restritos geralmente a duas nações ou povos rivais de um mesmo continente. Para discutir o conceito, debruçaremos sobre os ensaios reunidos na obra *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* do historiador alemão Reinhart Koselleck, onde o mesmo vai fazer uma reflexão sobre os conceitos históricos, mostrando-nos que com o passar dos tempos os termos tendem a mudar.[12]

> Quando o historiador mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivencias e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e

[11] ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal A Cruz*. Parnaíba-PI, n° 1 de 4 de abril de 1915. p. 1.
[12] KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. – Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

> inquietudes, ele se confronta principalmente com vestígios, que se conservam até hoje, e que em maior ou menos número chegaram até nós. Ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que deseja apreender, o historiador sempre se movimenta em dois planos. Ou ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com a ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desses vestígios. No primeiro caso, os conceitos de tradicionais da linguagem das fontes servem-lhe de acesso heurístico para compreender a realidade passada. No segundo, o historiador serve-se de conceitos formados e definidos posteriormente, isto é, de categorias cientificas que são empregadas sem que sua existência nas fontes possa ser provada.[13]

Todavia, podemos estabelecer uma discussão sobre o conceito de "Guerra Mundial" estabelecido entre 1914 e 1918 no imaginário social da época, tanto na Europa como no Piauí e os significados atribuídos nos dias de hoje, à medida que "a história dos conceitos mede e estuda essa diferença ou convergência entre os conceitos antigos e as atuais categorias de conhecimentos".[14] Portanto, o autor indica-nos que a "história social" para obter um melhor desenvolvimento em suas abordagens, deve caminhar a par com perspectiva teórica da "história dos conceitos", principalmente para os historiadores que trabalham sob os aspectos da "história cultural", pois conhecer a fundo os conceitos trabalhados seria, na perspectiva do autor, o primeiro passo a ser feito.

Para auxiliar na condução, manuseio e melhor leitura das fontes, buscou-se como amparo teórico e metodológico historiadores que apontassem os jornais e a imprensa como objeto e fonte de análises. Nos últimos anos do século XX, ainda se mostrava pequeno os trabalhos e pesquisas que se utilizava de jornais e revistas para construção da narrativa histórica, principalmente voltada para história do Brasil. Com o crescimento e difusão da imprensa no país os editoriais de jornais como também os próprios jornalistas contavam com uma considerável quantidade de documentos guardados que, segundo a autora Tania Regina de Luca "reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa".[15] Nesse sentido, buscaremos através dos jornais enquanto fontes de pesquisa, construir uma narrativa de como foi percebido a Primeira Guerra Mundial e seus impactos em território piauiense, e não uma história da imprensa em si, mas narrar uma história da Grande Guerra por meio da imprensa.

No final do século XIX e início do XX, os historiadores costumavam seguir a tradição de uma linha metódica que era associada ao ideal de busca da verdade, onde defendiam que só

---

[13] KOSELLECK. op. cit. p. 305.
[14] Ibid. p. 306.
[15] DE LUCA, Tânia Regina. *História dos, "nos" e por meio de periódicos*. IN: *Fontes Históricas* / Carla Bazanessi Pinsky, (Organizadora). – 2.ed., I reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008. p. 111.

através dos considerados "documentos oficiais" era possível a construção da narrativa historiográfica, pois as fontes oficiais eram tidas como elementos que os aproximavam da verdade dos fatos. Esse fato, é uma das razões que explica o distanciamento, durante muito tempo, entre a História e Imprensa, pois os historiadores ligados a esse paradigma historiográfico acreditavam que "para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo".[16] Nesse sentido, houve o estabelecimento de uma hierarquia documental em que o historiador de ofício deveria estar atento, e que os periódicos não chamavam a atenção dos historiadores para fazer parte desse grupo seleto de fontes em que "os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões".[17]

Entretanto, com a revolução historiográfica provocada pela *Escola dos Annales* que direcionou fortes críticas para essa antiga linha historiográfica, contribuiu para reformulação documental ocorrida no campo da história e a inclusão dos jornais e a imprensa como fontes de pesquisa de suma importância para a análise do historiador, justamente por carregar em seus documentos; "sentimentos, interesses, paixões e ideologias", fatores primordiais para compreensão de um determinado contexto social em que o historiador se debruça apor meio de suas pesquisas e inquietações. A *Escola dos Annales*, foi fundada no ano de 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre, este último, inclusive, com o início da Primeira Guerra Mundial "trocou as funções de professor universitário pelas de capitão de uma companhia de artilharia",[18] e com o fim da Guerra, ingressou em um projeto de criação de uma revista dedicada à história econômica, onde não teve muito respaldo. O projeto foi retomado por Marc Bloch e em 1929 foi criada a revista *Annales* na França e, paulatinamente "os *Annales* converteram-se no centro de uma escola histórica (...), além de seus manifestos e programas em defesa de "um novo tipo de história" associado aos *Annales* – postulado por pesquisa interdisciplinar, por uma história voltada para problemas, por uma história da sensibilidade, etc".[19] Com a consolidação dessa escola histórica, a historiografia adquire novas fontes, métodos e perspectivas, além da

[16] DE LUCA. op. cit. p. 112.
[17] Ibid. p. 112.
[18] BURCK. Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. Tradução: Nilo Odalia, - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 25
[19] Ibid. p. 38.

interdisciplinaridade com outros campos para construção do conhecimento e narrativas historiográficas.

No Brasil, podemos perceber a influência dessa perspectiva no campo da história militar, quando em 2004 Celso Castro, Victor Izecksohn e Hendrik Kraay lança a obra *Nova História Militar Brasileira,* que adotaremos como um dos principais referenciais, pois remodela o campo da História Militar dando-lhe novos olhares e objetos, direcionando a narrativa histórica para os pequenos eventos, sujeitos e instituições. Sendo assim, o foco dessa nova perspectiva historiográfica não é mais aquele conceito que comumente se entende "por "história militar" – o estudo das batalhas, táticas e principais figuras militares. Pelo contrário, concentra-se naquilo que na América inglesa foi denominado, já a algum tempo, "a nova história militar" – mas que hoje dificilmente poderia ser chamada de nova".[20] Entretanto, essa tendência historiográfica mostra-se pertinente para condução desta pesquisa, pois possibilita dar notoriedade à sujeitos que historicamente eram renegados nos estudos das Forças Armadas, focando em narrativas como o cotidiano dos soldados nas instituições militares e outros assuntos, como ressalta o autor ao dizer que:

> Essas pesquisas estudam a origem social, os vínculos de sociabilidade, as operações formais e informais das hierarquias, os sistemas de progressão e punição operante nos quartéis e destacamentos espalhados pelo país. Estudam também as ocasiões em que as Forças Armadas entraram em combate: as poucas guerras externas, a participação no processo de unificação territorial, a formação dos oficiais e os episódios de violência coletiva, especialmente as revoltas. Finalmente, se debruçam sobre questões de gênero, incluindo a identidade masculina, o homossexualismo e a participação de mulheres nos contingentes.[21]

Entretanto, além dessa obra, para um melhor desenvolvimento deste trabalho e entendendo que não há como construir uma história regional sem dialogar com obras que fizeram uma narrativa especifica sobre o conflito, buscamos com autores que narraram a história da Primeira Guerra Mundial fazer uma relação entre os eventos narrados nesses livros e as informações contidas nas fontes. A historiografia Britânica mostra-se importante para condução dessa pesquisa, pois os estudos desenvolvidos pelo historiador Christopher Clark em sua obra *Os Sonâmbulos: Como eclodiu a Primeira Guerra Mundial*, vai fazer uma narrativa detalhada sobre as origens e principais acontecimentos que levaram a eclosão da Primeira Guerra Mundial na Europa em 1914. A importância do estudo dessa obra, dar-se porque "este livro, procura, portanto compreender a Crise de Julho de 1914 como um evento moderno, o

[20] CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Victor; KRAAY, Hendrik. op. cit., p. 12.
[21] Ibid. p. 12-13.

mais complexo dos eventos modernos, talvez de qualquer época até hoje. Preocupa-se menos com o porquê da guerra e mais com o modo como ela veio a acontecer".[22]

A obra *A Primeira Guerra Mundial: história completa* do historiador Lawrence Sondhaus será importante pois fará uma abordagem dos principais acontecimentos que levaram a crise de 1914 que resultou no início da guerra, como: a corrida armamentista, o nacionalismo, as alianças e dilema de segurança nacional dos países europeus, o darwinismo e a teoria da origem das espécies, o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando pelo jovem Gavrilo Princip, integrante do grupo terrorista sérvio mandante do crime "Mão Negra" e entre outros fatos,[23] onde a mesma ganhará destaque com seu aporte teórico pois nos possibilitará articular as informações trazidas pelos jornais piauienses sobre os acontecimentos na Europa, além de nos servir com o entendimento dos principais fatos que ocorreram nos quatro anos em que durou a Primeira Guerra Mundial.

David Stevenson, historiador britânico especialista em Primeira Guerra Mundial, através de sua obra *1914-1918*: *A História da Primeira Guerra Mundial* nos subsidiará sobre todo o desenvolvimento do conflito através de uma narrativa objetiva, onde aborda a deflagração, a escalada, as consequências e o legado.[24] A narrativa proposta por Martin Gilbert, em *A Primeira Guerra Mundial: Os 1.590 dias que transformaram o mundo* também nos levará a um melhor entendimento sobre o desenvolvimento da guerra à medida em que fará uma narrativa desde os primeiros combates, o início da guerra de trincheiras até a consolidação do Tratado de Versalhes que traria/daria "paz" à Europa em 1918.[25]

Para além do aporte teórico e entendimento do contexto geral do conflito, buscamos também dialogar com autores que trabalharam o Brasil na Primeira Guerra Mundial, como a narrativa proposta por Carlos Daróz em *O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia,* que nos mostrará como se deu o envolvimento do país no conflito provocado pelo ataque de submarinos alemães a navios mercantes brasileiros em 1917 no famoso "bloqueio marítimo" imposto pela Alemanha aos países que mantinham aliança comercial com a Inglaterra, portanto, "a Alemanha era o segundo maior parceiro comercial do Brasil, só perdendo para a Grã-Bretanha, condição que fazia ser intenso o transito de navios mercantes

[22] CLARK, Christopher. *Os sonâmbulos: como eclodiu a primeira guerra mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
[23] SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. São Paulo: Contexto, 2013.
[24] STEVENSON, David. *1914-1918: a história da primeira guerra mundial*. São Paulo: Novo Século Editora, 2016.
[25] GILBERT, Martin. *A Primeira Guerra Mundial: os 1.590 dias que transformaram o mundo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

entre os dois países".[26] Além disso, o autor também vai discorrer sobre como ocorreu a participação de nossas tropas no *front* de guerra. No que se diz respeito aos jornais, os estudos desenvolvidos por Sidney Garambone em *A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*, será relevante pois o autor mostrará a postura adotada por esse setor de comunicação face aos acontecimentos pontuais daquela que seria a primeira guerra marcada por tecnologias emergente. Pelo fato de o jornal ser o principal meio de comunicação de massa, "a imprensa escrita era a única voz que ecoava a opinião pública das ruas ao mesmo tempo em que formava esta mesma opinião. Jornalistas e homens de letras tentavam se inserir nesta nova elite em formação no início do século".[27]

Ao voltarmos os olhares para o nosso objeto, o Estado do Piauí, faz-se necessário buscar o aporte teórico de obras que compõem a historiografia piauiense sobre a Primeira Guerra Mundial e que nos ajudem a pensar os elementos e indagações propostos. Para tal, nos embasamos em obras como: "*Rumo ao mar" e a grande guerra: o poder naval brasileiro no início do século XX, 1904-1918* e *A guerra que vai acabar com todas as guerras?: O Brasil na primeira grande guerra: a mobilização da sociedade e o engajamento da Marinha - 1917 – 1918* [28] do historiador Johny Santana de Araújo, que propõe uma análise de como se constituiu o Marinha brasileira no início do século XX chegando até o fim da Primeira Guerra Mundial, mas é neste último trabalho que vai debruçar-se sobre alguns debates acerca das notícias veiculadas e postura da imprensa, pois "em agosto de 1914, chegava ao Brasil às primeiras notícias sobre a guerra na Europa, multiplicavam-se as edições dos jornais e das revistas e alguns publicavam que esta seria segundo Munhoz: "A guerra que vai acabar com todas as outras guerras".[29]

Além destas, os estudos desenvolvidos pelo autor em *A "Missão Militar Brasileira à França" nos Combates da Frente Ocidental (1918)*, se mostrará importante para que entendamos a atuação da "Comissão Brasileira de Estudos, de Operação de Guerra e Compra de Material"[30] aviada à França nos últimos anos de guerra, que resultou em uma satisfatória atuação de nossos oficiais e soldados no *front* francês e belga na Campanha dos *Cem Dias*

---

[26] DARÓZ, Carlos. *O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 32.
[27] GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 22-23.
[28] ARAÚJO, Johny Santana de. *"Rumo ao mar" e a grande guerra: o poder naval brasileiro no início do século XX, 1904 - 1918*. – Teresina: EDUFPI, 2012.
[29] ARAÚJO, Johny Santana de. *A guerra que vai acabar com todas as guerras?: O Brasil na primeira grande guerra: a mobilização da sociedade e o engajamento da Marinha - 1917 - 1918.* In: *História: Debates e Tendências*, v. 14, p. 318-333, 2014. p. 319.
[30] ARAÚJO, J. S. de (2022). *A "Missão Militar Brasileira à França" nos Combates da Frente Ocidental (1918)*. Secuencia (112), e 1908. doi: https://doi.org/10.18234/secuencia.v0i112.1908. 2022. p. 1.

desempenhadas em 1918, à qual resultou na aquisição de uma considerável experiência militar e na contratação de uma Missão Militar Francesa que reformaria o Exército Brasileiro em um período de 20 anos.

Além dessas obras, será pertinente dialogar com os trabalhos de Lucas Pessoa em *A visibilidade da primeira guerra mundial no jornalismo piauiense* [31] e *A Primeira Guerra Mundial no Jornalismo Piauiense: visões de um conflito,*[32] pois estas servirão para entender o "posicionamento" dos jornais que divulgaram o conflito em relação às duas frentes da guerra, onde vai observar um embate ideológico nos jornais à medida que os mesmos tendiam a se posicionar contra ou a favor da guerra e até mesmo em defesa ou acusação aos países pertencentes à Tríplice Aliança e Tríplice Entente, mostrando-se importante para identificar a postura dos diretores e colaboradores dos jornais frente o conflito. Entretanto, será necessário aplicar a esta pesquisa, como procedimento metodológico, o embasamento trazido por autores como Michel de Certeau em *A escrita da História*, onde o mesmo vai propor que há uma operação historiográfica através da combinação entre o lugar social, juntamente com as práticas cientificas e a escrita do historiador, pois o mesmo construirá seu texto sob um conjunto de interesses, já que, seguindo essa vertente, "toda pesquisa historiográfica se articula com o local de produção socioeconômico, político e cultural".[33] Deste modo, a análise historiográfica desenvolvida por Carlo Ginzburg denominada de "micro história"[34] através da obra *A micro história e outros ensaios*, também se mostrará importante percebendo que os problemas e mudanças nos aparatos formadores da sociedade advêm de aspectos e interesses particulares de cada uma ou de cada setor que nela perdura e não de uma maneira global.

Sendo assim, no primeiro capítulo iremos propor a discutir sobre *O caminho para a grande guerra (1870-1914)*, onde iremos analisar o caminho e desenvolturas na Europa desde o final do século XIX que levaram a conflagração mundial em 1914, assim como procuraremos entender o contexto social piauiense antes do início da guerra e os antecedentes do conflito. Além desses fatos, vamos dialogar com o desenvolvimento alcançado pelo campo da nova história militar brasileira e seus novos objetos de análises. Por fim, faremos uma abordagem sobre a repercussão do início da Primeira Guerra Mundial no jornal Diário do Piauí, primeiro

[31]PESSOA, Lucas. *A visibilidade da primeira guerra mundial no jornalismo piauiense*. Universidade Federal de Alagoas, 04 e 05 de out. 2006. p. 1-15.
[32] PESSOA, Lucas. SOUSA, Thamyres. *A Primeira Guerra Mundial no Jornalismo Piauiense: visões de um conflito.* Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia, 08 a 10 de julho 2017.
[33] CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.p. 66.
[34] GINZBURG, Carlo. *A micro história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

periódico a trazer notícias e matérias sobre o conflito no Estado, além de ser o principal veículo de informação no ano de 1914 e propagador/influenciador de opinião na capital Teresina.

No segundo capítulo, vamos discutir sobre *A eclosão da Primeira Guerra Mundial, o Brasil e a repercussão no Estado do Piauí*, abordando o contexto político piauiense, o impacto sofrido no Estado pelo conflito em setores como a economia, bem como a maneira em que o conflito foi retratado nos relatórios governamentais, principalmente no governo de Miguel Rosa. Trataremos também sobre as mudanças ocorridas na sociedade piauiense depois do início da guerra, a importância e consequências causadas ao Piauí depois da entrada do Brasil na guerra, como a mobilização, aspectos sociais, culturais e principalmente econômicos, pois, assim como na maior parte do país, o Estado sofreu grave crise econômica, pois viu a queda nas vendas e exportações de alguns dos seus principais produtos que compunha as bases de sua economia, a borracha de maniçoba e a cera de carnaúba.

No terceiro e último capítulo, iremos propor uma análise sobre *As notícias da guerra mundial nos jornais piauienses (1914-1918)*, onde analisaremos algumas matérias e os estilos de divulgação da guerra por parte de diferentes jornais do Estado, suas críticas feita ao início do conflito e a entrada do Brasil, além de abordar os posicionamentos perante as duas frentes combatentes no *front* de guerra. Por fim, faremos uma discussão a respeito de conferências e palestras apresentadas por alguns dos principais intelectuais locais que demonstraram preocupação com o cenário mundial e expandiram suas análises e opiniões sobre a Grande Guerra e o legado que a mesma deixaria ao mundo.

2. CAPÍTULO I – O CAMINHO PARA A "GRANDE GUERRA" (1870-1914)

Neste capítulo, pretendemos fazer uma narrativa sobre os diversos acontecimentos na Europa que foram caminho para a conflagração mundial de 1914. Faremos uma abordagem desde a Guerra Franco-Prussiana que ocorreu entre os anos de 1870-1871 até a Primeira Guerra Mundial, que iniciou em 1914 e durou até 1918, passando por épocas e conflitos que contribuíram para o cenário de fragilidade europeu no início do século XX. Faremos uma relação entre as notícias e fatos publicados no jornal Diário do Piauí e os referenciais teóricos selecionados, na intenção de construir uma narrativa clara e sucinta que dê ao leitor entendimento e compreensão cronológica dos eventos até à Grande Guerra.

Faremos também uma discussão acerca da trajetória socioeconômica, política e social de alguns autores que compõem a elite intelectual piauiense, assim como o desenvolvimento e contribuição da *Nova História Militar Brasileira*, fazendo uma análise sobre as principais pesquisas e abordagem, além da contribuição do campo para pesquisa da Primeira Guerra Mundial.

2.1 "A conflagração europeia": a eclosão da Primeira Guerra Mundial, as razões e o desenvolvimento do conflito.

Em toda história da humanidade ao longo do tempo, os homens sempre se envolveram em conflitos e guerras, seja de maneira individual ou em grupos, provocadas por interesses particulares e coletivos. As grandes guerras desempenham um papel fundamental na história da humanidade, pois transformaram o mundo e culminaram na sociedade em que conhecemos nos dias de hoje, através de ascensão e queda de impérios, reinos, civilizações, além de consolidação, declínio e ampliação de forças armadas. Segundo a historiografia oficial e os estudos arqueológicos, os primeiros grandes exércitos foram os "assírios", que eram povos que viveram ao norte da Mesopotâmia na região dos rios Tigre e Eufrates, entre o período de 1300 a.C. até 612 a.C. essa civilização ficou conhecida por ser uma sociedade belicosa, com seu poderoso exército que contava com grandes guerreiros, grande organização militar e tática de guerra cruel e implacável.

Desde o fim da Revolução Francesa em 1799 e a queda de Napoleão Bonaparte em junho de 1815, a o mundo não havia tido uma guerra em que envolvessem diversas nações europeias. Sendo assim, entre os anos de 1815 e 1914 o território não contou com um conflito que abrangesse diversas nações, e esse período ficou conhecido como "cem anos de paz". Nesse sentido, os primeiros anos do século XIX ficou marcado como um período de "paz" duradoura no continente Europeu, pois, apesar de ter tido diversos conflitos no continente, a sua maioria

era entre duas nações e não era tida como guerra de grande porte, sendo a maior delas a guerra Franco-Prussiana de 1870-71 que envolveu batalhas no coração da Europa Ocidental e que acabou tendo a baixa de milhares de civis. No entanto, até o início da Primeira Guerra Mundial, não havia tido um conflito em grande escala no território. Para chegar ao cenário em que se encontrou em 1914, a Europa passou por ondas de crescimento e prosperidade dentre os séculos XIX e XX, conflitos territoriais e a busca por colônias no norte da África, foram alguns dos principais resquícios que impulsionaria o conflito e que levou as nações europeias a deflagra guerra contra outras. Seguindo essa perspectiva, para David Stevenson:

> A Primeira Guerra Mundial transformou-se num conflito global, embora tenha originado na Europa, estilhaçando um século de paz. Desde a derrota da Revolução Francesa e de Napoleão em 1792-185 – o conflito até então conhecido, em línguas inglesas como a "Grande Guerra" -, não tinha havido um conflito geral em que envolvesse todas as grandes potências. Os governos e povos europeus estavam acostumados com guerras imaginárias em perspectiva, nas visões dos planejadores militares e dos sucessos literários com visões utópicas do futuro que proliferaram nas décadas anteriores a 1914. Eles estavam um pouco mais bem equipados em face à realidade que nós, atualmente, com relação a um conflito nuclear. Contudo, as conversões e os rituais de estado de guerra eram familiares a parte da vida europeia, e a memória de conflitos anteriores constituía parte de sua cultura. Até o século XVIII, ela vivenciara poucos anos em que nenhuma de suas grandes potências tivesse deixado de se engajar numa luta.[35]

Todavia, percebemos que apesar do continente europeu ter passado por um longo período de paz, sem a presença de um conflito em grande escala que envolvesse a participação das grandes potências do continente, a memória e cultura da guerra era presente no imaginário dos governos e de sua sociedade, isso era perceptível através dos planejamentos militares e narrativas literárias em que eram retratadas as grades glórias e batalhas, maneira perspicaz de manter o orgulho e a posição de uma nação vencedora. Apesar da ausência de um grande conflito, as principais potências contavam com grande arsenal bélico e nuclear, o investimento no aparato militar era natural dentre as grandes potências europeias como uma precaução para uma possível guerra e, consequentemente, provocavam o chamado "alerta de segurança nacional", postura adotada por um governo em se armar militarmente com receio do poder bélico de outra nação.

Nesse sentido, como ressalta Stevenson "a paz – mesmo no sentido simples de ausência de matança – era um fenômeno moderno, e a Europa nunca havia conhecido nada comparável à paz que terminou em 1914".[36] Apesar desses anos de "paz armada" que perduravam desde as guerras napoleônicas, algumas décadas do século XIX foram marcadas por algumas batalhas

---

[35] STEVENSON, David. *1914-1918: A história da Primeira Guerra Mundial*. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016. p. 3.
[36] Ibid. p. 4.

singulares entre países europeus, e consequente, essas agitações vão encerrar um longo período de tranquilidade no continente. Essa série de conflitos já nos alertavam sobre um possível estouro mundial, pois a formação dos estados nacionais europeus intensificava o orgulho e interesse de nações que buscavam se tornar grandes potências mundiais. Podemos perceber esse conjunto de acontecimentos, quando Stevenson diz:

> Essa paz, contudo, era frágil. As décadas centrais do século XIX assistiram a cinco conflitos armados mais limitados: a Guerra da Crimeia de 1854-6; a Guerra Italiana de 1859; a Guerra das Sete Semanas de 1866; a Guerra Franco-Prussiana de 1870-71 e a Guerra Russo-Turca de 1877-8. A Guerra da Crimeia ceifou cerca de 400 mil vidas, enquanto a Guerra Franco-Prussiana envolveu batalhas travadas no coração da Europa Ocidental, bem como o cerco e o bombardeio de Paris durante seis meses, ocasião em que milhares de civis pareceram. As Guerras fora da Europa foram ainda maiores. A Guerra Civil Americana de 1861-5 matou 600 mil pessoas, e a rebelião de 1850-64, em Taiping, na China, matou milhões delas. Além disso, nos anos pré-1914, diversas potências europeias travavam guerras consideráveis fora do continente: a Grã-Bretanha contra os bôeres da África do Sul, em 1899-1902; a Rússia contra o Japão, em 1904-5; e a Itália contra os turcos na Líbia, em 1911-12. Os estados balcânicos combateram, primeiro, a Turquia e, em seguida, uns aos outros nas Guerras dos Bálcãs de 1912-13. Mas nem a ausência de luta excluía o perigo por ela representado, como bem sabia o público leitor de jornais. As décadas que antecederam a guerra foram pontilhadas por crises diplomáticas, quando as potências entraram em choque quanto ao que julgavam ser seus interesses vitais, e os estadistas debatiam se deviam assumir compromissos ou lutar. Por vezes, essas crises eram incidentes isolados; outras vezes, ocorriam numa rápida sucessão, como parte de uma intensificação geral de tensão internacional. Assim, foi na década de 1880 e, novamente, entre 1905-14.[37]

Podemos notar que os anos pré-1914 na Europa, foram marcados por crises diplomáticas entre algumas nações, o continente que não contava com conflitos de grandes proporções desde as primeiras décadas do século XIX, deparou-se com uma série de conflitos mesmo que de menor proporção, dentro e fora do continente. Apesar de não serem consideradas como "grandes guerras", tiveram números consideráveis de baixas, principalmente a Guerra Franco-Prussiana, ceifando 400 mil vidas e fora do continente, a Guerra Civil Americana e a rebelião de Taiping na China, que somadas tiveram a baixa de milhares de pessoas. Logo após a derrota de Napoleão Bonaparte em 1815, a maioria dos países europeus vivem uma onda intensa de nacionalismo, as tensões internacionais estavam sendo influenciadas principalmente por interesses particulares de cada nação, especialmente a questão territorial. Podemos perceber esse fato de maneira sucinta, principalmente na Guerra Franco-Prussiana, onde o Reino da Prússia, principal estado germânico, no comando do chanceler Otto Von Bismark queria unificar os estados do Norte e do Sul, e para que seu plano fosse concretizado, escolheu estrategicamente atacar o reino da França, considerado pelos prussianos um inimigo de longas datas.

[37] STEVENSON. op. cit. p. 4.

Na concepção de Armando Vidigal, "a Guerra Franco-prussiana de 1870 faz parte de uma série de acontecimentos que levaram à Unificação da Alemanha, contribuíram para a da Itália, e redesenharam o mapa da Europa de uma forma que tornaria inevitável a eclosão da Primeira Guerra Mundial".[38] A Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) foi considerada pela historiografia militar como a primeira guerra que se usou de métodos, armamentos e táticas modernas de combates. A mesma foi possível, logo depois da reforma do exército Prussiano, que "em 1862 o rei dissolveu a Câmara e rebelde, mas a nova Câmara eleita continuou negando a autorização para os gastos militares. Era a hora de Bismarck: por sugestão de Ronn, o rei convidou-o para tornar-se ministro-presidente, em setembro de 1862".[39] Entretanto, após desavenças entre o rei, a Câmara Alta e a Câmara Baixa, a situação da reforma do aparato bélico Prussiano se resolveria apenas em 1868, quando o ânimo nacionalista espalhado com a vitória sobre a Áustria levaria a aprovação retroativa dos gastos militares realizados, e as reformas começam a ser implementadas.

Deste modo, a rivalidade e tensões entre a França e a Prússia desde as Guerras Napoleônicas, a oposição da França ao processo de unificação da Alemanha, que tinha como principal objetivo a integração dos estados do Sul, tudo isto, levaria "a 19 de julho de 1870, o encarregado de negócios francês entregou no Ministério do Interior da Prússia uma declaração formal de Guerra. Ambos os países deram início à movimentação de sua trotas para a fronteira".[40] No início do conflito entre as duas potências, havia uma vantagem numérica alemã, que além dos prussianos, contavam tropas aliadas de outros estados da Confederação, na região central (Saxônia e Hesse) e dos Estados do Sul (Bavária, Württemberg e Baden), além dos números, o reino contava com a superioridade da artilharia, em organização e mobilidade. Uma das primeiras e principais batalha do conflito foi a batalha de Wörth, iniciando a 6 de agosto onde "os alemães perderam 10 mil homens entre mortos e feridos contra 7 mil mortos e feridos franceses além de 4 mil prisioneiros. A retirada francesa após a batalha caracteriza a vitória alemã".[41]

Após este evento, os Primeiro e Segundo Exércitos alemães, seguiram para o sul de Metz, e lá depararam-se com as forças francesas. Com isso, iniciaram-se duas sangrentas batalhas, a primeira em Vionville, a 16 de agosto, e Gravelotte, a 18 do mesmo mês. Apesar dos alemães terem superioridade numérica nas batalhas, as perdas nos seus exércitos foram

[38] VIDIGAL, Armando. *Guerras de Unificação Alemã*. In: MAGNOLI, Demétrio (Org). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 290.
[39] Ibid. p. 291.
[40] Ibid. p. 310.
[41] Ibid. p. 311.

maiores, mas, conseguiram a vitória com estratégia e organização, com isso, as forças francesas lideradas pelo marechal A. F Bazaine, partiram para trás das defesas de Metz. Logo após esses fatos, o Marechal MacMahon com um despacho do Marechal Bazaine, recebeu os conselhos de que abandonasse Metz juntamente com seu plano de ir para Reims e socorresse Bazaine. Assim o fez, marchando com sua tropa para Meuse, e a caminho suas forças foram cercadas em torno de Sedan. Assim, iniciaria a batalha que mudaria os rumos do conflito e daria fim à guerra, portanto "a batalha de Sedan teve início como bombardeio cerrado das tropas francesas pela artilharia alemã e o ataque pelas tropas de infantaria e cavalaria; os franceses, espremidos contra a fronteira belga, foram obrigados a render-se a 2 de setembro".[42] Na batalha, as forças francesas perderam 17 mil homens e cederam 104 mil prisioneiros, entre eles, o imperador Napoleão III e o marechal MacMahon. Os alemães tiveram uma perda de 9 mil homens, sendo 460 oficiais.

No dia 4 de setembro de 1870 iniciava em Paris a Terceira República Francesa, possibilitada por um governo de defesa nacional que depôs Napoleão III mesmo ele ainda sendo prisioneiro dos alemães. Depois da batalha de Sedan, houve na Alemanha, principalmente nos Estados do Sul, onde até a Bavaria foi atingida pela onda de sentimento patriótico, e seu rei Ludwig reconheceu a necessidade de unificação da Alemanha. Sendo assim,"a grande vitória de Bismarck foi a proclamação em Versalhes, a 18 de janeiro de 1871, e Guilherme da Prússia como imperador da Alemanha".[43] Entretanto, após a revolta da Comuna em Paris, onde os alemães apoiaram as "forças da Ordem" que lutavam contra a comuna, houve o tratado de Frankfurt pondo fim ao conflito em 10 de maio de 1871, sendo ratificado a 23 do mês. Contudo, a França que contava com um exército bastante reduzido e armas antigas em comparação à indústria bélica alemã, acabou sendo vencida e, com o tratado, a Alemanha à deixava enfraquecida por muitos anos, como também anexou territórios que pertenciam ao seu rival. Na perspectiva de Emmanuel Hecht e Pierre Servent, isso ocorreu principalmente pelo fato de:

> Acreditando que a guerra é vencida pelas pernas dos soldados, os estrategistas franceses, que continuavam a se maravilhar com a narrativa das campanhas napoleônicas, têm simplesmente um século de atraso. Entretanto, as guerras da Crimeia, de Secessão e de 1870-1871 já anunciavam essa nova era industrial de guerra baseada na técnica, aliada à rapidez crescente dos deslocamentos.[44]

A vitória dos germânicos tornou a Alemanha o império mais poderoso da Europa Ocidental, e como consequência, ambos os países iniciaram um rearmamento de seus exércitos

---

[42] VIDIGAL. op. cit., p. 312.
[43] Ibid. p. 313.
[44] HECHT, Emmanuel; SERVENT, Pierre (org.). *O século de sangue 1914 - 2014: as vinte guerras que mudaram o mundo.* São Paulo: Contexto, 2015. p. 7.

que desencadeou em uma corrida armamentista e revanchismo entre as nações, esses fatos vão fazer parte de uma série de acontecimentos que vão incentivar o início da Primeira Guerra Mundial em 1914. Esse fato, foi também influenciado pela concepção dos estadistas de que a paz só poderia ser preservada através de alianças entre nações ou com equilíbrio de poder. Sendo assim, a Alemanha unificada tornou-se foco de instabilidade, e mesmo que indiretamente, passou a ditar a política europeia, e essa corrida armamentista provocada principalmente pelos líderes que sucederam o Chanceler Otto Von Bismarck, em busca de uma segurança absoluta para seu país, desencadeou coalisões espontaneamente contra a Alemanha, e gerou no continente um sentimento de insegurança total. Podemos notar esse sentimento, com a Guerra entre os países Balcãs nos anos de 1912-13, que nos mostram como as relações entre os países europeus estavam fragilizadas, e crescia a chance de um estouro mundial. Mas, por outro lado, para Stevenson:

> Só as grandes potências podem promover grandes guerras, e seis Estados europeus reconheciam-se capazes disso: Inglaterra, França, Rússia, Áustria-Hungria (dividida, desde 1867, nessas duas metades, que partilhavam de uma soberania comum), Itália (criada sobre liderança de Piemonte em 1861 e Alemanha (forjada sob o domínio prussiano de 1871). Embora desiguais em termos de influência política e poderio militar, todas (pelo menos no papel) eram mais fortes que qualquer um de seus vizinhos.[45]

Como ressaltado, apenas seis países poderiam incentivar o início de um conflito em grande escala, pois eram os únicos considerados como grandes potências em relação aos outros Estados da Europa. Apesar dessas potências serem as maiores do continente, elas apresentavam uma diferença relevante de poderio militar e econômico entre si, e principalmente diante dos Estados vizinhos. A Inglaterra e Alemanha apresentavam-se como as principais potências hegemônicas dentre essas citadas, o Império Britânico desde os primeiros anos do século XX, tentava expandir seus domínios colonizando parte do Sul da África e regiões da Ásia, outras nações como Itália e França também detinha grandes proporções de terras no continente africano, a Alemanha por sua vez, teve seu crescimento econômico e militar ligado principalmente a vitória na Guerra Franco-Prussiana, pois teve notório avanço no setor da indústria bélica, acontecimento que os ingleses julgavam como ameaçador e que, futuramente, vai propiciar a criação da Tríplice entente formada pela Inglaterra, Rússia e França, esta última apresentava-se como inimiga mortal da Alemanha.

Diante desses acontecimentos, a Europa viu nos anos antecedentes a 1914 um forte crescimento econômico de suas principais nações, que na visão do autor "o progresso tecnológico e econômico havia disparado o que hoje chamamos de globalização e

[45] STEVENSON. op. cit., p. 4.

democratização. Esse progresso também tornou a arte da guerra muito mais destrutiva, fortalecendo, potencialmente, a repressão".[46] Nesse sentido, as nações ao se desenvolverem vão aumentando suas ambições, buscando ainda mais mercados consumidores com a intenção de ampliar seus domínios comerciais, isso pode ser perceptível principalmente por parte das potências agrícolas europeias, as principais estando situadas no noroeste do continente, onde podemos destacar como protagonistas desse fenômeno a Inglaterra, França e Alemanha. Com o mundo globalizado, as fronteiras encurtaram-se e a busca de mercados consumidores vão impulsionar o revanchismo entre algumas nações, notamos isso quando, segundo Stevenson:

> A era pré-1914 foi de globalização, e os níveis da interdependência econômica não se repetiram até bem depois da Segunda Guerra Mundial. O noroeste da Europa foi o epicentro desse fenômeno, que se apoiava na revolução vitoriana das comunicações – a ferrovia, o telégrafo e o navio a vapor -, bem como nos maciços aumentos da produtividade na agricultura e na indústria. Em 1913, as exportações respondiam por entre um quinto e um quarto da produção nacional inglesa, francesa e alemã. O investimento externo em todo o mundo (mais de três quartos dele procedentes da Europa) quase dobrou entre 1900 e 1914, embora, enquanto os países continentais exportassem bens e capitais uns aos outros, o comércio e o investimento britânico se encontrassem especialmente fora da Europa. Esses mesmos anos assistiram a uma onda de emigração, abrindo novas fronteiras agrícolas dos pampas às Rochosas e ao sertão australiano, colocando a Europa como centro de uma cadeia mundial de integrações econômicas.[47]

Diante deste fato, vemos que a chamada "onda de globalização" no continente europeu, possibilitou a chegada de tecnologias que propiciariam a consolidação do comércio no continente. As ferrovias possibilitavam uma maior comercialização interna, enquanto o navio a vapor permitia a negociação com nações fora do continente como Ásia e África, além de uma telecomunicação com esses e outros mercados através do Telegrafo, sistema de comunicação através de mensagens chamadas de "telegramas". As nações que conseguiam abarcar um mercado consumidor bem abrangente, conseguia se desenvolver mais que outras, isso foi possível através da ampliação de mercados além desses citados, como exemplo o fornecimento de materiais agrícolas a Australia, país que se situa na Oceania, fornecido principalmente pela Inglaterra, que com a ajuda de sua forte marinha irá abarcar esses mercados para além do continente europeu, fortalecendo ainda mais sua hegemonia econômica. Todos esses fatores vão possibilitando a Europa a consolida-se como epicentro de uma cadeia mundial de interligações econômicas e culturais. Essa série de acontecimentos, principalmente o crescimento econômico dessas nações, irão concretizar-se após quase um ano de conflito entre o império Francês e o Reino da Prússia, onde o mundo entrou em um momento denominado pela historiografia como *A Belle Époque,* período que iniciou com o fim da guerra Franco-

[46] STEVENSON. op. cit. p. 5.
[47] Ibid. p. 5-6.

Prussiana (1870-1871) e perdurou até o início da Primeira Guerra Mundial (1914). Diante dos apontamentos realizados, essa denominação fará referência aos 43 anos de crescimento econômico, militarização e "paz armada" vivenciada na Europa, onde houve a ausência de grandes conflitos entre as principais potências. Por esses motivos, atribuímos como *A Belle Époque* e a "paz armada", o período que se estende de 1871 a 1914.

> Em 1871, na segunda fase da Revolução Industrial – iniciada aproximadamente na década de 1850 –, França e Alemanha assinaram o Tratado de Frankfurt1 que permitiu um novo período de paz entre as potências europeias. Nesse cenário político pode-se fomentar o liberalismo econômico e a interdependência comercial que permitiu avanços em descobertas e trocas tecnológicas. De 1871 até 1914, esses avanços tecnológico e econômico implicaram numa mudança de comportamento individual e na compreensão sócio-política dos cidadãos nas principais cidades europeias. Esse período (1871-1914) passa a ser classificado na história francesa como a Belle Époque (Bela Época).[48]

Esse período, que teve sua projeção na França, ficou marcado na história por ter sido uma época de modernização e crescimento econômico, cultural e tecnológico, "apesar de Paris não ser mais vista como um exemplo máximo de desenvolvimento e tecnologia e a evolução dos meios de transportes propiciar a movimentação de polos culturais pela Europa, ela continuou sendo considerada por muitos como a capital cultural do mundo",[49] a modernização da cidade foi motivado pelos planos grandioso deixados por Napoleão III e do Barão de Haussmann, que possibilitou o alargamento das ruas, a derrubada de prédios, moradias e comércios antigos e a construção de novos, além de investimentos em redes saneamento básicos, como também no setor bélico.

Sendo assim, os anos que antecedem 1914 serão marcados por um grande avanço econômico e cultural dos países europeus. Todos os países haviam se tornado parte de um ciclo econômico continental, que se estendia para além dos mares do atlântico, chegando a continentes como o Africano, Asiático, Americano e também a Oceania. Essa correlação econômica teve um impacto positivo entre as potências, mesmo que de maneira limitada, nesse sentido, para propiciar o fortalecimento econômico, segundo Stevenson "a partir da década de 1890, as potências europeias (junto aos Estados Unidos e o Japão) estavam ligados por meio de uma união monetária de fato, o padrão-ouro internacional, por meio do qual, sem regras escritas, suas moedas eram livremente convertidas entre si, com o ouro a uma cotação fixa".[50] Entretanto, é pertinente ressaltar que esse sistema foi estabelecido depois de uma série de

[48] MÉRCHER, Leonardo. *Belle Époque francesa: a percepção do novo feminino na joalheria Art Nouveau*. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Teresina, 2012. p. 1.
[49] LIMA, Natália Dias de Casado. *A Belle Époque e seus reflexos no Brasil*. Espirito Santo: Anais da XI Semana de História Ufes, 2018. p. 2.
[50] STEVENSON. op. cit., p. 6.

decisões individuais, e não através de acordos que fosse interesse de todos e que possibilitasse uma união das potências, foi uma simples estratégia de mercado que, ao que transparece, era um sistema indireto para que não houvesse coalizão de mercado entre as potências.

Nesse sentido, mesmo com a intencionalidade de não coalizão de mercado entre as potências, para o autor "contrariamente a análise de um *best-seller* pré-guerra, *A grande ilusão,* de Norman Angell, a interdependência financeira não tornou as hostilidades impensáveis, e o crescimento de um mercado internacional unido na verdade facilitou o financiamento da guerra".[51] Havia uma guerra econômica por parte da Alemanha e Inglaterra, esta primeira pretendia dominar tato os mercados interiores como principalmente os exteriores. Sendo assim, percebemos que a globalização que despontou nos anos pré-1914, não foi apenas econômica e cultural, foi também relacionada a expansão imperialista que predominava como modelo de governo na maioria das nações europeias, nesse sentido, esse modelo de administração alavancou ainda mais as rivalidades da Europa por todo o mundo, pois os países europeus conseguiram subir consideravelmente seus domínios de territórios e colônias, além da influência econômica. Deste modo, para uma melhor compreensão do nível de crescimento europeu em relação a dominação territorial e comercial, destacamos que "entre os anos de 1800 e 1914, a proporção da superfície da Terra ocupada pelos europeus, sob forma de colônias ou antigas colônias, cresceu de 35% para 84,4%".[52] Por outro lado, essa expansão econômica e territorial não ficou restrita apensa as potências europeias, algumas nações de outros continentes também aumentavam seu poder de influência, à medida que:

> Os estados Unidos derrotavam a Espanha em 1898, expulsando-os de Cuba e das Filipinas. O Japão derrotou a Rússia em 1904-5. Mas nenhum desses países representavam um grande peso nas questões estratégicas europeias. A economia do Japão continuava atrasada, e suas forças armadas eram insuficientes, porém remotas. A economia americana já era a mais forte do mundo, e sua Marinha era grande e moderna, mas esperava-se que Washington permanecesse neutro diante de um conflito europeu, até porque seu exército era diminuto. Se os Estados europeus se desentendessem, nenhuma potência externa parecia suficientemente poderosa para refreá-los.[53]

Entretanto, podemos perceber o desenvolvimento econômico pré-1914 não ficou centrado apenas ao continente europeu, alastrando-se também em outros continentes e possibilitando a emergência de potências na América e na Ásia, à exemplos de Estados Unidos e Japão. Nesses anos que antecederam a conflagração mundial, a monarquia que era um sistema de governo praticado pela maioria das nações, já começava a ser ameaçado por uma burguesia

[51] STEVENSON. op. cit. 6.
[52] Ibid. p. 6.
[53] Ibid. p. 7.

emergente que tinha como um de seus interesses democratizar a estrutura política dessas nações, onde o povo passaria a ter mais influência nos governos, e o sistema de governo que mais se encaixava a essas pretensões seria uma república parlamentarista. Tudo isso deve-se ao forte crescimento econômico nas grandes potências, onde principalmente a classe burguesa tinha o desejo de maior participação nos governos, para o autor "num país após o outro, em que cidades se espalhavam, uma burguesia e uma classe trabalhadora se tornavam autoconscientes, e as monarquias haviam aceitado os parlamentos eleitos e as liberdades civis para obter um consenso mais ativo por parte dos governados",[54] e assim as reformas na política de nações como a Alemanha, Inglaterra, Rússia e outras iriam se consolidando.

No entanto, o crescimento econômico além de ser um dos fatores que provocaram mudanças no modelo de governo desses países, também teve considerável peso na modernização de suas estruturas tecnológicas. Um dos setores que tiveram grande mudança foram os meios de comunicação, onde os jornais passaram a ter um poder de propagação muito maior que antes, isso tudo era possível através de tecnologias como o telegrafo, que dava suporte a esses canais de comunicações, como também as ferrovias e navios a vapores. Tudo isso, possibilitava um maior contato entre os povos europeus, principalmente através dos jornais, onde as notícias espalhavam-se muito rapidamente. Portanto:

> A maioria dos países contava com um grande meio de comunicação não censurado, o que, em sua essência, significava a imprensa. Os jornais, ligados por cabos telegráficos e novas agências aos eventos ao redor do globo, sendo entregues por ferrovias e vapores a preço acessíveis, eram o principal canal de comentários e informações. Seus números refletiam isso: uma cidade adiantada como Berlim tinha mais de 50 títulos, e o pequeno e empobrecido reino da Sérvia tinha 24 diários. A guerra e a política externa eram temas de acalorados debates.[55]

Entretanto, a globalização emergente na Europa nos anos que antecedem 1914 foi fator determinante para a conflagração mundial, pois notícias de acontecimentos relevantes se alastravam facilmente ao redor do mundo, possibilitando a comunicação entre as pessoas à grandes distâncias. Notamos que essas tecnologias eram mais comuns em grandes potências a exemplo da Alemanha, mas também em países emergentes como Sérvia, mesmo que em menor proporção. A globalização contribuiu fortemente para a rivalidade entre alguns países na Europa, pois jornais que noticiavam acontecimentos sobre a política externa, provocavam fortes debates entre os governantes estadistas e a população civil, na concepção de Stevenson "em 1914, a maioria dos políticos e chefes militares reconheciam que uma guerra mais ampla exigia apoio público, mas nem a globalização nem a democratização tornavam as hostilidades

[54] STEVENSON. op. cit. p. 7.
[55] Ibid. p. 7.

impensáveis".[56] No entanto, outro fator determinante que foi consequência da moderna globalização foi a transformação da tecnologia militar, que mudou veemente a maneira de pensar e executar a guerra:

> Isso aconteceu em duas fases principais. A primeira centrou-se na propulsão a vapor. A partir da década de 1840, os navios de guerra foram convertidos da vela para vapor (e dos cascos de madeira para o de aço), e as ferrovias transportavam e supriam exércitos muito maiores. Depois da guerra Franco-Prussiana, em que as tropas alemãs transportadas por ferrovias ultrapassaram em números e derrotaram as francesas, os exércitos amplamente recrutados e uma intensa construção de ferrovias transformaram-se em norma. A segunda fase de transformação centrou-se no poder de fogo. No final do século XIX, os produtos químicos altamente explosivos tornaram a pólvora obsoleta. As armas carregadas pela culatra (e não mais pela boca) e guarnecidas com raias (ou seja, equipadas com um encaixe em espiral dentro do tambor para fazer girar o projétil) atiravam mais longe, mais rápido e de maneira mais precisa. As Marinhas equipavam seus navios de guerra a vapor com um visor telescópico e canhões de fogo rápido que lançavam bombas altamente explosivas. No início do século XX, esses navios puderam lutar, pela primeira vez, em alto-mar, longe da terra, e com um alcance de até 7,5 km. [57]

Portanto, podemos notar que a partir da globalização entre os séculos XIX e XX, a elevação tecnológica militar proporcionou uma mudança radical em seu arsenal bélico. Essas mudanças atingiram primeiramente os navios de guerra, pois com a chegada da propulsão a vapor as embarcações deixaram de ser fabricadas pelo sistema de vela e adotaram o motor a vapor, dando-lhes mais potência e resistência. Esse sistema de propulsão a vapor tinha como combustível de acionamento dos motores o vapor d'água, essa tecnologia surgiu aproximadamente no século XVIII e teve seu aperfeiçoamento até o início do século XX. Além disso, os navios tiveram mudança também em seus cascos, que antes eram de madeira e depois da chegada da tecnologia passaram a ser de aço. As mudanças foram sentidas também no sistema de locomoção, pois com um maior número de ferrovias a locomoção entre cidades e estados foram facilitadas, tornando as fronteiras bem mais acessíveis.

Logo após a mudança nas tecnologias de locomoção, ouve o que Stevenson chama de segunda fase de transformação tecnológica, que ficou centrada no poder de fogo das armas militares. Nos últimos anos do século XIX a química também teve considerável evolução, o que atingiu diretamente o setor bélico com seus novos produtos químicos altamente explosivos, tornando a pólvora, que anteriormente era o principal produto de carregamento das armas, um produto ultrapassado. Sendo assim, as armas de fogo passaram a ser carregadas pela culatra e não mais pela boca, o que possibilitou um poder de fogo maior onde os projetis atiravam mais longe, era mais rápido e mais preciso que a antiga tecnologia, pois com a pólvora os tiros muitas

[56] STEVENSON. op. cit. p. 8.
[57] Ibid. p. 8.

vezes se espalhavam e não atingia o alvo com precisão. As marinhas da Europa, passaram a equipar seus navios de guerra com visores telescópicos para facilitar o aprimoramento dos alvos e enxergar mais longe, além de implantar novos canhões de fogo que possibilitavam o lançamento de bombas com grande poder de explosão mais longe e mais rapidamente. Tudo isso, mudaria drasticamente o conceito e táticas de guerra, contribuindo para uma corrida armamentista que influenciará diretamente para conflagração europeia em 1914.

Ao voltarmos os olhares para o Brasil, vemos que essas notícias acabavam chegando também nos jornais das principais capitais do país. Esses periódicos já traziam notícias sobre os principais acontecimentos do velho mundo, trazendo fatos sobre as relações entre as principais potências europeias no início do século XX. No Piauí não foi diferente, o jornal *Diário do Piauí* em 1911 já alertava o seu público leitor sobre a possibilidade da eclosão de uma guerra na Europa, abordando em suas matérias as tensões envolvendo os países do continente na passagem do século XIX para o XX. A reportagem é apresentada ao leitor com o título *as guerras futuras*, e descreve que:

> Num dos últimos números da "Quarterly Review", o sr. Edgard Crammond escreveu, sob o título de "finanças internacionais em tempos de guerras", um estudo sobre as consequências financeiras que para a Inglaterra adviriam se visse envolvida em numa grande guerra europeia. Refere ele que o ministro austríaco das finanças declarou no Reichstag, no dia 2 de abril último, que em qualquer futura campanha a Áustria-Hungria deveria contar com a despeza de 10 shillings por homem e por dia, sem contar nisto os fundos necessários para pagamentos de pensões, indenizações, material de guerra, etc. Uma guerra que durasse seis meses e na qual tomasse parte dois milhões de homens, custaria, segundo a sua estimação, £ 180.000.00. Este cálculo parece muito modesto. Eis alguns algarismos indicados pelo sr. Crammond, como representado o curso de guerras recentes. As perdas totais da França, em mortos, feridos e prisioneiros, na guerra de 1870-71, foram de 21.500 oficiais e 702.000 homens. O custo da guerra subiu a £ 544.000.000. As perdas da Alemanha foram de 6.247 oficiais e 123.400homens; as suas despesas subiram a £ 77.500.000. A guerra com o franswaal durou cerca de trinta e um meses. As nossas perdas em mortos e feridos subiram a 44.700 pouco mais ou menos; e as despesas direta da guerra orçaram em £ 211.000.000. As perdas dos bôeres foram de 4.000 combatentes. A guerra russo-japonesa durou um ano e meio. As perdas dos japoneses subiram a 135.000 homens e as despesas diretas da guerra foram para o governo japonês de £ 203.000.000. Quanto ás perdas russas em mortos, feridos e prisioneiros, elevaram-se a 350.000 aproximadamente e os gatos diretos atingiram cerca de £ 300.000.000. Segundo a estimação do dr. Reissex, seis semanas depois da declaração de guerra, a Alemanha deveria ter desembolsado £ 112.500.000. O dr. Crammond calcula que em qualquer outra guerra futura a despesa durante os três primeiros meses não seria inferior a 100.000.000, e que se durasse nove meses, e com êxito absolutamente favorável para a Inglaterra, o custo ascenderia a £ 300.000.000. Conviria acrescentar a este total já enorme, o custo de reconstrução das esquadras, que representam uns 100 milhões de libras mais. Isto sem falar na reconstrução do material de guerra e nas pensões para os feridos, viúvas e órfãos. (...) [58]

Diante dessa passagem, podemos notar que o periódico piauiense já trazia reportagens mostrando a preocupação e uma projeção dos especialistas europeus em caso de guerra entre

[58] ESTADO DO PIAUÍ. *Diário do Piauí.* Teresina-PI, n° 37 de 8 de abril de 1911. p.1.

algumas das grandes potências, destacando qual seria o custeio do conflito para alguns desses países enaltecendo as baixas sofridas por essas nações em alguns conflitos recentes em que as mesmas se envolveram, e projetando os gastos e baixas que teriam em uma futura guerra. É interessante perceber, que ao mesmo tempo que ocorre as projeções, há um receio do que estaria por vir, pois percebe-se que as relações entre as potências do continente encontravam-se fragilizadas, e a qualquer momento, poderiam entrar em guerra, fato que se efetuou em 1914.

Essa fragilidade, em boa parte, foi impulsionada pela modernização do aparato bélico dos países europeus nos primeiros anos do século XX, principalmente dos anos que antecederam a eclosão de 1914. Esses acontecimentos ficaram marcados como um dos grades eventos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, e foram denominados pela historiografia oficial como a "corrida armamentista" entre as grandes potências. Essa denominação faz referência à prática de nações rivais em aumentar seus investimentos e o números do arsenal bélico, como também acumular e melhorar o desempenho e qualidade de suas armas em tempos de paz. Essa pratica, acabava se transformando em um confronto político e ideológico, e as nações cada vez mais incentivavam a pesquisa e o desenvolvimento das armas, assim como o estudo e aperfeiçoamento de estratégias militares. Percebemos a importância e força dessa competição bélica, quando o jornal *Diário do Piauí* traz a notícia dos investimentos de algumas potências mundiais em um modelo de navio couraçado denominado de *Dreadnought*, tido como um dos mais modernos da época. O periódico informa:

> No dia 9 de novembro findo foi lançado em Portsmouth um navio que será o mais poderoso da frota britânica – é o "George V". Essa unidade é do tipo do "Orion", mas revisto, correto e aumentado. Na construção de seus "dreadnoughts" e depois na construção de seus "super-dreadnoughts", a Inglaterra nunca deixou de aumentar o armamento e despesas dessas formidáveis maquinas de guerra: cada qual é superior a precedente. Eis, por exemplo, a progressão da tonelagem e das forças das maquinas: [59]

Em seguida ao informativo, o jornal apresenta um quadro comparativo entre as maquinas, na intenção de mostrar a evolução dos navios couraçados e o poder do "George V":

QUADRO 01: Evolução dos navios Couraçados no início do século XX.

1905	Dreadnought	17.900	23.000 H.P.
1906	Belerophon	18.600	23.000 H.P.
1907	Sant Vicent	19.250	24.500 H.P.
1908	Neptune	19.900	25.000 H.P.
1909	Hercules	20.000	25.000 H.P.

[59] ESTADO DO PIAUÍ. *Diário do Piauí*. Teresina-PI, n° 5 de 7 de janeiro de 1912. p. 1.

1909	Orion	22.500	27.000 H.P.
1910	George V	24.000	31.000 H.P.

FONTE: Jornal Diário do Piauí, 7 de janeiro de 1912, nº 5, p. 1.

Através do quadro I, podemos perceber a evolução dos navios de guerra das principais marinhas do mundo, onde em especial, o informativo faz um comparativo dos modelos anteriores com um novo lançado em 1910 pela Marinha Britânica, chamado de "George V". Desde o lançamento do primeiro encouraçado Dreadnought até o George V, vemos que este último, mais moderno, teve o aumento em 6.100 na tonelagem e 8.000 na força H.P. Sendo assim, ouve o aumento significativo do poder bélico das embarcações, sendo o George V, um modelo de modernização e força no ano de 1911. Para retratar o poder do navio e os altos investimentos feitos pelos ingleses em sua Marinha e especificamente na embarcação, a reportagem ainda expõe que:

> É de notar, desde logo a rapidez com que a Inglaterra constrói seus encouraçados: o "George V", começado a 10 de janeiro de 1910 era lançado ao mar a 10 de outubro do mesmo ano! Ele possuirá 10 canhões de polegadas 13,5 como o "Orion", dispostos de 5 torres, construídas no eixo do navio e dispostos de maneira tal que os dez canhões possam atirar ao mesmo tempo. O "George V", que tem 555 pés de comprimento e 89 de largura, será o mais poderoso encouraçado do mundo, pela força de seus canhões e o maior da Inglaterra. Sob o ponto de vista do tamanho, porém, é ele ultrapassado pelo "Wyoming" e pelo "Arkansas" (26.000 toneladas) dos Estados Unidos e pelo "Moreno" e pela "Rivadaria" (27.940 toneladas) da República Argentina. Os jornais ingleses publicam a propósito do "George V" a estatísticas seguintes das grandes potências que possuem "dreadnoughts" terminados ou em construção:[60]

Dentro de 5 anos, a Marinha inglesa com seus altos investimentos, saiu do modelo de navio *HMS dreadnoughts*, para o modelo *George V*. Este primeiro modelo, ficou famoso com seu impacto pelo mundo logo após seu lançamento em 1906, tanto que, os navios de guerras construídos após ele, passaram a ser conhecidos por essa denominação e os que foram construídos anterior ao modelo, são conhecidos como *pré-dreadnought*. O George V chega como um modelo de navios super moderno, com mais poder e potência que ficarão conhecidos como *super-dreadnoughts*. Como retrata o texto, o navio dispõe de 10 canhões assim como o modelo comparativo *Orion*. Além dessa composição, o navio foi projetado para que seus 10 canhões pudessem atirar ao mesmo tempo, função que carregava um símbolo de modernidade e avanço de poder naval para os padrões da época. O jornal ainda expõe uma tabela com as estatísticas das grandes potências em relação a construção dos modelos de navios *dreadnoughts e super-dreadnoughts*:

[60] ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*. Teresina-PI, n° 5 de 7 de janeiro de 1912. p. 1

QUADRO 02: Produção de navios dreadnoughts e super-dreadnoughts pelas grandes potências.

DREADNOUGTHS				
Paizes	*termis.*	*lançs.*	*refs.*	*total.*
Gran-Bretanha	14	1	1	16
Allemanha	9	4	4	17
Estados-Unidos	6	2	-	8
França	-	2	2	4
Russia	-	3	1	4
Italia	-	2	2	4
Austria	-	1	3	4
Japão	-	2	-	2
SUPER-DREADNOUGTHS				
Gran-Bretanha	1	6	9	16
Allemanha	-	-	4	4
Estados-Unidos	-	-	4	4
Russia	-	-	3	3
Japão	-	-	5	5

FONTE: Jornal Diario do Piauí, 7 de janeiro de 1912, nº 5, p. 1.

Diante do quadro 2, podemos compreender que no início do século XX havia uma corrida armamentista entre as grandes potências mundiais, principalmente entre a Alemanha e Inglaterra. Notamos um predomínio Britânico em números, investimentos e modernização de sua frota naval. Nos anos iniciais da segunda década, a Inglaterra liderava o *ranking* em investimentos, com 14 modelos de *dreadnoughts* terminados, mas apenas 1 lançados e 1 reformados, totalizando 16 em sua frota. Enquanto a Alemanha dispunha de 9 terminados, 4 lançados e 1 reformado. A diferença do investimento dessas duas potências em relação ao Japão, último país em investimentos entre as grandes potências, mostra-se muito grande, onde o mesmo detinha apenas 2 modelos lançados compondo sua frota naval. Entretanto, em relação aos *super-dreadgnougths* vemos o amplo predomínio da Inglaterra, se sobressaindo amplamente em números em relação aos outros países.

Logo após 1910, um dos anos mais fervorosos da corrida armamentista com construção do *George V*, ocorreu na Europa um dos principais conflitos territoriais que precederiam a Primeira Guerra Mundial; a primeira guerra dos Bálcãs. Esse conflito ocorreu de 8 de outubro de 1912 à 30 de maio de 1913, teve como causa a reivindicação de Estados balcânicos por territórios contra o Império Otomano, que hoje conhecemos como Turquia. Anterior a esse conflito, os turcos otomanos haviam perdido territórios para outros balcânicos, como o a independência da Bulgária em 1908. Entretanto, "os turcos aceitaram essas perdas, mas buscaram manter seus territórios balcânicos remanescentes – Albânia, Macedônia e Trácia –,

cobiçados em conjunto ou em parte por Bulgária, Sérvia, Montenegro e Grécia".[61] Ainda na perspectiva nessa, após os turcos se envolverem na Guerra Ítalo-Turca (1911-1912), essas quatro nações mencionadas formaram a conhecida "Liga Balcânica" e, aliado a isto, mobilizaram-se para uma guerra. Destarte, "em outubro de 1912, quando os turcos fizeram as pazes com os italianos, abrindo mão da Líbia, a Liga declarou guerra ao Império Otomano, iniciando, assim, a primeira Guerra dos Bálcãs".[62] Um mês após o início do conflito, no dia 12 de novembro de 1912, o jornal Diário do Piauí trouxe aos seus leitores notícias sobre esse evento especificando que a mesma vinha de Paris, com o título *Guerra dos Balkans*, que dizia:

> O rei Jorge V da Grécia, telegrafou ao Czar Fernando, da Bulgária, dizendo: "No momento em que o meu exército inicia a campanha contra os nossos inimigos seculares, penso em vós e nas outras nações, nossas aliadas. Rogo a Deus que abençoe a causa comum dos ortodoxos e que auxilie as nossas armas nessa nova cruzada que empreendemos para libertar os nossos irmãos oprimidos. O povo, os soldados gregos e eu enviamos a nação búlgara e aos nossos amigos e aliados – os sérvios e os montenegrinos – o testemunho fraternal de uma afeição sincera e eterna. Fixae os olhares no craz e tomae como divisa – *In hoc signo vincis*.[63]

Podemos perceber diante do texto, uma relação de união e fraternidade entre os dirigentes da Grécia e Bulgária, onde o rei Jorge V enaltece que seu exército já iniciou os preparativos para atacar seus inimigos seculares, e que diante das tensões territoriais, demonstra importância e preocupação com o Estado da Bulgária e seus aliados Sérvia e Montenegro na luta contra as imposições do Império Otomano. Sendo assim, percebemos uma boa organização e fidelidade da chamada "Liga Balcânica" na defesa de suas causas, como também um sentimento de fé quando o chefe de Estado da Grécia exalta que "roga" a Deus com pedidos de intercessão na causa dos Estados oprimidos dos Balcãs. No entanto, "quando a guerra chegou ao fim, em maio de 1913, as grandes potências permitiram que a Sérvia ficasse com Kosovo e a Grécia, com Épiro, mas determinaram que o restante do território albanês fosse cedido para um novo país independente".[64]

Com a vitória da "Liga Balcânica", chegava ao fim em maio de 1913 a Primeira Guerra dos Balcãs, com isso, as grandes potências permitiram que o estado da Sérvia anexasse Kosovo e a Grécia ficasse com Épiro, no sudeste da península balcânica, porém, determinaram que o restante do território albanês ficasse para um novo país independente. Entretanto, após esse episódio "a Grécia também recebeu Creta e dividiu com a Sérvia a Macedônia, limitando à Trácia os ganhos da Bulgária. No entanto, por se sentir prejudicada na partilha dos territórios entre a "Liga Balcânica" e "incitados por uma violenta indignação pública por conta do magro

[61] SONDHAUS. op. cit. p. 32.
[62] Ibid. p. 32.
[63] ESTADO DO PIAUÍ. *Diário do Piauí*. Teresina-PI, nº 248 de 12 de novembro de 1912. p. 2.
[64] SONDHAUS. op. cit. p. 32.

espólio, apenas um mês depois os búlgaros declararam guerra à Sérvia e à Grécia, na esperança de assegurar parte da Macedônia".[65]

Sendo assim, a Bulgária iniciava em 29 de julho de 1913 a Segunda Guerra dos Balcãs contra seus antigos aliados, que perdurou até 10 de agosto do mesmo ano, chegando ao fim graças ao tratado de Bucareste e Constantinopla, que acabou punindo a Bulgária com a perca de territórios conquistados anteriormente na Primeira Guerra dos Balcãs. Todos os estados Balcânicos após as guerras tiverem crescimento populacional e territorial consideráveis, mas, nenhum demonstrava-se satisfeito com os resultados. Um dos países que mais alavancaram seu crescimento nesse período foi a Sérvia, que por esse fato, provocou um sinal de alerta ao Império Austro-Húngaro, que posteriormente, resultaria no atentado que foi considerado pela historiografia oficial como o *estopim* da Primeira Guerra Mundial. Os conflitos no território dos Balcãs foram um dos fatores que impulsionaram a eclosão da Guerra Mundial em 1914, e seus Estados voltariam a confrontar-se com a conflagração desta.

> O governo decretou feriado de amanhã até dia 15 inclusive, ficando suspensos os trabalhos das repartições públicas, exceptuando-se os de caráter administrativos. Esta medida tem por fim beneficiar a Caixa de Conversão, dificultando a retirada de ouro pelos bancos, em consequência da conflagração europeia, agora inevitável.[66]

Este relato foi publicado no principal veículo informativo piauiense do início do século XX, o Jornal *Diário do Piauhy*, no dia 05 de agosto de 1914. Através deste informativo intitulado de *A conflagração europeia*, percebemos como a conflagração da Primeira Guerra Mundial refletiu em impactos e consequências não só no continente Europeu, principal palco do conflito, mas também no Estado do Piauí, lugar longínquo em termos espaciais das principais frentes da Guerra. No ano de 1914 o mundo deparou-se com uma das maiores atrocidades da história da humanidade, o início da Primeira Guerra Mundial. Este, que foi o segundo maior conflito da história da humanidade, veio se moldando por diversos fatores anos antes da conflagração na Europa, por questões políticas, socioeconômicos e territoriais, tanto no continente como nas colônias disputadas por suas potências no norte da África. Além dessas questões que aparecem com mais relevância na historiografia oficial, o nacionalismo emergente nas potências europeias e fora do continente logo depois da revolução francesa do século XIX e o Darwinismo introduzido por Charles Darwin, segundo Sondhaus "propiciaram um alicerce "científico" para ideologias agressivas e, de forma geral, o nacionalismo racial "científico" deu esteio à unidade nacional na causa da grandeza nacional".[67]

---

[65] GUERRA DOS BALKANS. op. cit. p. 32.
[66] ESTADO DO PIAUÍ. *Diário do Piauí*. Teresina-PI, n° 176 de 05 de agosto de 1914. p. 3.
[67] SONDHAUS. op. cit. p. 40.

Segundo esse pensamento, que se assegura no conceito de evolução das espécies e do homem, defendia que os mais aptos/adaptados tendem a sobreviver, e, no cenário mundial pré-1914, a ideologia de que as nações mais preparadas militarmente tenderiam a se sobressair as outras durante uma possível conflagração mundial. No entanto, esse conceito pode ser percebido também, bem antes das ideias de Darwin, onde as nações baseavam-se no utilitarismo Benthaniano, que era uma discussão muito comum com o advento do pensamento iluminista na Europa. Considerada pela maioria dos historiadores como uma guerra moderna, diferente de todas que ocorreram até então, a corrida armamentista nos anos anteriores, foi também um dos principais fatores desencadeadores do conflito, "os anos imediatamente anteriores à guerra testemunharam um aumento sem procedentes de gastos militares e navais; em 1913, as seis grandes potências europeias investiam em armamentos 50% a mais que 1908".[68]

Essa ação por parte dos países europeus, segundo Sondhaus é vista pelos historiadores e especialistas como um exemplo histórico do "dilema de segurança", que seria ações desempenhadas por países para assegurar a sua própria segurança e, com isso, acabaria provocando uma insegurança nos outros países, desencadeando uma corrida armamentista. A corrida naval entre a Alemanha e Grã-Bretanha nas décadas anteriores do conflito mundial, ocasionou o aumento significativo do poderio naval destes países, principalmente da Alemanha, que com o plano do almirante Tirpitz aumentou suas frotas de navios couraçados e cruzadores, na intenção de aproximar sua capacidade bélica da rival Grã-Bretanha, que já era uma potência nos mares desde o século XIX, tendo derrotado Napoleão Bonaparte e acompanhado o transporte da família real portuguesa para o Brasil, recebendo privilégios como favores que tornou a Inglaterra um dos maiores dominadores dos oceanos. Segundo Sondhaus "O plano de Tirpitz em pouco tempo fez com que a Alemanha saltasse do quinto lugar para a segunda posição entre as maiores potências navais da Europa".[69]

Além desse fato, a Grã-Bretanha com o desejo de revolucionar sua frota naval, introduz novos projetos, sendo eles o navio de guerra Dreadnought e o cruzador de batalha, na intenção de substituir o pré-couraçado e os cruzadores blindados. Por conta desse projeto, os britânicos anularam suas vantagens numéricas de navios nestes moldes, "o que deu aos alemães a oportunidade de alcançar os rivais em força naval",[70] mesmo que de forma momentânea. Nesse sentido, com o aumento significativo dos mananciais bélicos das potências europeias, o nível de desconfiança aumenta no continente, e conjuntamente, a probabilidade de guerra. É

[68] SONDHAUS. op. cit., p 44.
[69] Ibid. p. 45
[70] Ibid. p. 45.

interessante ressaltar que a marinha inglesa sempre foi referência mundial nos padrões da marinha de todo mundo, tendo organização, frota moderna e numerosa, além de se preocupar como a prevenção de doenças.

Em junho de 1914, a região conhecida como os "Bálcãs" estava em conflito, motivados por disputas territoriais, independência e busca de uma hegemonia por algumas nações, principalmente entre a Sérvia e Áustria-Hungria. Sendo assim, no dia 28 de junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando herdeiro do Império Austro-Húngaro, ao visitar a cidade de Saravejo capital da Bósnia, para assistir a manobras militares do exército, teve sua integridade física atingida por conta desse conflito. Segundo Sondhaus, "o arquiduque sobreviveu a uma primeira tentativa de assassinato por volta das dez e meia da manhã e continuou seu itinerário, e cerca de 30 minutos depois foi baleado à queima-roupa e morreu, junto com Sophie",[71] sua esposa. Esse fato provocado pelo grupo terrorista Sérvio denominado de "Mão Negra" é considerado pela historiografia oficial, como o principal motivo que impulsionou a deflagração da Primeira Guerra Mundial, pois, depois desse fato, algumas nações começaram a declarar guerra contra as outras, se culminando em agosto de 1914, duas frentes mundiais: A tríplice aliança, formada pela (Alemanha, Império Austro-Húngaro, Itália) e a Tríplice Entente com (Inglaterra, Rússia, França).

Entretanto, este artigo tem como princípio entender como a guerra foi vista e construída através do periódico piauiense de maior circulação no ano de 1914, o jornal *Diário Do Piauí*. A abordagem será feita de maneira analítica, evidenciando desde os primeiros relatos sobre a possibilidade de conflito e, também, outros fatos como o da conflagração europeia. Seguiremos os moldes da *Nova História Militar Brasileira* organizada por Celso Castro, buscando abordar os fatos e entender a relação e impacto que guerra causou em outros lugares além do *Front.* [72] Além deste, a obra *Primeira Guerra Mundial: História Completa* do historiador Lawrence Sondhaus, será referencial básico sobre o contexto geral do conflito. Entretanto, será mantido o padrão de grafia original de cada documento analisado da época, entendendo que é importante manter a memória gráfica e a importância histórica do contexto.

Durante os primeiros anos da segunda década do século XX, os jornais piauienses abordavam diferentes fatos em suas edições, desde notícias locais, nacionais e internacionais. Tanto os mais tradicionais, como os mais casuais destinavam uma seção no jornal denominada "exterior", e, eram nessas seções com informações curtas que os periódicos traziam a maioria

[71] SONDHAUS. op. cit., p. 53.
[72] CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Vitor. KRAAY, Hendrik. *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: FGV. 2004.

das informações de outros países e a maior parte das notícias da Primeira Guerra Mundial, que aparecia em edições publicadas nos mais diversos periódicos do Estado. Quando a informação era longa e considerada relevante, destinava-se matéria sobre o acontecimento que ocupavam páginas do jornal.

Sendo assim, para aplicar a tendência da *Nova história Militar Brasileira* neste trabalho, buscando analisar de maneira cronológica as notícias publicadas no jornal piauiense *Diário do Piauí*, com intensão de compreender o que o mesmo pretendia ao focar e trazer tais acontecimentos do *Front*. Entretanto, reafirmamos o que ressalta as autoras Rêgo e Moura "(...) se as nossas forças militares pouco atuaram nas trincheiras da primeira guerra, os nossos políticos, jornalistas e escritores, por outro lado, se lançaram no conflito desde o início".[73] Sendo assim, o jornal *Diário do Piauí*, trouxe algumas das primeiras notícias sobre a questão territorial Balcânica e da possibilidade de conflito mundial, na edição de número 82 de 12 de Abril de 1914 na cidade de Teresina, com o título *O ANO DE 1914*, apresentou a seguinte informação;

> O ano de 1913 presenciou no Oriente duas guerras e duas pazes, no Ocidente, armamentos formidolosos, como há muito tempo não se via, e, em todas as chancelarias, uma atividade fabril, abalando não raro a opinião pública. A guerra de libertação Balkanica devia por em peleja os dois sistemas de aliança que dividem a Europa. Foi com efeito entre os dois grupos sistemáticos da Tríplice-Aliança e do Tripli-Acordo que se jogou a partida diplomática enquanto a partida militar em jogada entre os beligerantes. Pode afirmar-se que, se a paz geral não foi perturbada, foi graças ao sentimento profundo mantido em cada capital, o sentimento de solidariedade das duas partes, graças à consciência muito nítida do perigo. Sustentando embora, no cursos das guerras e negociações, interesses opostos, as seis grandes potências timbraram em manter no seu procedimento um contato continuo que, por vezes proceloso, acabou, afinal de contas, amortecendo os choques e prevenindo as rupturas.[74]

Através desta citação, podemos perceber que o sentimento de guerra já estava presente entre os países do sudeste europeus da região conhecida como Bálcãs, que segundo Sondhaus, desde os anos de 1453 "passou a servir como ponte entre a Europa e o Oriente Médio muçulmano". [75] Além desse fato, os conflitos impulsionados por estas disputas territoriais neste local, eram também influenciados pela busca de algumas nações por uma saída para o mar. Sendo assim, em 1912 com o desejo de anexar territórios pertencentes à Turquia, quatro países (Bulgária, Sérvia, Montenegro, Grécia) decidiram criar a Liga Balcânica na tentativa de se mobilizar para esta guerra. Entretanto, "em outubro de 1912, quando os turcos fizeram as pazes

---

[73] RÊGO, Ana Regina; MOURA, Ranielle Leal. *Imprensa brasileira na Primeira Guerra Mundial: intelectuais em ação*. 2015. Trabalho apresentado no GT de Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. p. 3.
[74] ESTADO DO PIAUÍ. *Diário do Piauí*. Teresina-PI, n°82 de 12 de abril de 1914. p. 3.
[75] SONDHAUS. op. cit. p. 30.

com os italianos, abrindo mão da Líbia, a Liga declarou guerra ao Império Otomano, iniciando, assim, a primeira Guerra dos Bálcãs".[76] Essas nações, tinha como principal interesse aumentar seus territórios e população, na busca de se tornar grandes potências, ocasionando atritos entre os países da região.

Nesse sentido, além das disputas e questões territoriais dos povos Bálcãs na Europa, o apoio das superpotências e seus diplomatas às pequenas nações, também influenciará na divisão e interesse de dois eixos de guerra. Isso é evidente, na edição 88 de 19 de abril de 1914 do Jornal *Diário do Piauí*, onde na seção com o título de *FILMS: uma grande crise*, na qual traz uma matéria argumentando sobre uma crise nas nações mundiais, provocadas pelo desejo revolucionário que abala a fraternidade entre as nações e, por conta dos diferentes interesses de grupos humanos. O mesmo esclarece que esse mal-estar geral entre as nações, principalmente as europeias, é resultado da tirania crescente do capital, que resulta no descontentamento das classes proletárias e no nascimento de correntes socialistas com ideais diversos, além do militarismo que, segundo a matéria provoca uma "febre intensa de armamento, cria esse ambiente pesado e essa situação melindrosa da paz armada".[77] Entretanto, além destes fatos, logo em seguida o texto trará a questão dos Bálcãs, que diz:

> O telégrafo agora mesmo anuncia-nos que estão tensas as relações da Alemanha e da Rússia e que a visita próxima e esperada de *Kaiser* a Romênia visa diminuir a influência Slava no país, que ora virtuoso papel assume na atual situação dos Balkans. No que dará essa atitude de francas hostilidades? Resta-nos esperar. O que desde já podemos assegurar é que falar na Alemanha e na Rússia é falar na "Tríplice-aliança" que conta além d' aquela com a Áustria e a Itália e na "Tríplice-entente" que põe ao lado destas mais a Inglaterra e a França. Imaginar um choque armado entre as duas tríplices, equivale imaginar uma pavorosa conflagração europeia, conflagração que seria fatal, cedo ou tarde, pelo rompimento desse falto dique que se nos afigura a paz em pé de guerra.[78]

Além da visita do imperador alemão Guilherme II, popularmente conhecido como *Kaiser*[79] à Romênia, podemos perceber que a formação dos dois eixos de embates na guerra já estava consolidada, a matéria enaltece de um lado a Tríplice Aliança com a Alemanha, Itália e Áustria-Hungria e do outro a Tríplice Entente composta pela Rússia, Inglaterra e França. Além disso, é interessante ressaltar como o cenário que se configurava na Europa, além de despertar a preocupação em outras partes do mundo, também reverbera no Piauí, principalmente a partir do desdobramento da segunda guerra Balcânica de 1913, que a imprensa piauiense começa a

[76] SONDHAUS. op. cit. p. 31.
[77] ESTADO DO PIAUÍ. *Diário do Piauí*. Teresina-PI, n° 88 de 19 de abril de 1914. p. 1.
[78] Ibid. p. 2.
[79] Designação alemã de Imperador, derivada do latim Caesar que significa (César), através do grego e do gótico. Foi tomado por empréstimo de denominação do ditador romano Júlio César (44 a.C.). É sinônimo de: Rei, soberano, majestade e etc.

receber e abordar com mais intensidade esses embates, interesses e advento dos dois eixos. Entretanto, essas disputas territoriais enalteciam o nacionalismo dos países pertencentes ao território, pois esses sentimentos juntamente com as conquistas de territórios alimentavam a ambição, como ressalta o autor Sondhaus:

> Por fim, as hostilidades de 1912 e 1913 deixaram os Bálcãs mais voláteis do que nunca, na medida em que, embora tivessem saído do conflito com território ampliado e populações maiores, todos os países balcânicos ainda alimentavam ambições maiores, em especial as da Sérvia, que só poderiam ser consumadas às custas do desmembramento da Áustria-Hungria.[80]

Com essa passagem, compreendemos como o nacionalismo estava ardente e presente não só nas grandes potencias da época como também nas pequenas nações Bálcãs, influenciados também pelo darwinismo que ideologicamente expandiu entre as comunidades europeias o imaginário de evolução das sociedades, melhor dizendo, para que um país ou nação pudesse ser considerado "grande potência" e respeitado por seus pares, teria que ser bem estruturada em termos bélicos, territoriais e econômicos. O elemento bélico torna-se importante atrelada ao imaginário de grandeza nessas comunidades emergentes, já os territoriais, como já ressaltado, vem desse o iluminismo. Além disso, a aliança entre pequenas e grandes nações já anunciavam os embates que estavam por vir, as comunidades que não eram consideradas como grandes potências, começavam a tomar posição diante dos lados de embates que se culminavam.

Deste modo, durante a corrida armamentista e disputas territoriais antecedentes ao estouro do conflito, algumas nações do ocidente tiveram grande crescimento econômico e industrial, como ressalta o autor Sondhaus "durante as duas décadas anteriores ao início da Primeira Guerra Mundial, Estados Unidos e Japão juntaram-se ao grupo das grandes potências, antes limitado a países europeus".[81] Este último adotou uma política de modernização que dava início a uma nova era japonesa, designada na edição 139 do jornal *Diário do Piauí*, de 21 de junho de 1914 como "moderno império industrial". Esse crescimento veio principalmente depois da guerra contra a Rússia, conhecida como guerra Russo-Japonesa nos anos de 1905-1906, que teve como resultado a anexação de territórios como Taiwan e Coréia. Esses fatos se confirmam quando o autor diz que "a guerra contra os russos confirmou a ascensão do Japão como grande potência, bem como expôs as fraquezas da Rússia".[82] A matéria que vinha com o título de *A Crise Japoneza*, abordou esse fato, noticiando que:

> Finalmente, a guerra contra a Rússia, elevando a o Japão á posição de uma das grandes potências, colocou o Império do Sol Nascente em um contato tão intimo com o resto do mundo civilizado que nos últimos nove anos a influência das idéias ocidentais tem

[80] SONDHAUS. op. cit. p. 47.
[81] Ibid. p. 35.
[82] Ibid. p. 35.

> argumentado com espantosa rapidez. Mas o principal elemento da europeização do Japão foi o desenvolvimento industrial daquele paiz. Com a creação de grandes indústrias surgiram no Japão dois factores sociais inteiramente desconhecidos na antiga vida nipônica; o proletário e o milionário.[83]

É interessante ressaltar, que apesar do crescimento industrial no Japão durante esse período, a matéria traz dois problemas emergentes; o proletariado e os milionários, que segundo a mesma, eram fatos desconhecidos na antiga vida dos japoneses. O título que provoca uma ideia de "crise econômica" além de trazer fatores sobre a questão socioeconômica japonesa faz alusão também para a "formação de um proletariado numeroso e de uma pequena plutocracia, subitamente enriquecida com o desenvolvimento das indústrias, foram os resultados que essas novas forças produziram sobre a tempera moral da nação".[84] Pouco mais de um mês depois dessas notícias, o mesmo veículo noticioso traria a informação daquele que seria o *estopim* da Primeira Guerra Mundial, na edição 170 e 171 em 29 de Julho de 1914. Porém, o que se entende é que eram vários conflitos já em seus limites, e qualquer acontecimento relevante poderia despertar a Grande Guerra. A matéria foi publicada com o título *A tragédia de Saravejo: O ódio Sérvio leva ao túmulo os príncipes herdeiros do throno austríaco*. E noticiava:

> A tragédia de Saravejo é uma nova e terrível lição que os povos francos infligem às grandes nações imperialistas. Aliados de Guilherme II, cujo alto sonho de conquista compreendia e sonhava também, o archi-duque Francisco Fernando não podia ser amado nem mesmo suportado pelos pequenos povos dos Balkans. O seu advento ao trono de Francisco José acarretaria, facilmente, a absorção da Sérvia, da Bulgária, do Monte-negro e da Rumania, pois que a sua ambição maior foi sempre, como era notório e ele mesmo propagava, levar por toda parte do Oriente a espada e a coroa dos Habsburgo (...).[85]

Esta notícia, faz referência à tragédia que vitimou o herdeiro do império Austro-Húngaro, arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa Sofia, Duquesa de Rosenberg. O incidente, como dito anteriormente, aconteceu no dia 28 de junho de 1914 na cidade de Saravejo capital da Bósnia e Herzegovina, foi considerado pela historiografia oficial como o acontecimento principal que deu início a Primeira Guerra Mundial. A execução do arquiduque havia ficado sob responsabilidade do grupo terrorista denominado de "mão negra", uma sociedade secreta que nos seus primórdios foi fundada com o nome de "união da morte", que atuava como uma organização nacionalista Sérvia e, desempenhava ações terroristas como forma de alcançar pretensões políticas. O seu poder de atuação era possível pelo fato deles terem conexões com movimentos políticos que buscava a unificação dos povos eslavos e até mesmo com o governo da Sérvia.

---

[83] ESTADO DO PIAUÍ. *Diário do Piauí*. Teresina-PI, n° 139 de 21 de junho de 1914. p. 2.
[84] Ibid. p. 2.
[85] ESTADO DO PIAUÍ. *Diário do Piauí*. Teresina-PI, n° 170-171 de 29 de julho de 1914. p. 2.

No dia 30 de junho de 1914, o Jornal *Diário do Piauí* ainda continuou a abordagem com outros detalhes minuciosos, sobre o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa Sofia, na edição 171 divulgada na capital Teresina. A matéria ainda vinha com o mesmo título *A tragédia de Saravejo: O ódio Sérvio leva ao túmulo os príncipes herdeiros do throno austríaco*, assim como a edição 170. A mesma ocupava a segunda página do periódico e, abaixo do título, ressaltava entre parênteses "conclusão", advertindo que seria o complemento e última abordagem direta sobre o fato. Antes das informações, a matéria provocava o leitor com a seguinte pergunta: "A tragédia de Saravejo será o último golpe do destino?":

> Afinal, hante-ontem mais um terrível golpe acaba de ser vibrado na família Habsburgo. O archi-duque Francisco Ferdinando e sua esposa cahiram vítimas de um bárbaro atentado, semelhante ao do Terreiro do Poço, em Lisboa, em que foram trucidados D. Carlos e seu filho, o príncipe D. Luiz. Quando o cortejo em que seguiam os herdeiros do trhono imperial marchava em direção á Municipalidade, um typhografo, por nome Cabrinovie, natural de Trebinje (Herzegovina), arremessou contra a carruagem do arch-duque uma bomba cheia de pregos e cujo envolueiro era constituído por uma garrafa. A bomba bateu no assento trazeiro do carro, cahiu no chão e explodiu justamente quando sobre ella passava a segunda carruagem, onde seguiam vários membros da comitiva, entre os quaes o coronel Merrizo, ajudante de campo do archi-duque, que foi atingido no pescoço por um estilhaço, e o conde de Booszu-Walderck, que também ficou ferido. Além dessas também ficaram feridas mais nove pessoas. O pânico que então se estabeleceu foi enorme, fugindo desordenadamente a maior parte do povo que se encontrava nas ruas, enquanto os agentes de polícia e soldados effectuavam a prisão de Cabrinovic. (...).[86]

É importante se atentar a riqueza de detalhes que a matéria traz ao leitor do periódico, complementando a edição anterior 170, esta enfatiza que o "golpe" realizado na cidade de Saravejo contra o Herdeiro do Império Austro-Húngaro e sua esposa, abalou toda a família Habsburgo, dinastia familiar que Francisco Ferdinando era pertencente. Diante da visita a Saravejo, onde o arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa Sofia passeavam de carro aberto, teriam sobrevivido a uma tentativa de assassinato na manhã do mesmo dia, a notícia ressalta a atuação do jovem Cabrinovic, um dos conspiradores do grupo Mão Negra, grupo que ficou conhecido como responsável pelo ataque. O jovem arremessou uma bomba na carruagem em que autoridades do alto escalão da Áustria-Hungria estavam a bordo, incluindo o arquiduque e sua esposa, "e cerca de 30 minutos depois foi baleado à queima-roupa e morreu, junto com Sophie. A polícia capturou o assassino, um bósnio de 19 anos chamado Gavrilo Princip, na cena do crime, e no mesmo dia prendeu seus conspiradores",[87] incluindo Cabrinovic. Este atentado, segundo a historiografia oficial, ficou conhecido como o *estopim* que deu início ao conflito mundial, perdurando até 11 de novembro de 1918.

---

[86] ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*. Teresina-PI, n° 171 de 30 de junho de 1914. p. 2.
[87] SONDHAUS. op. cit., p. 53.

> As luzes se apagam em toda a Europa", disse Edward Grey, secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, observando as luzes de Whitehall na noite em que a Grã-Bretanha e a Alemanha foram à guerra. "Não voltaremos a vê-las acender-se em nosso tempo de vida." Em Viena, o grande satirista Karl Kraus preparava-se para documentar e denunciar essa guerra num extraordinário drama-reportagem a que deu o título de *Os últimos dias da humanidade*. Ambos viam a guerra mundial como o fim de um mundo, e não foram os únicos. Não foi o fim da humanidade, embora houvesse momentos, no curso dos 31 anos de conflito mundial, entre a declaração de guerra austríaca à Sérvia, a 28 de julho de 1914, e a rendição incondicional do Japão, a 14 de agosto de 1945 — quatro dias após a explosão da primeira bomba nuclear —, em que o fim de considerável proporção da raça humana não pareceu muito distante. Sem dúvida houve momentos em que talvez fosse de esperar-se que o deus ou os deuses que os humanos pios acreditavam ter criado o mundo e tudo o que nele existe estivessem arrependidos de havê-lo feito.[88]

Essa passagem, do celebre historiador Eric Hobsbawm em sua obra *Era dos Extremos,* mostra-nos o medo e incertezas daqueles que viveram os primeiros acontecimentos no início da conflagração mundial. Em meio a um cenário até então inédito, pois, nunca na história da humanidade havia se configurado um conflito em proporções globais, o medo da morte ou dizimação da humanidade pode ser percebido pelas declarações do secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha e do artista Karl Kraus. Esse sentimento de medo e insegurança, não ficou restrito apenas a comunidades europeias, se disseminando em todo o globo terrestre. Aqueles que viveram antes do início do combate mundial, jamais viram algo parecido e desacreditavam que tempos de paz ainda fosse possível, pois, segundo o autor Hobasbawm "em 1914 não havia grande guerra fazia um século, quer dizer, uma guerra que envolvesse todas as grandes potências, ou mesmo a maioria delas, sendo que os grandes participantes do jogo internacional da época eram as seis "grandes potências" europeias (...)".[89]

Distante de qualquer outra guerra até então, o início da Primeira Guerra Mundial além de trazer o sentimento de incertezas pelo que estava por vir, também despertou entre os contemporâneos o anseio do "fim do mundo" ou "fim da humanidade", pois os embates entre nações anteriores a este, eram entre países específicos e duraram apenas meses ou pouco mais de um ano. Mesmo que a guerra inicialmente só contava com a participação de países do continente europeu, ou melhor; das chamadas seis grandes potências, o imaginário a respeito do conflito não ficou restrito apenas ao continente ou comunidades próximas, se alastrando também até o Piauí. Podemos perceber isto, quando o *Jornal Diário do Piauí* nos mostra que "os jornais desta capital publicam segundas edições para satisfazer a curiosidade publica a respeito da guerra; entretanto, as notícias pouco adiantam".[90]

---

[88] HOBSBAWM, *Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX. 1914-1991.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 25.
[89] Ibid. p. 26.
[90] ESTADO DO PIAUÍ. *INTERIOR: RIO, 31*. Jornal Diário do Piauí, 04 de agosto de 1914, n° 175, p. 1.

Deste modo, podemos perceber um receio e curiosidade emergente no imaginário da população piauiense, provocado pela novidade da guerra. Mesmo que o continente fosse "considerado" distante, nos moldes da época, a segunda década do século XX, também ficou conhecida como um período de inovações tecnológicas que deixavam as fronteiras entre países mais próximas, através de notícias que chegavam por um serviço de radiofonia chamado "*Telegramas: serviço especial do Diário do Piauí"*, que eram publicados nos jornais. Destarte, ainda nessa edição podemos perceber que o início do conflito já era abordado no periódico, além de influenciar diretamente nas negociações do governo brasileiro, percebemos isso quando o mesmo informa que "as negociações do empréstimo externo caminham a passos largos, esperando a solução esta semana. Seu termino é dependente da guerra sérvio-austríaca".[91]

Deste modo, percebemos que junto à conflagração mundial, iniciava no Brasil um longo período de crise financeira, provocado pela queda nos preços das exportações de café, principal produto da economia brasileira, que acarretaria também na diminuição da capacidade de importação do país. A solução que o governo de Venceslau Brás (1914-1918) tomou para tentar se sobressair dessa crise foi tentar empréstimo junto a bancos e repartições financeiras estrangeiras.

Em 1914, a base da economia brasileira era agroexportadora e o café era seu principal produto de exportação. Com o início do conflito mundial, o Brasil perdeu o investimento dos países que estavam envolvidos no conflito, pois, essas nações diminuíram seus investimentos em produtos alimentícios brasileiros, para poderem investir apenas em armamentos para *front* de guerra e produtos considerados essenciais. Como todo o Brasil sofria com a crise financeira provocada pelo início da guerra, a crise também teve impacto no Piauí, pois a não concretização do empréstimo financeiro frente a essas nações implicaria o não recebimento de repasses financeiros do Governo Federal, que ficou mais distante com o desenrolar da guerra entre a Sérvia e Áustria-Hungria, combate que foi considerado pontapé inicial da Primeira Guerra Mundial. No entanto, a edição 158 do *Jornal Diário do Piauí*, trouxe uma série de informações importantes sobre os primeiros dias de conflito, tanto do exterior como sobre o posicionamento das autoridades brasileiras.

As primeiras notícias são na seção "exterior", vindas de Berlim, capital Alemã, referentes ao dia primeiro de agosto, explanando sobre o seguinte acontecimento: "A imprensa toda, faz cerrados ataques à Rússia, dando-a como responsável pela conflagração da Europa por ter

[91] ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*. Teresina-PI, n° 175 de 4 de agosto de 1914, p. 1.

mobilizado o seu exército quando, ao contrário, podia o *Czar* [92] interceder em favor da paz no conflito entre a Sérvia e a Áustria".[93] A indignação por parte da Alemanha se deu pelo fato da Rússia, que tinha uma aproximação coma Sérvia, não intervir em prol da paz entre a Sérvia e Áustria, e, "então, no dia 26, a Rússia começou seu "período preparatório para a guerra", uma pré-mobilização baseada nas decisões tomadas pelo czar e seus ministros no dia anterior".[94] Essa edição de número 176 carrega uma série de informação sobre o conflito, além de notícias advindas da Alemanha, também abordou notícias da Inglaterra, França e de algumas capitais europeias, além do posicionamento do governo brasileiro.

Os alemães, sob o comando do imperador Guilherme II (*Kaiser*) que governou sob o apogeu do Segundo Reich, império alemão marcado pela unificação após a guerra Franco-Prussiana (1870-1871), tinha como chanceler Otto Von Bismack, uma espécie de primeiro ministro e braço direito do imperador. A política alemã de anexação de territórios foi também um dos pilares que influenciaram a Primeira Guerra Mundial, o desejo de tornar a Alemanha como a maior potência europeia, fez do imperador uma das principais figuras no desperto da guerra. As notícias vindas da capital alemã, dizia que "o *Kaiser*, aclamado pela multidão, falou d' uma janela do palácio imperial e terminou a sua alocução dizendo que a guerra exigirá sacrifícios enormes, mas mostrará aos inimigos que os ataques a Alemanha são sempre perigosos".[95]

Logo em seguida, a mesma seção informa sobre a capital Berlim, que "jornais publicam Telegramas trocados entre *Czar* e o *Kaiser* e procuram provar que a Alemanha cogitava de obter da Áustria um acordo, quando a mobilização do exército da Rússia veio a dificultar as negociações nesse sentido".[96] Através destas informações, percebemos a mobilização da Alemanha e Rússia na tentativa de obter uma aliança com a Áustria-Hungria, império que tinha um vasto território e diferentes nações, o que resultava em muitos conflitos internos, inclusive, o que resultou no *estopim* da Guerra. Podemos entender isso, quando, segundo Sondhaus:

> A Alemanha alcançou a unificação política sob os auspícios da Prússia graças à liderança de Otto von Bismarck, cujas vitoriosas guerras contra Dinamarca (1864), Áustria (1866) e França (1870-71) levaram à criação do Segundo Reich, tendo como imperador o rei prussiano Guilherme I. Se por um lado anexou territórios da Dinamarca (Schleswig-Holstein) e da França (Alsácia-Lorena), Bismarck fez da Áustria (a partir de 1867, Áustria-Hungria) o aliado mais próximo da Alemanha e o

[92] Foi um título usado por monarcas do império Búlgaro desde o ano 913 e pelo império Russos entre 1546 e 1917. O título foi adotado por Ivan IV (1530-1584) da Rússia como um símbolo de natureza da monarquia russa.
[93] ESTADO DO PIAUÍ. *ALEMANHA: BERLIM, 1*. Jornal Diário do Piauí, 05 de agosto de 1914, n° 176, p.2.
[94] SONDHAUS. op. cit., p. 66.
[95] DIÁRIO DO PIAUÍ. op. cit., n° 176, p.2.
[96] Ibid. p. 2.

> alicerce de um sistema de alianças pós-1871 cujo propósito era manter a França isolada.[97]

Entretanto, compreendemos a importância do chanceler Bismarck na aliança com a Áustria-Hungria, que culminaria na formação da Tríplice-Aliança em 1914. A França, desde sua derrota em 1871, era uma das grandes inimigas da Alemanha, que a todo custo tentava boicotar o país de qualquer aproximação. Ainda nesta edição, em relação à mobilização do exército Russo no império Austro-Húngaro, telegramas vindos de Londres informava que "a Alemanha acaba de enviar um ultimatum a Rússia, para esta potência suspender a mobilização de seu exército dentro de 12 horas e a França para esta dizer, se manterá neutralidade no caso de uma guerra da Alemanha contra a Rússia".[98]

Todavia, apesar do desejo de neutralidade da França enaltecida pelo jornal, em caso de guerra entre as duas potências, com a industrialização do império alemão, anterior a esse fato, lançou investimentos no seu exército na busca de um esquadrão mais poderoso, além disso, se tornou a segunda maior frota naval da Europa. Destarte, os altos investimentos no exército e na frota naval, custaram consequências graves aos alemães, pois "a esquadra mais prejudicou do que beneficiou os interesses estratégicos da Alemanha, impelindo a Grã-Bretanha a se bandear para o lado de seus tradicionais rivais, França e Rússia, além de consumir mais de um terço do orçamento destinado à defesa nacional".[99]

Esses acontecimentos mostram-nos a consumação das duas frentes de embates na Primeira Guerra Mundial, Tríplice-Aliança e Tríplice-Entente. Na página três, desta edição 167, trouxe o posicionamento do governo brasileiro frente a esses acontecimentos advindos da Europa. Esse pronunciamento foi enviado a todos os estados da nação, o periódico enaltece que "o Exm. Sr. coronel vice-governador do Estado em exercício, recebeu o seguinte despacho; *PALACIO PRESIDENCIAL, 3*:

> Comunico a V. Exc. que, atendendo as graves circunstancias criadas pela guerra europeia e tendo em vista os supremos interesses da nação o Sr. Presidente da República decretou, hoje, feriado nacional de amanhã em diante até o dia 15 do corrente inclusive, ficando suspensos todos os atos impraticáveis nos dias feriados por lei, excetuados os atos das repartições públicas de caráter administrativos, menos a caixa de conversão. Peço a V. Exc. Tornar pública esta medida de caráter urgente. Cordiais saudações *Herculado de Freitas*. Ministro da Justiça.[100]

Em 1914, o governador piauiense era o Sr. Miguel de Paiva Rosa, que governou o estado de 1° de julho de 1912 a 1° de julho de 1916. Através do comunicado no periódico, podemos perceber que no ato de sua execução o governador não estava em exercício e, o então presidente

---

[97] SONDHAUS. op. cit. p. 22.
[98] ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 5 de agosto de 1914, n° 176, p.2.
[99] SONDHAUS. op. cit., p. 22.
[100] DIÁRIO DO PIAUÍ. op. cit. n° 176, p. 3.

da república Venceslau Braz, sob o amparo do Ministro da Justiça Herculano de Freitas, exigiu que os representantes de cada estado seguissem as orientações do governo federal, de decretar feriado do dia 05 de agosto até dia 15, por conta das circunstâncias no país provocadas pelo embate mundial. O governo de Miguel Rosa ficou bastante marcado pela crise econômica provocada pela Primeira Guerra Mundial e pela seca que assolou o Piauí em 1915, esses fatos foram responsáveis por uma severa crise que abalou a economia estadual durante o período de guerra.[101] Sendo assim, a edição 267 do Diário do Piauí, será importante por nos mostrar uma matéria que exemplifica bem o sentimento do povo piauiense, quando a imprensa local passou a trazer com mais frequência notícias sobre o conflito. Uma notícia muito importante nessa edição foi das declarações de guerra na Europa, com o título *Treze declarações de guerra*, onde a matéria trazia:

> Um jornais de Paris publica a lista das declarações de guerra que foram dirigidas durante o último mês. Foi precisamente em 28 de julho que a série começou pela declaração de guerra da Áustria á Sérvia. A essa cilada, pela qual o Imperador Francisco José prelúdio a celebração de seus 85 anos de idade, sucederam-se as seguintes declarações de guerra: Da Alemanha à Rússia em 1 de agosto. Da Alemanha á França, em 3 de agosto. Da Alemanha á Bélgica, em 4 de agosto. Da Inglaterra á Alemanha, em 4 de agosto. Da Áustria-Hungria á Rússia, em 5 de agosto. Do Montenegro á Áustria, em 5 de agosto. Da Sérvia á Alemanha, em 6 de agosto. De Montenegro á Alemanha, em 11 de agosto. Da França á Áustria-Hungria, em 11 de agosto. Da Inglaterra á Áustria, em 23 de agosto. Do Japão á Alemanha, em 23 de agosto. Da Áustria á Bélgica, em 29 de agosto. Ao todo são 13 declarações! Mas, ao que parece não ficará nesse número aziago, pois fala-se com insistência em mais duas: a Turquia a Grécia e a Itália a Áustria.[102]

Podemos notar que, além do número de declarações de guerra publicado no periódico, esse número poderia ser ainda maior, pois, a cada momento uma nação declarava guerra à outra. Assim que as notícias vinham chegando da Europa, esses números cresciam gradativamente e eram atualizados. Na página 2 do periódico, uma matéria com o título *A culpa sangrenta da Inglaterra na Guerra Mundial*, foi publicada. Era uma declaração de Ernesto Haeckel concedida à imprensa norte-americana e reproduzida no Brasil, foi também publicada no jornal *Diário do Piauí.* Trouxemos um trecho da mesma anteriormente e, uma das partes continuas dizia que:

> Tudo o que a humanidade sofredora tem aturado até agora em desgraças bélicas em massa, de devastações de países, de aniquilamento de famílias, tudo se apaga diante desse incêndio universal que ameaça tragar a civilização inteira, obtida em labores pecados durante seis mil anos (...).[103]

---

[101] BASTOS, C. Dicionário; CHAVES, J. Apontamentos; RÊGO NETO, H. Fatos.
[102] ESTADO DO PIAUÍ. *Treze declarações de guerra*. Jornal Diário do Piauí, n° 267, 24 de novembro de 1914, p. 1.
[103] HAECKEL. Ernesto. *A culpa sangrenta da Inglaterra na Guerra Mundial*. Jornal Diário do Piauí, n° 267, 24 de novembro de 1914, p. 2.

Ernesto Haeckel era um grande biólogo, médico, filósofo, naturalista, professor e artista alemão conhecido como um dos principais popularizadores do trabalho de Charles Darwin. Diante da citação, vemos que na matéria produzida pelo mesmo, mostra-nos que a humanidade civilizada está "horrorizada e atordoada", há basicamente oito dias, exemplificando os dias de conflito. Na publicação, ele trata o desfecho da guerra como uma das maiores catástrofes da história universal inteira, diante de um rompimento repentino de uma "guerra mundial", que com ela, traria consequência incalculáveis para o mundo, evidenciando que tudo que a humanidade "sofredora" tinha aturado até a época foram desgraças bélicas, na qual geraram matanças em massa, devastações de países, aniquilamento de famílias entre outros.

Além disso, trata os episódios como algo que poderia levar ao extermínio da população mundial, ao argumentar que "tudo se apaga diante desse incêndio universal que ameaça tragar a civilização inteira, obtida em labores pecados durante seis mil anos".[104] Entretanto, segundo Sondhaus, (2013, p. 14), "em setembro de 1914, em declarações citadas pela imprensa norte-americana, o biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel fez a primeira referência registrada ao conflito como "Primeira Guerra Mundial", em sua previsão de que a luta que começava "se tornar[ia] a primeira guerra mundial no sentido pleno da palavra". Por fim, podemos perceber que as declarações concedidas por Haeckel além de rodar o mundo chegando até o Piauí, foi também a primeira a carregar o termo que daria nome ao conflito que mudaria os rumos da história a partir de 1914; "A Primeira Guerra Mundial".

Deste modo, Simplício Mendes[105] foi um dos primeiros intelectuais piauienses a publicar sua análise e opinião a respeito da Grande Guerra nos primeiros meses de conflito. Em sua concepção, a partir do governo de Bismarck uma nova fase surgiu na história das nações modernas, a fase do militarismo das nações. Impulsionado por uma corrida armamentista, sobretudo, na primeira década do século XX, as principais nações europeias inclinaram-se rumo a modernização dos seus exércitos e arsenal bélicos aguerridos pela ideia de que a "guerra" é um acontecimento natural da convivência e luta dos seres vivos. O antigo Chanceler alemão que unificou a Alemanha, também criou no mundo internacional e europeu uma respeitada potência militar, sob bases imperialistas profundas. O mesmo foi responsável por influenciar imensamente os destinos da Europa, sobretudo, com suas ideias político-militares, contagiando amplamente seus pares e futuros governantes.

[104] HAECKEL. op. cit., p. 2.
[105] Simplício Mendes nasceu em Miguel Alves-Pi em 21-04-1882 e falecido em Teresina no dia 02-01-1971, foi magistrado, jurista, jornalista e escritor, tendo suas análises e escritos publicados em diversas edições do jornal.

O “Chanceler de Ferro”, como era conhecido, iniciou o período de maior pesadelo para as nações modernas, o era dos grandes armamentos, das alianças, do militarismo que, segundo Simplício Mendes, surgia “como causa do esgotamento de energias e de extraordinárias dificuldades financeiras e como forte ameaça de tremenda catástrofe a pesar sobre toda Europa e não só sobre a Europa, mas sobre o mundo inteiro que sofreria imenso as desastrosas consequências dela decorrente”.[106] O autor ainda expõe que após a batalha de Sedan e do tratado de Frankfurt, o Chanceler de ferro, pioneiro do imperialismo alemão, esforçou-se para garantir a conquista da Alsárcia e Lorena, prevendo a possibilidade de uma *revanche*, por estar tornando o novo império o centro das atenções e rivalidades da política europeia. ainda ressalta que:

> E o notável Chanceler orgulhoso de seus extraordinários triunfos, partidários da força e do arbítrio, agiu no sentido que melhor lhe parecera para tirar todas as garantias e todas as vantagens da nova e privilegiada situação que a Alemanha se criara na política internacional pela vitória das suas armas. Esta surgiu tarde demais para a partilha do globo e julgava-se, todavia, com imprescritíveis direitos ao lugar de grande potência, sob o tríplice aspecto militar, colonial e comercial. Enveredou, portanto, pela via dos grandes exércitos permanentes. Armou-se em terra e mar, ao que foi seguida, imitada pelas demais nações, às quais o próprio extinto de conservação impunha a pesada tarefa. E iniciou-se, então, a fase atual dos poderosos armamentos, dos enormes efetivos e das gigantescas organizações militares. Todas as grandes potências coloniais conheceram logo o valor da ameaça e prepararam-se para enfrentar o novo perigo. A Rússia aproximou-se da França, enquanto Bismarck vendo a leste o colosso moscovita e a oeste o espírito gaulês atrozmente golpeado na sua vaidade e jamais esquecido da Alsácia e Lorena e das águias prussianas ostentando-se orgulhosas na “Cidade de Luz” e desfilando soberbas pelo Arco do Triunfo e os Campos Elysios, Bismarck, astuto, sagaz, previdente, divisando o formidável entrave, que a política imperialista alemã criaria uma aliança franco-russa, - procurou logo contrabalançar o poder das duas rivais, promovendo a aproximação entre a Alemanha e a Áustria-Hungria. (...).[107]

Com o desenvolvimento do conflito nos seus primeiros meses, os jornais além de trazerem as notícias, também traziam as opiniões de uma elite política e intelectual piauiense. Esta reportagem foi publicada no Jornal Diário do Piauí no dia 6 de setembro de 1914, onde o autor faz parte de uma elite intelectual piauiense que fazia dos jornais um campo propício para dissipar suas opiniões e ideologias, promovendo analises minuciosas do contexto mundial, nacional e local, influenciando o público leitor com suas opiniões sobre os diversos acontecimentos no ano de 1914, principalmente sobre a Primeira Guerra Mundial.

Segundo o Wilson Carvalho Gonçalves, Simplício Mendes teve sua formação como Bacharel em Direito pela Faculdade de Recife em 1908 e foi juiz de direito nas cidades como Piracuruca e Miguel Alves, foi membro do Tribunal Regional Eleitoral e ainda, um dos fundadores da Faculdade de Direito do Piauí, onde o mesmo lecionou a disciplina de Teoria

---

[106] MENDES, Simplício. *A Guerra Europeia I*. Jornal Diário do Piauí, 6 de setembro de 1914, n° 204, p. 1.
[107] Ibid. p. 1.

Geral do Estado. No campo jornalístico, como percebemos pela matéria publicada no principal jornal do Piauí na época, teve uma simbólica e projetada atuação na imprensa piauiense, e "escrevia sobre os mais variados assuntos, principalmente no campo da sociologia, da política e temas sociais". Empregando os fulgores de sua inteligência, os seus conhecimentos gerais, encontrávamos nos seus artigos um magnifico estilo, elegância nas frases e genialidade nas expressões".[108] O mesmo ainda teve participação na conjuntura e da imprensa local, onde o mesmo:

> Colaborou com os seguintes jornais, entre outros – **O Piauí, Diário do Piauí, O dia**. Participou ativamente nas revistas: da Academia Piauiense de Letras e Litericultura. Diretor da **Imprensa Oficial**. **O escritor**. Ocupou as mais importantes funções no campo da cultura, entre as quais destacamos a de Presidente da Academia Piauiense de Letras, presidente do Conselho Estadual de Cultura, diretor da Casa "Anísio Brito". Personalidade Cultural do Século, título oferecido pela Academia de Letras da Região de Sete Cidades (PI).[109]

Através dessa passagem, notamos a influência intelectual de Simplício Mendes para o Piauí, onde consolidou-se como uma das figuras marcantes da intelectualidade local, com suas contribuições para educação, poder judiciário, imprensa local e, principalmente, para a cultura do Estado na segunda década do século XX, onde foi referência na Academia Piauiense de Letras, a qual foi presidente, instituição que tem como um dos objetivos promover e cultivar a cultura piauiense. Além desta, também ocupou funções importantes em outras instituições que disseminam a cultura e a educação, suas contribuições foram tão importantes, que lhe foi concedido o título de Personalidade Cultural do Século.

Em seu texto publicado no *Jornal Diário do Piauí*, com o título *A Guerra Europeia I*, o mesmo vai fazer uma narrativa sobre alguns acontecimentos que levaram a conflagração da guerra em 1914, especialmente, sobre a evolução militar e econômica da Alemanha logo após a guerra Franco-Prussiana. Simplício Mendes analisa, que depois da ascensão do Chanceler Otto Von Bismarck na Alemanha, e a sua militarização iniciada no reino da Prússia, à o início de uma nova etapa na história das nações modernas e de suas relações, provocados pelo militarismo que emergiu na Europa, onde as nações começaram a investir e modernizar suas estruturas e materiais bélicos com um objetivo de segurança nacional. Para o intelectual, todo o contexto que vivenciava o continente nos anos pré-1914, foi provocado pelo imperialismo alemão e sua unificação, que transformou o país uma das mais respeitadas potências europeias e internacional.

---

[108] GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado: 1549-2003*. Teresina: Halley S.A Gráfica e Editora, 2003. p. 261.
[109] Ibid. p. 261.

Entretanto, ainda faz uma reflexão sobre as ideias político-militares promovidas pela Alemanha que, segundo o mesmo, atraiu os olhares dos outros países influenciando-os rumo a militarização. Sendo assim, em sua concepção, foi com Bismarck que iniciou a era da militarização, dos grandes armamentos e, principalmente, das alianças entre os países, que para ele, foi o principal motivo que resultou na eclosão mundial de 1914. Entretanto, todo o militarismo e ambições da Alemanha viria a despertar um sinal de alerta em outras potências europeias, principalmente na Rússia, que foi buscar uma aliança com o principal rival alemão, a França, enquanto os alemães na intenção de equilibrar seu poder com o de seus rivais, aproximou-se e fez aliança com a Áustria-Hungria. Nesta mesma edição, outro intelectual piauiense também expressou sua opinião sobre o contexto europeu no ano de 1914. Com o título *Como eu entendo a Guerra*, Agenor de Miranda[110] escreveu que:

> Os acontecimentos que se desenrolam na Europa, não podem deixar de ser considerados do ponto de vista da disputa da supremacia comercial entre as maiores nações do mundo porque, como vemos, às da velha Europa, já se uniu a maior potência militar asiática, e outra – a americana, - com olhos pacifistas, procura um pretexto, certamente, para tomar parte na luta desigual que tende a aniquilar o maior povo da Europa. A luta não se teria travado nunca entre a França e Alemanha, para a reivindicação dos territórios perdidos por aquela em 1870 se a Inglaterra, não podendo mais sustentar o seu princípio naval do "twor prouvers standar" não se deixasse astutamente arrastar pela fina diplomacia de Paris ao papel de aliança, para ser o braço forte da Tríplice Entente. A França, mesmo aliada a Rússia nunca se bateria com a Alemanha, e sobre este ponto os últimos fatos não deixam dúvida a respeito. (...).
> No outro lado, no correr do mesmo século, um povo refletido se une, constituindo uma nação forte, professando as verdadeiras teorias modernas do progresso; e, pelas circunstâncias do meio em que emergia, teve a imperiosa necessidade de aliar à grande atividade pacífica das manufaturas a atividade guerreira das casernas. Assim formou-se o grande povo da Alem1anha, prolífero e diligente, criando em terras pobres e limitadas uma expansão tão compassada e seguro que só o imperialismo criado nos tempos da antiga Roma, por Lucullus, poderia comporta-la. Os povos não aparecem sem um guia, e o Kaiser representando nos seus vinte e seis anos de governo todo o espírito germânico de seu povo, deu um brilho extraordinário ao império criado por Bismarck. (Teresina 04-09-1914).[111]

Através da opinião de Agenor de Miranda, compreendemos que o mesmo enxerga a guerra europeia como causa da busca pela supremacia comercial mundial, principalmente pelos países do velho mundo, onde as principais potências europeias da época, sendo elas; Alemanha, França e Inglaterra se organizaram em duas frentes de disputas, a "Tríplice Aliança" e "Tríplice Entente", onde cada grupo contou com o apoio de poderosas potências da América e Ásia, se referindo aos Estados Unidos da América e a Rússia. O mesmo argumenta que o cenário político europeu no ano de 1914 é decorrente das disputas territoriais da guerra Franco-Prussiana de

[110] Agenor Augusto de Miranda, foi Engenheiro Civil. Historiador. Agropecuarista. Fundou, no município de Santa Filomena (PI), a Companhia Pastoril, Agrícola e Industrial do Piauí. Dirigiu por muitos anos o Distrito Telegráfico do Piauí (1914-1920). Fonte: GONÇALVES. op. cit., p. 262.
[111] MIRANDA, Agenor de. *Como eu entendo a Guerra*. Jornal Diário do Piauí, 6 de setembro de 1914, n° 204, p. 1.

(1870-1871), e também pelo fato da Inglaterra ter visto o crescimento naval da França logo após o conflito, como uma ameaça a sua supremacia naval. Além disso, o mesmo ressalta o crescimento econômico e militar da Alemanha que, com o desejo de tornar-se uma superpotência desenvolveu fortes teorias de modernização e progresso, através do imperialismo do *Kaiser* Guilherme II inspiração nos grandes feitos e ambições do antigo Chanceler Otto Von Bismarck.

Todavia, *Kaiser* ao dirigir a Alemanha até a Primeira Guerra Mundial, "impulsionou as indústrias e a lavoura, o comércio e a navegação, as ciências e as artes, e como elemento indispensável a tanto brilho que provoca suspeita e animosidade, surgiu o formidável poder militar dos alemães",[112] que na concepção do intelectual, foi sustentado pela disciplina dos quartéis germânicos, impulsionando a ordem e admiração dos seus pares por prazer ou interesse. Por conta disso, "os ódios explodiram, e tornou-se preciso refrear o surto da Alemanha",[113] todo o seu crescimento era visto como um sinal de alerta por outras nações, onde algumas se rebelaram contra a mesma na intenção de contê-la. Portanto, Agenor de Miranda ao finalizar sua análise faz críticas ao Império Alemã, pois esta nação não poderia ser vitoriosa esmagando e destruindo países desesperados, mas o nome de Kaiser Guilherme II ficaria marcado na História da humanidade como o líder que guia, ilumina e inspira seu povo rumo ao espírito inteligente do progresso, e só um trágico destino ou acidente de percurso poderia arrastá-lo para surpresa de uma decepção perante suas ambições. E o destino assim o fez.

2.2 A contribuição da historiografia sobre o conflito

Ao analisar a evolução dos estudos na área da história militar e das Forças Armadas do Brasil, percebemos que logo nos primeiros anos do século XXI, as abordagens no campo foram reformuladas, ganhando novas perspectivas e conjunturas. No Brasil, durante muito tempo, essa área foi tratada como um campo complementar ou subjacente dos estudos de história política no país. A maioria dos trabalhos partiam de uma discussão na qual analisavam a atuação dos militares na vida política do país e suas relações com os civis, deixando meio que de lado a análise e discussões a respeito da conjuntura de seu corpo institucional e hábitos. Sendo assim, surge no campo a necessidade de investigação dos traços e identidades daqueles que compunha o corpo militar, a forma de agir de seus membros e a maneira que se relacionavam com os civis no mundo fora da instituição.

---

[112] MIDANDA. op. cit., p. 1.
[113] Ibid. p. 1.

Durante muito tempo, os militares foram categoria muito importante e ativa na política brasileira, pois desde meados do século XIX, sobretudo, logo após a proclamação da república, em que foram protagonistas o Marechal Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, iniciaram um longo período na nossa história recente com diversos mandatos de presidentes militares, tanto na república como posteriormente na ditadura civil-militar e também no atual cenário brasileiro, onde o presidente da república é militar aposentado das Forças Armadas. Entretanto, durante o século XX os estudos no campo da história militar sofreram impactos significativos no desenvolvimento de sua disciplina, pois a mudança de paradigma provocada principalmente pelo advento da Nova História Cultural proposta pela Escola dos *Annales*, vai possibilitar ao historiador uma ampliação nos seus objetos e olhares, ocasionando no campo momentos de elevada produção e baixa produção.

Nesse sentido, percebemos que no Brasil os militares sempre foram ligados à política, principalmente no âmbito nacional. Deste modo, os estudos no campo da história militar se apresentam de suma importância, pois esse campo da história era estigmatizado porque era uma história dos grandes líderes, das grandes guerras e estruturas, ligada a antiga história política, e com a Nova História Militar isso mudou, surgem novos objetos e problemáticas que antes eram renegados. Sendo assim, buscaremos neste artigo traçar um balanço historiográfico referente a trajetória da Nova História Militar no Brasil, buscando compreender o desenvolvimento e abordagens do campo em caráter nacional e regional.

Durante muito tempo, é perceptível que os estudos no campo da história militar direcionavam seus olhares apenas nas abordagens da guerra. Ao falarmos do desenvolvimento da área enquanto disciplina, percebemos que seu crescimento se deu pela preocupação com as batalhas, campanhas militares ao redor do mundo e sobretudo, pela busca de entendimento das estratégias de e táticas de guerra, enquanto o caráter institucional, sua influência social e econômicas eram negligenciados por aqueles que se dedicavam a estudar a área, sendo assim, para Mancuso, primordialmente, a história militar exercia uma função didática aos oficiais do exército, que deveriam aprender com as experiências do passado. Sendo assim, o desenvolvimento do campo e sua consolidação enquanto disciplina, ocasionaram na mudança de olhares que se voltavam especialmente para os estudos das batalhas e guerras, irão voltar os olhares para aspectos influenciados pela mesma, como aspectos constitucionais, diplomáticos, sociais e econômicos.

Com o advento das perspectivas históricas desenvolvidas pela Escola dos Annales na França, e de outras escolas como a marxista, que consideravam como eventos importantes a análise das estruturas sociais, a história política e militar por serem consideradas tradicionais,

passam a ser segundo plano, se destacando os estudos sobre a história econômica e social. Essa crise no campo da história militar, que chegará a ser considerada como "disciplina sem interesse" foi também influenciada pelo fim da Segunda Guerra Mundial, onde os estudos sobre as batalhas eram considerados a parte mais decadente, por conta desses fatos, a história militar durante muito tempo foi abandonada pela academia, ficando restrita aos meios militares. Por conta disso, houve um distanciamento entre a academia e os arquivos das forças armadas, que ficaram cada vez mais restrita para os pesquisadores de fora da instituição. Nesse sentido, Mancuso, afirma que:

> Ainda assim, paulatinamente, o estudo da guerra e da história militar vem passando por um processo de renovação e revalorização, sendo possível mesmo afirmar que agora a história militar começou efetivamente a escapar da influência de seus praticantes do século XIX e início do século XX, que tendiam a ser militares escrevendo para outros militares.[114]

Antes de sua renovação, os estudos sobre a história militar estavam consolidados dentro das instituições militares, pois aqueles que as praticavam, estavam preocupados em analisar suas falhas e melhoramento de táticas de guerra, se importando em não cometer determinado erro que comprometesse a instituição. Nesse sentido, percebemos que era uma história com olhares voltados para a própria instituição, onde destinavam apenas preocupações com a formulação de guias para guerras do futuro e aperfeiçoamento de planos e estratégias. Com essa renovação, a história militar voltou seus olhares para questões que relacionavam a instituição com a sociedade, deixando assim, as batalhas como algo complementar da história e não como acontecimento principal da análise, podendo também ser observados os eventos sociais provocados pelas batalhas. Entretanto, essa nova vertente possibilita que o historiador da Nova História Militar se debruce por novas correntes de produção para além do *front* de guerra, abordando aspectos econômicos, sociais, culturais e também impactos distantes de territórios em combates. Como ressalta Mancuso:

> Essa corrente de renovação histórica, que ficou conhecida como Nova História Cultural, beneficiou o estudo da história militar e seus historiadores têm obtido sucesso na elucidação de tópicos que eram negligenciados por seus antecessores". Essa revolução no modo de fazer história foi fator determinante para história militar, pois possibilitou uma interdisciplinaridade com outras áreas de estudo, além de diversificar o leque de fontes e objetos de análise.[115]

É por conta dessa corrente de renovação provocada pela Escola dos *Annales* com a Nova História Cultural, que o campo da História militar passou a renovar seus métodos e fontes, além disso, o campo de batalha deixa de ser estudado isoladamente, sendo acrescido a ela a

---

[114] MANCUSO. Amanda Pinheiro. *HISTÓRIA MILITAR: Notas sobre o desenvolvimento do campo e a contribuição da História Cultural*. In: História em Reflexão, 2008. p. 4.
[115] Ibid. p. 4.

desenvoltura social, como o impacto nas finanças e as mudanças provocadas na sociedade pela mesma. Essa revolução provocada por esse novo modelo de fazer história, beneficiou principalmente a história militar, pois a possibilitou adentrar em instituições tanto civis como militares e se utilizar de fontes e documentação que anteriormente eram negligenciadas, especialmente no Brasil, por conta da censura e estabelecida no período compreendido como Ditadura Civil-Militar 1964-1985, onde principalmente as forças armadas, protagonista do período, mantinham uma política institucional ortodoxa, fechada com seus princípios e que pouco dava abertura para a sociedade civil, o que pode ser percebido até hoje.

Essas reflexões, foram também discutidas e reformuladas logo nos primeiros anos do século XXI, sendo lançada no ano de 2004 quando se completaram 40 anos do golpe de 1964, organizado pelos historiadores Celso Castro, Victor Izecksohn e Hendrik Kraay. O livro *Nova História Militar Brasileira* oferece ao público leitor, principalmente ao historiador/pesquisador Militar, o resultado de diversas pesquisas recentes sobre a história da instituição militar no Brasil, que tem como intenção divulgar as novas perspectivas de pesquisa e abordagens sobre o tema. É nesse sentido, que a obra irá apresentar um apanhado do que hoje é chamado nova história militar, baseado nos termos acadêmicos estadunidenses. Ao iniciarem a problematização, os autores retomam algumas ideias expostas no artigo escrito pelo naturalista alemão Karl Friedrich Philip Von Martius, que foi publicado no concurso promovido pelo IHGB no qual o mesmo venceu, com o seguinte tema *Como se deve escrever a história do Brasil*, onde pontua uma longa lista de tópicos que mereciam a atenção do instituto, precisamente no intitulado *Os Portugueses e sua parte na História do Brasil*.

Neste tópico, Von Martius argumenta que os portugueses ao chegarem no Brasil, encontraram os índios em pequenos números e em condições de subjeção a suas honras. Entretanto, para Martius (1845: 389) “estes exerceram sobre os colonos uma influência negativa tão somente, por quanto só os forçam a acaustelar-se contra as suas invasões hostis, e por isso criaram uma instituição singular de defesa, o *Sistema das Milicias*”. Essa concepção de bárbaros, incivilizados e hostis direcionada aos índios, é também ressaltada por Caio Prado Júnior nas suas reflexões em *Formação do Brasil Contemporâneo*, quando aponta o “gentio” como um dos principais problemas da colonização portuguesa, principalmente por sua agressividade. Nesse sentido, na concepção de Martius, esse sistema de milícias desempenhava funções importantes para expansão da colonização, pois fortaleciam e asseguravam os objetivos principais da coroa portuguesa, como a exploração de matérias primas, além de possibilitar a extensão do domínio português no território da colônia. Por outro lado, possibilitavam o desenvolvimento de milícias livres em algumas localidades, além da exaltação de alguns

cidadãos em oposição as autoridades governamentais ou ordens religiosas. Mas, diferente desses fatos, também garantiu o sucesso das organizações portuguesas contra invasores no território da colônia, como holandeses, franceses e espanhóis.

Assim sendo, é interessante notar que já no início da colonização, onde o Brasil ainda nem havia se constituído enquanto nação, sendo apenas uma extensão da expansão marítima portuguesa no Novo Mundo, o despertar de uma organização que no decorrer da colônia viria a influenciar a criação de organizações como as Ordenanças, que constituíram os escalões territoriais das forças militares de Portugal na colônia, e também na criação da Guarda Nacional em 1831, durante o período regencial, que viria a extinguir essas ultimas. Ainda nessa linha de concepção de Martius, os portugueses que colonizavam o Brasil, pelo fato de estarem longe de Portugal então sede da coroa, não contavam com os benefícios de proteção do rei, por conta disso, os colonos dificilmente se desapegavam das armas, para quando for preciso estarem prontos para o combate, seja contra a ameaça indígena ou ameaça de invasão estrangeira. As armas serviram também para a exploração dos diferentes pontos do litoral, onde a colonização primeiro se estabeleceu, podemos perceber isso quando Caio Prado Júnior, ao analisar os diferentes motivos para dispersão do povoamento pelo território brasileiro, diz que:

> Vários fatores determinaram esta dispersão do povoamento. O primeiro é a extensão da costa que coube a Portugal na partilha de Tordesilhas, o que obrigou, para uma ocupação e defesa eficientes, encetar a colonização simultaneamente em vários pontos dela. Foi tal o objetivo da divisão do território em capitanias, o que de fato, apesar do fracasso do sistema, permitiu garantir à coroa portuguesa a posse efetiva do longo litoral.[116]

E que posteriormente contribuiu para o estabelecimento da civilização europeia no interior do continente, onde segundo Martius "ninguém conheciam acima de si, venciam os índios a força d'armas, ou induziam-nos com astucia para servi-los",[117] principalmente na busca pelas "minas gerais" pelo bandeirismo e pela catequização promovida pela companhia de jesus (os jesuítas), na catequização dos índios. Feita essa análise, entendemos que para compreender o desenvolvimento do campo da história da forças armadas ou se preferir, da história militar, temos que voltar aos primórdios de nossa colonização e perceber como se constituiu suas primeiras corporações, como ressalta Martius "quero indicar que o período da descoberta e colonização primitiva do Brasil não pode ser compreendido, senão sem seu nexo com as façanhas marítimas, comerciais e guerreiras portuguesas, que de forma alguma pode ser

---

[116] PRADO JR. Caio. *Formação do Brasil contemporâneo.* São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 37.

[117] MARTIUS, Carl Friedrich Phillip Von. *Como se deve escrever a história do Brasil. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 6 n. 24, jan. 1845. p. 390.

considerada fato isolado da história desse povo ativo".[118] Sendo assim, a análise do desenvolvimento das instituições militares brasileira, tem que fazer-se em conformidade as bases iniciadas pelos colonos portugueses no território nacional, justamente pelo fato das mesmas terem tido influência na política e comércio na Europa, o que não foi diferente no Brasil, principalmente no período imperial.

Dito isso, é interessante perceber que as nossas instituições são moldadas tendo como referência as europeias, como ressalta Martius "uma tarefa de sumo interesse para o historiador pragmático do Brasil será mostrar como aí se estabeleceram e desenvolveram as ciências e artes como *reflexo* da vida europeia",[119] no entanto, chama atenção para o olhar do historiador brasileiro, o qual deve ter uma visão apurada sobre os fatos para perceber como esse processo de dissolução das instituições e artes se disseminam pela colônia e império do Brasil, moldando as que se constituem hoje, onde podemos também levar essa concepção para as pesquisas sobre desenvolvimento do campo da História militar. Entretanto, não foge ao interesse dos novos pesquisadores do campo da história militar e das forças armadas conhecer os processos que constituíram e desenvolveram a instituição que hoje estudamos e ampliar suas fontes, olhares e métodos, bem como problemáticas, mesmo que essas bases precisem ser buscadas em suas raízes europeias e frutos de uma colonização/exploração desenfreada. Isso foi percebido por Martius ao escrever a sua celebre tese, quando ressalta:

> Enfim, pertence também a *Vida Militar* em Portugal aos assuntos de um perfeito quadro histórico. Qual a maneira e modo empregados no recrutamento, instrução, comando e serviço do exército, os princípios estratégicos, segundo os quais se deveria proceder no Brasil, um país tão diferente da Europa: tudo isso deve ser tomando em consideração em uma história pragmática do país.[120]

Deste modo, podemos perceber através da citação que deveria haver o conhecimento sobre como era exercida a vida militar em Portugal para poder ser refletida no Brasil. Alguns aspectos, como: a maneira empregada no recrutamento, princípios estratégicos entre outros que deveriam, segundo Martius, ser exercidos/pensado no Brasil. Sendo assim, para Castro, Izecksohn e Kraay "de fato, Martius ensaiava um alargamento da história militar que cobrisse um espectro mais amplo das relações envolvendo as Forças Armadas e a sociedade".[121] Mas por outro lado, há o reconhecimento por parte destes pesquisadores, que a cultura militar portuguesa não poderia ser simples transferida para o Brasil sem modificações, tomando como

---

[118] MARTIUS. op. cit. p.391.
[119] Ibid. p. 394
[120] Ibid. p. 395.
[121] CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Victor; KRAAY, Hendrik. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2004. p. 12.

base às análises feita por Martius e Johann Baptist Von Spix, pelo fato das instituições militares europeias terem sofrido modificações bruscas no chamado Novo Mundo. Nesse sentido, a obra organizada pelos autores citados acima, irá promover uma reformulação nas abordagens feitas pelos estudos das Forças Armadas no Brasil, trazendo o resultado de diversas pesquisas recentes no campo. O foco aqui não é necessariamente aquilo que se denominava ou entendia como a tradicional *História Militar*, onde davam importância as abordagens das táticas de guerra e grandes batalhas, como também dos grandes nomes e principais figuras militares, algo que ficava muito centrado a *front* de guerra.

Outra obra clássica da historiografia brasileira, posterior a de Martius, que também podemos colocar como grande aporte para a renovação dos estudos da história militar brasileira, foi a obra *História Geral do Brasil* escrita entre os anos de 1854 e 1857 por Francisco Adolfo de Varnhagen, que também foi Visconde de Porto Seguro. Esta obra foi encomendada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a qual ficava sob os anseios de Dom Pedro II, então Imperador do Brasil. Mas, a contribuição por parte desse intelectual deu-se principalmente em *História das lutas com os Holandeses, desde 1624 a 1654*, precisamente no capítulo *História das Lutas* ao debruçar-se sobre a história das guerras no período colonial brasileiro, principalmente na mais famosa delas; as guerras holandesas travadas na Bahia. Varnhagen molda através de narrativas e memorias, aquilo que viria a ser reformulado pela nova história militar brasileira, no que diz respeito a fontes e metodologia, além da abordagem relevante do conflito, contribuindo e desencadeando os estudos daquilo que viria a tornar-se uma área ou campo especifico de estudo, a qual conhecemos como *nova história militar brasileira*. Ao utilizar-se de cartas e anotações com memórias deixadas pelos jesuítas da Companhia de Jesus e enviadas aos seus representantes em Roma, Varnhagen vai construindo sua narrativa sobre as invasões holandesas na Bahia e Pernambuco com documentos do século XVI, onde ao ressaltar estes, fala:

> Entretanto, os Holandeses pernoitavam no forte do mar e no convento de S. Bento, fantasiando, por sua parte, os perigos que ainda teriam que passar no ataque da cidade, que reservava para a manhã imediata. Ouçamos agora o que nos diz uma testemunha presencial, cujo conceito não é dado pôr em dúvida. São palavras do Padre Antônio Vieira na "Anua da Provincia do Brasil", mandada ao geral da Companhia de Jesus em Roma, e datada da Bahia a 30 de Setembro de 1626, diz assim: "Tanto que o sol saiu em 10 de maio, julgando os Holandeses da muita quietação da cidade estar sem defensores, deliberaram-se a entrar, e entraram, não sem receio de algumas ciladas; mas a cidade, ou por melhor dizer, o deserto, lhes deu entrada franca e segura, indo logo tomar possa das casas reais, onde estava o governador, desamparado de todos, e acompanhado só de um filho e três ou quatro homens. – Preso estes, e postos a recado no almirante, cobraram todos os despojos, que tanto mãos lavadas lhe ofereciam liberalmente as casas com as portas abertas, tudo roubam, a nada perdoam; empregam-se no ouro, prata e causas de mais preço, e despedaçando o mais, o deitam pelas ruas, como a quem custara tão pouco". A singela narração de Vieira é apoiada por uma

> representação oficial feita por várias autoridades inimigas, em 31 de agosto desse mesmo ano de 1624, em que dizem que o governador "fora encontrado em sua casa, com um seu filho e outros, queixando-se da falta de auxílios dos seus".[122]

Arno Wehling, que desde 1996 é presidente do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), em um artigo intitulado *A pesquisa da história militar brasileira* ressaltou que, ao lidarmos com os estudos sobre história militar devemos nos atentar ao fato de que "história da guerra" não é linear e universal, assim como a própria história. Nesse sentido, argumenta que "o referencial histórico-antropológico, portanto, alerta-nos sobre a relatividade sobre o fenômeno de guerra em relação às culturas, bem como à relatividade da consciência em cada uma delas".[123] Em outras palavras, a historicidade vai variar de acordo com sua temporalidade e possuir diferente significado nas diversas culturas presentes na humanidade. Sendo assim, a revolta dos Malês conduzidas por escravos de Salvador ou a guerra do Paraguai por soldados brasileiros, não possui o mesmo significado que para os soldados que combateram na Primeira Guerra Mundial, cada uma está inserida em sua perspectiva histórica. Ao refletir sobre o modelo historiográfico em que a história militar era inserida, argumenta que:

> Nesse modelo historiográfico, em que se associam frequentemente as influências de Ranke e Clausewitz, a historiografia militar produzia-se em obras próprias ou em temas inseridos na historiografia política, segundo o padrão interpretativo do historismo. Isso significava a recepção crítica dos estudos históricos anteriores, sem a admissão do *argumento de autoridade*, a crítica das fontes documentais, o estabelecimento dos textos e a interpretação do processo histórico por meio de procedimentos hermenêuticos. Os temas militares subordinavam-se a dois tipos de inserção nessa historiografia: a da "história batalha*" tout court*, quando a descrição e a análise giravam em torno dos eventos propriamente ditos, de que talvez seja mais emblemática a bibliografia sobre Waterloo; e a da história militar no contexto da história política, a qual acabava por tornar-se, dada à preeminência muitas vezes dada àqueles temas, ela própria uma "história batalha" *lato sensu*. A esta acepção referia-se a crítica de Lucien Febvre contra a "história batalha", ou seja, uma história de acontecimentos políticos fortemente dimensionada pelos eventos militares. A própria obra de Ranke, em muitos aspectos, pode ser considerada neste quadro, como no Brasil as de Varnhagen, Rio Branco e Calógeras ou na Argentina a de Bartolomeu Mitre.[124]

Entretanto, na concepção de Wehling essa historiografia contribuía fortemente para construção da memória nacional dos países, bem como na identificação de lugares emblemáticos, campos de batalhas e a construção de heróis da pátria. Entretanto, mesmo que nas últimas décadas do século XIX o historismo ainda permanecesse forte em alguns setores da historiografia, sobretudo na história militar, veio a ser substituída por novas tendências cientificas, como marxismo, evolucionismo e positivismo. Sendo assim, "Derivada da

---

[122] VARNHAGEN. Francisco Adolfo. *História das lutas com holandeses, desde 1624 a 1654.* São Paulo: Cultura, 1943. p. 70-71.

[123] WEHLING. Arno. *A pesquisa da História Militar Brasileira.* In: *Revista da Cultura*. Rio de Janeiro: Exército Brasileiro, ano I, n°1, jan/jul 2001, pp. 35-41. p. 37.

[124] Ibid. p. 37-38.

epistemologia newtoniana, a historiografia do cientificismo, preocupada com o encontro de leis sociais e com o uso de métodos emprestados às ciências naturais, deu importância relativamente menor ao estudo dos fenômenos militares".[125] Portanto, há o entendimento por parte dos estudiosos do campo, que não é possível fazer uma história das Forças Armadas sem alinhamento com a sociedade civil, melhor dizendo, seria uma abordagem antiquada tratar da história militar como algo inerente da história da sociedade. Aqueles que compunham as Forças Armadas não poderiam ser vistos como sujeitos a parte da sociedade brasileira, havia que ter uma reformulação no sentido de buscar o entendimento de como se davam o recrutamento da sociedade civil, na qual os soldados e oficiais são recrutados. Nesse sentido, a sociedade civil é colocada como pilar da conjuntura das Forças Armadas e, com isso, passa a ser colocada como parte central da denominada *Nova História Militar Brasileira*, bem como os novos métodos empregados para análise, o alargamento das fontes e documentação. Sendo assim, há uma superação/revitalização por parte dos intelectuais do campo em desapegar da tradicional história militar, que davam prioridade ao estudo da doutrina, ciência e arte de guerra, que acabava por enaltecer as grandes figuras e heróis como peça central da história.

No que se refere a obra organizada por Celso Castro, Victor Izecksohn e Hendrik Kraay, como os mesmos ressaltam, "seu foco não é aquilo que geralmente se entende por "história militar" – o estudo das batalhas, táticas e principais figuras militares. Pelo contrário, encontra-se naquilo que na América inglesa foi denominado, já há algum tempo, a "nova História Militar" – mas que hoje dificilmente poderia ser considerada nova".[126] Os estudos divulgados na obra, como já foi dito, irão dar notoriedade a assuntos que eram desprezados anteriormente pelo campo, percebemos assim uma retrospectiva do desenvolvimento da história militar brasileira, desde seus primórdios no século XIX à suas novas feições atingidas no início do século XX e também nos dias atuais. Pormos ver isto melhor, quando os autores ressaltam que:

> Os capítulos aqui apresentados relacionam a preparação para guerra às características da economia, da política e da cultura onde esses oficiais e soldados estavam imersos. Não se pretende reduzir a compreensão da instituição militar a fenômenos sociais de outra ordem, que a determinariam, e sim prestar grande atenção à *interação* entre Forças Armadas e Sociedade. Essas pesquisas estudam a origem social, os vínculos de sociabilidade, as operações formais e informais das hierarquias, os sistemas de progressão e punição operante nos quartéis e destacamentos espalhados pelo país. Estudam também as ocasiões em que as Forças Armadas entraram em combate: as poucas guerras externas, a participação no processo de unificação territorial, a formação dos oficiais e os episódios de violência coletiva, especialmente as revoltas. Finalmente, se debruçam sobre questões de gênero, incluindo a identidade masculina, o homossexualismo e a participação de mulheres nos contingentes.[127]

[125] WEHLING. op. cit. p. 38.
[126] CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY. op. cit. p. 12.
[127] Ibid. p. 12-13.

Através da passagem, percebemos o caráter assumido pela *Nova história militar brasileira*, chamando a atenção especialmente para a revitalização do campo em abordar novas questões, como "gênero", "homossexualidade" e a participação das "mulheres" nas corporações militares, algo atípico nos tradicionais estudos da área. Anterior a esta renovação do campo, o que víamos nos tradicionais estudos militares, era as mulheres renegadas na participação dos grandes fatos/feitos nas narrativas, sendo vistas apenas como sujeitos subjacentes ou complementares dos acontecimentos históricos, nunca como peças centrais ou responsáveis por determinar o curso de acontecimentos. Ao analisar trabalhos com os moldes propostos pela nova história militar brasileira, podemos perceber na obra *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos...: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a Guerra do Paraguai, 1865-1866* do historiador e pesquisador Johny Santana de Araújo, em uma celebre narrativa sobre a participação de soldados piauiense na Guerra do Paraguai, dará notoriedade à uma mulher chamada Antônia Alves Feitosa, que ficou nacionalmente conhecida pelo seu apelido de Jovita.

Nessa abordagem, o autor toma como ponto de partida a estratégia utilizada pelo governo provincial e imperial, em utilizar a imagem de Jovita Alves Feitosa como voluntária para Guerra através dos jornais que circulavam na província do Piauí e nos da corte. Na perspectiva narrada pelo historiador, Jovita tornou-se uma espécie de referência da propaganda do governo imperial, na tentativa de promover o alistamento de civis para guerra. Toma como análise a estratégia do governo em propagar através da imprensa a imagem de "voluntaria da nação", com a intensão de fortalecer a procura pelo alistamento militar e conseguir seu objetivo principal, que seria o de formar um exército forte e que pudesse fazer frente a ameaça paraguaia. Segundo o pesquisador, Jovita Alves Feitosa era cearense e teria se apresentada como uma desconhecida no Piauí, porém, no momento de seu alistamento no corpo do exército, logo foi descoberta. Podemos ver esses fatos, através do relato do autor, que diz:

> No que se refere a mobilização propriamente dita, os jornais começaram a fazer divulgação do surgimento de voluntários, quando não acontecia à própria apresentação deles à sociedade, como forma de incentivar o discurso de mobilização. Foi assim que, no início de 1865, um dos maiores objetos de propaganda da mídia jornalística naqueles dias de mobilização apareceu. Era a voluntária Jovita Alves Feitosa, que seguiu viagem para a guerra com os 460 praças do 2° Corpo de Voluntários do Piauí, futuro 39° Corpo de Voluntários da Pátria. Jovita Alves Feitosa, de dezessete anos, era uma jovem cearense de família simples. Vestida de homem, cortou os cabelos e apresentou-se, incógnita no Piauí, alistando-se, mas foi logo descoberta. Na feira, uma cabocla logo observou que o rapaz do Ceará tinha as olheiras furadas; curiosa apalpou-a; e saiu gritando que aquele rapaz era mulher. Prenderam-na, e o chefe da polícia a interrogou. Chamava-se na verdade Antônia Alves Feitosa e tinha por apelido Jovita. Ela virou notícia e sua história chegou aos jornais. Ela havia sido engajada pelo então presidente da província do Piauí, Franklin Américo de Meneses Dória, que muito certamente lembrara-se de Maria Quitéria, na

> Guerra de independência. Sua imagem foi exaustivamente trabalhada pelos jornais, tornando-se comentário de diversos observadores.[128]

Podemos perceber diante desta passagem feita pelo autor, uma apropriação do governo em usar a imagem da voluntária Jovita Alves Feitosa para promover o alistamento militar, também notamos a quebra de paradigma diante da tradicional abordagem feita pela história militar, onde o autor dará notoriedade a imagem de um sujeito pouco frequente diante das narrativas militares, a figura de uma mulher. Notamos que o acontecimento foi tido como atípico por diversos setores da sociedade, principalmente na imprensa, onde reservou uma grande cobertura e divulgou o acontecimento, que virou assunto conhecido na maioria do território do império. A abordagem feita pelo autor, enaltece a imagem da figura de uma mulher como fator determinante na mobilização para uma guerra, algo atípico das tradicionais obras sobre história militar. Nesse sentido, o historiador além de colocar-se no cenário nacional enquanto intelectual adepto da então chamada *nova história militar brasileira,* será o principal pesquisador da temática no Piauí.

A presença da mulher no corpo militar não era permitido nessa época e durante boa parte da história do Brasil, vindo a ter sua primeira presença oficialmente em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial onde foi enviado mais de 70 enfermeiras, se dividindo entre enfermeira hospitalares e especialistas em transportes aéreos para ajudar quatro diferentes hospitais americanos, depois desse fato, veio a tornar-se algo natural e de carreira apenas no ano de 1992, quando a então Escola de Administração do Exército, que atualmente é conhecida como Escola de Formação complementar do Exército, com sede em Salvado na Bahia, formou a primeira turma com 49 mulheres de diferentes áreas, como magistério, administração, jornalismo e etc., que ingressaram depois de prestarem concurso público. Nesse sentido, o autor enfatiza a permanência de Jovita Alves Feitosa no 2° Corpo de Voluntários do Piauí, que embarcaria de São Luís do Maranhão para o Rio de Janeiro mesmo depois da descoberta de sua sexualidade feminina, tornando-se famosa por tal façanha e bravura, alcançando o *status* de heroína da nação, sendo motivo central de matérias jornalísticas, festas em sua homenagem e alvo de admiração de um elevado número de pessoas. Sendo assim, essa obra coloca a figura da mulher como fator determinante na mobilização para Guerra do Paraguai, como também dentro das novas perspectivas, conceitos e abordagens propostos pela *nova história militar brasileira*.

---

[128] ARAÚJO, Johny Santana de. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos... A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai*: – 2. Ed. – Teresina: EDUFPI, 2015. p. 103-104.

Contudo, para os organizadores da *Nova História Militar Brasileira* o desenvolvimento do campo no Brasil, deve-se muito as memórias pessoais e trabalhos de viés literários que predominaram durante as primeiras memórias da história militar durante boa parte do século XIX. Na concepção dos autores "vários participantes da Guerra do Paraguai - o mais longo e sanguento conflito enfrentado pelo Brasil – publicaram memórias que são ainda fontes inestimáveis".[129] Os autores citam diversas obras escritas em cunho literário, histórias de campanhas militares, estudos geográficos e memória, sua grande maioria produzidos por estrangeiros na qual ao observarem os entrelaçados do Império do Brasil e também o desenrolar da Guerra do Paraguai, acabaram por contribuir para o despertar e desenvolvimento do campo. Sendo assim, compreendemos a importância da Guerra do Paraguai na contribuição para modelagem da história militar brasileira, pois sendo o maior conflito já travado pelo Brasil, foi narrado por diversas perspectivas desde seus contemporâneos até os dias atuais, como bem ressalta Castro, Izecksohn e Kraay (2004: 14) "numerosos estrangeiros que atuaram como observadores da Guerra do Paraguai fizeram contribuições significativas à história militar do Brasil, as quais, no caso de George Thompson e Max von Versen, ensejaram um vivo debate".

No despertar da década de 1990, a história militar brasileira passava por uma reformulação conceitual que, como já citado anteriormente, possibilitou uma remodelagem nos olhares e fontes de pesquisa. Isso se deu também, pela influência da chamada História Nova, na qual os *Annales* apresentaram ao mundo um novo jeito de escrever a história; alargando os olhares, fontes e métodos de pesquisas e abordagem. No Brasil, alguns pesquisadores vão atribuir essa renovação da história militar a redemocratização de nosso sistema político, que com os anos de repressão provocado pelo regime militar de 1964-1985, sofreu severa censura com arquivos fechados, principalmente os do exército, impossibilitando-os de realizar uma maior abordagem sobre os estudos da instituição. Podemos compreender isto, quando Castro, Izecksohn e Kraay, ressalta que "por volta de 1990, uma influência da frutífera de democratização e maior influência da história social, da antropologia e mesmo das perspectivas pós-modernas sobre os estudos militares, propiciou a revisão da história militar que terminou por tornar possível este livro".[130]

Sendo assim, essa nova tendência possibilitou novas interpretações para antigas questões, atribuindo aspectos marxistas, pós-modernos, sociais, dentre outros conceitos e paradigmas históricos que atribuíram para novas visões sobre clássicos assuntos, então, mostra-se pertinente

[129] CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY. op. cit. p. 14.
[130] Ibid. p. 23.

uma análise sobre esses novos métodos, conceitos e fontes utilizadas para construção das novas pesquisas sobre a temática, principalmente depois que Castro, Izecksohn e Kraay ressaltar que "na década de 1990 e no início do novo milênio, a produção acadêmica brasileira sobre história militar foi capaz de simultaneamente forjar novas direções de pesquisas e promover novas interpretações para antigas questões".[131] O antropólogo Celso Castro, um dos organizadores do livro *Nova História Militar Brasileira,* fez parte da organização de uma outra obra anterior a esta citada, com o título *Ernesto Geisel,* juntamente com Maria Cecilia D'Araújo, na qual utilizaram-se da história oral para construção da narrativa, possibilitada por uma entrevista feita ao então ex-presidente militar Ernesto Geisel entre os anos de 1993 e 1995, vindo a ser publicada em 1997, um ano após sua morte.

Essa pesquisa foi realizada no CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), através de um importante acervo documental doado do arquivo pessoal de Ernesto Geisel por sua filha Amália Lucy Geisel. A obra contou amplamente com a utilização da história oral em entrevistas à diversos oficiais que participaram da repressão política ou que ocuparam cargos importantes durante o regime militar pós 1964. A pesquisa mostra-se extremamente importante, já que anterior a ela, não existia fontes disponíveis sobre a "versão militar" em relação ao regime, com isso, possibilitou uma maior assimilação sobre o pensamento daqueles que fizeram parte do regime ditatorial instaurado, além de evidenciar a dificuldade em identificar uma "memória militar" que fossem convergentes sobre o período. Nesse sentido, as entrevistas possibilitaram a identificação de memórias antagônicas e divergências entre os próprios militares. Sobre esse fato, ressalta os organizadores:

> Ainda em vida, durante o processo de realização da entrevista, Geisel nos havia prometido, em diversas ocasiões, que "um dia" seu arquivo seria doado ao Cpdoc. Depois de sua morte e da publicação da entrevista, Amália Lucy, historiadora e responsável pela guarda do acervo do pai, formalizou a doação. Os documentos encontravam-se guardados, em sua grande maioria, no sitio da família Geisel em Teresópolis. Fizemos várias visitas ao local, para colher e transportar o material para o Rio.[132]

A entrevista foi inteiramente revisada e alguns trechos reiterados pelo ex-presidente Geisel, fato que chama a curiosidade pela sua preocupação em manter a veracidade de suas palavras. Parte da entrevista encontra-se publicada no livro *Mario Henrique Simonsen: um homem e seu tempo,* na qual conta a história de alguns momentos impar da vida do então ministro da fazendo do seu governo, através de entrevistas. Entretanto, através das obras

---

[131] CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY. op. cit. p. 24.
[132] CASTRO, Celso; D'ARAÚJO, Maria Cecilia. *Dossiê Geisel*. – 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 9.

citadas, vemos que a história oral está firmando-se enquanto objeto de pesquisa e metodologia historiográfica, tornando-se forma de resgate histórico para produção textual nas abordagens do campo da nova história militar, além de possibilitar notória uma interação entre a memória e a história oral. Nesse sentido, ao direcionar mais a fundo nossos olhares para o desenvolvimento da história oral. Nesse sentido, para um maior entendimento do campo, destacamos a obra do intelectual e sociólogo britânico Paul Thompson, com o título *A voz do passado – história oral,* considerado um clássico na área, foi lançado em 1978 com grande contribuição ao método e teoria da história oral. Podemos entender a importância dos estudos feitos em *Ernesto Geisel* quando o ilustre teórico Thompson (1992), afirma:

> Nesse contexto, a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostra-se um método bastante promissor para a realização de pesquisas em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.[133]

No entanto, é importante ressaltar a capacidade do historiador em conseguir construir uma narrativa historiográfica através da relação com as fontes empíricas, as orais colhidas através das entrevistas, e seus conhecimentos sobre o tema abordado, caso perceptível nos autores citados. Sendo assim, no capítulo *A entrevista,* Thompson chama atenção à importância de o entrevistador conhecer bem sua pesquisa, pois "este vem para aprender e, de fato, muitas vezes consegue que as pessoas falem exatamente dentro desse espírito (...). Não obstante, o que se dá na verdade é que, em geral, quanto mais se sabe, mais provável é que se obtenha informações históricas importantes na entrevista".[134] Sendo assim, o testemunho torna-se importante principalmente no sentido de preencher com detalhamentos os eventos estudados, e "um controle semelhante dos detalhes pode ser estabelecido para uma entrevista de história de vida, no caso de o sujeito ser uma personalidade pública, ou um escritor, ou possuir documentos pessoais em quantidade suficiente".[135] Contudo, todas essas características são perceptíveis na conjuntura da obra acima analisada.

Feita tais abordagens, é interessante voltarmos nossa atenção também para as produções dos historiadores sociais da história militar, essa tendência no campo é necessária pois se debruça ao cotidiano dos soldados do exército e da marinha, construindo uma narrativa do que é conhecido hoje como uma "história vista de baixo". Seguindo essa vertente, para Castro, Izecksohn e Kraay "muito do que tem sido denominado "a nova história militar" na América

---

[133] THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 17.
[134] Ibid. p. 255.
[135] Ibid. p. 255.

inglesa enfatiza a vida cotidiana e as experiências pessoais dos soldados e marinheiros, tanto nos períodos de guerra quanto de paz".[136] Sendo assim, o trabalho desenvolvido por Victor Izecksohn denominado *Recrutamento militar no Rio de Janeiro durante a Guerra do Paraguai,* vai trazer uma abordagem sobre o impacto do recrutamento na sede da monarquia, além da análise de como ocorreu o recrutamento nos setores subalternos da sociedade, especificamente dentre os escravos/negros libertos, gerando revolta e descontentamento dos mesmos e de seus senhores. Ao falar do recrutamento, Inzecksohn ressalta:

> O alistamento de escravos e libertos durante as fases iniciais da guerra não foi numericamente significativo, mas ofereceu uma oportunidade para que alguns indivíduos pudessem escapar da escravidão, apesar dos sacrifícios da campanha e da chance de morrer em combate. Esses indivíduos foram em geral, alistados como substitutos, recrutados à força como qualquer recruta, ou fugiam para encontrar no Exército o que Hendrik Kraay definiu como o "abrigo da farda". Com uma composição fortemente multirracial era possível ao escravo interessado se misturar aos setores livres e pobres da população que normalmente eram o alvo preferencial do recrutamento.[137]

Nesse sentido, segundo as ideias expostas pelo autor, o que atrapalhou o recrutamento dos libertos no Rio de Janeiro para Guerra do Paraguai, foi a dificuldade imposta pelos proprietários de terra em conceder seus escravos, pois havia o receio por parte deles em não conseguir mais a posse destes, como também de ocasionar em uma crise no Estado Imperial pois, o Rio de Janeiro na época, era o maior centro agrícola do Brasil. Era lá que estavam a grande elite cafeicultora e açucareira do império, que constituíam o grande pilar da economia do país. Entretanto, para o autor "o governo provincial não tinha a intenção de apropriar do escravo e nunca os recrutou oficialmente sem que houvesse concordância com seu dono".[138] Nesse sentido, foram feitos diversos "apelos" pelo governo com a intenção de convencer os senhores a libertar alguns escravos para alistamento, mas "pouco desses apelos foram positivamente respondidos e praticamente nenhum o foi sem contrapartida" (...).[139] Entretanto, é interessante ressaltar que o autor se utiliza de fontes que hoje são muito comuns nas pesquisas historiográficas sobre história militar, sendo elas os relatórios governamentais dos presidentes e representantes de províncias.

Uma outra tendência proposta pelos historiadores sociais da nova história militar, é a narrativa proposta por Hendrik Kraay em *O cotidiano dos soldados nas guarnições da província da Bahia (1850-89),* um estudo que também envereda pela história política, pois

---

[136] CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY. op. cit. p. 27.
[137] INZECKSOHN. Victor. *Recrutamento militar no Rio de Janeiro durante a Guerra do Paraguai.* In: CASTRO, Celso (org). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro; FGV. 2004. p. 197.
[138] Ibid. p. 200.
[139] Ibid. p. 200.

aborda o processo de formação do Estado brasileiro onde irá traçar também uma análise sobre dia-a-dia dos soldados e suas relações com a sociedade civil no Brasil no século XIX. Nesse sentido, segundo Castro apud Kraay et al., (2004: 238) "os soldados podem ter sido um grupo desordeiro e pouco digno, mas exercia a autoridade do Estado e desempenhavam um papel central no policiamento de rotina".[140] Nessa abordagem, o autor vai colocar o soldado como protagonista de sua análise e das relações sociais, algo que diverge da tradicional história militar onde os grandes nomes tomavam o protagonismo das narrativas. O soldado é visto como pilar da organização social, pois mantinham a ordem e segurança em suas patrulhas, fatos que por vezes acabavam em tensas relações com a sociedade civil. Sendo assim, a explicação para esse estudo se dá porque "embora os historiadores sociais tenham escrito bastante a respeito das classes baixas na sociedade brasileira, os soldados nunca receberam atenção comparável à que era dada a escravos, mulheres e pobres livres em geral".[141] Podemos perceber um pouco de suas funções, quando o autor ressalta:

> Quando em serviço, os soldados realizavam uma variedade de funções. Mantinham a ordem e o decoro, nas proximidades de prédios públicos, afastando mendigos, contendo brigas ou garantindo o cumprimento de ordens de não fumar e de códigos de vestuários. Colaboravam no policiamento de Salvador de muitos modos. A correspondência administrativa do Exército incluía ainda em muitas requisições de soldados, para compor a guardas de honra em funerais de oficiais e nobres, para acompanhar procissões religiosas e desfiles cívicos, ou para abrilhantar cerimônias de graduação da Escola de Medicina. Os soldados também combatiam incêndios e vigiavam homens condenados a trabalhos forçados, que, acorrentados aos pares, limpavam os prédios governamentais e mourejavam em obras públicas e, antes da chegada da água encanada aos quartéis na década de 1860, transportavam água das fontes municipais até os estabelecimentos militares. Em resumo, os habitantes de Salvador, não poderiam deixar de notar os soldados em sua cidade.[142]

Além desses fatos, o autor ainda trata da sociabilidade na vida dos soldados, como suas relações familiares, matrimoniais e com os colegas recrutas. O estudo nessa concepção mostra-se interessante pois, nos ajuda a conhecer aspectos e experiências dos soldados, trazendo uma visão mais ampla de suas vidas e disciplinas. Nesse aspecto, chamou-me atenção os aspectos conjugais na vida dos soldados, que segundo o autor "a legislação militar brasileira não negava aos seus soldados, como faziam as de muitos países, o direito de casar; regulamentações datando desde 1816 exigiam que os comandantes autorizassem os casamentos, desde que o soldado tivesse mais de 24 anos e a mulher fosse "honesta".[143] Porém, nota-se que poucos soldados fizeram valer esse direito, mantendo baixas taxas de casamentos entre a classe. Além

[140] KRAAY, Hendrik. *O cotidiano dos soldados nas guarnições da província da Bahia (1850-89).* In: CASTRO, Celso (org). *Nova história militar brasileira.* Rio de Janeiro; FGV. 2004. p. 238.
[141] Ibid. p. 238.
[142] Ibid. 240-241.
[143] Ibid. p. 254.

desses fatos, são interessantes aspectos de relações dos soldados com a sociedade urbana que, se mostrava as vezes fervorosas por alguns fatos, como "a negativa de soldados em conceder aos civis o direito de passagem nas ruas da cidade levava às vezes a discussões calorosas". [144]

Entretanto, voltamos nossa atenção para análise dos estudos desenvolvidos por Celso Castro em *Revoltas de soldados contra a República,* onde este irá abordar a reação dos soldados e praças logo após a queda da Monarquia brasileira, pois segundo o mesmo "é importante sabermos que a grande maioria dos soldados e praças que integraram as tropas golpistas de 15 de novembro não estavam conscientes de que se pretendia derrubar a monarquia. Na verdade, nem alguns oficiais o estavam".[145] Nesse sentido, o autor mostrará em seu estudo que os vários soldados e outros praças se mostraram insatisfeito pelo papel que desempenharam na Guerra do Paraguai, pois inconscientes contribuíram para a derrubada da monarquia no Brasil já, que até então, o Exército brasileiro não tinha noção do seu poder, demostrados com a vitória sobre a nação vizinha. No entanto, através da abordagem notamos que a grande maioria dos praças e soldados eram negros livres, estes se sentiam representados pela monarquia, especialmente na figura da princesa Isabel, vista por eles como sua grande "libertadora" da escravidão. No entanto, ao analisar as revoltas desses grupos contra a república instaurada, o autor percebe um certo receio dos republicanos diante dos revoltosos, pois:

> Uma das grandes preocupações dos republicanos era, desde a abolição da escravidão em 13 de maior de 1888, com a temida Guarda Negra, que teria sido instrumento dos políticos conservadores em defesa do regime monárquico e de sua "redentora" e futura governante, princesa Isabel. Formadas por capoeiras do Rio de Janeiro, a Guarda Negra entrou diversas vezes em conflitos abertos com grupos republicanos e foi violentamente reprimida, espacialmente após o golpe de 15 de novembro (...). Mesmo que ex-capoeiras da Guarda Negra não estivessem envolvidos nessas revoltas, é significativo que tenham havido vivas ao imperador e a defesa da princesa Isabel por praças revoltosos que se afirmavam terem sido por ela libertos. Parece ter sido grande a adoração da "redentora" por negros no final do KRAAY Império e início da República.[146]

Portanto, feitas a análise dessas obras nos moldes da história social, voltamos nossos olhares para àquelas que talvez compõe os maiores impactos na quebra dos principais paradigmas entre as narrativas da antiga história militar e a nova história militar brasileira; a sexualidade e gênero nas instituições militares. O trabalho desenvolvido pelo historiador Peter M. Beattie, denominado *Ser homem pobre, livre e honrado: a sodomia e os praças nas Forças Armadas brasileiras (1860-1930),* trará uma abordagem de como aconteciam os casos de sodomia (prática sexual entre indivíduos do sexo masculino), na Marinha e no Exército

[144] KRAAY. op. cit. p. 262.
[145] CASTRO, Celso. *Revoltas de soldados contra a República,* In: CASTRO, celso (org). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro; FGV. 2004. p. 301-302.
[146] Ibid. p. 310-311.

brasileiros, entre os anos de 1861 a 1908. Para tal, toma como ponto de partida a obra *Bom crioulo* de Adolfo Caminha, para analisar diversos documentos, como registros de carreiras, documentos de conselho de guerra, teoria medica e etc., a fim de examinar essas relações de masculinidade entre o corpo do Exército. Entretanto, para exemplificar a mentalidade sexual da época, argumenta que:

> A maioria dos brasileiros categorizava seu conceito de sexo entre homens em termos de honra. Os indivíduos não eram nem homossexuais nem heterossexuais *per se*. A "ofensa" legal se originava de um ato imoral, mais que de uma identidade abstrata formada por uma preferência sexual. Pesquisas recentes já mostram que o termo homossexual só veio a se tornar comum em meados do século XX. Até então, as autoridades se referiam relação entre dois indivíduos do sexo masculino como "sodomia, pederastia, inversão sexual e atos imorais", como era o caso nos documentos militares do Brasil da virada do século. A maioria entendia por intercurso entre homens o sexo anal entre um parceiro dominante e um parceiro passivo, cada um dos quais associados a categoria de gênero e às vezes de idade. O parceiro ativo assumia uma identidade máscula como agressor sexual, e o parceiro passivo, uma feminilidade emasculada ou, no mínimo, a masculinidade atenuada de um "menino". Como se desesperava Aleixo, ficar exposto para o prazer sexual de outro não era "coisa que se pedisse a um *homem*". Isso refletia a crença comum de que mulheres e crianças eram passivas sexualmente, enquanto os homens eram agentes em termos sexuais. A identificação sexual brasileira refletia uma crença numa hierarquia em que penetradores dominavam os penetrados. A vergonha era principalmente dos parceiros passivos, enquanto os parceiros ativos muitas vezes se gabavam de conquistas sexuais ilícitas como prova da virilidade.[147]

No entanto, além desses fatos expostos pelo autor, aspectos como a masturbação masculina, honra e subordinação sexual hierárquica, também são assuntos tratados em sua narrativa. Nesse contexto, o estudo mostra-se renovador, pois quebra o estereótipo de "hombridade institucional" atribuída ao Exército, no que se diz respeito a masculinidade. Nesse sentido, serão corriqueiras denúncias e acusações proferidas por oficiais, de atos sexuais e romances entre indivíduos do mesmo sexo o que ocasionava em, segundo M. Beattie, "os tribunais militares algumas vezes perseguiam homens acusados de intercurso com outros, e alguns contavam sobre suas ligações sexuais com outros soldados. Oficiais e praças brasileiros, fiéis à tradição, julgavam a sodomia um pecado abominável".[148] Por conta disso, vai surgir no corpo militar do Exército, maneiras de punição a homossexuais conhecidos como "conselhos disciplinares dos batalhões", para não ser necessário recorrer a um conselho de guerra ou tribunal formal superior as guarnições.

Entretanto, esses acontecimentos no corpo militar, levar a defesa das alas mais conservadoras pela reformulação e implementação do sorteio militar na Exército e Marinha, pois na concepção do autor, "eles se esforçaram por dissipar essas percepções, mostrando como

---

[147] M. BEATTIE, Peter. *Ser homem pobre, livre e honrado: a sodomia e os praças nas Forças Armadas brasileiras (1860-1930).* In: CASTRO, celso (org). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro; FGV. 2004. p. 271-272.
[148] Ibid. p. 278.

o sorteio e a disciplina militar serviriam para fortalecer os valores familiares, a solidariedade comunitária, a ética no trabalho e a virtude masculina". [149] Sendo assim, ouve o esforço por desses reformistas em recuperar a honra institucional abalada e mostrar à população que o serviço militar era "viril". Os oficiais do Exército e da Marinha assumiram uma postura em que zelavam cada vez mais de suas imagens públicas e, "assumiram um papel de "guardiões" da instituição militar, além de retratando os quartéis como uma "grande casa de família" onde os oficiais agiam como pais cuidadosos".[150]

Os estudos feitos por Marilia Cecilia D'Araújo em *Mulheres, homossexuais e Forças Armadas,* vai trazer à tona a incorporação da mulher nas Forças Armadas, além da análise das atitudes recentes dos militares em relação a homossexualidade e a presença feminina na instituição, dando ênfase à forma que a mulher tem sido incorporada em algumas funções militares, se ocorreu com sucesso ou não. Chama atenção também para resistência contra sua integração institucional completa e continua, além de demonstrar como a homossexualidade continua sendo um tabu para os militares brasileiros. Nesse sentido, segundo seus estudos, "no caso das mulheres, pode-se dizer que, apesar dos preconceitos e limitações em termos de promoção na carreira, elas foram assimiladas pelas três forças brasileiras de forma bastante positivas".[151] Mas, por outro lado, o debate à cerca da incorporação do homossexual à profissão, ainda carrega barreiras de cunho morais e religiosas no Brasil. Em relação a este gênero sexual, o preconceito dava-se praticamente em todas as partes da América Latina, por ser vista como desvio de conduta ou depravação moral. Já a condição feminina era vista ou geralmente associada a fraqueza física ou inferioridade mental, mas nunca associada à visão moral ou religiosa.

[149] M. BEATTIE. op. cit. p. 290.
[150] Ibid. p. 291.
[151] D'ARAÚJO. *Mulheres, homossexuais e Forças armadas.* In. In: CASTRO, celso (org). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro; FGV. 2004. p. 339.

3. CAPÍTULO II – A ECLOSÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, O BRASIL E A REPERCUSSÃO NO ESTADO DO PIAUÍ.

Neste capitulo, buscaremos compreender o contexto social piauiense durante os anos de guerra, assim como o relacionamento e interação da sociedade. Trataremos também das consequências causadas no Estado decorrentes do estouro do conflito, principalmente no setor econômico, na qual não só o Piauí, como a maioria dos Estados brasileiros, entrou em uma impiedosa crise econômicas decorrente, principalmente, do bloqueio naval impostos pelos países que faziam frente a guerra, fazendo com que o Brasil deixasse de exportar seus principais produtos como a Maniçoba. Para tal, também nos utilizaremos como fonte para desenvolver as questões, os relatórios governamentais produzidos pelo Governador do Estado e enviado à Câmara Legislativa do Estado.

3.1. O contexto social brasileiro e as particularidades do Estado do Piauí antes e após o início da guerra

No ano de 1914, o Brasil ainda era um país agrário, a sua conjuntura social e econômica caminhava a passos curtos e incertos, onde suas industrias ainda tentavam se colocar e comercializar com os grandes centros econômicos do mundo, principalmente o europeu. O Brasil, apesar de estar bastante distante da Europa em termos espaciais, estava bem próximo nas relações estruturais e econômicas, pois teve a sua economia bastante afetada logo após o início da Primeira Guerra Mundial, na qual seus principais produtos deixaram de ser exportados pelo fato de seus parceiros comerciais estarem envolvidos no conflito diretamente no conflito. Podemos notar melhor este momento, quando o pesquisador Carlos Daróz ao o descrever, diz:

> Em 1914, o panorama social e econômico do Brasil era completo e cheio de contradições. Mesmo distante da Europa, o início da guerra afetou profundamente a economia brasileira, pois os principais parceiros comerciais eram exatamente os países europeus, envolvidos diretamente no conflito. Sem possuir uma base industrial sólida, o Brasil ainda era um país agrário, cuja economia baseava-se na exportação de dois produtos principais: o café e a borracha. Em 1913, o café representava mais de 62% da pauta de exportações brasileiras, e a borracha, 21,6%. (...). [152]

Um dos principais setores beneficiados pelo grande surto comercial da borracha nos anos anteriores ao conflito, foram a Marinha e o Exército, que, através do caixa que entrou diante das comercializações, possibilitaram o financiamento parcialmente dos programas de reaparelhamento das instituições militares. Com o fim do surto, o mercado brasileiro viu as exportações diminuírem logo em 1914, e os principais países importadores do Brasil, as potências europeias, estavam substituindo paulatinamente as importações da borracha brasileira

[152] DARÓZ, Carlos. *O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia*. – 1.ed., 2° reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019. p. 26.

e buscando mercados mais rentáveis, com um menor preço e que os fossem mais acessíveis, como a borracha da Malásia, país localizado no sudeste do continente asiático.

Entretanto, o café continuava firme como o principal produto de exportação brasileiro, sendo base da economia nacional e, "transcendendo ao aspecto econômico, associava-se ao poder, com os chamados "barões do café", que dominavam o cenário político nacional desde a proclamação da república". [153] Nesse sentido, como a guerra trouxe severos reflexos na economia brasileira, o café, consequentemente teve a sua comercialização afetada, pois muitos mercados consumidores tornaram-se inacessíveis, além da priorização das potências europeias em investir no aparato bélico para combater no *front* da guerra. Ainda assim, houve o agravamento da situação logo após a Alemanha impor um bloqueio continental, onde inviabilizava o transporte marítimo, na qual as viagens tornaram-se arriscadas pelo risco e receio de ataque alemão, gerando um aumento significativo nas taxas de fretes e juros de exportação.

Sendo assim, "para piorar a situação do transporte, em 1917 a Grã-Bretanha declarou o café como item "não essencial" ao esforço de guerra e limitou o espaço em seus navios para o produto",[154] diante

desses fatos, a diminuição das exportações e o impacto causado pela guerra, o preço do café diminuiu no mercado internacional, contribuindo mais ainda para os prejuízos e decadência da economia brasileira, obrigando o Governo Nacional, a tomar empréstimos junto a países parceiros. No entanto, além das questões econômicas, o Brasil viu-se de frente com outro desafio, a questão social, pois com a abolição da escravatura nos anos finais do século XIX, os governos da conhecida "República do Café com Leite" ou "República Oligárquica", desenvolveram uma política de incentivo à imigração, com o objetivo de suprir as demandas de lavouras cafeeiras com trabalhadores, já que os escravos estavam libertos. Nesse sentido, os emigrantes, que em sua maioria vinham de países como Itália, Alemanha, Síria e Líbano, concentravam-se geograficamente em São Paulo e nos estados do Sul do país, como Rio Grande do Sul.

Esses imigrantes europeus, em sua grande maioria, eram fieis a sua cultura, onde não buscavam nem uma maior assimilação da língua portuguesa e, muitos mantinham os lações culturais de seu país de origem, algumas comunidades que recebiam esses imigrantes, chegaram até a circular jornais alemão e italiano. Portanto, com o auto índice de imigrantes europeus em solo brasileiro e "com a irrupção da guerra na Europa, o governo brasileiro viu-se ameaçado ante a possibilidade de perder parte de seu território meridional, onde o número de imigrantes

[153] DARÓZ. op. cit. p. 26.
[154] Ibid. p. 28.

totalizava 10% da população". [155] Além desses fatos, vimos a crise econômica adentrar o Brasil, chegando as pequenas cidades e às pocas fabricas existentes, onde a classe média foi uma das principalmente afetadas pela não chegada de bens de consumo comumente fornecidos pela Europa, sobretudo os produtos importados que se caracterizaram como relíquias da *Belle Époque*.

Em 1914, ano em que iniciou a guerra, o governador do Piauí era Miguel de Paiva Rosa, nascido em Teresina no dia 15 de dezembro de 1876, era filho de João Augusto Rosa e Júlia Emília de Paiva Rosa. Concorreu as eleições para Governador do estado em 1912, com o apoio do Governador Antônio Freire, enfrentando as candidaturas de Odilon Costa e do ex-governador Coriolano de Carvalho, onde venceu a disputa e assumiu o governo em julho deste mesmo ano. O então governador eleito Miguel Rosa, governou durante os anos de (1912-1916), tendo seu governo marcado pela grave crise econômica provocada pelo início da Primeira Guerra Mundial, que prejudicou veementemente o comercio local e a seca de 1915 que assolou o Piauí. Em seus relatórios enviados a Câmara Legislativa do Estado, o mesmo destaca as dificuldades encontradas em seu Governo, principalmente as provocadas pela guerra europeia, onde ele destaca:

> *"Senhores Representantes do Estado".*
> Forçado, por grave motivo de saúde, a passar a s. exc. o Governo do Estado, - a 12 de junho do ano passado, só a 8 de fevereiro último me foi possível reassumi-lo. E folgo em poder registrar a lealdade de que, sempre, deu mostras o meu sucessor, de maneira que entre a interrompida administração e a que se lhe seguiu não houve a menor solução de continuidade e se diferença existiu foi na superior orientação adotada por s. ex. e na mão forte com que dirigiu a parte financeira, justamente quando a crise mundial mais se refletia sobre os destinos e interesses deste Estado. (...).
> Como sabeis, mal iniciáveis os vossos trabalhos legislativos do ano findo, fui obrigado a deixar o Governo do Estado, pelo já conhecido motivo. Depois de demorar no interior, resolvi embarcar para Capital da República, onde cheguei a 16 de outubro, ali permanecendo até 22 de janeiro. Tive, pois, o feliz ensejo de assistir, a 15 de novembro, a posse do exms. srs. drs. Wenceslau Braz Pereira Gomes e a Urbano dos Santos da Costa Araújo, nos altos cargos de Presidente e Vice-Presidente da República (...).[156]

Nesta mensagem podemos perceber que o então Governador do Estado do Piauí Miguel de Paiva rosa, ausentou-se das suas funções enquanto representante do Estado por quase 8 meses, ficando a administração sob o comando de seu Vice-Governador o senhor Raymundo Borges da Silva, coronel por profissão, mas que se dedicou a vida toda para política. Ocupou o cargo do dia 12 de julho de 1914 até 8 de fevereiro de 1915, quando Miguel Rosa voltou de seu tratamento de saúde. O mesmo era natural de São Raimundo Nonato, e iniciou a sua vida pública ainda durante o império.

---

[155] DARÓZ. op. cit. p. 28.
[156] ROSA, Miguel de Paiva. *Mensagem Apresentada pelo Governador do Estado à Câmara Legislativa no dia 1° de junho de 1915*: Teresina. p. 3-4.

O governador Miguel Rosa, logo em sua primeira mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado, faz questão em saudar e enaltecer a atuação de seu vice no período em que ficou afastado do cargo, destacando à virtude de Raymundo Borges em conduzir com pulso firme a parte financeira do estado que, assim como a maior parte do mundo, encontrava-se flagelada pelo início da Primeira Guerra Mundial. No ano de 1914, a capital do Brasil era a cidade do Rio de Janeiro, lá encontrava-se, além da sede administrativa, a melhor saúde e médicos do país. Sendo assim, Miguel Rosa desloca-se para capital pouco tempo depois de assumir o Estado, ficando até o fim do tratamento e, por lá, presenciou a posse do Presidente da República eleito Venceslau Brás Pereira Gomes e do Vice Urbano dos Santos da Costa Araújo. Ainda nesta mensagem, o governador piauiense faz questão "em registrar que o ínclito sr. Presidente da República tem se mostrado digno dessa confiança e digno do melindroso momento que o País atravessa, presa de uma crise aguda e sem precedentes na história de nossas finanças",[157] cercado dos mais competentes ministros encarou de frente os principais problemas que surgiram para a nação naquele momento e "tem revelado a pulso forte de que o País bem carecia neste triste momento de apreensão de toda a espécie, - autorizadas, principalmente, pela sangrenta guerra que enluta a Europa e se reflete em todas as atividades brasileiras".[158]

Nesta época, a eleição de Presidente e Vice-presidente da República eram em chapas e partidos separados, podendo haver a junção de partidos e ideologias diferentes para formação do governo. Entretanto, podemos perceber que o governador do Piauí, deposita profunda confiança e apoio ao presidente da república, tecendo elogios ao mesmo em suas ações frente a crise financeira. Ainda assim, enaltece todo o poder executivo, exaltando os ministros que a todo momento, prestou assistência ao presidente diante dos problemas encontrados, principalmente os provocados pela guerra europeia, que afetou todas as atividades brasileiras. Segundo o então governador Miguel Rosa, o mesmo teve cordiais recepção pelos colegas de profissão, sendo delegada singelas homenagens a sua pessoa pelo seu problema de saúde enfrentado.

Neste mesmo ano, ocorreu no Piauí eleições para preenchimentos de vagas no legislativo federal, respectivamente para as vagas de Senador Federal e Deputado Federal. As eleições ocorreram pacificamente, sem perturbação de ordem pública, sendo a mesma uma das mais concorridas do período. Diante dos vários candidatos e do disputado pleito eleitoral, segundo o relatório governamental, foram eleitos para os cargos os seguintes nomes:

---

[157] ROSA. op. cit. p. 4.
[158] Ibid. p. 4.

> Muitos foram os candidatos a disputa-la, porém, reunida a Junta Apuradora, presidida pelo exm. sr. dr. Juiz Substituto Federal e composta de vinte e cinco Presidentes de Conselhos Municipais, expediu diplomas aos seguintes cidadãos:
> SENADOR:
> Dr. Abdias da Costa Neves.
> DEPUTADOS:
> Dr. Antônio Freire da Silva.
> José Félix Alves Pacheco.
> Dr. Joaquim de Lima Pires Ferreira.
> Dr. Elias Firmino de Sousa Martins.
> Todos eles já estão reconhecidos e empossados, sendo que mereceram pareceres e votação unanimes os diplomas com que se apresentaram nas duas casas do Congresso. [159]

Percebemos diante dessa passagem, que o Piauí em 1915 contava com um Senador da Republica e quatro Deputados Federais, representando o estado nas duas casas do congresso nacional. No entanto, há o relato por parte do governador que, apesar das eleições terem sido consideradas pacificas em relação a ordem pública, alguns partidos políticos, "infelizmente, ainda desta vez, tivemos que lamentar a duplicata de eleições a que se socorreram os partidos de candidatos que não lograram o concurso do eleitorado. Recurso cediço e desmoralizado, verdadeiro atentado ao regime republicano (...)". [160]

Entretanto, vemos que houve a tentativa, por parte de alguns partidos, de eleger ilicitamente seus candidatos que, segundo as reflexões do Governador Miguel Rosa, esse gesto anda longe de ser algo nobre ou lealdade política. Nesse sentido, segundo o relato, esses partidos a quem o Governador se refere, ao tentarem forjar eleições clandestinas, tentaram proclamar eleitos, irregularmente, um Senador e apenas um Deputado. Entretanto, como se pode notar e, como ressalta Miguel Rosa, "em bem da verdade eleitoral, a fraude não vingou. E oxalá que tal expediente seja definitivamente desprezado, para honra dos nossos costumes políticos". [161]

Diante desse mesmo contexto político, o então Governo do Estado promoveu diversas mudanças nas instituições públicas, e uma delas foi para melhorar a rede de ensino estadual. Essas reformas tornaram-se possíveis, através da publicação do decreto Federal de número 11.530 de 18 de março de 1914, onde o Governador diante dos tramites legais, o adaptou para os padrões do Estado, promulgando o decreto de número 662 de 19 de abril de 1915. Por estar em perfeito acordo com o que determinava o decreto nacional, as mudanças promovidas pelo então governador passam pincipalmente pela educação, como argumenta o mesmo quando diz:

> Sou pela oficialização do ensino, pela obrigatoriedade de frequência, ali seguidas e divirjo apenas em pontos que não são essenciais, alguns dos quais fica ao critério do Governo não seguir, como a distribuição das matérias nos cinco anos, que penso em alterar e dar a divisão que se me afigura mais proveitosa ao ensino.

---

[159] ROSA. op. cit. p. 6.
[160] Ibid. p. 6.
[161] Ibid. p. 6.

> Aparte esse senões, merece ela todo o meu aplauso, porque nos liberta do regime asfixiante em que colocou o ensino a anterior reforma, certo feita com intuitos nobres, porém que deu os mais desastrosos resultados práticos. Devo confessar que não a praticamos, porque continuamos a seguir o Regulamento Benjamin Constant; porém esse depoimento não difere do de quantos a optamos.
> Aceitado a nova reforma, argumentei o número de cadeiras no Liceu Piauiense, suprimi outras dispensáveis e só me resta equiparar o nosso estabelecimento oficial de instrução secundária, para isso requerendo nomeação de fiscal e preenchendo e preenchendo as outras exigências do atual regulamento. Mandei mais que se abrissem matrículas extraordinárias, se fizesse exame vestibular para os candidatos ao 1° ano e folgo em comunica-vos que a matrícula e média de frequência do Liceu Piauiense, passou a ser a mais animadora, tudo fazendo crer em uma nova era de renascimento para o estudo de humanidades, - que já esteve entre nós em um alto grão de progresso.[162]

Todavia, notamos que apesar de diversos setores das instituições públicas sofreram forte abalo econômico, no campo educacional houve uma ampliação de investimentos, principalmente no Liceu Piauiense, o principal colégio público do Estado do Piauí. Houve a reforma e ampliação das cadeiras da instituição, além da estrutura do ensino secundário para um melhor aproveitamento dos alunos que prestariam vestibular no ano de conclusão, um modelo de ensino que se ajustou ao proposto pelo decreto federal, adequando-o aos moldes piauienses. Ainda assim, notamos satisfatórios resultados obtidos na rede de ensino do Estado, na qual Miguel Rosa destaca como uma "nova era de renascimento para o estudo de humanidades", fazendo referência aos antigos tempos, com altos níveis de ensinos, fator determinante para o progresso.

Ainda no campo da educação, outro fator determinante contribuiu consideravelmente, ainda neste mesmo ano, para reformulação e inclusão do ensino piauiense. Em um pleito coorporativo, a Escola Normal de Teresina promoveu um concurso para preparar os candidatos que se candidataram para atuar no magistério público. A grande maioria das alunas que concluíram o curso de magistério na Escola Normal, contribuíram gradativamente no combate ao analfabetismo nas pequenas cidades do Piauí e, como ressalta o governador Miguel Rosa em sua narrativa, "pontos longínquos do sertão piauiense já se encontram recebendo os benefício espirituais de alunas que fizeram o aprendizado na Escola e vão derramando no seio da mocidade lições e ensinamentos colhidos de mestres competentes e zelosos". [163]

De tal modo, as mulheres começaram a ter uma ascensão diante da formação no curso de magistério e, consequentemente, elevaram a sua participação no ensino do Estado, atuando nas mais diversas cidades do interior. Até o ano de 1915, apenas as mulheres eram aceitas no curso de magistério da Escola Normal de Teresina, pois eram tidas como sujeitos ideais, com delicadeza e virtude para tal atribuição. Diante de tal feito, Miguel Rosa destaca o Piauí como

[162] ROSA. op. cit. p. 7.
[163] Ibid. p. 8.

um dos principais precursores e incentivadores da mulher como ideal para o magistério, quando diz que "o Piauí foi um dos primeiros a compreender a alta competência da mulher para a delicada missão, e, confiadamente, entregou-lhes as responsabilidades do ensino primário". [164]

Em relação a Saúde Pública, percebemos através dos relatos uma preocupação por parte do Governador em relação à algumas doenças que estavam se disseminando na Capital e em algumas cidades do Estado já a algum tempo. Em seu comunicado ao legislativo, Miguel Rosa detalha para os parlamentares que:

> Como tem sucedido desde alguns anos, a varíola, o sarampo e as febres invadiram alguns municípios do Estado, no verão do ano próximo findo. Em muitos dele a mortalidade cresceu de modo assustador, sendo que nesta capital foi o sarampo o responsável pelo maior número de vítimas, máximo crianças.
> A varíola, que não chegou até Teresina, foi mais fácil de julgar porque, talvez pelo justo receio que inspira, as aconselhadas medidas higiênicas foram mais rigorosas seguidas. As febres, devido, ao que se supões, ao retardamento do inverno, ainda este ano permaneciam no município de Barras, depois de haverem ceifado vidas preciosas em Alto-Longá, - para onde o Governo mandou um médico, que chegou a tempo de prestar bons serviços.
> Felizmente, neste instante, a saúde pública não sofre alteração. [165]

Notamos que a maioria das vítimas do sarampo foram as crianças, que geralmente, possuem uma imunidade mais baixa do que a dos adultos e pelo fato das mesmas não tomarem as devidas medidas de higienização com regular frequência e autonomia. Apesar da varíola estar com altos índices de mortalidades nas cidades interioranas do Piauí, a mesma, segundo o relato, ainda não chegou até a Capital Teresina, concentrando-se com intensidade nas outras cidades.

O motivo pela não chegada da doença até a capital, é evidenciado pela adoção de medidas de higienização aconselhadas pelas autoridades políticas e sanitaristas, onde foram rigorosamente seguidas pela maior parte da sociedade. Em relação as febres, notamos uma dissipação maior entre as cidades, principalmente na cidade de Barras, onde a mesma vem ceifando muitas vítimas, logo após ter matado um grande número de pessoas no município de Alto Longá. Diante do alto índice de mortalidade provocada pela mesma nessas cidades, o governador mandou um médico para cidade de Alto-Longá com a intenção de prestar maior assistência médica as vítimas da doença e frear o nível de contaminação na comunidade.

Neste mesmo ano de 1915, o relatório do Governo informa a Assembleia Legislativa, "que a assistência pública no Piauí, limita-se a três hospitais, além do Asilo de Alienados". Tudo pobre, incipiente, às faltas evidentes, suprem a boa vontade, o zelo e a caridade da sua

[164] ROSA. op. cit. p. 8.
[165] Ibid. p. 9-10.

direção".[166] Diante disso, vemos em seguida uma exaltação perante as ações dos trabalhadores da saúde, nesses espaços de cuidados, onde nas palavras do governador, os intitulam como "trabalhadores anônimos pelo bem da humanidade sofredora"[167] e, na grande maioria das vezes, nem têm seus esforços reconhecidos dignamente pelo árduo e glorioso trabalho que desempenha para sociedade, principalmente para os grupos mais flagelados. Contudo, isso é notório, quando há o argumento de que "em um meio pobre como o piauiense, desprotegido do favor particular, recebendo uma insignificante parcela dos poderes públicos federais, estaduais e municipal, o que há de admirar é a tenacidade, a persistência no fazer o bem",[168] daqueles que incansavelmente se entregam ao sacrifício de trabalhar em prol de um hospital.

Diante disso, a crise econômica provocada pela guerra europeia trouxe mudanças não só no campo da educação e saúde pública, mas também nas obras públicas que beneficiariam toda a população, principalmente a da Capital. A sociedade viu-se prejudicada por tais problemas à medida que as mais diversas obras públicas tiveram a sua paralização, com exceção da energia elétrica que levaria iluminação pública para a maioria da população, que apesar da crise, com muito sacrifício, foram concluídas, mas outras tiveram que ser paralisadas por conta da falta de verbas e cortes de gastos decorrentes da crise econômica. Como mostra as palavras de então governador Miguel Rosa, que ao falar das obras públicas, diz:

> Obras Públicas
>
> Devido à crise que nos assoberba, e como extrema e rigorosa medida de economia, o Governo fez suspender quase todas as obras públicas do Estado, adiando mesmo algumas evidentemente de urgência.
>
> Depois da vossa última reunião, foi concluído o serviço de luz e força à capital, que, posto o seu caráter iniludível de trabalho municipal, o Estado empreendeu e levou avante. No derradeiro trimestre do ano findo inaugurou-se, afinal, tão útil melhoramento, que, aliás, desafia competência nos congêneres de todo o norte do País.
>
> A iluminação de Teresina é feérica. A energia, está à espera de que a indústria a reclame. Daí, só podemos tê-la, agora, simultaneamente com a luz e mesmo por horas, que sou o primeiro a confessar muito limitadas, o que se justifica com a atual falta de óleo mineral bruto, que utilizamos, e com o preço exagerado porque ele nos chega. Terminada, porém, a guerra, o que faço votos suceda em breve, com o comercio de importação fraco, reduzidos os preços da matéria prima ao seu justo valor, a iluminação pública se prolongará por todas as noites, e a força se oferecerá aos consumidores durante o dia. (...).[169]

Notamos diante desse relato, que mesmo em meio à crise financeira o Governo do Estado conseguiu concluir as obras de iluminação pública na capital Teresina. Tal feito mostrou-se algo tão grandioso em meio a anormalidade econômica, que despertou os olhares de outros governadores estaduais e os instigou a alcançar também tal competência em seus Estados.

---

[166] ROSA. op. cit. p. 10.
[167] Ibid. p. 10.
[168] Ibid. p. 10.
[169] Ibid. p. 11-12.

Miguel Rosa descreve a iluminação de Teresina como algo deslumbrante, nunca visto antes, porém, para que a mesma funcionasse necessitava de um combustível, na qual era utilizado o óleo mineral bruto, mas, com o início da guerra, o preço do produto teve um aumento considerável, ficando inviável o custeio apenas por parte do Estado, sendo necessário o custeio de algumas empresas privadas que necessitavam da utilização da força. Sendo assim, vemos um sentimento de otimismo por parte do governador, na esperança que a guerra logo acabe e os preços das matérias primas baixem com o seu fim. Portanto, só a partir daí, com as reduções, a iluminação pública poderá ser utilizada durante todas as noites e, durante o dia, a energia poderá ser oferecida para uso dos consumidores.

No entanto, apesar de algumas indústrias se interessarem no financiamento para usufruir da energia elétrica, percebemos um sentimento de decepção por parte do Governador em relação a expectativa de amparo das empresas privadas, pois em quase um ano de energia elétrica na capital, o número de investimento das empresas na mesma é considerado "irrisório" por Miguel Rosa. O momento de fragilidade financeira provocada pelo conflito, certamente desencorajou algumas empresas a fazerem altos investimentos, principalmente em algo novo para época e o local, como a chegada da energia elétrica. Nas palavras do Governador podemos percebemos ainda, como o governo estadual acreditava no desenvolvimento social que a força poderia trazer, principalmente para o setor industrial, onde, segundo sua concepção, a sua aplicação poderia dobrar o rendimento e os lucros das empresas.

Para que isso possa acontecer, o mesmo acreditava que o primeiro passo deveria ser dado por uma empresa de grande porte e, só depois disso, influenciaria as pequenas empresas a também contratar o serviço de força. Bastaria as mesmas esforçar-se para emprega-la, apesar da guerra. Destarte, o projeto da energia elétrica em Teresina era visto pelos governantes como algo que daria desenvolvimento, lucro e resultado a longo prazo, onde todos os setores iriam beneficiar-se e progredir com a sua utilização. Sendo assim, a chegada da força em meio a uma crise financeira provocada pela guerra europeia, é vista como símbolo de progresso e esperança para cidade e as empresas da capital.

Outro setor social que sofreu mudanças provocadas pela crise decorrente da guerra europeia, foi a polícia. A instituição estava sofrendo um processor de mudança nos altos cargos de comando, saindo do cargo de Secretário de Estado de Polícia o Juiz de Direito da comarca de Floriano, dr. Fenelon Ferreira Castelo Branco, que, nas palavras do governador "desde o início do meu Governo superintendia os negócios da polícia". [170] Para ocupar o cargo, foi

[170] ROSA. op. cit. p. 20.

escolhido para substitui-lo o dr. Corintho Andrade, que era visto pelo governador como um homem estudioso, preparado e com teorias e teses formidáveis para o combate "as regulamentações do meretrício, da falsa mendicidade, da vagabundagem e repressão do jogo, autorizam páginas de palpitante verdade e que merecem um destaque especial em seu trabalho".[171] No entanto, o governador Miguel Rosa relata aos parlamentares, que o corpo efetivo da polícia sofreu redução, por conta da crise financeira. A mensagem retrata:

> Continua o Corpo Militar de Polícia sob o provento comando do 2° Tenente do Exército e Tenente Coronel da Polícia Estadual, Raymundo Mendes Burlamaqui.
> Devido à crise premente que atravessamos e que não vos é estranha, foi o Governo forçado a reduzir o já resumido afetivo do Corpo, de maneira que contamos atualmente na Polícia quase o mínimo de homens estabelecidos pela lei de forças. Evidentemente, esse mínimo não satisfaz às necessidades da ordem pública, e, assim, pontos há, mesmo fronteiriços, completamente desguarnecidos e outros servidos por um número irrisório de praças. Na capital temos o pessoal estritamente necessário para os diversos serviços. Até a banda de música foi reduzida de metade.
> É bem de ver, que assim mutilado, pesa sobre o Corpo um trabalho talvez excessivo. Entretanto, com isso, nada tem sofrido a disciplina e os serviços marcham regular e normalmente, como nos outros tempos. As fadigas não fazem o soldado piauiense esquecer as responsabilidades dos seus deveres e a ordem pública tem sido perfeitamente segurada por aquele núcleo de homens vantadosos.[172]

Notamos através da mensagem, que apesar da mudança de Secretário de Estado de Polícia, a chefia do batalhão manteve-se sob o comando do 2° Tenente do Exército e Tenente Coronel da Polícia Estadual, Raymundo Mendes Burlamaqui. Por outro lado, a corporação teve seu número servidores efetivos bastante reduzidos pelo governo por conta da crise financeira, ficando com o mínimo de homens permitido pela lei das Forças Armadas. Por esse fato, notamos uma preocupação por parte do governador, pois o número de policiais que continuaram na corporação não é capaz de suprir às necessidades da ordem pública, havendo o receio de demanda principalmente nas guarnições que fazem fronteiras com outros Estados, onde alguns nem se quer detinham algum homem, e outras com um número tido como insignificante de praças para fazer a segurança local.

É interessante ressaltar, o reconhecimento diante daqueles que continuaram a promover a ordem pública, pois mesmo o Corpo da polícia estando com sua Corporação incompleta, é admirável o empenho e trabalho desenvolvido pelos que restaram, que desenvolvem suas funções árdua e incansavelmente, como jus e disciplina do ofício. Destarte, para além da composição e reestruturação humana, o quartel-general da instituição estava passando por reformas de estruturação, onde as mesmas tiveram que ser paralisadas pelo Estado, por conta das medidas de economia adotadas. Com a paralisação das obras, o dinheiro economizado

[171] ROSA. op. cit. p. 20.
[172] Ibid. p. 20-22.

constituiu-se como principal fonte de receita do Corpo, toda a verba do Comando foi direcionada para pagamento dos Soldados que continuaram na corporação.

Ainda é acrescido que alguns serviços permaneceram na instituição, como; as oficinas de alfaiates, corrieiros (referência a pessoa que utiliza o couro como matéria prima) e carpinteiro, sendo essas profissões consideradas boas fontes de economia e permaneceram como serviços essenciais da corporação. Contudo, ainda notamos que há um sacrífico por parte do Governo Estadual em oferecer os serviços do "Caixa Beneficente" da polícia, que tem como principal função, assegurar assistência médico-hospitalar e educacional para os Oficiais e Praças efetivos e suas respectivas famílias. Por fim, nos chama atenção à falta de verba para amparar as famílias de Oficiais e Praças mortos em combates ou de outro motivo no exercício de suas funções, onde o Governo alega a crise financeira como responsável por não as amparar, mas mantem a promessa de prestar assistência quando o momento de crise financeira for superado.

Ainda sobre o relatório governamental apresentando por Miguel Rosa à Câmara Legislativa do Estado, no dia 1° de julho de 1915, a parte do texto em que o governador irá discorrer sobre a situação do Estado é intitulada de "fazenda". No item, vemos que que o governador busca relatar as dificuldades do atual momento e, faz uma narrativa passando por alguns momentos em que o mundo se viu em crise, seja financeira ou política, por causa de guerras, citando alguns conflitos anteriores a Primeira Guerra Mundial que, de alguma maneira, trouxeram malefícios para todo o mundo. Assim o descreve:

> Fazenda
>
> Não vos fará surpresa, anunciar-vos não serem boas, infelizmente, as condições financeiras do Piauí. Aliás, outro tanto sucede a Estados de fontes de rendas muito mais largas e certas. Mas a situação financeira do mundo, de há muito, é delicada e difícil. De começo, as guerras balcânicas, a guerra ítalo-turca, a crise econômica da América do Norte, autorizaram uma situação de efeitos desastrosos para todos os países. Coincidiu que o Brasil, por esse tempo, viu diminuídos os seus produtos de exportação, depreciados, pelo baixo preço alcançado no estrangeiro e enveredava pelo caminho de rigorosa economia, quando se declarou a conflagração europeia, - luta terrível em que se empenham países que são justamente os melhores consumidores dos nossos produtos. É bem de ver, que, com isso, aumentaram as nossas prementes dificuldades. O capital, já retraído, ficou aferrolhado nos cofres das nações que se degladiam, a importação tornou-se nula, a exportação impossível, pelo bloqueio dos mares. Pela primeira vez, o país teve que suspender pagamento de depósitos das Caixas Econômicas, dos vales postais, dos juros de apólices. Ao que me conste, nuca atingiríamos a tão melindrosa situação.
>
> De todos esses males, Senhores, o Piauí compartilhou. Ao *crak* da maniçoba, seguiu-se a falta de consumidor externo para o nosso gado. (...).[173]

Podemos compreender, que o principal lamento do governador é pelo fato das importações e exportações terem sido impedidas pelo início da guerra. Os principais países exportadores dos produtos brasileiros, eram justamente os envolvidos no conflito. Nesse

[173] ROSA. op. cit. p. 28.

período, não só o Piauí, mas toda economia do Brasil era agraria, e o principal produto da economia piauiense era a borracha de maniçoba, aliada a ela estava a carne de charque (conhecida na língua popular como carne de sol). O Estado do Piauí viu-se sem os seus compradores europeus que importavam do Brasil a carne bovina e a borracha de maniçoba. Os principais países importadores do Brasil como Alemanha e Inglaterra, concentraram suas economias na guerra e cancelaram as importações. Já o acesso a outros parceiros comerciais como os Estados Unidos da América, tiveram suas rotas impedidas pelo bloqueio marítimo imposto pelos alemães, abalando fortemente a economia brasileira.

Apesar da queda da exportação do gado para Europa, em relação a outros produtos e matérias-primas, o comércio de carne era um dos mais compensadores para o momento. Apesar disso, o comércio bovino local foi também atrapalhado pela ascensão do gado na ilha do Marajó, Estado do Pará, que crescia em grande escala, e também pela seca entre 1915 e 1916 que dizimou boa parte de sua criação. Portanto, como ressalta o Governador Miguel Rosa, "tanto como ela, a guerra, ainda mais porque o nosso comércio de exportação se fazia, quase todo, para os portos alemães e justamente não temos a mais remota comercial com os Estados Unidos, que se abrem aos povos que negociavam com os países conflagrados".[174]

Desde os primeiros anos do século XX, a maniçoba era um dos principais produtos de exportação do Piauí, onde ficou por alguns anos sendo a principal fonte de receita do Estado. A matéria prima só foi superada com o advento da guerra, onde, segundo Teresinha Queiroz, diz:

> Até 1917, a contribuição da maniçoba ê das mais significativas no conjunto das exportações do Estado. É, até 1913, a principal fonte da receita pública. É superada, a partir de 1914, pela cera-de-carnaúba que assume o papel desempenhado pela borracha, qual seja, o de maior gerador de receitas para o Estado. Durante e após a Primeira Guerra Mundial torna-se evidente a perda de posição da borracha em face da exportação dos demais produtos, o que, de resto, reflete sua própria posição no contexto mundial. A medida em que a borracha vai perdendo posição no conjunto das exportações piauienses a cera-de-carnaúba ganha relevo, observando-se comportamento inverso na exportação dos dois produtos a partir de 1911.
> O babaçu, cuja exportação teve início em 1911, ganha importância durante e após a guerra. Esse produto e a cera-de-carnaúba tornar-se-ão, a partir desse momento e até os meados da década de cinquenta, os sustentáculos da economia do Piauí.
> As receitas oriundas da exportação do algodão acusam grande instabilidade e, durante o século XX, são pouco significativas no conjunto das receitas do Estado. A conjuntura da Primeira Guerra Mundial mostrou-se favorável a vários produtos de exportação do Piauí, inclusive o algodão. A borracha, entretanto, perde completa e definitivamente sua posição no mercado.[175]

[174] ROSA. op. cit. p. 28.
[175] QUEIROZ, Teresinha. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí (1900-1920)*. Teresina: UFPI/APL, 1994. p. 182-183.

Deste modo, vemos através da análise da pesquisadora Teresinha Queiroz, que a maniçoba ainda se manteve entre os grandes produtos de exportações que compõe a economia do Estado. Porém, a mesma só se manteve enquanto principal produto de exportação do Piauí, até meados de 1913, deixando o posto logo após o início da Primeira Guerra Mundial em 1914. Esse fato se explica, como ressaltado anteriormente, pela queda das exportações pelos países beligerantes, como também pela ascensão de mercados vendedores na Ásia, com um preço mais rentável e uma localização mais acessível do que a América do Sul.

Depois de 1914, o produto que assume o posto de primeiro lugar e supera a maniçoba, foi a cera-de-carnaúba, assumindo o posto de principal produto em geração de receita para economia piauiense. Enquanto a borracha de maniçoba perde o prestígio entre os consumidores europeus, outros produtos ganham força e perduram no posto por vários anos. O babaçu, produto derivado do coco babaçu é outro produto que ganha força antes e durante a guerra, o mesmo era usado como suplemento alimentar e na medicina popular, onde, através de sua riqueza em nutrientes e composição química, seu óleo era usado para tratamentos inflamatórios, leucemia e outras enfermidades. Segundo Queiroz, esses dois produtos, ficarão como as principais matérias primas e pilares da economia piauiense até os anos de 1950. Além do babaçu e da cera-de-carnaúba, outros produtos como o algodão tiveram seu crescimento em procura e exportação, para extração de sua fibra, usados para produção de tecidos como também por sua grande capacidade de absolvição, além de seu óleo que é rico em nutrientes como vitamina "E".

Sendo assim, ao analisar a importância dessas matérias primas para economia do Estado, sobretudo a borracha de maniçoba, como bem ressalta Queiroz, o produto irá atingir um "alto nível de participação sobretudo durante os primeiros 13 anos do século. O produto perde importância a partir do período 1913/14, de crise mundial e de crise nacional. A tendência das exportações do Piauí nesse período é, sem dúvida, determinada pelas exportações da borracha". [176] Entretanto, notamos a importância da participação da borracha em nossa economia e exportações, chegando a dominar o mercado por mais de uma década, "de 1901 a 1914, a borracha contribui no conjunto da receita das exportações com a média de 48,8%. Sua participação mais acentuada é no triênio .1909-1911, quando é responsável por mais de 60% dessa receita". [177]

Ainda assim, ao fazermos uma observação da exportação da borracha em relação outros produtos e, assim como ressalta Queiroz, "a partir de 1911 manifesta-se declínio nos preços, enquanto os preços dos demais produtos, tomados em conjunto, se estabilizam ou crescem

[176] QUEIROZ. op. cit. p. 184.
[177] Ibid. p. 184.

proporcionalmente". [178] Notamos, diante das análise dos gráficos da autora, que entre os anos de 1903 à 1914 a borracha de maniçoba tinha participação predominante na porcentagem de exportações de matérias primas, apesar de alguns anos serem de maior saída, como em 1911 onde o produto atingiu cerca de 69, 2% das saídas, quando chega nos próximos anos da segunda década do século XX, o produto sofre uma considerável queda em suas exportações, atingindo seu menor pico no ano de 1914, atingindo o surpreendente 16, 9% das exportações no Piauí. Portanto, como destaca a historiadora Teresinha Queiroz, "o ano de 1914 aparece, também no que concerne ao valor oficial total, como o momento de superação da borracha de maniçoba pela cera-de-carnaúba, em temos de importância para o Estado". [179]

Entretanto, como podemos perceber, entre os anos de 1901 e 1914 a borracha de maniçoba constituía mais de 20% de toda a receita total gerada no Piauí, sendo famosa por, durante muito tempo ser a principal fonte de receita pública do Estado. Isso explica a preocupação por parte do governado Miguel Rosa diante da exportação do produto e seus derivados. A boa participação nas receitas de exportações, assim como no total de arrecadações, gera o grande clima de preocupação entre os governantes, sobretudo após o início da guerra, como também nos leva a entender o clima de desorganização governamental diante das crises. Isso se explica quando Queiroz conclui, que:

> A receita proveniente da exportação da borracha constitui, de 1901 a 1914, mais de 20% da receita total, aparecendo como a principal fonte de receita pública, o que justifica a preocupação do Governo com a exportação desse produto. Explica, também, o clima de euforia predominante nas fases de alta, bem como esclarece a desorganização financeira quando de sua crise, sobretudo durante os anos de 1913/14. Entre 1917 e 1920 sua contribuição já é pouco significativa no conjunto da receita pública.
> Como, de 1901 a 1914, a participação da borracha na receita das exportações ficou em torno de 48,8%, tem-se que a dinâmica das exportações, na quase totalidade do período considerado, resultou do comportamento da exportação da borracha.
> A ausência de informações para os anos de 1915 e 1916, tanto sobre as quantidades exportadas, quanto sobre as receitas auferidas, dificulta a análise do desempenho do produto num momento importante da economia piauiense, momento em que se manifestam os efeitos da crise da borracha, da crise geral e em que a declaração da guerra inibe os mercados europeus. Embora, em 1917 a participação do produto seja equivalente à de 1914, a partir de 1918 sua contribuição na formação da receita do Estado ê insignificante.[180]

Como ressaltado acima, há ausência de relatórios e dados entre os anos de 1915 e 1916, impedindo uma análise mais precisa e detalhada da exportação da maniçoba e sua influência na economia piauiense em um momento fervoroso da guerra europeia. Logo no ano de 1917, em que o Brasil entra no conflito, há informações sobre a participação do produto, e sua saída

[178] QUEIROZ. op. cit. p. 186.
[179] Ibid. p. 188.
[180] Ibid. p. 191.

equivale-se a sua exportação de 1914, com um percentual baixo e menor que outras matérias primas. Já em 1918, último ano de guerra, a participação da maniçoba na economia piauiense é considerada insignificante, comparada aos outros produtos.

Portanto, notamos diante das análises documentais e bibliográficas que houveram períodos de altos e baixos desenvolvimento econômico local, onde a maniçoba se destacou, principalmente, durante os anos 1904, 1905, 1910 e 1912, ficando todos esses anos acima de 42 % das receitas de exportação do Estado. Nesse período, o Piauí apesar de um bom crescimento econômico provocado pela alta das exportações, sofria com um elevado déficit orçamentário, na qual as receitas arrecadadas não cobrem as despesas do Estado. Isso pôde ser notório principalmente com a chegada da guerra e da seca que assolou o estado em 1915. Entretanto, o fraco desempenho das exportações durante os anos de 1906 a 1909, foi provocado por uma considerável crise monetária americana assim como a o modelo de declínio internacional até 1909, onde na concepção de Queiroz, tudo isso "está atrelado à ocorrência de crise nos países capitalistas, em particular nos EUA e na Alemanha e aos seus efeitos recessivos sobre a economia da borracha. A conjugação desses fatores afetou o precário equilíbrio orçamentário do Estado". [181]

O superavit ocorrido na economia piauiense entre os anos de 1909 e 1910, é atribuído ao elevado preço alcançado por os produtos de exportação do Estado, principalmente as matérias primas como a borracha, onde nesses anos, encontrava-se em grande alta. Nos anos seguintes, entre 1911 e 1914, há uma brusca queda nas exportações desses produtos, e seu preço consequentemente caí, o que provoca um desequilíbrio nas finanças públicas do Estado. Por fim, a situação tende a se agravar entre os anos de 1913 a 1915, pois, o momento em que se encontrava o mundo nesses anos tem reflexos consideráveis para o Brasil, especialmente pela crise no setor da borracha que era o segundo produto em exportação no Brasil. Contudo, "a retração dos mercados consumidores europeus, agravada com a instauração da guerra, incide sobre as exportações do país, cuja economia se deve ajustar à nova conjuntura". [182]

3.2. Os aspectos da sociedade piauiense nas duas primeiras décadas do século XX.

No alvorecer do século XX, a então capital do Piauí, Teresina, ainda era uma cidade atrasada e rural em relação a outras capitais do Brasil. Os jornais da cidade eram usados pelos intelectuais, como espaços de campanha e reinvindicações para que ocorressem mudanças e chegassem a tão sonhada modernização na capital. A tão sonhada mudança na cidade ganhou

[181] QUEIROZ. op. cit. p. 193.
[182] Ibid. 196.

forma principalmente através de ideias republicanas, na qual tinha como principais defensores, no Piauí, os bacharéis Clodoaldo Freitas e Higino Cunha, eram os pilares em termos de defesa e propagadores dos ideais republicanos no Piauí, onde o novo regime traria avanços políticos, estruturais, modernizadores e econômicos.

Os ideais de progressos tanto defendidos como aguardados por boa parte da classe média alta de Teresina, foram frustrados nos anos que se sucedem a Proclamação da República de 1889. Isso ocorreu pelo fato de o novo regime direcionar seus investimentos majoritariamente para o Sul do país, onde concentravam-se os Estados mais desenvolvidos, assim como a Capital Federal, Rio de Janeiro. Sendo assim, a Capital Rio de Janeiro era vista pelos outros Estados da nação, como o centro da política, cultura modernidade brasileira, assim como o principal polo financeiro. Assim, como ressalta Pimentel:

> Fica claro, que grande parte do investimento republicano concentrou-se em sua capital, deixando os outros estados, principalmente nos situados no norte do Brasil. A capital Republicana se tornou também um espelho de cidade moderna para as outras, e estavam entre as publicações constantes dos periódicos teresinenses, as reclamações e comparações com a cidade carioca. Apesar das solicitações, com a virada para o século XX, onze anos depois da chegada da tão sonhada República, pouco se transformou na capital piauiense, assim, Teresina continuava a conviver com seu passado rural, contudo, com grande parte da elite ansiando pelo urbano. É importante frisar ainda que ainda em 1880, Teresina já havia recebido duas grandes inovações, que foram cruciais, para seu desenvolvimento econômico, contribuindo para a sua independência do comercio de Caxias, foram estes o telégrafo, e o desenvolvimento da navegação fluvial, a vapor. Medidas estas que deixaram Teresina menos isolada ainda enquanto província. [183]

Notamos, como a cidade do Rio de Janeiro, torna-se modelo de cidade inspiração para Teresina, seus símbolos de modernidade e progresso ganham forma no imaginário local, passando a ser muito retratada e divulgada nos periódicos teresinenses. Haviam muitas comparações de Teresina com a Capital da República, seja de caráter estrutural ou financeiro, visto que a cidade carioca era grande exemplo nas relações comerciais e capitalistas. No entanto, como notamos acima, apesar de todas as reivindicações e apelo dos setores mais economicamente favoráveis, a qual tinham espaços para persuadir suas opiniões nos jornais locais, a tão esperada República pouco transformou a capital piauiense, permanecendo ainda nas primeiras décadas do século XX, como uma cidade rural e menos desenvolvida em relação a outras capitais do Nordeste. Apesar da cidade ainda conviver com seu passado rural, a elite teresinense costumava terminar seus estudos nos grandes centros urbanos do Brasil, principalmente nas capitais Pernambuco e Rio de Janeiro.

---

[183] PIMENTEL, Franciadna Eufrazina. *Teresina, uma Capital republicana: as mudanças ocorridas na capital do Piauí com a chegada do século XX*. Teresina: revista Humana Res. v. 1 n. 001 (2019). p. 2-3.

Apesar da cidade ainda caminhar a passos curtos rumo a sonhada modernidade, Teresina já contava com telegrafo, um dos mais modernos aparelhos de comunicação da época, assim como a navegação fluvial, com "a Companhia de Navegação a Vapor do Rio Parnaíba, que viria a ser a primeira empresa de economia mista do Piauí, instrumento de ação governamental muito em voga na segunda metade do século XX",[184] que proporcionou uma maior independência econômica assim como a comercial em relação a Caxias. Nesse sentido, "as décadas a partir de 1880 são significativas para o processo de mudança do Piauí, no sentido de sua integração regional e é quando aparecem os primeiros elementos de modernização – representados pela navegação a vapor e pelo telégrafo".[185] A importância da navegação a vapor no Piauí, torna-se como um dos fatores primordiais no processo de transformação e modernização no território, pois transparecia que o progresso enfim teria chegado ao Piauí, tudo isso, na segunda metade do século XX, onde o Estado teve um considerável crescimento econômico com o porto e também com a mudança da capital para Teresina, possibilitando "a integração entre o rio e o porto de Parnaíba, e esta cidade, por sua vez, em contato permanente com o mundo civilizado".[186]

Entretanto, o desejo de mudança da Capital de Oeiras para Teresina era estratégico, pois esta aliada ao desenvolvimento da navegação a vapor, seriam elementos fundamentais para o desenvolvimento da província e a tão sonhada independência de seu comercio em relação a Caxias. Para complementar o projeto, foram introduzidas medidas como a abertura de estradas que ligavam os locais produtores de matérias primas aos portos marítimos. Toda essa conjuntura, só veio a consolidar-se nos primeiros anos do século XX, através do crescimento econômico advindo do extrativismo. Ao discorrer sobre esse momento de mudanças no Piauí, a pesquisadora Teresinha Queiroz ressalta:

> As ligações telegráficas, no Piauí, tiveram início em 1884, quando a 13 de dezembro foi inaugurada linha para o norte e em seguida os ramais de Piripiri e Campo Maior. Em 1889 Gustavo Dodt estava encarregado da abertura da linha Teresina-Parnaíba. Em 1902, o Piauí tinha quatro ramais telegráficos: o primeiro ia de Teresina a Campo Maior, Piripiri e São Pedro da Ibiapaba; o segundo ligava Teresina a União, José de Freitas, Barras, Piracuruca, Parnaíba e Luís Correia; o terceiro ia de Teresina a Oeiras, passando por Monsenhor Gil, Amarante, Regeneração e Floriano; outro ramal ia para o Maranhão e outros estados. Em 1908, a cidade estava ligada aos Distritos do Maranhão e do Ceará, a quase todas as localidades entre Tutóia e Floriano, e as linhas continuavam a ser estendidas para o Sul do Estado.
> Em 1913 a navegação fluvial abarcava os rios Parnaíba, Canindé, Gurgueia, Piauí e Uruçuí. A companhia de Navegação a Vapor do Rio Parnaíba tinha três linhas: a primeira era de Parnaíba, com escala em Teresina, União, Miguel Alves, Porto, Repartição, Luzilândia, Barra do Longá e Amarante; a segunda era de Floriano, com

[184] MENDES, Felipe. *Economia e Desenvolvimento do Piauí*. – 2. ed. – Teresina, PI: EDUFPI, 2019. p. 44.
[185] QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 18.
[186] MENDES. op. cit. p. 44.

> escalas em Belém, Amarante, Castelhanos, São Francisco, Barão de Grajaú e Floriano; a terceira era a linha de Tutóia. Além de vapores, barcas de ferros, lanchas pertencentes a particulares, ainda funcionavam a Empresa Fluvial do Alto Parnaíba, cuja sede era em Teresina. A última estava sendo subvencionada para fazer a navegação de Floriano a Santa Filomena, passando por Uruçuí.[187]

Assim, percebemos que o período entre o final do século XIX e início do XX no Piauí, foi de extremas mudanças nos mais diversos setores da sociedade, destacando principalmente a navegação pelo fato da comercialização de mercadorias, assim como a telecomunicação através do Telegrafo. Todas essas mudanças no Piauí promovia a integração comercial entre todo o Estado e também o país, ligando portos fluviais de norte a sul, assim como a comunicação entre as regiões, fatores que influenciariam no desenvolvimento do extrativismo comercial, como ainda permitiu que no ano de 1914 com o início da Primeira Guerra Mundial, o Piauí e suas principais cidades pudesse ficar por dentro das notícias e acontecimentos não só no Brasil como da Europa. A navegação fluvial teve seu desenvolvimento com o objetivo de impulsionar o comércio de exportação, na qual o Piauí exportava principalmente a borracha de maniçoba. Essas linhas de navegação e rotas comerciais possibilitava o comércio piauiense a interligar-se com mercados nacionais e internacionais.

Apesar de quase todo o comércio piauiense, se desenvolver através da navegação fluvial, havia o apelo por parte dos comerciantes da necessidade de uma estrada de ferro que ligasse principalmente a cidade de Teresina ao porto de amarração. Para os comerciantes, esta obra era necessária pelas dificuldades de navegação que já se apresentavam no rio Parnaíba, provocadas pelos períodos de estiagem, assim como o crescente desenvolvimento do comércio da maniçoba, a expansão do comércio do Estado que já alcançava as grandes cidades europeias, destacando Liverpool, Londres e Hamburgo na Alemanha. Portanto, assim como destaca Queiroz, "o peso mais forte da argumentação era quanto à exaustão do rio Parnaíba, que se acelerava a falta de invernos regulares, e que poderia estrangular o comércio do Estado". [188]

Após as tentativas de financiamento das estradas de ferro no governo de Antônio Freire (1910-1912), através de empréstimos interno e externos ou por meio da emissão de títulos de dívidas públicas, garantidos, por exemplo, pela inserção de impostos. Entretanto, somente em 1915 no governo de Miguel Rosa, houve o interesse por parte do governador com intensão de melhoramento do porto de Amarração e a construção de estradas de ferro que ligasse o porto até as nascentes do rio Pirangi. Toda a obra seria em convênio com o Governo Federal, que além desses fatores, também buscava combater às secas na região através dessas construções,

[187] QUEIROZ. op. cit. p. 19.
[188] Ibid. p. 21.

sobretudo, em um melhor deslocamento de águas. Diante do crescimento econômico provocado pela exportação, o Estado ia se introduzindo paulatinamente e de maneira difícil nas rotas de comércio internacionais, via borracha de maniçoba e posteriormente, outros produtos como a cera de carnaúba. Portanto, "a pressão do comércio de exportador criou novas necessidades de infraestrutura, inclusive para a gestão financeira dos negócios". [189]

A necessidade de desenvolvimento do comércio desencadeou alinhadamente a importância de efetivação de serviços públicos que trariam melhorias para população piauiense. Havia a concepção por parte das lideranças políticas e intelectuais, de que para um melhor desenvolvimento do comércio local, outros setores também deveriam receber melhorias. Para que se efetivasse a integração comercial do estado, também necessitava o investimento em outros setores, como na infraestrutura, energia elétrica, saneamento básico o serviço de abastecimento d'água. Os projetos desses serviços foram iniciados ainda na primeira década do século XX, sendo consolidado somente nos primeiros anos da segunda década, como ressalta a historiadora Teresinha Queiroz:

> Fracassada a tentativa, o governo tomou a frente do serviço e iniciou, a partir de 1910, os estudos preliminares, sob a responsabilidade da Repartição de Obras Públicas. A intensão era a de aproveitar, tanto quanto possível, o pessoal com experiência no serviço de abastecimento d'água. A Lei n° 554, de 20 de junho de 1910, autorizou a tomada de empréstimo de até 200 contos para realização do serviço, que passou a ser monopólio do Estado. Em 1911 tiveram inicio os trabalhos, que foram concluídos em 1914, e inaugurados por Miguel Rosa. Só nesse ano, pois, foi superado o que um redator de jornal havia considerado "... extraordinária contradição com o Estado de progresso antigo pelo nosso meio..." com "uma iluminação..." "na altura do nosso grau de cultura e das exigências do nosso centro".
>
> Além dos serviços d'água, da iluminação elétrica e dos telefones, outros melhoramentos requeria a cidade em seu projeto modernizador. Algumas dessas solicitações estavam ligadas às condições de higiene e salubridade, portanto à vida diária – como os serviços de rampas e taludes do rio Parnaíba, que preveniriam as enchentes anuais; a coleta de lixo urbano; a proibição de criação de animais no centro da cidade, como porcos, cachorros, galináceos e vacas; as demandas por calçamento de ruas, etc... [190]

Diante da chegada dos ramais telegráficos em algumas cidades do Piauí, as distancias em termos de notícias viriam a ser encurtadas, e a maioria dessas cidades que receberam a linha de telégrafo tinham um jornal ou periódico informativo, na qual recebiam as notícias de acontecimentos no Brasil e de outras partes do mundo. Com o início das Primeira Guerra Mundial em 1914, diversos jornais já estavam consolidados, e abordaram rotineiramente os acontecimentos na Europa. Dentre as cidades que receberam o telegrafo e trouxeram notícias sobre a guerra europeia.

---

[189] QUEIROZ. op. cit. p. 22.
[190] Ibid. p. 25-26.

Notamos que os anos que antecedem o início da Primeira Guerra Mundial, é um período de consideráveis transformação no Piauí, consolidando-se, sobretudo, após 1914, principalmente na capital Teresina. Todas essas mudanças no aparato estrutural e social da cidade ocorreram conjuntamente com as transformações provocadas em todo o mundo pela guerra. Ao mesmo tempo em que na Europa países declaravam guerra contra as outras nações e desenvolvia os bombardeios nas trincheiras, a o Piauí e sua capital procurava consolidar um projeto modernizador através da implantação de melhorias na cidade. Havia a comoção por parte de alguns intelectuais para o aceleramento do projeto modernizador, na defesa de que era um fato primordial para a consolidação do Piauí no mercado exportador.

Algumas dessas melhorias puderam ser implantadas no governo de Miguel Rosa, onde o mesmo implantou alguns desejos antigos da população teresinense, como; a inauguração do serviço de iluminação pública em 1914, assim como os serviços de abastecimento de água e telefonia. Juntamente a essas melhorias, também houve a preocupação em relação a sanitização e higienização da cidade, pois, a mesma apesar de ter recebido melhorias e obras como a implantação de calçamentos, ainda era uma cidade agrária e atrasada, e isso é notório através dos costumes de sua população, onde boa parte criavam animas nos quintais e até mesmo solto nas próprias ruas da cidade. Sendo assim, houve por parte das autoridades a proibição de criação de animais soltos e, junto à essa medida, ocorreu o investimento em outras obras que melhoraria o dia-a-dia da população, como a implantação de serviços de rampas e taludes no Rio Parnaíba, que sempre no período chuvoso, transbordava com fortes enchentes que prejudicavam a população ribeirinha. [191]

Nesse mesmo período, ocorria uma alta mortalidade no povo piauiense, sobretudo na cidade de Teresina, decorrente de doenças periódicas e endêmicas, como; as pestes e febres, especialmente a varíola. Houve a necessidade de recorrer ao apoio de infectologistas e higienistas para tentativa de solucionar o problema na capital. De maneira que aumentava o número de contaminação e mortes decorrentes destas doenças, aumentava o as críticas diante das condições sanitárias da cidade, na qual o povo e até mesmo os órgãos competentes demonstravam desinteresse em relação a esse problema sanitário. Uma das causas para o elevado número de mortalidade decorrente das doenças periódicas, são atribuídos ao não cumprimento das normas sanitárias por parte da população e até mesmo dos setores administrativos da cidade, orientadas pelas autoridades e órgãos competentes.

[191] QUEIROZ. op. cit. 1994.

Além desses males, Teresina ainda sofria com incêndios rotineiros que acabavam destruindo ruas inteiras de casas de palha, ainda muito comum na segunda década do século XX, pois a população ainda era desprovida de recursos financeiros suficientes para que vivessem bem, sem as condições de pobreza tanto criticada pelos cronistas. Como destaca a historiadora Teresinha Queiroz, "o cronista Z, descrevendo, em 1913, os melhoramentos por que passava a cidade nos últimos anos, esperava para o futuro novos empreendimentos urbanos, como bondes eletrônicos, calçamentos, novas avenidas, cafés de praças, bosque municipal". [192] Toda essa conjuntura, era retratada por cronistas e literatos nos jornais da cidade, onde clamavam por melhoramento do aparato social e criticavam através de crônicas as mazelas da cidade, como; as casas de palha, a população pobre, a sujeira nas ruas e sobretudo, todo o mal-estar causado pela pobreza.

Como observado, o ano de 1913 foi de espantosa crise econômica no Piauí, a marcante queda nas exportações da borracha de maniçoba aliadas à falência financeira do Estado, escancararam ainda mais as más condições dos sujeitos subalternos da cidade, provocando uma maior visibilidade da pobreza em consequência desse cenário econômico. Entretanto, apesar desse período de decadência nas finanças do Estado, à medida que a economia demonstrava sinal de suspiro, aliados ao desejo por parte da elite intelectual de negar esse mundo de pobreza e miséria, insistiam diante das crônicas nos jornais, esfacelar essa imagem de atraso na capital e dar lugar a um novo conceito de cidade, descrito por Queiroz como de "abastança e da civilidade". À medida em que a cidade ia melhorando, em termos estruturais, esse sentimento crescia ainda mais, toda essa euforia era decorrente do melhoramento emergente da cidade. Para exemplificar tudo isso, Teresinha Queiroz detalha um desses eventos ao dissertar sobre uma festa de comemoração no bairro Barrocão em 1915, quando foi inaugurado um "belíssimo foco de luz elétrica" e eram projetados um aterro para velha barroca, uma praça e a canalização da água, tudo com inauguração solene e banda de música".[193]

Esse projeto modernizador do Estado teve suas origens ainda no ano de 1910, quando o presidente da República Hermes da Fonseca (1910-1914), sancionou a Lei N°. 2. 321 de 30 de dezembro de 1910, promulgada pelo Congresso Nacional, onde é orçamentada a "receita geral da República dos Estados Unidos do Brasil para o ano de 1911 e dá outras providencias". [194] A lei, além de determinar os valores dos impostos de importação, entrada, saída e estadia de navios, também possibilitou uma série de autorizações do Presidente da República, através do

[192] QUEIROZ. op. cit. p. 26.
[193] Ibid. p. 27.
[194] ESTADO DO PIAUÍ. *GOVERNO FEDERAL*. Jornal diário do Piauí, 1911. p. 2.

"Art. 2°. E o Presidente da República autorizado: ",[195] onde na parte da lei direcionada à administração pública dos Estados, diz:

> XIII pagando 5% de experiente:
> Ao material importado para ser aplicado pelos governos dos Estados, dos Municípios e do Distrito Federal, à aquisição deles em suas obras feitas por administração e que tenham por fim o saneamento, embelezamento e abastecimento de água; ao material metálico para redes de esgotos; ao material para calçamentos, inclusive britadores, motores respectivos e rolos ou compressores para macadamização, melhoramentos e conservação de barras e portos, construção de fornos para incineração de lixo, pontes, iluminação, estradas de ferro e viação elétrica e o que se destinar ao desenvolvimento de força para estes fins, ou destinado a laboratórios de análises; ao material para colônias correcionais e casas de prisão com trabalho; aos animais e materiais destinados aos corpos de polícia e de bombeiros; ao material destinado à praticagem de portos e à desobstrução de baixios e canais.[196]

Observamos que através da referida lei, o Governo Federal autorizava a liberação de verbas destinadas aos Estados, Municípios e Distritos Federais na intenção de promover o desenvolvimento do país, financiando a estruturação de cidades com obras públicas. Notamos nitidamente no jornal, um olhar mais voltado para, principalmente o; "embelezamento e saneamento" da cidade, bem como o abastecimento de água. Isso remete a onda de modernização que emergia na época no Brasil, advindas desde a *Belle Époque* europeia, na qual setores da sociedade brasileira, principalmente a classe média, influenciados pelos costumes e o mercado consumidor da Europa, clamavam e reproduziam esses valores no Brasil, sobretudo, nas grandes capitais. No Piauí, os propagadores dos ideais progressistas, tecnológicos e modernizadores, característicos do período, foram os intelectuais locais, onde citamos alguns como Higino Cunha e Clodoaldo Freitas.

Um dos principais acontecimentos símbolos de modernização no Piauí, ocorreu no ano de 1914, com a chegada da energia elétrica na capital Teresina. O fato é narrado pelo então Governador em exercício Miguel de Paiva Rosa, que em relatório enviado para a Assembleia Legislativa do Piauí (ALEPI) no dia 1 de junho de 1914 e que também foi noticiado através do *jornal Diário do Piauí*, periódico que atuava sob a responsabilidade dos Poderes do Estado, na edição 123 da mesma data, o referido descreve todo o processo de instalação da energia elétrica em Teresina:

> O SERVIÇO DE LUZ E FORÇA
> Tenho a satisfação de anunciar-vos para breves dias a inauguração definitiva do serviço de luz e força da nesta capital. Espero ter o prazer de ver na noite de hoje os principais pontos de Teresina iluminados, solenizando por este modo o auspicioso início dos vossos trabalhos legislativos, no corrente ano.
> Excederam a toda previsão orçamentária as despesas feitas com o utilíssimo melhoramento a que me refiro. Os dados oficiais, fornecidos pela Secretária da Fazenda, estimam em cerca de 650:000$000 o que se tem gasto na Usina Elétrica,

[195] DIÁRIO DO PIAUÍ. 1911. op. cit. p. 2.
[196] Ibid. p. 4.

> inclusive aparelhos e maquinismo. Entretanto, Senhores Deputados, eu vos dou a grata certeza de possuirmos um serviço completo, modelar, aperfeiçoado e que não tome competência em nem um outro Estado do norte.
> O plano traçado e posto em prática, previu os progressos e adiantamentos que um próximo futuro reserva à capital, e fez-se obra não só para os nossos dias como também para dias adiante.
> Para a iluminação pública foram instaladas 350 lâmpadas de 120 volts de 100 velas, cada uma. (...).[197]

Notamos diante do relento, o entusiasmo de Miguel Rosa em comunicar aos deputados que em poucos dias a iluminação elétrica estaria aclarando as ruas da capital Teresina. O governador, abre o ano legislativo da casa dando a feliz notícia para os parlamentares, mas ao mesmo tempo, comunica-os que o preço dos serviços foi mais alto do que o previsto antes da obra. Entretanto, apesar da alta despesa, o Governador faz questão de mencionar que Teresina dispõe de um serviço e aparelhamento completo, moderno, chegando até a afirmar que nenhum outro Estado do Norte tem tamanha qualidade no serviço. O plano de iluminação, vinha desde meados dos anos 1910 com a Lei N°. 2. 321 de 30 de dezembro de 1910, citada anteriormente e consolidada no Piauí em 1914, pelo referido Governador. Foi o principal símbolo de modernidade e mudanças de conjuntura local, principalmente no sentido de beneficiar e promover o desenvolvimento das indústrias locais.

O sérvio de energia elétrica tem seu funcionamento através da força produzida por dois motores, adquiridos junto a "Gasmotorenfabrik Deutz", empresa alemã fabricante de motores de combustão interna fundada no século XIX, tendo bastante atuação no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Os quatro cilindros que compõe os motores, tinham capacidades de produzir uma força normal de 200 cavalos de potência e máxima de 240, que eram ligados a um gerador comprados da companhia "Stemens Schuckertwerke", empresa de engenharia elétrica também alemã. O sistema da capital tinha potência normal de 3.000 volts e máxima de 3.300, onde eram distribuídos pela cidade por 10 transformadores em postes de ferro, e assim, distribuídas para boa parte da cidade. A voltagem de consumo era determinada em 210 volts para indústrias e 120 volts para a iluminação pública e particular.

Além desses fatos, é importante notarmos os detalhes descritos como a quantidade de lâmpadas distribuídas na cidade, instaladas principalmente nas praças e lagos. Sobretudo, vemos que houve a instalação de mais de 100 km de fiação, distribuídos em torno de 100 postes de ferro e 380 de madeira, onde o Governador alega que iria substituir o mais breve possível. Às obras do serviço de energia elétrica tiveram início no Piauí, segundo a mensagem, em outubro de 1913, tendo a sua última obra inaugurada no dia 9 de março de 1914, fato que contou

[197] ESTADO DO PIAUÍ. *O SERVIÇODE LUZ E FORÇA*. Jornal Diário do Piauí, n° 123. Teresina, 1 de junho de 1914. p. 3.

com a cobertura da imprensa oficial para o "acender das luzes". Notamos os cordiais agradecimentos do governador Miguel Rosa ao engenheiro alemão Rodolph Becker, responsável por todo o projeto e que garante o bom funcionamento da Usina, por pelo menos seis meses de garantia.

A respeito da inauguração da Usina de energia elétrica, o evento ocorreu no dia 10 de maio de 1914, sendo noticiada na edição de número 106 de 12 de maio, com todos os detalhes do glorioso dia para população teresinense. Toda a data, foi pensada estrategicamente para além de determinar um novo tempo para toda estrutura social de Teresina, também seria uma homenagem ao aniversário do ex. Governador Antônio Freire, que completava mais um ano de vida no mesmo dia 10/05/1914. O evento contou com a participação de várias autoridades e elite piauiense, como Abdias Neves, Simplício Mendes, Candido Gil e o Governador do Estado Miguel Rosa. A imprensa que também estava presente, discorreu sobre os acontecimentos, na qual o jornal *Diário do Piauí* descreve:

> **LUZ ELECTRICA**
> **Primeira experiência oficial**
> **Ótimos resultados – Homenagem ao dr. Antônio Freire**
>
> No último domingo, ao anoitecer, em presença de s. excª. dr. Governador do Estado, dos representantes da imprensa local, de algumas famílias e diversos cavalheiros da sociedade teresinense, o engenheiro eletricista R. Becker, efetuou com ótimos resultados, experiência das máquinas do serviço de instalação de iluminação elétrica desta capital, o qual se acha a seu cargo.
>
> As 17 horas, mais ou menos, em direção à Usina elétrica partiram, do porto da Gerencia, uma lancha e o vapor "América" indo naquela o dr. Abdias Neves, o jornalista B. Lemos e outros, e neste o exm. sr. dr. Miguel Rosa, preclaro Governador do Estado, famílias, os demais representantes da imprensa e convidados de s. exc.
>
> Em menos de quinze minutos chegamos ao porto da Usina, onde, nas imediações notávamos já um avultado número de curiosos. Esta é um belo edifício, construído com elegância e revertido do necessário asseio. Com um pavimento todo a mosaico, tanto externo como internamente oferece o mais agradável aspecto ao visitante.[198]

Portanto, com os astuciosos serviços do engenheiro alemão Rodolph Becker, Teresina ganhava sua primeira estação elétrica, um marco histórico na história do Piauí, à medida que o fator foi determinante para o crescimento industrial e comercial do Estado. A partir deste ano, uma série de mudanças ocorreu no seu aparelho social e estrutural. O evento que foi comemorado com brides de taças de *champagne* era visto como o início de uma nova era de desenvolvimento local. Antes mesmo da iluminação pública chegar, Teresina já contava com cinemas que acabou por provocar mudanças na sociabilidade e lazer da cidade, pois a chegada do cinema diário foi uma das novidades que, "representou "mais um progresso" para a Teresina de 1913, foi um dos fatores que, em escala mundial, contribuiu para a vertiginosa expansão da

[198] ESTADO DO PIAUÍ. *LUZ ELECTRICA.* Jornal Diário do Piauí, n° 106. Teresina, 12 de maio de 1914. p. 1.

indústria cinematográfica e para fantástica circulação e acumulação de capital nos centros produtores".[199]

A capital piauiense contou com diversos cinemas desde o começo da segunda década do século XX, como o cinema Paté que funcionou em 1911, assim como nessa mesma época, em Parnaíba, o cinema Rio Branco, precisamente entre os anos de 1912 e 1913. Além destes, teve simbólico destaque em Teresina o cinema Paris. Apesar desses cinemas exibirem grandes produções nacionais, a sua grande maioria vinha da Europa, de países como Inglaterra, Suécia, Alemanha, França, Itália, assim como dos Estados Unidos da América. Nesse sentido, a euforia econômica através da exportação da maniçoba, dos investimentos na modernização local proporcionadas pelo Governo Federal aliado ao Estadual, e principalmente, a necessidade de gestão financeira dos negócios, despertava a importância de criação de um banco, ou a instalação de alguma filial de outro Estado na capital ou em Parnaíba, como Centro Elegante da Juca Feitosa em Teresina e o Porto de Amarração nas proximidades desta última, locais de grandes fluxos comerciais, despertou a tentativa de criação por parte de algumas autoridades e até mesmo comerciantes. Apesar disso, "só em 1917 Parnaíba terá uma agência do Banco do Brasil e em 1927 será fundado o banco do Estado do Piauí".[200]

Essas primeiras agências financeiras só se tornaram possíveis através de uma integração comercial maior entre o Piauí e o mercado internacional, sobretudo, diante da consolidação da cera de carnaúba e a amêndoa de babaçu, vastamente procurado pelo mercado europeu. Entretanto, mesmo que esses produtos estivessem inseridos na demanda internacional, não se consolidavam como atividades eficaz e longínqua que inserisse Teresina entre as cidades mais "desenvolvidas" e "modernas" entre o período de 1910 a 1920. [201] Apesar dessas melhorias, Teresina pouco tinha mudado, ainda estava distante de se tornar uma cidade urbana e moderna como seu povo sonhava. Apesar do modelo de vida do Rio de Janeiro ser um exemplo, a principal inspiradora era a cidade francesa Paris, considerada espelho de tudo que uma cidade moderna e desenvolvida deveria ter, portanto, "tudo ligado à cultura e ao gosto francês era extremamente desejado para uso da elite teresinense, que via do consumo de produtos parisienses, uma demonstração de classe e modernidade". [202]

A influência de Paris já vinha desde os anos finais do século XIX, mantendo-se em parte do século XX, sendo espelho nos diversos campos, como; moda, consumo, música e arte. Paris,

---

[199] QUEIROZ. op. cit. p. 39-40.
[200] Ibid. p. 23.
[201] QUEIROZ. op. cit. 1994.
[202] PIMENTEL. op. cit. p. 3.

mais do que o Rio de Janeiro, fornecia um exemplo de vivência urbana, civilidade e glamour para elite teresinense, sendo reflexos principalmente no refinamento da moda e sensibilidade artística. Nesse período, o comércio de Teresina que contava com os artigos de consumo parisiense concentrava-se às margens do rio Parnaíba, sobretudo, o local abrigava as principais casas mercantis e de varejo da cidade, onde vendiam os mais diversos produtos, desde simples aos mais refinados importados, advindos principalmente da "cidade da luz". Nesse centro comercial, localizado nas proximidades ribeirinhas do rio, destacava-se a "Lojas Brasileira", de propriedade do Sr. Coronel Manoel Raimundo da Paz, primeiro intendente municipal eleito no pleito de 31 de outubro de 1892.

O emergente centro comercial, conhecido como "o tradicional Centro Elegante de Juca Feitosa. Havia importadores que anunciavam pelos jornais as últimas novidades chegadas da Europa", como; "leques de plumas, brancas e a cores, meias de cores para homens e senhoras, colarinhos modernos, alpacas pretas e de cores, Perfumarias finas e outros artigos", [203] esse grande centro comercial na cidade, foi destaque durante todo o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), só migrando-se para outras áreas da capital, após a chegada das grandes cheias entre os anos de 1924 e 1926 que foram causadoras de grandes inundações e prejuízos para os comerciantes. Contudo, a área comercial mais fina não só capital, como também do Estado, migrou para longe das margens do rio, precisamente, instalou-se nas proximidades da praça Rio Branco. [204]

Diante de toda essa conjuntura comercial e social de Teresina, percebemos a consolidação de uma elite política e intelectual com predominância além do comércio, pois, personalidades ligadas ao Coronel Manoel da Paz, vão ser destaque enquanto sujeitos atuantes, políticos, administradores e formadores de opinião da sociedade piauiense, sobretudo, na recém República brasileira. Manoel da Paz teve muitos filhos, e por ter grande força política e econômica, teve filhos que atuou na política, um deles chamado de Manoel tornando-se prefeito na década de 1920 e Raimundo secretário da Instrução Pública. Além disso, por ter grande notoriedade na sociedade, suas filhas ganham maior destaques ao casarem-se com parte da elite intelectual de Teresina, "isto o tornará sogro de vários homens de destaque na cidade: Dr. Higino Cunha (D. Corina); Dr. Abdias Neves (D. Cristina); Coronel Costa Araújo (D. Clotilde); Gumercindo Saraiva (D. Adélia); Antônio Monteiro (D. Júlia)". [205]

---

[203] MONTEIRO. Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória 2: as armas e as maquinas (1896 – 1921)*. Teresina: EDUFPI, 2015. p. 47.
[204] Ibid. p. 40.
[205] Ibid. p. 40.

Todas essas personalidades citadas vão compor durante todo o período de guerra a elite política e intelectual piauiense, estando sempre com notoriedades e destaques, seja na política ou na influência intelectual, sendo sujeitos formadores e propagadores de opiniões na capital e em todo o Estado. Algumas dessas personalidades, fizeram parte da Academia Piauiense de Letras (APL), órgão máximo das letras no Estado do Piauí. A primeira tentativa de criação de uma corporação que promovesse a intelectualidade no Piauí, foi no começo do século XX, em 1901, quando os estudantes recém formados na histórica Escola de Direito de Recife, reuniram-se em uma primeira reunião extraordinária. Entretanto, a consolidação da instituição só veio em meio a Primeira Guerra Mundial, quando no dia 30 de dezembro de 1917 um grupo de intelectuais criaram a Academia Piauiense de Letras no salão do Conselho Municipal, em Teresina.

A seção de criada APL, foi prescindida pelo poeta Lucídio Freitas, principal idealizador da instituição, onde na ocasião foi escolhida a sua diretoria, na qual a primeira geração contou com a presença de Clodoaldo Freitas como presidente, João Pinheiro como Secretário Geral, Fenelon Castelo Branco como Primeiro Secretário, Jônathas Baptista segundo secretário, Antônio Chaves como tesoureiro e Edson Cunha como Bibliotecário. Além desses, tiveram presentes na seção e fazendo parte da instituição como membros, Higino Cunha, Celso Pinheiro e Benedito Aurélio de Freitas. Os membros da Academia tiveram a ambição de criar um jornal dedicado as "letras, ciências e humorismo", a qual o denominaram de *Chapada do Corisco*, designação justificada pela própria revista por ser o nome primitivo de Teresina, assim como "foi o nome simbólico e sugestivo, com que os europeus civilizados batizaram a plaga ribeirinha do Parnaíba, que, depois se chamou 'Nova Villa do Putty'"[206] e, posteriormente, no Governo de José Antônio Saraiva, presidente da província do Piauí em 1852, mudou o nome da recém criada capital para Teresina, em homenagem a imperatriz do Brasil Teresa Cristina.

A revista tinha como objetivo publicar, desenvolver os ideais literários dos membros da academia, além de influenciar os leitores para o campo da intelectualidade. Sua primeira edição foi no dia 11 de maio de 1918, já nos confins da Primeira Guerra Mundial. Em um texto de apresentação, Higino Cunha contextualiza a sua criação enaltecendo a necessidade e importância que a mesma terá, além do mencionar o contexto histórico local e mundial da época, onde descreve:

> **O novo surto**
>
> O nome é uma voz com que se dão a conhecer as pessoas e as coisas. O desta revista preenche perfeitamente o seu objetivo, ligando o presente ao passado e colimando o

[206] ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Chapada do Corisco*. Teresina, n° 1 de 11 de maio de 1918. p. 2.

> futuro. Reconhece, desta arte, a lei da filiação histórica, segundo a qual todos os fenômenos sociais se prendem e se concatenam na sucessão intérmina do tempo.
> "Chapada do Corisco" foi o nome simbólico e sugestivo, com que os europeus civilizados batizaram a plaga ribeirinha do Parnaíba, que, depois, se chamou "Nova Villa do Poty" e afinal recebeu do dr. J. Antônio Saraiva, presidente da província do Piauí, em 1852, com as honras de capital, o nome de Teresina, em homenagem à imperatriz do Brasil.
> Fora primitivamente uma humilde fazenda de gado, sujeita a grandes trovoadas e frequentes faíscas elétricas, muito maiores do que as que sucedem de certos anos e esta parte. Os moços que estão à frente dessa publicação literária, trabalham pelo engrandecimento da nossa bela "Cidade Verde", mas não querem perder a obscura tradição histórica. E procedem muito bem.
> Vêde-a lá: pobre e modesta camponesa, afastada dos grandes centros da cultura nacional, despida dos atavios das pompas deslumbrantes, vai, no entanto, perlustrando a via do progresso, com passos lentos e insensíveis, mas seguros e confiantes. Se lhe migram os recursos da riqueza, sobram-lhe os dons do talento de seus filhos, a beleza e graça das suas mulheres, a exuberância da sua flora tropical, a mansuetude paternal do seu dadivoso Parnaíba e esplendor deste céu, recamado de constelações cintilantes. O que mais lhe falta há de se ir realizando com o despertar do amor e dedicação dos seus pró-homens, cujas lutas nem sempre visam, infelizmente, o bem da comunhão piauiense. Todo esforço é estéril, quando provém do egoísmo sem o bafejo do ideal.
> Moço! cultivai com carinho os fastos da nossa história, quase contemporânea; marchai galhardamente para a conquista do porvir, para a luz e para o alto, no domínio das letras e das artes.
>
> *H. C.*[207]

Diante da conferência de Higino Cunha, notamos o clima de euforia com a criação da revista *Chapada do Corisco*, na qual os membros que compõe a mesma procuraram atribuir o seu nome a história do Piauí, batizando o periódico com o primeiro nome da capital na intenção de estabelecer uma ligação entre o passado e o presente, enaltecendo a evolução desde quando a cidade de Teresina era apenas uma humilde fazenda de gado e o que se configurou entre os anos de 1917 e 1918, auges de projeção da Academia Piauiense de Letras e da própria revista. Os intelectuais que compõem a revista, nas palavras de Higino Cunha, têm como ideal engrandecer e inserir Teresina, historicamente conhecida como "Cidade Verde", entre os grandes centros intelectuais do Brasil.

A revista, tem como principal objetivo divulgar a vida intelectual dessas personalidades e, andando com os mesmos objetivos, "querendo a mesma vitória, os espíritos iluminados de Clodoaldo Freitas, Hygino Cunha, Lucidio Freitas, João Pinheiro, Baurélio Mangabeira, Celso Pinheiro, Fenelon Castelo Branco, Antônio Chaves, Esmaragdo Freitas, Zito Baptista e Leopoldo Cunha". [208] Essa ilustre composição, pretendia promulgar e enaltecer a cultura piauiense assim como nos grandes centros nacionais, mesmo que a passos lentos, mas rumo ao sonhado progresso. Apesar dos mesmos ressaltarem que o Estado desprovê de grandes recursos materiais, lhe sobram outros tipos de fortunas que os inspiram, como; a natureza tropical e o

[207] CHAPADA DO CORISCO. op. cit. p. 2-3.
[208] Ibid. p. 1.

próprio rio Parnaíba. Todo o ideal rumo a conquista e promoção das "letras e das artes", tinha como inspiração a recém história do Piauí.

Todo esse clima de euforia, está aliado a um sentimento de medo e incerteza diante da Primeira Guerra Mundial que estava no seu último ano de conflito em 1918. O autor ao falar sobre o conflito, demonstra um sentimento de preocupação, pois a guerra estaria trazendo consequência a todos os povos e a toda parte do mundo e, mas em sua reflexão, para que a humanidade evolua e se torne mais forte, justa e livre precisava passar por esse momento de "acúleos infernais", lavando o terreno a "ferro, fogo e sangue". Entretanto, a mesma edição da revista publicou algumas cartas de aceitação e incentivo perante a Academia Piauiense de Letras, escritas pelos poetas Olavo de Bilac e Rocha Pombo, que foram cofundadores e membros da Academia Brasileira de Letras. A revista anuncia que "Olavo de Bilac e Rocha Pombo, sócios correspondentes da Academia Piauhyense de Letras, agradece a comunicação que, nesse sentido, lhe foi dirigida",[209] e em seguida expõe as cartas:

> *Rio de Janeiro, 5 de março de 1918.*
> Exm. sr. Fenelon Castelo Branco, 1° Secretário da Academia Piauhyense.
> Penhoradíssimo, venho agradecer-lhe a comunicação honrosa da minha eleição à dignidade de membro correspondente dessa Academia. Aceitando com comovido desvanecimento a distinção, peço-lhe que transmita aos Acadêmicos a expressão do meu conhecimento.
> Creia na estima do seu confrade admirador grato, Olavo de Bilac. [210]

Em seguida, é exposta a outra carta, do poeta Rocha Pombo, que diz:

> *Exm. Sr. Dr. Fenelon Ferreira Castelo Branco.*
> Agradeço, penhoradíssimo, a comunicação que se dignou V. Excia. de fazer-me em sua carta oficial de 14 de janeiro p. p., de me haver a "Academia Piauhyense de Letras" eleito seu membro correspondente, nesta capital.
> É uma notícia que se me torna muito grata por mais de uma razão, e que eu recebo desvanecido como prova de sympathia e benevolência com que me honra, logo em seus primórdios, a auspiciosa instituição.
> Rogo a V. Excia. queria apresentar aos seus dignos pares os meus protestos de gratidão, com a segurança do meu esforço e solicitude em qualquer serviço que possa aqui prestar ao novo grêmio de intelectuais que se acaba de criar nesse rico e futuroso Estado.
> Aproveito-me deste ensejo para oferecer particularmente a V. Exc., como a cada um dos nossos ilustres confrades, os meus pequenos préstimos, com estima pessoal do muito grato.
>
> Rocha Pombo.
>
> Rio, 10 de março de 1918.
> R. Jockey Club 155. [211]

Diante desses relatos, vemos que o Piauí estava inserindo-se nos principais centros culturais e intelectuais Brasil. A cordialidade de dois dos grandes nomes da literatura brasileira,

[209] CHAPADA DO CORISCO. op. cit. p. 5.
[210] Ibid. p. 5.
[211] Ibid. p. 5.

demonstram como os intelectuais do Estado tinham influência e reconhecimento no campo das letras. Nesse período, a presidência da instituição estava sob o comando de Clodoaldo Freitas e estava recebendo novos membros para compor o quadro, sendo eles; Pedro Brito, Antônio José da Costa e Luiz Mendes Ribeiro.

A conjuntura que vivia o Piauí e o Brasil era de muitas mudanças, boa parte delas provocadas pela guerra. Como sabemos, um dos setores sociais mais afetados foi a economia, onde o Governo teve que cortar gastos e mesmo assim, havia dificuldade de honrar os compromissos. Um deles foi no setor público, com atrasos de salários dos servidores e negociação com a classe. Isso é retratado também no jornal *Chapada do Corisco*, onde trouxe um informativo da Secretária da Fazenda com as seguintes informações:

> SECRETÁRIA DA FAZENDA – Conforme publicou o jornal oficial, a tesouraria do Estado pagará durante o corrente mês os vencimentos atrasados do funcionalismo público, relativos ao primeiro semestre de 1915. Com esse agradável presente, os servidores do Estado ficaram a receber apenas os atrasados do segundo semestre de 1915 e primeiro de 1916.
> Bem razão tem a sabedoria popular quando diz:- *nada como um dia após o outro*! [212]

Vemos através do lado noticioso da revista, que por conta da crise econômica, o Governo do Estado na administração de Eurípedes Clementino de Aguiar, pagou os atrasados dos funcionários públicos do primeiro semestre de 1915, quando ainda estava no governo de Miguel Rosa, assim como os vencimentos do primeiro semestre de 1916, já em seu mandato. Apesar de todas essas mudanças ocorridas no Estado, principalmente em sua capital Teresina, os rumores da guerra na Europa soavam coisas distantes para a população, à medida que boa parte dela não eram leitores dos jornais em circulação que traziam notícias do conflito e da alta taxa de analfabetismo, na qual os principais leitores eram da elite local.

Apesar do conflito não estar não estar corriqueiramente no imaginário da população, esteve sempre presente e discutido entre as autoridades, como mostramos nessa discussão. O Piauí foi bastante afetado nos 4 anos de guerra, mas também sofreu um processo de mudança e modernização considerável, como as diversas melhorias na estrutura da capital de Teresina, como; luz elétrica, sistema de abastecimento de água, telegrafo, estrada de ferro, dentre outros. Os altos gastos e empréstimos promovidos no governo de Miguel Rosa, trouxe dificuldades em boa parte do governo de Eurípedes de Aguiar, onde o mesmo não poupou críticas e acusações ao ex-governador. Toda a restruturação das finanças do Piauí, "deve ser creditado ao Governo

[212] CHAPADA DO CORISCO. op. cit. p. 14.

Eurípedes de Aguiar, a restauração das finanças estaduais, sem que seu período tivesse sido um mar em calmaria". [213]

Apesar de todas essas mudanças, o ano de 1918 que seria o último da guerra, "ainda seria climaticamente muito perturbado, com frio excepcional no sul e sudeste do país, o que agravaria ainda mais a difusão da gripe espanhola com a qual o governo enfrentaria problemas no Piauí, no ano seguinte".[214] O contexto social piauiense no final da guerra, que coincidia com o final da década, estava bem diferente do início do conflito, com transformações em todo o setor social, político e estrutural do Piauí. Apesar da ausência de registros e fontes em relação a gripe espanhola, a mesma chegou ao Piauí em 1919, onde houve a mobilização governamental e popular para enfrenta-la. Contudo, a Primeira Guerra Mundial apesar de ter ocorrido na Europa, foi agente causador de uma vasta transformação no Piauí, nos mostrando que o Estado apesar de longínquo em relação ao continente europeu, também foi terreno de mudanças provocadas pelo conflito, fazendo assim, parte de todo o contexto, mesmo não sendo terreno do *front* de guerra.

3.2. A entrada do Brasil no conflito e o impacto da guerra no Piauí

"PELA PATRIA"
(Aos meus cidadãos)
Ao ver-tê, ó Pátria em guerra, eu sinto-me impoluto,
Do teu pendão á frente, aurifulgente e forte!
Mas sigo-te orgulhoso, ao teu favor disputo.
Sem recuar-te um passo e nem temer a morte.
Por ti serei soldado e destemido e bruto,
No campo de batalha a defender-te a sorte,
Embora, que a granada, o projectil soluto,
Rebente sobre mim e me estraçalhe e corte...

Mas, dentro do combate, até o estilhaço infame,
Hei de punir-te a causa em face da destida,
Contra qualquer hostil que o teu pudor difame!...

Hei de seguir-te, ó pátria, em timbre deste pleito,
A' busca da Alemanha- a gênese maldita,
Enquanto ida pulsar-me o coração no peito...
F. Brilhante. (Fortaleza, 11, 1917). [215]

Esse poema intitulado de "Pela Pátria", foi produzido F. Brilhante em Fortaleza em meados de novembro de 1917, e reproduzido na capital piauiense Teresina através do Jornal *O Arrebol*, no dia 24 de fevereiro de 1918. As palavras patrióticas que compõe os trechos do poema, apesar de terem sido publicadas meses depois, fazem menção a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial após o ataque de submarinos alemães aos navios mercantis

[213] MONTEIRO. op. cit. p. 336.
[214] Ibid. p. 337.
[215] ESTADO DO PIAUÍ. Jornal *O Arrebol*, n° 4 de 24 de fevereiro de 1918. p. 2.

brasileiros, tendo iniciado com o torpedeamento do vapor Paraná ocorrido no dia 5 de abril de 1917 e, segundo Johny Santana de Araújo, próximo a Barfleur que se localizava próximo ao canal da Marcha e o litoral da França, o mercante brasileiro "obedecendo a todas as exigências feitas as embarcações de nações neutras em época de conflito, quando a noite e sem aviso prévio foi torpedeado causando a morte de 3 tripulantes",[216] levando o Brasil a romper suas relações comerciais e diplomática com a Alemanha no dia 11 de abril do mesmo ano. Este seria o principal ponta pé para entrada do Brasil no conflito e desavenças entre Brasil e Alemanha.

Antes mesmo desse acontecimento e à medida em que a guerra se expandia pela Europa, propostas de alianças diplomáticas surgiam entre os países Americanos, tendo como principal liderança o Estados Unidos da América, com a proposta de um tratado Pan-Americano, proposta por seu presidente Woodrow Wilson com o ideal de garantir a independência política, o crescimento bélico e integridade territorial de todos os países do continente americano, principalmente após janeiro de 1917 com a declaração de guerra submarina do governo alemão com o objetivo de bloquear o comércio aliado com a América. Tudo isso levou os EUA a propor a realização de uma Conferência Pan-Americana em sua capital Washington, que tinha como pauta principal a defesa hemisférica em caso de ataque ou ameaças de submarinos alemães. Entretanto, por conta de dificuldades nas negociações diplomáticas a Conferência acabou não acontecendo, e o tratado Pan-Americano encontrou bastantes dificuldades, principalmente por conta da postura de neutralidade assumida pelo Ministro das Relações Exteriores brasileiro Lauro Müller.

Esse fato levou o governo estadunidense a romper relações diplomáticas com a Alemanha, fato este que foi seguido de um convite do presidente norte-americano Woodrow Wilson às nações neutras para que os acompanhassem no rompimento das relações com a Alemanha. O governo brasileiro não aceitou o convite, e a imprensa brasileira publicou severas críticas, na qual o rompimento só veio dias após o afundamento do navio *Paraná*. Um após o tombamento do *Paraná*, por conta do bloqueio e da guerra submarina e interferência alemã no México, os Estados unidos no dia 6 de abril entram no conflito depois de quase dois anos de neutralidade. Fato que influenciaria diretamente na postura adotada pelo Brasil.

Depois desses fatos, o presidente da República Venceslau Brás através de mensagem pediu ao Congresso Nacional solicitação para apropriação dos navios marcantes alemães ancorados nos portos brasileiros. Portanto, com a aprovação do congresso para a medida solicitada, "foi baixado o decreto presidencial n° 12.501, de 2 de junho de 1917, autorizando a

[216] ARAÚJO, Johny Santana de. *"Rumo ao mar" e a grande guerra: o poder naval brasileiro no início do século XX, 1904 - 1918.* – Teresina: EDUFPI, 2012. p. 73.

Marinha a utilizar os 45 navios alemães que estavam nos portos brasileiros, chegava ao fim a neutralidade brasileira".[217] Apesar do rompimento das relações entre o Brasil e Alemanha provocado pelo ataque ao mercantil brasileiro *Paraná* e pela apropriação dos mercantes alemães, o então Ministro das Relações Exteriores Lauro Müller viu-se em situação difícil, pois a cada dia havia o crescimento da pressão pública para entrada do Brasil na guerra, e não apenas o corte de relação com a Alemanha. Entretanto, o então Ministro Müller diante das fortes pressões encontrou-se em um beco sem saída, pois além de possuir descendência germânica sofria fortes críticas públicas diante de sua atuação no ministério, fatores que levariam o mesmo a pedir demissão da pasta deixando o cargo.

Para substitui-lo frente ao ministério, assumiu a pasta o carioca e ex-presidente Nilo Peçanha, franco admirador de Rui Barbosa, um dos principais "aliadófilo" brasileiro. Sobretudo, a sua chegada no ministério viria a ser decisiva para a mudança de postura brasileira e, sobretudo, influenciado pelo torpedeamento de mais dois mercantes brasileiros atacados novamente pelos alemães, sendo eles o navio *Tijuca* afundado no dia 20 de maio perto da costa francesa e, poucos dias após, precisamente no dia 26 de maio foi atingido por três canhões o vapor *Lapa*, esses fatores levaram ao Presidente do Brasil Venceslau Braz a enviar uma carta para o Congresso Nacional comentando sobre os torpedeamento, na qual ressalta que "é conhecida de toda nação a atitude que o governo assumiu quando a Alemanha comunicou a todos os povos neutros o estabelecimento de um bloqueio, por submarinos, da costa ocidental da Europa e de parte da meridional, restringindo assim a liberdade dos mares (...)".[218] Nesse sentido, notamos o aquecimento do debate entre o Congresso e o Executivo Nacional em relação a postura que o Brasil deveria tomar depois dos fartos, podendo ser ainda mais notório quando o Presidente fala que "o governo brasileiro formulou então o seu protesto e, tropeado o navio *Paraná* rompeu as relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha".[219] Sendo assim, diante da matéria publicada pelo governo, notamos que o presidente vê como inadiável a tomada de postura brasileira, principalmente pela já antiga pressão e interesse público, assim como o decoro da nação.

As pressões para entrada do Brasil na Guerra se intensificaram com a divulgação em jornais da época do pensamento e opinião do presidente americano Woodrow Wilson, que era a favor da mudança de neutralidade do governo brasileiro e sua declaração de guerra contra a

[217] ARAÚJO. op. cit. p. 73.
[218] ESTADO DO PIAUÍ. *Mensagem sobre o Torpedeamento do Tijuca.* Jornal Alto Longá, n° 3, agosto de 1917. p. 4.
[219] ALTO LONGÁ. op. cit., p. 4.

Alemanha. Todo esse interesse americano para a entrada do Brasil no conflito, deu-se pelo fato dos mesmo reconheceram a grande capacidade naval do país que, a poucos anos atrás no comando de Paranhos, haviam feito "uma grande reforma em sua marinha de guerra e continuava em processo de reestruturação assim este poderia assumir as responsabilidades de patrulhamento do Atlântico Sul o que aliviaria as responsabilidades dos Estados Unidos nos mares do Sul".[220] Entretendo, a entrada e o reconhecimento de guerra do Brasil frente ao Império alemão, se deu só após o torpedeamento do vapor brasileiro *Macau*, ocorrido no dia 18 de outubro de 1917 que contou ainda com o aprisionamento de seu comandante Saturnino Furtado de Mendonça, pelas forças alemãs, com isso, no dia 26 de outubro era proclamado e reconhecido o estado de guerra do Brasil contra o Império Alemão. Entretanto, a entrada definitivamente do Brasil na guerra foi reconhecida pela lei de guerra, sancionada pelo Congresso Nacional no dia 16 de novembro de 1917, na qual proibia aos alemães no Brasil qualquer comercialização com o exterior, assim como o transporte de cargas germânicas em navios brasileiros, bem como transações financeiras e remessas de fundo para o exterior.

Sendo assim, o envolvimento do Brasil na Primeira Guerra Mundial enquanto nação combatente, colocou o país em um seleto grupo junto aos Estado Unidos da América e as nações centro-americanas, já que países como Uruguai, Peru, Equador e Bolívia apenas romperam reações diplomáticas e não declararam guerra contra os alemães, já países como Argentina, Chile, Venezuela, Paraguai e México, mantiveram-se neutros frente ao conflito. A entrada do Brasil na guerra ganhou respaldo em alguns periódicos piauienses, assim como foi assunto no Governo Estadual, sobretudo na comunicação feita entre o Governador piauiense Eurípedes Clementino de Aguiar e a Assembleia Legislativa do Estado, comunicando com o título "Guerra" aos deputados estaduais através dos relatórios governamentais, que:

> Reconhecido e proclamado o estado de guerra entre o Brasil e o Império Alemão, a 26 de outubro do ano passado, apressei-me, como me cumpria, em manifestar ao Exm. Sr. Presidente da República a solidariedade absoluta do povo piauhyense e do meu Governo, com essa medida extrema que a defesa nacional e os nossos brios de povo culto e soberanos nos impuseram. Fiel e solicitamente tenho executado as ordens e obedecido as instruções do Governo Federal, relativas ao estado de beligerância em que nos encontramos. [221]

Deste modo, com a entrada do país na Primeira Guerra Mundial, todos os Estados brasileiros receberam orientações por parte do Presidente da República, com normas e

[220] ARAÚJO. op. cit. p. 74.
[221] AGUIAR, Eurípedes Clementino de. *Mensagem Apresentada pelo Governador do Estado à Câmara Legislativa no dia 1° de junho de 1918*: Teresina Piauí. p. 3.

orientações a serem seguidas diante desse momento ímpar de nossa história. Percebemos um posicionamento por parte do Governador piauiense Eurípedes Clementino de Aguiar em alinhar-se com as decisões tomadas pelo Governo Federal, contribuindo e apoiando o Governo e toda empreitada brasileira na guerra, enaltecendo, inclusive, a solidariedade do povo piauiense, deixando transparecer que se for preciso, o mesmo enviará homens para compor a defesa nacional.

O centro-sul do Estado do Piauí, precisamente na cidade de Picos, também se mostrou como um local ativo e inserido nas grandes discussões nacionais e mundial. Através do jornal *Aviso*, que foi criado pelo Coronel Joaquim das Chagas Leitão[222] na cidade modelo, em 15 de novembro de 1910, trouxe notícias de acontecimentos assim como opiniões da elite política local a respeito da guerra mundial, principalmente após o ano de 1917 em que o Brasil entrou no conflito. O mesmo periódico ficou por muito tempo sob a responsabilidade do Coronel, que era o redator e proprietário do mesmo, tinha como características as publicações quinzenais, e contava com o serviço especial de telegramas na qual recebia e publicava as diversas notícias e, entre 1917 e 1918 abordou a participação brasileira na guerra.

No dia 30 de outubro de 1917, o jornal *Aviso* através do serviço de telegramas, noticiou o pedido de declaração de guerra contra a Alemanha do Presidente da República ao Congresso Nacional, por conta do afundamento do navio mercantil *Macau*. Além da exigência da declaração de guerra de Venceslau Brás, o mesmo ainda cobrou ao Congresso que "devendo internar tripulantes dos vapores mercantes e aprisionar a canhoneira *Eber* internada na Bahia, com a respectiva guarnição". [223] Nesse sentido, além do apelo para o tratamento dos feridos brasileiros, o presidente mandou ocupar o navio de guerra alemão que estava ancorado no porto da Bahia, em respostas aos ataques sofridos pelos mercantes brasileiros. Segundo os jornais da época, a tripulação aprisionada da *Eber*, que estavam sob o comando de Alfredo Schaumburg, assim que tomou conhecimento do Estado de Guerra e da ordem de ocupação do Governo Brasileiro, logo começou a se desfazer de documentos importantes que estavam a bordo, a exemplos de mapas, livros de códigos, mapas, diários de bordos, entre outros documentos importantes da Marinha alemã.

---

[222] Joaquim das Chagas Leitão, conhecido e mencionado como "Coronel Leitão", foi um comerciante e político de Picos-Pi. Além dessas ocupações, também foi Tabelião público e Intendente Municipal (Prefeito) na referida cidade, além de deputado estadual no estado do Piauí por oito vezes consecutivas (1900-1932). O coronel Leitão exerceu vasta influência em Teresina e em sua terra natal, Picos. Com o seu prestígio e influência, elegeu vários intendentes e conselheiros à Câmara Municipal de Picos. Disponível em: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado:* 1549-2003.

[223] ESTADO DO PIAUÍ. Jornal *Aviso*. n° 79, 30 de outubro de 1917: Picos Piauí. p. 2.

Logo em seguida a está notícia, o redator do jornal Coronel Joaquim das Chagas Leitão, proferi um comentário a respeito destes acontecimentos envolvendo o Brasil e a entrada do mesmo no conflito mundial, deixando transparecer a reação do público leitor piauiense pois, segundo o mesmo, "a população recebeu com calma as graves notícias de meu telegrama de hoje, apoiando a atitude do Governo cuja correção merece elogios". [224] Através desse fato, percebemos que a população piauiense, principalmente a da cidade de Picos, mesmo que em um primeiro momento, não se apavorou com as notícias do ataque ao navio *Macau* e a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, mantendo-se tranquila e demonstrando confianças diante da postura e atitudes tomada pelo Governo.

Apesar das informações vindas por telegramas virem na maioria das vezes resumidas e com poucos adjetivos, "mas é importante ressaltar que os telégrafos eram o meio de comunicação mais rápido do Piauí com a Europa", [225] mesmo com o expelente recurso de encurtar a distância entre o Piauí, a Europa e a Capital do Brasil, um dos pontos negativos do serviço de comunicação era a maneira em que as informações vinham resumidas, onde por muitas vezes, impedia o leitor de se aprofundar na informação, pois recebiam notícias bem resumidas sobre determinado acontecimento. O serviço de telegrama era um dos meios de comunicações mais rápidos e modernos da época, demandando um bom poder aquisitivo para adquiri-lo e deter do serviço.

Geralmente contavam com o aparelho de comunicação pessoas influentes na sociedade, a exemplos de Coronéis, tipografias de jornais, serviços oficiais do governo, escrivães e dentre outros. No caso do jornal *Aviso*, o seu representante, o Coronel Leitão, era um sujeito bastante influente não só na cidade de Picos, na qual por muito tempo foi 1° Tabelião de Notas e Escrivão do Crime e Órgãos do termo de Picos, na qual era exercia o cargo vitaliciamente. Também foi intendente municipal (prefeito) nomeado na década de 1890 pelo Governador do Estado Gabino Sousa Araújo Besouro.

Através da documentação analisada (jornais, relatórios governamentais e do ministério de guerra), não encontramos menções ou indícios de envio de tropa piauienses para os campos de batalhas na Europa. O Piauí ainda não contava com um corpo militar concreto, muito menos modernos nos moldes da época, com equipamentos e treinamentos necessários para o envolvimento em um conflito de escala global. Nesse sentido, não há indícios do envio de tropa para a *front* de guerra na Europa e, a implantação de um batalhão que se assemelhasse a dos grandes centros do Brasil, só ocorreu em 1918, com a implantação do 25° batalhão de caçadores

[224] AVISO. op. cit. p. 2.
[225] PESSOA. op. cit. p. 9.

do Exército brasileiro em Teresina. Segundo Johny Santana de Araújo, "no relatório do Ministério dos Negócios da Guerra de 1917, aponta a data da disposição e distribuição das "unidades do Exército pelas regiões militares e pelos Estados", incluindo o 44º Batalhão, que seria criado no Piauí, por meio de um aviso emitido em 17 de novembro de 1917". [226]

Logo após o aviso prévio, "O batalhão foi oficialmente implantado em 2 de janeiro de 1918, com o efetivo de três companhias de Infantaria. O núcleo original do batalhão provinha do 48º Batalhão de Caçadores de São Luís do Maranhão e se instalou na cidade de Teresina naquele dia". Sendo assim, por meio de um decreto datado do dia 11 de dezembro de 1919, o batalhão teve sua denominação alterada, "e em dois de janeiro de 1920, o batalhão recebeu o oficialmente a numeração de 25º, passando a ter a denominação de 25º Batalhão de Caçadores",[227] e seu corpo passaria a contar, a partir daí, com três companhia de infantaria e uma de metralhadoras. Apesar do corpo policial e o nascente Batalhão de Caçadores não terem atuados na Primeira Guerra Mundial, a modernização e consolidação do mesmo foi propiciada, de certa forma, pelo envolvimento do Brasil no conflito, pois, como ressalta Johny Santana de Araújo:

> O envio da missão de observadores aos campos de batalha europeus em 1918 e o seu posterior retorno traria ao Exército um ar de renovação. Essa renovação, para além do equipamento novo e a introdução de um novo padrão de procedimento se refletiria na construção e reagrupamento de forças que adotaram inclusive novas nomenclaturas; assim sob os auspícios dessa renovação foi mandado construir o novo Quartel do 25° BC em Teresina, semelhante aos quartéis do sul do Brasil. [228]

No entanto, com o envio da missão de observadores para observar os campos de batalhas da Europa no último ano de guerra, resultou na necessidade de reorganização, restruturação e modernização do Exército Brasileiro, tendo como referência os grandes exércitos europeus, especialmente o francês. O objetivo no Brasil era a implementação de novos equipamentos, mais modernos e poderosos, a implementação de novos padrões, tácticas e procedimentos no corpo militar que os deixariam mais preparados e modernos. Entretanto, foi nesses moldes que ocorreu a implantação do 25° batalhão em Teresina, que apesar de não ter atuado no *front* da Primeira Guerra Mundial, começou à partir da década de 1920 a ter uma participação mais intensa e momentos marcantes na história nacional, a exemplos do combate a coluna prestes no Piauí em 1925, o movimento revolucionário de 1930, a expedição militar na Amazônia em 1932

---

[226] ARAÚJO, Johny Santana de. *A criação e implantação do 25º batalhão de caçadores do exército brasileiro em Teresina***:** civismo, sociabilidades e memória 1917-1934. (ISSN: 2317-1979). VOZES, PRETÉRITO & DEVIR, v. 10, p. 79-97, 2019. p. 82.
[227] Ibid. p. 82.
[228] ARAÚJO. op. cit., 2019. p. 83.

e 1933 e, na manutenção do Estado Novo de Vargas de 1937 a 1945 e, principalmente, "ao enviar efetivos para a FEB Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial, para atuarem nos campos de batalha da Itália", [229] demonstrando como a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial foi primordial para o desenvolvimento, estruturação e consolidação do corpo militar piauiense.

Em meio a essas mudanças ocorridas no corpo militar piauiense, o envolvimento do Brasil na Grande Guerra estava se firmando cada vez mais. Após o afundamento do mercante *Macau*, houve ainda no dia 2 de novembro de 1918 o ataque por submarinos alemães dos navios *Guaíba* e *Acari*, na qual foram torpedeados no Porto Grande da ilha de São Vicente, em Cabo Verde, na costa da África, na qual eram abastecidos de carvão. Após o ataque a esses dois cargueiros brasileiros, deixando dois mortos no *Guaíba*, "o último navio atacado por submarinos alemães foi o do cargueiro *Taquari* em 2 de janeiro de 1918 próximo ao litoral da Inglaterra, o barco foi canhoneado, morreram 8 membros da tripulação que tentavam escapar pelas baleeiras", [230] no entanto, apesar das baixas, o navio e a maioria da tripulação conseguiram escapar da perseguição, na qual foram conduzidos por os mesmos até o porto de Cardiff, na Inglaterra. No Piauí a notícia dos ataques do dia 2 de janeiro chegara através de telegramas no dia 15 do mesmo mês, no jornal *Aviso*, publicando: "foi torpedeado por submarino alemão o vapor *Taquari* que pôde ainda alcançar Cadiz. Morreram oito tripulantes, havendo outros gravemente feridos". [231]

Um dia após os ataques a esses navios brasileiros que navegavam pela costa africana, no dia 3 de novembro alguns jornais nacionais publicaram um telegrama de felicitações enviado por Woodrow Wilson ao presidente do Brasil Venceslau Brás, na qual o presidente estadunidense saudava o brasileiro pela entrada na guerra ao lado dos Estados Unidos da América contra a Alemanha. Alguns jornais do Maranhão trouxeram as congratulações do presidente norte-americano, sendo um deles o periódico denominado de *O Jornal*, que no dia 8 de novembro de 1917 dedicou a sua primeira página apenas para notícias relacionada ao conflito mundial, trazidas na seção com o título de "Guerra", noticiou vários acontecimentos das mais variadas nações e advindas dos grandes centros mundiais e nacionais, onde direto do Rio de Janeiro, o jornal pública o conteúdo encaminhado a sede do governo brasileiro, onde a mensagem afirma que: "cumprimento v. exc. com sincero prazer pela participação da grande república do Brasil na luta das nações aliadas contra a Alemanha. A ação do Brasil, neste

[229] ARAÚJO. op. cit., 2019. p. 94.
[230] Ibid. p. 76-77.
[231] ESTADO DO PIAUÍ. *AVISO*, n° 84 de 15 de janeiro de 1918: Picos-PI. p. 2.

momento de crise, liga mais estreitamente os elos de amizade que sempre uniram o Brasil e os Estados Unidos". [232]

O presidente Venceslau Brás, no mesmo dia, respondeu o presidente estadunidense, prometendo defender a bandeira brasileira e o seu povo frente ao conflito, ainda ressalta que o Brasil estaria honrado em cooperar com a república irmã e, com sentimento de solidariedade e em perfeito acordo, lutariam juntamente com outros aliados na guerra contra a Alemanha, com o objetivo de garantir os mais honestos e dignos interesses da humanidade. [233] Apesar de o telegrama do presidente estadunidense Woodrow Wilson ao brasileiro Venceslau Brás não ter sido localizado em jornais piauienses, foi veemente divulgado em alguns jornais do Maranhão, entretanto, por ser próximo ao Piauí, fazia parte da macrorregião de circulação de notícias. Todo esse embrolho de acontecimentos em relação a entrada do Brasil na guerra, se deu em consonância à diversos acontecimentos relevantes no Piauí, como a instauração do 25° Batalhão de Caçadores do Piauí, que por motivos citados anteriormente, estava consolidando-se poucos meses depois da entrada do Brasil no conflito mundial.

Logo após o afundamento desses navios mercantes brasileiros, começou uma onda de ataques a firmas e comércios de propriedade de alemães na capital Federal Rio de Janeiro, assim como nas principais cidades do Brasil. Com a declaração de guerra, a população começou uma grande onda nacionalista com "comícios patrióticos" organizados por parcelas dos brasileiros, sobretudo, àqueles que tinham maior afinidade à países como França e Inglaterra, e exigiam uma maior participação brasileira na guerra. Com o ataque da população a comércios de alemães, alguns se viram obrigados até a e cerrarem suas atividades no Brasil. Sendo assim, toda essa agitação fez com que o governo divulgasse notas pedindo para que a população não atacasse os imigrantes e seus estabelecimentos.

Com toda essa onda de acontecimentos e agitações nos grandes centros brasileiros, sobretudo, na Capital Federal, o governo brasileiro decretou estado de sítio no dia 17 de novembro de 1917 "no o Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo por serem regiões de intensa agitação operária e os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul por serem regiões de grande concentração de imigrantes alemães".[234] Com o lançamento do decreto de estado de sítio, houve a contrariedade do deputado Maurício de Lacerda, que alegava a ação governamental como um plano do presidente Venceslau Brás em acabar com as manifestações operarias contra o seu governo que cresciam, sobretudo, no final do ano de 1917 e início de

[232] ESTADO DO MARANHÃO. *O Jornal*, n° 904 de 8 de novembro de 1917. p. 1.
[233] ARAÚJO. op. cit. p. 76.
[234] Ibid. p. 78.

1918. Em meio a esses emaranhados político-sociais, havia o receio do governo em enviar tropas para o *front* de guerra e ajudar os aliados na Europa, pois os líderes políticos e militares indagavam-se como seria possível o envio de tropas para à Europa e garantir a integridade do país contra os chamados "germanófilos", principalmente os que viviam nos estados do sul.

Com o envolvimento do país ao lado dos aliados e o crescimento das manifestações operarias pelos grandes centros do país, o governo viu-se obrigado a prorrogar o estado de sítio, que em telegrama noticiado pelo jornal *Aviso*, anuncia que "o estado de sítio foi prorrogado até 28 de fevereiro para os Estados do Sul".[235] Um mês após essas notícias sobre o ataque ao navio Taquari e a prorrogação do estado de sítio brasileiro, o jornal *Aviso* voltou a publicar um telegrama advindo do Rio de Janeiro, com a posição do então deputado federal piauiense o sr. Joaquim de Lima Pires Ferreira no dia 15 de fevereiro, um dos poucos parlamentares a manifestar-se contrário a entrada brasileira na guerra. O então telegrama ressaltava que: "o dr. Joaquim Pires dirigiu enérgico manifesto será publicado "Notícia", definindo sua posição política, acentuando sua fenda e correção na votação contrária a participação do Brasil na guerra universal, classificando nossa ação de aventura perigosa. Ataca fortemente Félix Pacheco". [236]

Diante desse telegrama, percebemos que os parlamentares piauienses além de se apresentarem ativos em relação à votação para participação brasileira na guerra, alguns manifestava-se com divergências de opiniões, como no caso dos deputados Joaquim Pires e Félix Pacheco, retratado pelo periódico. O Piauí e seus representantes, não ficavam remoto a decisões e discussões sobre o conflito, estava inserido assim como os grandes centros brasileiros. Sendo assim, com a entrada brasileira na guerra, o presidente Venceslau Brás comunicou que seria necessário os estados brasileiros e seus representantes cortarem gastos desnecessários e se atentarem as finanças, já que haveria a diminuição dos repasses federais por causa do direcionamento de verbas para participação brasileira no conflito.

Jornais como *Chapada do Corisco*, revista fundada por intelectuais piauiense como Hygino Cunha e Jonathas Baptista, nas suas duas edições de 1918, trouxera um comunicado com o título "Palavras do Chefe da Nação", ressaltando que "é oportuno que aconselhamos a maior parcimônia nos gastos de qualquer natureza".[237] A edição que além de trazer as proferidas palavras do presidente, também publicou um artigo de Eurico de Góes, na qual faz uma narrativa filosófica a respeito do estado de guerra do homem. Entretanto, além disso, o periódico traz um balanço referente aos primeiros quinze dias comerciais piauiense, em maio

[235] AVISO. op. cit. 2.
[236] ESTADO DO PIAUÍ. *AVISO*, n° 87 de 28 de fevereiro de 1918: Picos-Pi. p. 2.
[237] ESTADO DO PIAUÍ. *Chapada do Corisco*, n° 2 de 25 de maio de 1918: Teresina-Pi. p. 8.

de 1918, intitulada “Quinzena Comercial”, onde o informativo mostra que “com o estado de guerra atual, desde seu começo, tem se desenvolvido grandemente o comércio, por todo o mundo, e até neste recanto do Brasil chegou à bonança dos negócios”. [238]

Sendo assim, uma vasta quantidade de matérias primas, como Cereais, Babaçu, Couro de Gado, Cera de Carnaubal, Maniçoba, Algodão e entre outros, tiveram a uma grande procura crescimento de exportações através do porto de Parnaíba. Essas grandes quantidades de exportações do comércio piauiense para Europa, chamou a atenção dos principais governantes do Brasil, assim como do presidente, pois toda essa ação comercial de não controlar a demanda dos gêneros alimentícios para exportação, causava incomodo e receio dos governantes na capital federal, pois poderia faltar esses gêneros no próprio Estado. Por conta dessa atitude, o proferido jornal trouxe um telegrama do Rio de Janeiro, do dia 18 de maio, criticando tais atitudes comerciais, pois no conteúdo publicado, diz que:

> Tem causado péssima impressão aqui o pouco caso que a população de Teresina fez das recomendações oficiais sobre “a maior parcimônia nos gastos de qualquer natureza”, principalmente porque se sabe, também, que o comércio teresinense tem sido muito condescendente, vendendo tudo pelas horas da morte. [239]

Desde o ano de 1915, a Marina brasileira se organizou e firmou-se sua esquadra para vigilância e patrulhamento do litoral e portos brasileiros, no sentido de manter sua neutralidade, pois desde o início do conflito o a costa do país já contava com uma intensa movimentação de navios alemães e ingleses na sua costa. Inicialmente, o objetivo dessa força era manter a neutralidade brasileira, sendo assim, com a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha, a sua missão passou a ser a de vigilância de uma possível atividade ou ataque frotas inimigas. Desde julho de 1917, havia sido criada três Divisões da Marinha brasileira para patrulhar a costa distribuídas em zonas de operação demarcadas pelo Estado Maio da Armada. O Piauí, apesar de não ter participado efetivamente da guerra, com o envio de tropas ou soldados, pois ainda se consolidava a criação em 1918 da 25° Batalhão de Caçadores, teve um contratorpedeiro denominado de Piauí, em homenagem ao Estado, que patrulhou o Norte do litoral brasileiro, ao lado Emorouçados *Deodoro* e *Floriano*, os cruzadores *Repúblicas* e *Tiradentes* e outro contratorpedeiro, o *Santa Catarina*. O *Piauí* também foi enviado para missões na costa da África em 1918. [240]

Em uma conferência realizada entre os dias 3 e 20 de novembro de 1917, em Paris, denominada “Conferência Interaliada”, contou com a participação do ministro brasileiro Olinto

[238] CHAPADA DO CORISCO. op. cit. p. 16.
[239] Ibid. p. 16.
[240] ARAÚJO. op. cit. p. 79-80.

de Magalhães, o Brasil se comprometeu a ajudar os aliados de três formas: "enviando uma Divisão naval de operações de guerra que operaria onde a marinha inglesa achasse conveniente; segundo: o envio de um grupo de aviadores para treinamento e participação de futuras missões e finalmente de uma missão medica". [241] Entretanto, o navio contratorpedeiro que recebeu o nome de *Piauí*, atuou a comando da conhecida Divisão Naval de Operações de Guerra ou DNOG, sendo assim, além deste a divisão seria composta pelos cruzadores *Bahia* e *Rio Grande do Sul* e mais três contratorpedeiros *Rio Grande do Norte*, *Santa Catarina e Parnaíba*.

Para o envio dos navios para as missões de patrulhamento na costa africana, houve a determinação de aperfeiçoamento e atualização dos navios, onde alguns, como no caso do *Piauí*, necessitavam de reparos e aprimoramento para realizar a missão. O então Almirante da esquadra brasileira, Pedro de Frontin, havia determinado que à medida que os navios da frota ficassem prontos, deixariam o Rio de Janeiro, os cruzadores iam para Recife e os contratorpedeiros para Natal. Sendo assim, os primeiros navios a terem seus reparos concluídos e foram enviados rumo aos locais citados, para posteriormente, irem rumo à ajuda aos aliados "foram o Piauí e o Paraíba que deixaram o Rio de Janeiro em 07 de maio de 1918, largaram de suas boias de amarração e, depois de desfilarem pelo fundeadouro dos navios da Esquadra, as tripulações davam "vivas" e nos mastros tremulavam os sinais de "boa viagem".[242] Nos próximos dias, os navios que compunham a frota iam sendo enviados aos deus destinos à medida que ficavam prontos.

Quando toda a frota ficou pronta, embarcaram rumo as missões de patrulhamento no continente europeu e africano. Diante da viagem, que contou com as instruções a Marinha Britânica, a frota brasileira contou com dificuldades de abastecimentos de carvão, água e alguns mantimentos, além de reparos de urgências. Ao chegarem na costa da África, nas proximidades de Serra Leoa, "a divisão devia se encontrar com o encouraçado inglês *Britânia*, capitânia da Divisão sob comando do Almirante Sheppard",[243] entretanto, ocorreu um desencontro entre alguns navios da DNOG, havendo a necessidade de remarcação de um novo encontro dos que ficaram pra trás com o *Britânia*, na qual acontece no dia 8 de agosto e, no dia seguinte, toda a esquadra chegou a Freetown, capital da Serra Leoa para realização de suas missões.

A DNOG ao chegar em seu destino, encontrou outros problemas que viria a atrapalhar suas missões na região que, segundo Johny Santana de Araújo, "ao chegarem a Freetown, em Serra Leoa, os navios foram reabastecidos de combustível e alguns reparos foram feitos. No

[241] ARAÚJO. op., cit. p. 85.
[242] Ibid. p. 88.
[243] Ibid. p. 90.

entanto, a cidade estava praticamente vazia por causa de uma epidemia de gripe que havia começado, e que ficou conhecida por gripe espanhola". [244] A contaminação da tripulação brasileira se deu a partir do contato com um navio inglês chamado de *Mantua*, que estava ancorado a uma distância considerada mínima dos navios brasileiros, e que se dirigia frequentemente para fora do porto.

A frota brasileira tinha como objetivo viajar de Freetown a Dacar, no Senegal, e assim o fez no dia 23 de agosto de 1918. A frota encontrou problemas com o contratorpedeiro *Piauí*, além de ter enfrentado muitas dificuldades como fortes chuvas, mar grosso e outros prejuízos, como o ataque de um submarino alemão contra o cruzador auxiliar da frota brasileira *Belmonte*, ocorrido na noite do dia 25 para 26 de agosto. O submarino inimigo foi avistado pelos vigias contratorpedeiro *Rio Grande do Norte*, e mesmo que vários dos navios que compunha a frota da divisão houvessem abrindo fogo contra o submarino alemão, o seu afundamento foi creditado pelo o mesmo, "pois o marinheiro de 1ª classe artilheiro Lourenço Eduardo Eustáquio dos Santos se encontrava como vigia de prontidão junto ao canhão principal de 101 mm do contratorpedeiro quem primeiro abriu fogo por ordem do comandante".[245]

Logo nas primeiras missões de patrulhamentos, a 6 de setembro em Gibraltar, segundo Araújo "irrompeu uma violenta epidemia de "gripe espanhola", além de uma série de moléstias próprias da região como o impaludismo e febres biliares", [246] que abateu fortemente alguns tripulantes, os impossibilitando de qualquer atividade na Divisão. A gripe espanhola se iniciou no cruzador *Bahia*, na qual contaminou violentamente a tripulação que trabalhava com carvão, fazendo com que os mesmos parassem suas atividades pis estavam impossibilitados de realizar quaisquer tarefas. Os principais sintomas eram febre, fraqueza, tosse, expectoração sanguínea, congestões pulmonares e, nos piores casos, a vítima chegava a óbito.

A epidemia além de ter atacado a Divisão, também assolou todos os navios do porto, assim como a própria cidade de Dacar, pois além da gripe espanhola, haviam também as moléstias como a malária, esta última perdurou contaminando e abatendo membros da DNOG mesmo depois de controle da gripe espanhola na tripulação. Os primeiros membros da tripulação que foram mortos pela gripe foram enterrados em caixões, e outros colocados em pedaços de tabuas e, havia até mesmo dias em que os mortos não podiam ser recolhidos. Segundo Johny Santana de Araújo, "no cemitério foram sepultados 156 dos tripulantes, mas

[244] ARAÚJO. op., cit. p. 91.
[245] Ibid. p. 92.
[246] Ibid. p. 93.

ainda houve mortes na tripulação pelas demais doenças e posteriormente no Brasil dos que voltavam, por conta da fraqueza em decorrência da gripe". [247]

No dia 3 de novembro a DNOG deixou Dacar rumo a Gibraltar, território britânico, com o objetivo de encontrar-se com o encouraçado *Britania* que era capitania da força inglesa. O encontro estava previsto para os dias 9 ou 10 de novembro, e ao longo da viagem os franceses através de suas estações radiotelegráficas tentavam contato com a frota brasileira, que não atendeu em respeito ao silencio internacional de rádio. Sendo assim, "alertados pelos chamados contínuos de rádio dos franceses, três submarinos alemães concentraram-se próximo ao estreito de Gibraltar e sendo o *Britania* o primeiro a chegar foi torpedeado por um submarino e afundou". [248] Depois do ocorrido, a divisão chegou a Gibraltar no dia 10 de novembro e assistiu o sepultamento das vítimas do *Britania*. Contudo, no dia 11 foi assinado um acordo de trégua armistício entre a Alemanha e os países aliados, dando fim a Primeira Guerra Mundial.

Após as festividades em comemoração à paz promovida pelos países aliados, a DNOG deixou Gibraltar em 20 de janeiro de 1919 e fez umas viagens passando por alguns países europeus como Inglaterra, França, Portugal e, após a passagem por esses países, retornou a Gibraltar e pelo mediterrâneo foi até a Itália, com o objetivo de levar a bandeira brasileira até as nações amigas. Depois desta última missão, a DNOG voltaria a Gibraltar e em seguida partiria definitivamente para o Brasil, onde chegou a Recife no dia 23 de maio de 1919 e ao Rio de Janeiro a 9 de junho. Segundo Johny Santana de Araújo, "A recepção em Recife havia sido calorosa, e no Rio de Janeiro os marinheiros haviam sido saudados por todas as embarcações da baía, e por ordem do ministro da marinha através do Aviso naval n° 3.053, de 25/06/1919 a DNOG foi dissolvida". [249]

Logo após as festividades com a chegada da frota brasileira e apesar da DNOG ter sido dissolvida, alguns prejuízos pela participação brasileira no conflito ainda viriam à tona no Brasil, sobretudo, em termos sanitários, pois a divisão além de trazer a vitória na Grande Guerra ao lado dos países aliados, também trouxera na bagagem aquilo que causaria uma epidemia em solo brasileiro e que matou boa parte da nossa frota naval na guerra, a gripe espanhola, uma das contribuições para o fim do conflito. A gripe espanhola, foi uma doença denominada também de *influenza espanhola*, sendo bastante conhecida mundialmente por sua característica de contaminação fácil e mortal, onde chegou a matar em todo o mundo, cerca de 20 milhões de pessoas só no ano de 1918. A doença geralmente se manifestava de forma regionalizada e não

[247] ARAÚJO. op., cit. p. 95.
[248] Ibid. p. 96.
[249] Ibid. p. 97.

ficou centrada apenas nas principais capitais do país, alastrando-se também a regiões do norte do Brasil, chegando ao Piauí em 1918 e, segundo Antônio Melo Filho:

> Afinal, em 1918, Teresina sofreu a invasão da pior epidemia que atacou a cidade: a *gripe espanhola*. É com esta experiência epidemiológica que se monta o maior "Regime de Urgência" contra uma doença na Primeira República: a cidade foi dividida em distritos, delegados encarregados de fazer a vigília e distribuir ajuda aos pobres, além de ser criado dois lazarentos provisórios para recolher os doentes mais graves. [250]

Deste modo, as autoridades locais organizaram estratégias sanitárias para o combate a doença. O governador da época, Eurípedes Clementino de Aguiar, que além do posto político era médico por formação, convocou o Conselho de Saúde do Estado e reuniu o Secretário de Governo, médicos, farmacêuticos, autoridades policiais e iniciou uma operação de saúde ordinária para combater a *influenza espanhola*, entretanto, "ao reunir-se, este conselho tomou como primeira medida a ser providenciada a divisão da cidade em zonas e distritos, sob a responsabilidade de um delegado cada uma".[251] O trabalho de fiscalização ficou sob responsabilidade do Superintendente Geral Álvaro Castelo Branco, quem também era subdelegado. Além dessas atribuições, o mesmo ficou encarregado de realizar as demandas mais urgentes e de fazer a remoção dos doentes para os chamados "lazarentos", que ficavam situados na "Estrada do por Enquanto" e outro na "Praça Saraiva". [252]

O Governo do Estado, como medida para não espalhar a moléstia ofereceu um auxílio governamental para as vítimas contaminadas pela doença, este mesmo auxílio "variava de 2$000 a 4$500, dependendo do número de pessoas residentes de cada casa", [253] visto que as pessoas contaminadas pela gripe espanhola eram orientadas a não saírem de casa para não espalhar ainda mais a moléstia. Para manter o controle e ter a certeza de que os contaminados estavam cumprindo a quarentena, o delegado chefe de cada distrito fazia duas visitas por dia a cada casa e além da vistoria, distribuía viveres e dinheiros para as famílias atingidas e averiguar o estado de saúde de cada membro familiar. Sendo assim, os casos com sintomas leves eram mantidos e recuperados em casa, e os mais graves levados aos hospitais temporários de tratamento localizados nos já citados "Estrada do por Enquanto e "Praça Saraiva".

Em relatório apresentado a Câmara Legislativa do Estado em 1° de junho de 1919 pelo governador Eurípedes Clementino de Aguiar, referente ao seu terceiro ano de mandado, 1918,

---

[250] FILHO. Antônio Melo. *Teresina: a condição da saúde pública na Primeira República (1889-1930).* Recife: Dissertação de mestrado, 2000. p. 106.
[251] Ibid. p. 107.
[252] Ibid.
[253] Ibid. p. 107.

o governante comunica aos deputados que são amistosas a relação do Estado do Piauí com a União, na qual o mesmo ao relata que enviou um telegrama para o Ministro da Agricultura e da Aviação, expondo as dificuldades encontradas pelo Estado do Piauí assim como o seu vizinho Ceara, em relação a escassez de chuvas que provocava seca que assolava o território local e vizinho. Sendo assim, diante do momento de calamidade o governador viu-se obrigado a pedir ajuda aos poderes fenderias para prestar socorro às vítimas flageladas. No telegrama que está datado no dia 2 de abril de 1919, o Eurípedes de Aguiar comunica o Ministro dos prejuízos sofridos nas cidades do interior do Estado, assim como na capital provocados pela escassez de chuvas, que acabaram por vasto prejuízo as lavouras e industrias pastoril e, principalmente, as percas nas criações de gados.

Todos esses fatores que assolavam a população piauiense, "juntas ao elevado preço a que atingiram todos os gêneros de primeira necessidade e mercadorias de uso comum e a epidemia de gripe espanhola, que afetou todos os municípios do Estado, trazem a população em grande sobressalto e enche a todos de desesperança".[254] O governador Eurípedes de Aguiar, recorre aos Ministros e ao Governo Federal com o objetivo e esperança de obter ajuda financeira para custear as obras federais de viação férrea e contra a seca, além das hospitalares, pois o mesmo via como necessário tal pedido para evitar a tempo os terríveis efeitos dos flagelados que periodicamente dizima o Nordeste Brasileiro. Entretanto, por conta da forte seca que atingia o Estado do Ceara, houve no mesmo ano uma onda de imigração da população cearense no Piauí, em busca de sobrevivência e melhoria, sobretudo, por conta disso, os recursos financeiros providos do Estado do Piauí mostravam-se abaixo do essencial para suprir as demandas necessárias do momento.

Diante da situação de emergência sanitária em que se encontrava o Estado, havia também a necessidade de investimento e reformas de hospitais de apoio e combate da moléstia. Um dos que receberam reparos foi a unidade de tratamento localizado na praça Saraiva, como ressaltado no relatório que "foram submetidas a reparo a casa pertencente ao Estado, sita à praça Saraiva, onde esteve instalado um Hospital, por ocasião da epidemia de gripe".[255] Vemos uma forte mobilização do Governo Estadual para combater a gripe espanhola, sobretudo, nas reformas hospitalares destinadas as unidades de tratamento na capital. Podemos perceber tal mobilização sanitária quando Eurípedes de Aguiar, relata aos deputados a situação da saúde pública piauiense, onde descreve que:

---

[254] AGUIAR, Eurípedes Clementino de. *Mensagem Apresentada pelo Governador do Estado à Câmara Legislativa no dia 1° de junho de 1919*: Teresina Piauí. p. 4-5.
[255] Ibid. p. 24.

> GRIPE. – Infelizmente não escapamos à moléstia da guerra, a gripe, que, com uma gravidade jamais observada em epidemias anteriores, devastou o mundo inteiro.
> No nosso Estado, o terrível mal teve ingresso em fins do ano passado, sendo os primeiros pontos atacados Amarração, Parnaíba e Teresina.
> Rapidamente a moléstia se alastrou por quase todo o território piauiense, com certa virulência e intensidade, em alguns pontos e benignamente em outros.
> Para combater a calamidade, o governo do Estado agiu, sem perda de tempo, proporcionando à diretoria de Saúde Pública, todos os recursos ao seu alcance. [256]

Destarte, vemos que o Piauí, apesar de não ter tido participação direta na Grande Guerra, teve consequências e foi bastante atingido pelos males da mesma, onde moléstias que dizimaram grande parte de soldados brasileiros, ingleses e de outras nações, foram trazidos pela frota vencedora e outras embarcações ao retornar ao Brasil, na qual a contaminação chegou até o Estado. Nesse sentido, os primeiros pontos de contágios foram justamente os que continham maiores fluxos de comercialização e interação pessoais, sendo eles Amarração, Parnaíba e a capital Teresina. Diante desses pontos iniciais de contágios, em pouco tempo a gripe se espalhou por quase todo o território piauiense, mas com uma taxa de transmissão, intensidade e mortalidade maior em alguns locais do que outros.

Além da criação dos dois hospitais de apoio já mencionados, foi aberto um crédito extraordinário pelo governo e estadual através do decreto n° 712, de 6 de dezembro de 1918 no valor de 20:000$000 para custear as despesas de hospitais, medicamentos, matérias de primeiros socorros, além da ajuda em dinheiro e gêneros alimentícios para àqueles que estavam contaminados pela moléstia, tanto na capital como nas cidades do interior. Para auxiliar o Superintendente Geral e diretor de saúde pública, foi nomeado o dr. Manoel Sotero Vaz da Silveira. Os contaminados pela moléstia além de receberem custeio em dinheiro em suas residências, pois eram orientados a ficarem em isolamento para não espalhar a doença, também poderiam procurar socorro financeiro no edifício da Secretária de Polícia, que tinha como Superintendente de Polícia o magistrado João O. Porfírio da Mota.

Para os municípios interiorano à capital em que a epidemia atingiu com mais intensidade, também foram enviadas ajudas em dinheiro e medicamentos para custeio do tratamento dos contaminados. Em relação a dados, números de contaminados e mortalidade, é ressaltado no relatório que não é possível ter uma precisão absoluta em relação a essas estatísticas, pois em muitos pontos do Estado a moléstia atingia com mais intensidade do que em outros e, a cada dia fazia mais vítimas e contaminados. No relatório, é argumentando que somente na capital Teresina é que seria possível fazer um levantamento de dados e projeção desses números, onde no primeiro trimestre de 1919 foram registrados 54 óbitos pela gripe, mas anteriormente, no

[256] AGUIAR. op. cit., p. 26-27.

ano de 1918, assim como nos primeiros meses de 1919, a epidemia fez um elevado número de vítimas na cidade, pois muitos dos enterros eram feitos em cemitérios suburbanos e sem registros, assim, não entrando nos dados oficiais. Contudo, segundo o relato de Eurípedes Aguiar, "não é, portanto, exagerado calcular-se em 200 os óbitos ocasionados pela gripe, nesta capital, a contar da última quinzena de dezembro do ano passado à primeira quinzena de maio deste ano".[257]

Contudo, compreendemos como a entrada do Brasil na Grande Guerra em 1917 atingiu diretamente o Piauí trazendo grandes prejuízos, seja eles financeiramente ou em termos sanitários, deixando o Estado inicialmente em uma crise econômica e posteriormente, em uma crise epidemiológica provocada pela chegada da gripe espanhola, que assolou quase todo o seu território. Cidades como Picos, Oeiras, Floriano, e as de maiores notoriedade da época, Teresina e Floriano tiveram bastantes vítimas e prejuízos provocados pela moléstia. Apesar de não haver dados precisos nos relatórios em relação aos números de óbitos pela *influenza* nessas cidades distantes da capital, a moléstia também as atingiu e trouxe severas baixas em sua população, mostrando que a maioria das localidades do Estado sofreu com a epidemia de gripe espanhola trazida para o Brasil no último ano da Primeira Guerra Mundial.

[257] AGUIAR. op. cit., p. 28.

4. CAPÍTULO III – AS NOTÍCIAS DA GRANDE GUERRA MUNDIAL NOS JORNAIS PIAUIENSES-(1914 – 1918).

No presente capítulo, buscaremos compreender como se deu a divulgação da guerra por alguns dos periódicos piauiense, bem como o desígnio de identificar o posicionamento dos jornais em relação as duas frentes que combatiam no *front* de guerra, a condenação da conflagração europeia e as matérias publicadas que ganhava ou não notoriedade.

Também será feita uma abordagem a respeito de palestras e conferências promovidas por intelectuais piauienses, sobretudo, àqueles que foram membros da Academia Piauiense de Letras (APL), discutindo sobre suas impressões da Grande Guerra, a participação brasileira, assim como algumas peculiaridades e consequências do *front*. À abordagem desses fatos será feita em consonância com a discussão de acontecimentos dos últimos anos de conflito até o armistício proporcionado pela rendição da Alemanha e o Tratado de Versalhes em 1919.

4.1 A divulgação do conflito e o posicionamento dos jornais

Durante os quatro anos de conflito bélico na Europa, diversos jornais piauienses divulgaram notícias sobre a eclosão, andamento e fim da Primeira Guerra Mundial. A sua grande maioria, tinha em suas direções intelectuais ou pessoas influentes na sociedade, que de forma direta ou indireta, exercia uma função de influência na sociedade e, na maioria das vezes, tinham uma proximidade ou envolvimento com a política. A importância dos jornais nesse contexto social se deu pelo fato de haver a necessidade e intenção em manter alguma influência na população através desse mecanismo. Isso geralmente acontecia por conta de as notícias se propagarem de maneira muito rápida, na qual atingiam as mais vastas dimensões sociais. Outra tática para poder atingir a população, era a escrita dos periódicos, que eram produzidas em uma linguagem de fácil compreensão para que o público sentisse prazer ao ler o texto noticiário até atingirem um ponto em que concordassem com ela.

Dito isto, a Primeira Guerra Mundial além de ter sido bastante divulgada no Brasil, promoveu uma série de discussões em nossa sociedade, tanto nos setores midiáticos, como nos intelectuais e popular. Havia discussões a respeito de qual país seria o causador da guerra, assim como a característica de escolha de um dos lados para defender pelo simples fato de ser adepto a cultura de um determinado país que compunha uma das frentes da guerra, surgindo assim as nomenclaturas “Aliadófilos”, termo usado para pessoas que torciam e defendiam os países da Tríplice Aliança na guerra e repudiavam a Alemanha, os “Germanófilos” que eram simpatizantes e admiradores da Alemanha e os “Neutralistas”, sendo estes os principais críticos da Grande Guerra assim como da entrada do Brasil no conflito, a qual recusavam-se a defender

um dos blocos ou país beligerante, assim como a suas ideologias. Diante dessa conjuntura de tomada de lado, como ressalta as autoras Ana Regina Rêgo e Ranielle Leal Moura:

> Contudo, se as nossas forças militares pouco atuaram nas trincheiras da primeira guerra, os nossos políticos, jornalistas e escritores, por outro lado, se lançaram no conflito desde o início. A imprensa política tradicional, a imprensa operária e até mesmo as revistas culturais e literárias chegaram a abordar os eventos europeus sob algum prisma, em sua maioria, favorável aos países aliados da Tríplice Entende, construídos discursivamente nos periódicos como a versão do bem, enquanto que os alemães e seus aliados eram apresentados como sendo à força de todo o mal.[258]

Refletindo sobre esse fato, vemos que a maioria da imprensa tendia a produzir publicações que fossem favoráveis aos países da Tríplice Entende, pelo fato de o Brasil ter tido as desavenças com a Alemanha em 1917, principal país da Tríplice Aliança. Como ressaltado anteriormente, também havia os periódicos que favoreciam e defendiam a Alemanha, e o que se configura nesse cenário é uma disputa de interesses ideológicos, onde os periódicos em circulação tendiam a construir a sua versão do bem e do mal, em sua grande maioria com os alemães sendo associados à força do mal e os jornais que fossem favoráveis à Alemanha, tendiam a discernir suas versões de países inimigos dos germânicos como sendo os vilões do conflito, a exemplo da Inglaterra, que em algumas matérias foi até considerada e acusada de causar a Grande Guerra. Como ressalta Johny Araújo, ao falar da missão militar brasileira na França e dos embates entre imigrantes alemães e apoiadores da entrada do Brasil ao lado dos aliados, nos lembra que "nesse contexto, foi de grande importância o papel desempenhado por Graça Aranha, ministro plenipotenciário do Brasil e um dos fundadores, com José Verissimo, Antônio Azevedo, Pedro Lessa, Barbossa Lima, Olavo Bilac e Manoel Bonfim, da Liga Brasileira pelos Aliados".[259] No entanto, podemos observar que "os jornais, em sua maioria eram a favor da Tríplice Entente, enquanto que outros completamente contrários à guerra e poucos aos simpáticos alemães".[260]

Deste modo, adentrado sobre o posicionamento dos periódicos piauienses, alguns foram mais ativos na divulgação do conflito e demonstraram suas opiniões com mais frequência que outros. Alguns dos periódicos mais ativos na divulgação e posicionamento sobre a guerra foram os jornais *Diário do Piauí*, espacialmente no primeiro ano de conflito e seu último ano de atuação, em 1914; o jornal *Aviso*, jornal *Chapadão do Corisco* e o noticiário católico *A Cruz* em 1915, além de outros. Em suas características estruturais, o *Diário do Piauí* tinha suas bases políticas, encarregadas de publicar matérias em consonância com ações do governo, em sua direção estava um dos grandes nomes da intelectualidade piauiense na época, Simplício

[258] RÊGO; MOURA. op. cit., p. 3.
[259] ARAÚJO, J. S. de (2022). op. cit. p. 8-9.
[260] RÊGO; MOURA. op. cit. p. 3.

Mendes. O jornal vivia uma fase na qual recebia a colaboração de literatos como Alcides Freitas, Celso Pinheiro e outros, já o jornal *A Cruz* era um órgão da ação social católica e tinha como objetivos publicações para o público catolicista e começou a ser tipografado em 1915 com sua sede em Parnaíba-PI, tinha em sua direção Raymundo N.H. da Silva.

Explanando de uma maneira mais adentrada diante das características de alguns jornais que reservou espaço para notícias sobre a guerra, o jornal *Diário do Piauí* como a principal pretensão era defender os interesses do governo, sendo assim, se denominava como "órgão oficial dos poderes do estado" e, geralmente, traziam em suas edições comparações sobre as duas frentes na guerra. Nesse jornal, era difícil a percepção do seu posicionamento perante o conflito, já que a maioria das informações chegava por mensagem de *telegrama* e se encontravam de forma muito resumida, apesar de ser uma forma rápida de receber notícias no Piauí e de comunicação com a Europa, o leitor não tinha, muitas das vezes, a informação aprofundada sobre determinados acontecimentos.

O periódico *A cruz* foi também um dos jornais que se preocupou com o tema, costumava direcionar suas publicações para o público católico e a comunidade cristã. Segundo Pessoa e Sousa "a Igreja Católica na época era uma grande instituição com grande influência na sociedade piauiense, a forma como informavam sobre a guerra refletiria em uma parcela grande da sociedade piauiense".[261] Sendo assim, podemos ver que há a preocupação por parte da Igreja Católica na publicação de notícias, entretanto, a instituição desde os seus primórdios sempre teve influência diante da sociedade, havia a preocupação por parte do papa e dos altos escalões do clero em manter a comunidade clerical e cristã neutra diante do conflito, a não serem aqueles que atuavam diretamente nos países envolvidos na guerra. Nesse sentido, os periódicos eram usados como um mecanismo propício de propagação para suas ideologias, a exemplo do referido jornal da cidade de Parnaíba.

Em relação ao posicionamento do jornal, podemos perceber através de um comunicado do papa Bento XV publicado em sua única edição do dia 4 de abril de 1915 e já mencionado anteriormente, na qual o pontífice recomenda a todos os sacerdotes e católicos em geral, que não estejam envolvidos na guerra, que mantenham a sua neutralidade e a caridade. Ainda estende o seu pedido a todos os homens. O Santo Padre ainda faz severas críticas sobre a formação de alianças em tempos de guerras, pois, em sua concepção:

> Monopolizadas as crônicas de guerra pelo espirito de partido, além de não mudarem um ápice à realidade das causas, trazem consigo perturbações, discórdias,

[261] PESSOA, Lucas; SOUSA, Thamyres. *Primeira Guerra Mundial no Jornalismo Piauiense: visões de um conflito*. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia, 04 e 05 de julho 2017. p. 9.

> recriminações, contratempos, confusões e incitamentos a delinquir contra o bom senso e a caridade católica, único facho dum designo que não teme nenhuma diminuição de luz.[262]

Todavia, através desse comunicado, é possível perceber uma orientação a todas as dioceses e instituições católicas, seja ela sacerdotal ou a todos os católicos em geral, incluindo os fiéis. É interessante compreender que a notícia foi repassada a todos os órgãos de ação católica, por um meio de divulgação especifico denominado pelo jornal de *Osservatore Romano*, o que nos dá a entender que era o órgão oficial responsável pelas publicações do Vaticano, intitulado *órgão da Santa Sé*. A notícia deixava claro que a comunidade católica não devia abandonar a sua "neutralidade efetiva" recomendada por um sentimento "superior", referência feita a instituição católica e a fé cristã, na qual ressalta que os mesmos não tem nada que se envolver em uma das frentes na guerra, seja a Tríplice Aliança ou a Tríplice Entente, devendo apenas combater as atrocidades e promover a paz entre os homens.

Ao lado da matéria sobre *Roma* e as palavras do santo padre, o jornal traz outro assunto a respeito de um fato simbólico publicado por um jornal na Holanda ocorrido com uma irmã católica chamada Claudina. A matéria tem como título *A Guerra* e subtítulo s*cena edificante*, que conta a história da citada irmã e sua fé comovente, que ao apresentar a imagem de Jesus Sacramentado, viria a comover os soldados. Esta publicação demonstra como a comunidade católica estavam empenhados em tentar acabar com a guerra levando a palavra de Deus. Na notícia é retratado que:

> Referente um jornal holandês o seguinte caso: na fuga das religiosas duma comunidade de Visé (Bélgica) para Maastricht (Holanda), ocasionada pela aproximação dos alemães, uma das irmãs, de nome Claudina, levou consigo o Santíssimo Sacramento. Em caminho foram detidas por uma patrulha de soldados alemães que perguntaram o que a irmã trazia tão bem guardado debaixo da capa.
> A irmã Claudina, com dignidade, descobriu a ambula, e disse resoluta: "Trago comigo Jesus Sacramentado, perante cujo tribunal muitos dos senhores hão de comparecer nesses dias. Os católicos dobrem, pois, o joelho para adorarem seu redentor". Todos se ajoelharam, indo alguns acompanhado as irmãs até a fronteira holandesa no intuito de poupar-lhes novos vexames da parte de outras patrulhas.[263]

O periódico que teve apenas uma única edição datada em 4 de abril de 1915, traz na mesma diversas matérias sobre a guerra, mostrando que a comunidade católica estava preocupada com o conflito. Essa edição trouxe ainda outras reportagens abordando diversos fatores do *front*, as quais vinham acompanhado por evangelhos no intuito de incentivar a fé cristã. Notamos também que o jornal buscou trazer algumas histórias de vivência fiéis onde, no final das contas, deveria sempre prevalecer o cumprimento dos preceitos cristãos, soando como

[262] A CRUZ. op. cit., p. 1.
[263] Ibid. p. 1.

uma estratégia com o intuito de não deixar a população católica desacreditar de uma paz futura. Portanto, acabavam publicavam junto as notícias da comunidade cristã frente a guerra, matérias que confirmassem esses princípios, a exemplo de uma intitulada; "Ressureição de Cristo e a Pregação apostólica".

Essas vivências noticiadas pelo jornal *A Cruz*, são exemplos de alguns dos vários fatos que ocorriam no *front* de guerra. Podemos confirmar tais acontecimentos através da obra de Erich Maria Remarque, visto que o escritor serviu o exército alemão como soldado na linha de frente da guerra e sobreviveu, possibilitando-o a desenvolver sua narrativa onde relata experiências individuais e coletivas nos campos de batalha. Em uma de suas passagens, o autor descreve a atuação de freiras em hospitais católicos, onde eram conhecidas como "Irmãs", nos mostrando um pouco da atuação da instituição cristã na guerra. Remarque, ao retratar um atendimento que recebeu juntamente com um amigo, ressalta: "ficamos num hospital católico, na mesma enfermaria. Isto é muita sorte, pois os hospitais católicos são conhecidos pelo bom tratamento e pela boa alimentação. O hospital ficou lotado com a chegada do nosso trem; há muitos casos graves".[264] O autor ainda descreve a movimentação neste hospital, especialmente a noite, tendo a recepção de muitos casos graves, marcas passando a todo momento com pessoas mortas e feridas, agitação que os faziam dormir pouco a noite e acordar cedo pela manhã, pois, como um colega de quarto o explica: "as Irmãs rezam todas as manhãs no corredor. Elas chamam a isto de "oração matutina". Abrem a porta para que vocês participem. Não há dúvida de que a intenção é boa, mas nossos ossos e nossas cabeças doem".[265]

Ainda em relação a posição assumida pelo jornal, compreendemos melhor a sua ideologia quando a edição também traz outra reportagem interessante, voltando mais uma vez a divulgar algumas palavras do Papa. A matéria se encontra na terceira página desta edição com o título *O Papa e a Guerra*: *em caminho da Paz*. Nessa matéria, o jornal cita informações a respeito dos países envolvidos na guerra, ressaltando que "o presidente da França e os soberanos da Bélgica, Rússia, Alemanha, Inglaterra, Sérvia, Turquia, Montenegro e Áustria, aceitaram a proposta da S. Sé sobre a troca de prisioneiros de guerra julgados incapazes de pegar em armas".[266] Esse tipo de reclusão era feito quando uma nação prendia cidadãos de outra inimiga e fazia com que os prisioneiros lutassem em seus exércitos e em troca os mantinham vivos.

---

[264] REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front*. Tradução Helen Rumjanek. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 124.
[265] Ibid. p. 124.
[266] A CRUZ. op. cit., p. 3.

Em seguida é tida como satisfatória as ações do pontífice, quando o noticiário complementa ao dizer que "a influência benéfica do S. Padre Benedito XV vai ganhando terreno e é de prever que seus esforços em prol da paz sejam coroados de pleno êxito. Deus o Permita".[267] Contudo, é notória a tentativa de influenciar a população diante do conflito, tentando repassar palavras proféticas no sentido de frear o caótico caminho que a Grande Guerra estava trilhando, visto que a Igreja Católica era um órgão de muita influência na época e continua sendo até os dias de hoje, faziam proveito de sua popularidade e comunidade cristã para tentar acabar com as atrocidades da guerra. As reportagens dividiam as páginas dos jornais com notícias sobre a Igreja Católica, suas ações, além de poemas fazendo referência a imagem divina do senhor que era produzida pela população e divulgada no jornal.

Logo após essa matéria do Papa, o periódico traz uma reportagem com o título *O Imperador alemão confia em Deus*, na qual é relatado que Guilherme II discursa e pronuncia em tom bem elevado o nome de Deus, pedindo à divindade a proteção para o Império Alemão na guerra europeia. O informativo ainda expõe a fala do estadista proferida no dia 4 de agosto de 1914, na abertura do Reichstag[268] ainda nos primeiros meses de guerra, onde o mesmo, ressaltou no discurso que:

> Aos povos da Alemanha dirijo o meu apelo, para defender com toda a força e energia, em fraternal união com os nossos aliados, o que temos criado no mais pacífico labor. Como nossos antepassados, firmes e fiéis, bons e cavalheirescos, humildes diante de Deus e cheio de coragem diante do inimigo, confiamos, pois, na eterna onipotência que fortifica e dirige nossa defesa e há de lavá-la a bom termo.[269]

Entretanto, no decorrer da reportagem, é informado ainda que Kaiser Guilherme II marcou para 5 de agosto o dia da "oração e penitência" para todo o povo prussiano, inclusive, àqueles que iriam partir para o *front* de guerra em 16 de agosto e, no mesmo manifesto, o imperador agradece a todo apoio e formas de amor de seu povo, portanto, conclui o discurso ao dizer: "confio firmemente no auxílio de Deus. Não faltará a vitória a nossa causa justa".[270] Compreendemos como o periódico usava a estratégia de divulgar informações da guerra que tivessem relacionadas a fé divina e cristã, sempre tentando demonstrar a importância de Deus nesse momento beligerante. Ainda assim, a edição demonstra a atuação do clero no *front*, na qual muitos padres e clérigos estavam atuando nas aldeias e alguns pontos de ataque ajudando feridos e pessoas abandonadas "pelas autoridades leigas". Essa ação foi considerada uma

[267] A CRUZ. op. cit., p. 3.
[268] O Reichstag é um prédio que abriga a sede do Parlamento Federal da Alemanha. Está localizado na capital Berlin, no distrito de Mitre. Teve sua construção iniciada ainda no século XIX, com sua arquitetura projetada e inspirada no estilo renascentista.
[269] A CRUZ. op. cit., p. 3.
[270] Ibid. p. 3.

belíssima lição pela comunidade católica, digna da bondade e representa a verdadeira missão cristã de amor ao próximo.

Contudo, é interessante notar que mesmo com a matéria onde o papa pede a neutralidade de toda a comunidade católica, *A Cruz* acaba por se posicionar contra os alemães ao santificar a religiosidade católica e criar uma noção de maldade dos soldados alemães ao abordar a irmã Claudina, quando é ressaltado que "trago comigo jesus do sacramento, perante cujo tribunal muitos dos senhores hão de comparecer neste dia".[271] Sendo assim, o trecho acaba condenando as atitudes dos alemães na guerra. As notícias publicadas no periódico tinham diversos redatores, porém o jornal ficava sob responsabilidade do seu gerente Raymundo N.H. da Silva.

Meses depois da edição editada pelo jornal *A Cruz*, também notamos em outros periódicos piauienses a preocupação com a guerra, assim como com a crise financeira e de estiagem que assolava a população local. A maioria dos veículos de informação associavam a crise financeira do Estado ao agravamento e rumos que a guerra estava tomando e, como consequência, trazia prejuízos tanto para economia nacional como local, pois o Piauí no ano de 1915 sofria uma crise financeira provocada pela queda das exportações de suas matérias primas e de seca, provocada pela escassez de chuvas e falta de água na região.

Um desses jornais que demostrou preocupação com o cenário político nacional e mundial, e que, consequentemente, afetava o Piauí, foi o jornal *O Tempo*, periódico da cidade de Amarante no Piauí que se denominava um jornal *político, noticioso e comercial*, tendo suas publicações voltadas para essas áreas. O Jornal ao fazer uma reportagem sobre os problemas do Estado, também argumentou sobre a guerra, na qual demonstrou indignação com a sua emergência, que, segundo a reportagem, só contribuiu para o agravamento da situação local. A edição número 4 do dia 31 de dezembro do ano de 1915, na sua primeira página, levou ao público uma reportagem com o título *Pelo Estado*, e em um dos trechos, informou que:

> O estados e os municípios, que não são entidades privilegiadas, também foram alcançados e as suas finanças sofreram na proporção que a crise a tudo arruinava: e quando todos trabalhavam para vencer a mesma crise, quando todas as energias convergiam para a solução desse problema mundial, surge a guerra europeia que, efetivamente, foi outro elemento de primeira ordem, para agravar a situação do país e principalmente dos Estados pequenos e pobres como o Piauí, que sofre injusta guerra de seus próprios irmãos do sul. Conquanto o preço da borracha tivesse melhorado alguma coisa, não pode contribuir para a salvação do comércio e das rendas públicas.[272]

Esse trecho é importante no sentido de refletirmos a respeito de alguns periódicos como *O Tempo*, que diferente da maioria, não tinha como uma das principais preocupações repassar notícias vindas diretamente da Europa ou tomar um posicionamento perante as duas frentes na

[271] A CRUZ. op. cit., p. 1.
[272] ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal O Tempo.* Amarante-PI, 31 de dezembro de 1915, n° 4, p. 1.

guerra. Uma de suas principais características era repassar as notícias do Estado, onde demostrava preocupação com a economia local. O trecho deixa isso claro quando diz que à crise provocada pela guerra alcançou também os Estados e Municípios, e que os Estados menores e mais pobres como o Piauí foram um dos mais afetados com a eclosão mundial e a seca, por conta da concorrência com os Estados do Sul do país que não sofriam tanto com estiagem de chuvas como o a região Norte. Diante disso, o Piauí teve suas finanças prejudicada, como exemplo, o gado era um elemento essencial para economia local e teve um período de diminuição em massa provocada pela seca, e o Sul do país por ter um clima mais temperado, não sentiu tanto o efeito da estiagem como nos Estados do Norte do Brasil. Esse jornal era de cunho particular, tinha como redator e proprietário Santyro de Castro Moreira, com produções quinzenais e por assinatura, o periódico em suas características se mostrava contrário à guerra e não tomou partido perante as frentes beligerantes, visto que o conflito trazia severas consequências para o país e o Estado.

Outro periódico que será importante para a análise de seu posicionamento é o *Alto-Longá*, que se denominava *órgão literário e noticioso*, trazendo em suas páginas além das notícias, textos literários. O jornal geralmente trazia quatro páginas de informativos, o referido trouxe uma matéria sobre o conflito na edição de número 3 em agosto de 1917, com o título de *Mensagem sobre o torpedeamento do Tijuca*, já citada anteriormente. O texto ressalta as palavras do Presidente Venceslau Brás depois do bloqueio naval imposto pela Alemanha aos países neutros, na qual restringiu a liberdade dos mares e atacou navios mercantes brasileiros, fazendo com que o país entrasse na guerra ao lado dos Estados Unidos. Em um dos trechos na mensagem do Presidente brasileiro é enfatizado que o governo, através do protesto enviado à Câmara Federal, rompeu relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha. Ao encaminhar a carta ao congresso, o Presidente expões a exigência de reconhecimento de estado de guerra e diz que, "de um modo ou de outro, o que parece inevitável ao governo é que sejam tomadas as medidas impostas a um tempo pelo interesse público e pelo decoro da nação". [273]

Perante a notícia do bombardeio que o navio brasileiro sofreu dos alemães e as palavras de Venceslau Brás, compreendemos que o jornal apoiava a atitude do governo em romper relações com a Alemanha. O jornal *Alto-Longa* tinha a sua circulação uma vez ao mês, sua comercialização era através de assinatura e tinha como redatores: Francisco Alencar (redator-gerente), Francisco de Assis (redator-auxiliar) e Antônio Castro como (redator secretário), o seu principal representante em Teresina era o literato Jonathas Baptista, que além de ser um dos

[273] ALTO LONGÁ. op. cit., p. 4.

cooperadores na capital também colaborou na produção de textos, crônicas, poesias e contos para outros jornais piauienses, com suas produções associadas à tradição familiar e a desenvoltura das lições sociais. No entanto, mesmo com divulgação da mensagem proferida pelo Presidente da República no jornal, o literato afirma uma posição contraria a guerra, já que era defensor de princípios sociais e familiares.

Outro periódico que percebemos seu posicionamento perante o conflito, precisamente sobre o envolvimento brasileiro, é o jornal *O Aviso* da cidade de Picos, já mencionado anteriormente. O mesmo tinha como subtítulo uma frase em latim: *salus populi suprema lex* que significava "segurança é a lei suprema". O periódico abordou a guerra e suas desenvolturas em algumas edições como as de número 74 e 79 de 1917, nesta primeira trará uma notícia advinda através de *telegramas* do Rio de Janeiro. A notícia evidenciava a seguinte questão: "O governo de acordo com os Estados Unidos, entregou a marinha brasileira para o policiamento da costa, secundando a divisão americana, que policiará ao largo. É a primeira participação efetiva na guerra do Brasil".[274]

Poucos dias depois, na edição n° 79 relata que "devido ao afundamento do vapor mercantil brasileiro "Macau" por submarino alemão, o Presidente da República enviou mensagem ao congresso pedindo declaração de guerra imposta pela Alemanha (...)".[275] A notícia anterior a esta traz a informação da ajuda cedida pela marinha brasileira aos norte-americanos na qual estavam reforçando os limites entre as águas brasileiras e americanas, e essa última, menciona o afundamento do vapor mercante brasileiro e a exigência de declaração de guerra, sendo assim, notamos uma posição do periódico em afinidade aos aliados da Tríplice Entente, de modo que suas tendências ideológicas eram de apoio ao governo. Em edições posteriores a estas, o referido jornal iria repassar o posicionamento de algumas personalidades políticas contrárias a entrada do Brasil no conflito, como a do deputado federal piauiense dr. Joaquim Pires mencionada anteriormente, na edição de n° 87. Apesar disso, em termos gerais, o periódico tinha suas bases aliadas ao governo de Venceslau Brás e apoiava a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Estados Unidos.

O jornal *Chapada do Corisco: letras, ciências e humorístico* teve sua criação somente em 1918. A sua criação apenas no último ano de guerra é argumentada por seus representantes pelo fato da crise econômica que atingiu todo o Brasil em detrimento da Grande Guerra, onde os materiais para tipografia ficaram elevados. Sendo assim, o periódico teve duas edições, inclusive a segunda já foi mencionada. Logo em sua primeira edição, no dia 11 de maio de

[274] ESTADO DO PIAUÍ. Jornal *Aviso*. Picos Piauí, 15 de agosto de 1917, n° 74, p. 2.
[275] ESTADO DO PIAUÍ. Jornal *Aviso*. Picos Piauí, 30 de outubro de 1917, n° 79, p. 2.

1918, Hygino Cunha ao apresentar a revista jornalística e seus objetivos argumenta a importância da mesma para o Piauí e Teresina, e ao referir-se diz que a "pobre e modesta camponesa, afastada dos grandes centros da cultura nacional, despidas dos atavios das pompas deslumbrantes, vai, no entanto, perlustrando a via do progresso, com passos lentos e insensíveis, mas seguros e confiantes".[276] Ainda concluí que se faltam os recursos da riqueza, sobram para o povo piauiense os dons do talentos, beleza e a graça de suas mulheres. Nesse sentido, tece críticas a nova fase que vive o mundo, sobretudo, a guerra que o atormenta. Nesse sentido, ressalta:

> O presente está carregado de nuvens negras e sangrentas; a civilização se estorce convulsamente nas roscas da maior tormenta do mundo: é o parto laborioso de uma nova era social. A guerra vai arrastando todos os povos no seu vórtice perigoso. Todas as classes lhe sofrem os acúleos infernais. E a boa constritora dos destinos dos homens, que, para germinação do futuro, numa nova humanidade, mais forte, mais justa e mais livre, precisa lavrar o terreno a ferro, fogo e sangue. É a fatalidade de uma lei irrevogável.
>
> No meio do fragor imenso, universal, seja-nos licito plantar, não um carvalho ou um roble para evolução secular da floresta, mais uma delicada e perfumosa açucena para encanto dos nossos olhos e ornamento das nossas veigas ao repontar das nossas manhãs deliciosas.
>
> Contamos com o apoio de todos os intelectuais piauienses e do público em geral. *H. C.*[277]

Nesse sentido, através desse trecho em que Hygino Cunha fala da guerra, notamos que o periódico teceu críticas a tudo que o combate estaria causado até ali para a humanidade, onde a população sofreu a tormenta sangrenta desses anos difíceis que, até ali, era a maior tormenta do mundo, onde todas as classes sofreram diante do conflito bélico, na qual os causadores acreditavam que para tornar a humanidade mais forte, justa e livre precisava passar pelos caminhos do fogo e sangue. Sendo assim, diante dessas palavras, notamos que o periódico e os membros que o compõe, eram contra a guerra e a entrada do Brasil na mesma e, viam nas letras e na criação do jornal uma forma de combater as atrocidades e conflitos, pois os mesmos ao criarem o periódico e divulgarem a arte das letras estariam plantando um futuro de cordialidades e fraternidade. Como o *Chapada do Corisco* era um jornal composto por membros intelectuais que fundaram a Academia Piauiense de Letras em 1917, notadamente seriam contrários a qualquer conflito que iriam contra os princípios básicos de vivência e cordialidade da humanidade.

No mesmo ano, o jornal *O Arrebol* que tinha como redator proprietário Antônio Prado de Moura e tiragem na capital Teresina, havia parado suas atividades por conta do início da grande guerra, tendo o seu retorno em 1918 com tiragens quinzenais. No dia 19 de setembro de 1918,

---

[276] ESTADO DO PIAUÍ. Jornal *Chapada do Corisco*. Teresina Piauí, 11 de maio de 1918, n° 1, p. 2.
[277] CHAPADA DO CORISCO. op. cit., p. 2-3.

divulgou um informativo do *América Cinema*, onde dizia que "os empresários deste cinema, mostrando sempre empenho no sentido de serem agradáveis aos seus habitués, farão projeção na tela no próximo domingo, o soberbo *film* da guerra atual "Tanchs Ingleses", que de certo será muito aplaudido".[278] Logo em seguida, os redatores da notícia desejam casa cheia ao cinema na data divulgada, entretanto, notamos que o jornal era contra o conflito mundial, quando chama de "soberbo" o filme a ser projetado para a população. Além disso, é interessante ressaltar a importância e curiosidade que população deu ao conflito interessando-se em assistir ao filme, confirmando o interesse em conhecer o que aconteceu no *front* de guerra e como aconteceu o conflito, mesmo sob a visão da narrativa dos ingleses reproduzidos no filme.

Fica mais evidente o descontentamento do periódico a guerra quando, na edição de n° 12 divulgada em 19 de outubro de 1919, o jornal faz um comunicado aos seus diretores e leitores assinantes na tentativa de justificar sua suspensão por mais de um ano, comunicando que "a guerra europeia, a maior catástrofe do século XX, foi uma das principais causas que concorreram para a nossa suspensão por tanto tempo. Por causa desse acontecimento inesperado que abalou o mundo na sua maior parte, foi que o Brasil, na sua parte jornalística, sentiu o golpe profundo", [279] por conta do conflito, houve a elevação dos preços do material apropriado para tipografias dos jornais e, diante das circunstâncias econômicas que se encontrava o Brasil, o referido noticioso contou com o desanimo da maior parte dos seus redatores. Portanto, não só este como também outros jornais, tiveram que parar suas atividades durante os anos de conflito, fazendo com que bia parte deixassem de circular provisoriamente e alguns perpetuamente.

Contudo, ao analisar o posicionamento desses jornais em relação a guerra e a entrada do Brasil no conflito, notamos que alguns dos periódicos que publicaram importantes informações sobre os acontecimentos do *front*, em sua maioria, acabavam por divulga-las seguindo uma linha ideológica a qual acreditavam e defendiam, a exemplo do jornal *A Cruz* que defendia os ideais católicos e acabou por condenar as atitudes alemãs, o *Diário do Piauhy* que defendia os interesses e ideologias do governo assim como *O Aviso*. Além destes, outros como *O Arrebol* caracterizaram-se em condenar a guerra taxando-a como "soberba", ao informar sobre a exibição de um filme em Teresina que retrataria a atuação dos ingleses no conflito. Portanto, mesmo que sem uma atuação efetiva de nossas guarnições, o nosso campo jornalístico e intelectual divulgou amplamente a Grande Guerra e expandiram suas opiniões ao defenderam

[278] ESTADO DO PIAUÍ. Jornal *O Arrebol*. Teresina Piauí, 19 de setembro de 1918, n° 11, p. 3.
[279] ESTADO DO PIAUÍ. Jornal *Chapada do Corisco*. Teresina Piauí, 19 de outubro de 1919, n° 12, p. 1.

suas crenças e ideologias. De tal modo, acabaram também inserindo o Piauí no debate acerca da Primeira Guerra Mundial, assim como os principais grandes centros brasileiros da época.

4.2 O fim da "Grande Guerra" e as visões do conflito proferidas pela elite intelectual piauiense.

O ano de 1918 ficaria marcado como um ano decisivo para os rumos da guerra, pois além de decretar a virada de jogo e ofensiva dos aliados contra as forças e avanços dos alemães, constituiria como o último ano da Primeira Guerra Mundial e a rendição do Império da Alemanha. No despertar do ano, as forças alemãs despontaram com o ideal de invasão da França, a sua derrota parecia algo distante e fora de questão, pois as forças chefiadas por Kaiser Guilherme II concentraram 178 divisões no território francês, contra 167 das forças aliadas, sendo esta última composta por "97 francesas, 57 britânicas, 10 belgas, 1 norte-americana e 2 portuguesas".[280]

Entretanto, com a frente montada para conquista do território francês, as Potências Centrais montaram uma poderosa artilharia, contando com cem canhões por quilômetro organizados linearmente. "Com tal vantagem, o Estado Maior alemão considerou o momento ideal para dar início a uma grande ofensiva, designada "Kaiserschlacht",[281] a ofensiva do Kaiser".[282] Sendo assim, além da motivação provocada pelo plano de Kaiser, os aliados também organizaram uma ofensiva, motivados principalmente pelo sucesso de seus carros de combates, porém, logo no primeiro ataque iniciado em março de 1918 nas regiões de Arras e do Rio Oise, o exército britânico foi rechaçado sedo obrigados a recuar e se abrigar próximo a Amiens, no norte da França.

No mês de abril, os alemães continuaram sua ofensiva e atacaram a região de Armentières, desconsertando a defesa das forças inglesas e portuguesas que mantinham na região a posição de retaguarda, sendo assim, os germânicos avançaram suas linhas de ataque por mais alguns quilômetros. Em maio, a Alemanha continuou a lançar seus ataques nas regiões de Chemin des Dames e Marne, na qual foram contidos somente por violentos contra-ataques franco-americanos. No dia 9 de julho, tentaram uma nova investida contra Compiègne, interrompida poucos dias depois, e, algumas semanas após esse fato, tentaram concretizar a vantagem obtida em Reims, mas também foram contidos por defensores aliados bem

---

[280] DARÓZ. op. cit., p. 170.

[281] O termo *Kaiserschlacht* também conhecido como a "ofensiva da primavera", foi uma nomenclatura alemã utilizado para designar um conjunto de ataques germânicos contra as forças dos países Aliados ao longo da Frente Ocidental, iniciados a 21 de março de 1918. Esses conjuntos de ofensivas marcaram avanços significativos para ambos dos lados desde o início do conflito em 1914.

[282] DARÓZ. op. cit., p. 171.

posicionados no local. Portando, "os alemães pareciam levar vantagens na guerra quando subitamente, devido ao esgotamento, a grande ofensiva estancou dia 15 de julho". [283]

Diante disso, os Aliados identificaram a fragilidade e imobilidade do inimigo, e logo iniciaram uma contraofensiva que obrigou os alemães a recuarem para regiões dos Altos da França, essas manobras impelidas pelos Aliados, segundo Carlos Daróz, "era o começo da campanha de libertação da França que prosseguirá até a vitória final".[284] No mês de setembro, com o cansaço alemão identificado pelos altos comandos dos países aliados sob o regime e liderança do marechal francês Foch, prepararam uma série de operações ofensivas com o objetivo de recuperar de territórios perdidos no início de 1918. Os exércitos estadunidenses, franceses e ingleses, investiram contra a Linha de Hindenburg, onde o primeiro se destacou na fase suprema do conflito mundial mesclando suas tropas com as referidas aliadas. As tropas de maiores êxitos ficaram sob a liderança do general norte-americano John Pershing, obtendo grandes vitórias nas operações e reconquista de territórios.

Contudo, "no final de setembro a Alemanha entrava em colapso",[285] a situação de sua política interna encontrava-se impetuosa e cada vez mais esfacelada. Além disso, as novas investidas dos Aliados em outubro contra as forças inimigas, deixaram a Alemanha ainda mais abatida e sem opções a não ser a negociação do fim dos combates, e assim, o Império de Kaiser Guilherme II o fez. Logo em seguida, os países da Tríplice Aliança começaram a desmoronar, e, um por um, acabaram por abandonar o conflito através de tratados individuais com os países da Entente, a exemplos de Bulgária em 29 de setembro, o Império Otomano em 30 de outubro, que já se mostrava incapaz de suportar o consumo abrasador de recursos exigidos pelo embate da guerra, além de uma baixa estimada em 1,5 milhões de homens em seu exército, e o Império Austro-Húngaro, que desde o começo de 1918 sofria com agitações políticas e ondas de revoluções nacionalistas, situações agravadas ainda mais com a fome que devastava seu povo, fazendo com que baixassem as armas no dia 3 de novembro.

A partir daí, começaram as tratativas e convenções entre as duas linhas beligerantes para dar fim à guerra. Esses acordos deveriam ser formulados "com base em princípios gerais que deveriam nortear as futuras relações políticas e econômicas entre os países envolvidos. Esses princípios haviam sido estabelecidos pelo presidente dos EUA Woodrow Wilson, que estabeleceu uma proposta composta de 14 pontos".[286] No entanto, Kaiser Guilherme II além de

[283] DARÓZ. op. cit., p. 171.
[284] Ibid. p. 171.
[285] Ibid. p. 172.
[286] Ibid. p. 172.

encontrar dificuldades na frente de combate, expressou sua preocupação nas propostas elaboradas pelo presidente norte-americano, que, além disso, exigia a rendição do Império de Kaiser e sugeria um acordo armistício. Em meio a tudo isso, a Alemanha sofria com a fome que dizimou cerca de 750 mil alemães provocadas por elementos como a queda na colheita de batatas e bloqueio imposto pela Marinha britânica. A essa altura, a guerra só havia trazido prejuízos para a Alemanha, seu povo, ciente disso, começaram a rebelar-se em ondas de protestos na capital Berlin contra a guerra e o governo.

Diante das fortes pressões, Kaiser viu-se sem saída diante da ameaça de revolução, pois, além das agitações, o Imperador Alemão havia perdido o apoio do Exército e da Marinha que havia se rebelado em Kiel e outras cidades alemãs. Sendo assim, Kaiser Guilherme II abdicou do trono e exilou-se na Holanda, permanecendo no país até o fim de sua vida. No dia 7 de novembro o novo Chanceler alemão Max Von Baden enviou alguns de seus delegados para França com objetivo de firmar o acordo, e assim o fez na manhã do dia 11. Sendo assim, o comandante das forças Aliadas na Frente Ocidental, o marechal Foch, despachou um *telegrama* a todos os seus comandados anunciado o acordo e o fim das hostilidades. Portanto, "assinado depois de três horas de tratativas, às 5h10, o armistício entrou oficialmente em vigor às 11 – a decima primeira hora do decimo primeiro dia do decimo primeiro mês de 1918. Depois de quatro longos e sangrentos anos, a mortalidade chegava ao fim."[287]

Contudo, diante do armistício assinado, os Aliados realizaram diversas reuniões entre si com a intenção de negociar questões especificas exigidas por cada país que compunha o bloco da Entente. Quando finalmente essas questões foram acertadas e os países aliados entraram em comum acordo, o Tratado de Versalhes foi assinado em 18 de julho de 1919, impondo severas sanções para a Alemanha como a perca de suas colônias na África e Ásia, a desconstituição de seu Exército e seu arsenal bélico, a desmilitarização da Marinha de guerra, além de uma elevada indenização calculada em torno de 6,5 bilhões de libras. No tratado o presidente norte-americano criou a "Liga das Nações", organização que seria encarregada de media novos conflitos entre países.

Logo após o acordo armistício, o Brasil também foi convidado para conferência da paz em Paris no início de 1919, sendo um dos países a participar das rodas de negociações que culminaram no Tratado de Versalhes. O chanceler brasileiro Domício da Gama nomeou uma comitiva composta por quatro pessoas para representar o Brasil, sendo uma delas o ex-ministro Epitácio Pessoa, representante vinculado e declaradamente admirador da cultura francesa. Na

[287] DARÓZ. op., cit. p. 175.

convenção da paz, a delegação brasileira conseguiu incluir dois parágrafos que atenderam a seus anseios, um que garantia a venda dos navios alemães e austríacos apreendidos e confiscados nos portos brasileiros e outro que obrigava a Alemanha a pagar os prejuízos provocados pela apreensão de sacas de café levados por navios mercantes brasileiros nos portos alemães.

Sendo assim, diante da participação na Conferência da Paz, o Brasil acabou sendo um dos fundadores da Liga das Nações, "contudo, a recusa do Presidente Wilson em participar da Liga e outras medidas tomadas pelo organismo internacional posteriormente levaria o Brasil a abandoná-lo em 10 de junho de 1926".[288] O Tratado de Versalhes, àquele que ficaria encarregado de manter a paz mundial ao longo do tempo, foi um dos principais motivos que levaria a um segundo conflito mundial, pois o mesmo, como ressalta Daróz, "conseguiu desagradar igualmente vencidos, vencedores e observadores neutros". [289] No entanto, com o fim da Primeira Guerra Mundial e a ascensão da Academia Piauiense de Letras, alguns autores piauienses que faziam parte da instituição e compunham a elite intelectual local, proferiram suas percepções a respeito do conflito, construindo uma visão piauiense do *front* e consolidando o Estado no debate nacional acerca da Grande Guerra.

Em conferência realizada na noite do dia 1 de janeiro de 1918, o então escritor e também cofundador da Academia Piauiense de Letras (APL), Celso Pinheiro,[290] pronunciou na praça Rio Branco, em Teresina, uma conferência intitulada "Paisagens da Guerra", onde o mesmo faz um discurso com suas visões a respeito do conflito, que, naquele momento, assolava todo o mundo. Logo no início de sua fala, suas palavras expressaram a indignação com a guerra e, ao mesmo tempo, uma tristeza em ter que fazer uma análise sobre uma guerra mundial e as consequências provocadas pela mesma. Suas primeiras palavras são: "o vosso movimento de atenção, minhas senhoras e meus senhores, perturba, sobremodo, a minha magra figura de vencido e faz tremerem-me as mãos, já de si bastante nervosas para sustentarem agora este delito flagrante da minha própria miséria intelectual".[291]

---

[288] DARÓZ. op., cit., p. 177.
[289] Ibid. p. 177.
[290] Celso Pinheiro nasceu em Barras do Marataoan-PI, em 1887. Era filho do Coronel João José Pinheiro e Raimunda Lina Pinheiro. Pertenceu e foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras em 1917. Como grande intelectual, foi poeta, jornalista e cronista e é conhecido como o "milionário do verso". Os seus primeiros anos de estudos foram em sua terra natal e, posteriormente, fez um preparatório no "Liceu Piauiense" e matriculou-se na Escola Militar do Rio de Janeiro, na qual abandonou tempos depois por motivos de saúde. Foi como poeta que Celso Pinheiro ganhou grande destaque durante sua carreira intelectual, sendo colocado no rol dos melhores poetas simbolistas do Brasil, a nível de poetas como Cruz e Sousa. O mesmo veio a faleceu em Teresina-PI, no ano de 1950.
[291] PINHEIRO, Celso. *Paisagens da Guerra*. In: Revista da Academia Piauiense de Letras. N°. 1. Ano II. Teresina: APL, 1919. p. 84.

Todavia, através de uma narrativa com feições de poesia, o autor estrutura sua exposição em 13 temas, sendo possível identificar os 12 primeiros, com os títulos de; “Sinfonia de Luta”, “Sangue”, “Bandeira”, “Hino”, “Marselhesa”, “Rouget de Lisle”, “Sugestões do Hino”, “Lembranças da Pátria”, “Pátria”, “Amor”, “Na Arte”, “Na Pátria”. Diante de suas reflexões, podemos notar que apesar de estar expondo seu pensamento e conclusões a respeito da Grande Guerra, o autor em sua palestra, procura evidenciar ao público que a sua “voz”, referindo-a a sua fala e ideologias, não se aproxima das correntes ideológicas que apoiam e convulsionam as tragédias, as agonias humanas, uma voz que lembra sentimentos de morte, mas sim uma “voz” que se despede, “o breve balbucio de uma queixa que se não ouve; a vaga inquietação de uma miséria que não repara; a timidez e a desconfiança, o temor e o susto de uma boca que receia magoar os vossos ouvidos, porque não sabe rezar as orações da Luz, do Amor, do Sonho e da Beleza”.[292]

É notório a sua preocupação com os rumos que a guerra estava tomando, igualmente com a entrada do Brasil no conflito, onde podemos perceber uma crítica do autor a esse fato quando, mesmo que indiretamente, ressalta a influência dos norte-americanos para entrada brasileira, pois o país, em suas palavras; “sentiu pesar sobre si o entorpecimento do tédio, pelo avizinhar sombrio dos pensamentos de morte, extraordinários e atrozes pensamentos que asfixiam como nuvens compactas e negras e lembram uma grande asa espalma de infortúnio, ou uma vigorosa mão gigantesca que lhe vibrasse raios de maldição”.[293] Mesmo com a crítica feita a entrada brasileira na guerra, o teórico deixa transparecer em suas palavras a grandeza de sua alma patriótica e a de povo brasileiro, ao dizer que:

> Mas esta alma, que divagava, silenciosa e muda, pelas alamedas dos hospitais, noivando com a sua tristeza na quietude azul dos devaneios; este coração, que errava como um tisico fidalgo, pelas ilhas encantadas do sonho, sentimental e langue como si o houvessem magoado, para sempre, umas lindas mãos femininas; este cérebro, que pensava talvez nos impossíveis do amor, da glória e da ventura, trancado no mais ingênuo e branco recolhimento; esta alma, este coração, este cérebro, ao terem conhecimento o estado de guerra do país, levantaram-se, uníssonos e bravos, como três forças, três energias, três pulsos formidandos de patriotismo, para lutarem, para romperem-se, para tombarem, rôtos e gloriosos , pela integridade e pela honra da “grande mãe-comum, - a Pátria Brasileira!...”[294]

Todavia, compreendemos a referência feita ao povo brasileiro, que ao ver o país entrar no conflito, uniram-se bravamente em defesa da nação para lutarem com suas forças formidáveis de patriotismo para assegurar a integridade e honra da pátria brasileira. Entretanto, o autor entra na análise dos campos de batalhas que, segundo o mesmo, “os japoneses chamara

[292] PINHEIRO. op. cit., p. 85.
[293] Ibid. p. 85-86.
[294] Ibid. p. 86.

de *jardim da guerra*, na estranha exaltação de um enfebrecimento poético".[295] Em "sinfonia de luta", percebemos uma narrativa poética onde o intelectual faz uma analogia sobre a guerra, na qual a mesma seria a beleza trágica de todas as dores, aonde entoava o coro da blasfêmia pelos caminhos sombrios das horas-mortas, sendo assim, os acontecimentos do *front* seriam como as primeiras badaladas do assombroso destino que a humanidade caminhava. Contudo, em sua concepção ressoada em "sinfonia de luta", além dos objetivos e ideologias de cada potência beligerantes na guerra, o que também estava em jogo para elas "é a vida ou a morte, a vitória ou a derrota, a liberdade ou o cárcere, o desafogo ou a asfixia, a honra ou a vergonha, a dignidade ou o aviltamento, a grandeza ou o nada".[296]

Todavia, ao fazer referência à guerra em sua narrativa, enfatiza que a "sinfonia" cresce, se alastra e mata como um raio, onde o peso do ferro e da morte é prolongada pela resistência terrível de forças que não se deixam vencer, pois têm o orgulho e incentivo do "Patriotismo", sendo este sentimento de civismo, um dos prolongadores do *front* de guerra. Portanto, incentivados por um civismo desenfreado e pela busca de justiça dos pequenos países, as nações "agora são batalhões que marcham desassombradamente para um avanço forçado, visando a reconquista de terras que lhes foram arrancadas como um enorme pão que se multiplica em suas mãos de trabalho, como nas mãos miraculosas do Cristo".[297] Os combatentes vão à luta em defesa de suas nações, sobretudo, confiantes na luz de suas crenças, levando em sua alma os ensinamentos cívicos de seu país, vão carregados de amor, bravura e, principalmente, a esperança gloriosa no triunfo de seu povo.

Destarte, o teórico ainda faz uma analogia entre o patriotismo, a guerra e a bandeira, que em sua concepção, é um símbolo que engrandece e alimenta o heroísmo de seus combatentes que a carregam e a protegem, sem deixa-la cair mesmo diante dos vários perigos do *front* de guerra, defendem como se ela fosse o pretexto de suas próprias vidas. Portanto, "para àqueles espíritos de fortes, a honra da bandeira vale mais do que a oração que as mãos tremulas das mães lhes puseram no pescoço à hora da partida, de sob a gola da blusa, numa benção de lagrimas e beijos".[298] Contudo, é a bandeira que lhes dão força diante dos vendavais das tragédias, é o escudo e a roupa que tinge de sangue como se fosse um pedaço da túnica de Cristo, é o pão que proporciona força a essa religião e alma patriótica que se alastra por toda a face do planeta terra, a religião do patriotismo. "Por isso os soldados seguram-na bem, agitam-

[295] PINHEIRO. op. cit., p. 86.
[296] Ibid. p. 86.
[297] Ibid. p. 87.
[298] Ibid. p. 91.

na com força nos punhos cerrados, salvam-na das refregas alucinantes, aspiram-na, afagam-na, beijam-na e somem-se com ela nos subterrâneos formidolosos da guerra, como uma legião de formigas arrastando uma asa de cigarra".[299]

Aliado ao sentimento patriótico da bandeira está o hino, a irmã legitima da bandeira. O hino, em sua concepção, é o grito de guerra das nações, pois "ouvi-lo em meio de um combate, por entre o fragor intenso da artilharia, é ouvir a própria imagem da Pátria, arrogante e soberba, num brando vivo de encorajamento".[300] No entanto, o hino da nação seria como o impulso de otimismo para os soldados pessimistas, seria o combustível que impulsiona e ilumina os combatentes, uma vez que, ao ouvi-lo, todos se acaloram e se enchem de alegria. Nesse sentido, o intelectual ao prosseguir suas reflexões sobre o hino, escolhe a "Marselhesa", o hino francês, como canto base de inspiração para as grandes e pequenas nações, outrossim, segundo o mesmo "a Marselhesa deveria ser o hino dos aliados nessa conflagração estupenda".[301] Diante disso, percebemos uma exaltação ao patriotismo francês, tida como um dos berços da democracia moderna desde sua revolução entre os anos de 1789 a 1799.

Portanto, é o hino um dos símbolos que desperta toda grandiosidade aguerrida e bélica de uma nação rumo a vitória, "é a própria voz da Pátria que irrompe, sonora e boa, como um grande sopro de vida sacolejando o espirito dos bravos".[302] Todavia, ao discorrer sobre a "Pátria" e o seu valor, o autor faz indagações a respeito do que impulsiona a agilidade assombrosa do maquinismo e do povo. No entanto, argumenta que o lugar de origem é um dos sentimentos que impulsiona a máquina através do orgulho do seu povo enraizado por ódio e cede de vingança. Sobretudo, conclui que o que impulsiona um povo no campo de guerra é o amor a sua Pátria, é essa força vista como perigosa e bruta que faz todos os indivíduos de uma nação um único homem, "para querê-la, para possuí-la, para esposa-la, rumando-a com mãos de amor nos caminhos acertados da honra e do dever, orgulho do seu orgulho, venturosos da sua ventura, martirizados no seu martírio, glorificados na sua glória".[303] Contudo, Celso Pinheiro faz um elo entre a "Pátria", a "Arte" e o "Amor", onde unidos despertam um sentimento vigoroso pela nação, assumindo proporções gigantescas. Deste modo, ao procurar mostrar o sentimento de "amor à pátria" através de fatos, diz que a mesma:

> É a própria figura de Alberto, o Grande, fazendo da sua luminosa grandeza uma muralha de oiro para interceder a passagem, no seu território, das hostes sangue-sedentas de Kaiser; é Victor Emanuel batendo-se como um leão nas linhas de frente da Itália, não cedendo nunca nos resfôlegos incontidos da heroicidade de ferro,

[299] PRINHEIRO. op. cit., p. 91.
[300] Ibid. p. 92.
[301] Ibid. p. 92.
[302] Ibid. p. 94.
[303] Ibid. p. 95.

> barrando afinal pelo poder das suas armas "a invasão danada dos bárbaros" para que Veneza, desafogada e livre, sorrisse como antes o seu sorriso argênteo de velas e de gondolas; é Jofre, o taciturno, providencial e feliz, arrebatando às garras monstruosas da *Águia Negra* a integridade da França gloriosa, espelho e alma de toda uma civilização; é Kerensky, iluminado e soberano, vibrante de coragem cívica, tentando recompor, num gesto alucinante de desespero, a alma esfacelada da Rússia, para que o colosso não sucumba de vergonha; é Gabriel d'Annunzio no arranco impetuoso de um voo incomparável e único por sobre as linhas inimigas, como a querer sobrepujar com a supremacia de seu gênio de artista, a hediondez absoluta do militarismo alemão; é, finalmente, o Brasil que se levanta confiante e calmo na sua beleza varonil, para erguer com honra a luva do desafio germânico.[304]

Todavia, compreendemos através das palavras do teórico, que o amor extraordinário a sua pátria é o principal sentimento que move seu povo rumo a luta impetuosa no *front* de guerra, aliados à pilares como: o respeito e orgulho a seus antepassados, o culto aos grandes homens da nação, as obras de artes, a literatura, o esforço de todo o trabalho de seu povo, as almas de seus cidadãos, o sangue. Tudo isso aliados ao orgulho, honra e defesa nacional, acabavam por formar um sentimento aguerrido de nacionalismo, onde o povo lutava heroicamente na guerra na esperança da vitória e de colocar o seu país na prateleira das grandes nações.

Contudo, diante da conferência proferida por Celso Pinheiro em Teresina, compreendemos através de sua visão, que as causas e desenvolvimento da guerra foram acrescidas, principalmente, através de um sentimento impetuoso de "amor à pátria" despertados nas principais nações envolvidas no conflito. O mesmo procura demonstrar os fatos por meio de uma escrita poética, característica dos escritores da época, sobretudo, àqueles que faziam parte da Academia Piauiense de Letras, como o próprio. Sua preocupação com a guerra e a entrada do Brasil no conflito fica sempre evidente ao logo de sua narrativa.

Um ano após esta apresentação do Pinheiro, outra palestra sobre a Primeira Guerra Mundial foi apresentada por Luiz de Moraes Correia,[305] no dia 4 de janeiro de 1919 no Club dos Diários em Fortaleza-Ce. A conferência com o título "DE SARAVEJO A VERSALHES: Retrospecto da Guerra Europeia", traz em si uma narrativa traçando os principais acontecimentos desde o assassinato do herdeiro do trono austro-húngaro Francisco Ferdinando em Saravejo, até a conferência da paz na França, em 1919. Logo no início de sua palestra, o intelectual ressalta que a conflagração europeia, evento que se instalou na terra e ensanguentou a Europa por quatro longos anos, estagnou a humanidade diante da proeminência do terrível acontecimento: a Primeira Guerra Mundial.

---

[304] PRINHEIRO. op. cit., p. 95.

[305] Luiz de Moraes Correia nasceu em Amarração/Luís Correia-PI em 23-11-1881. Tem como formação Bacharel em Direito (1910), atuou por diversas áreas, como: magistrado, Jurista, professor e jornalista. No Piauí atuou como Chefe de Polícia, Promotor Público em Parnaíba e depois Teresina, Secretário-Geral do Estado e Procurador dos Feitos da Fazenda. No entanto, mudou-se para o Ceará e lá realizou a maior parte de suas atividades culturais e profissionais, a qual destacamos a de Juiz Federal e professor catedrático da Faculdade de Direito do Ceará. Contudo, veio a faleceu no dia 23-10-1934 em Fortaleza-CE.

O século XX que iniciou com a segunda Conferência da Paz realizada em Haia na Holanda em 1907, com o objetivo inovador de estabelecer a diplomacia e as relações internacionais entre as nações, demonstrava ser um instrumento que iria assegurar a paz entre os países e a supremacia dos direitos internacionais, não foi capaz de frear às tensões europeias em 1914 e, àquilo que era vista como uma ameaça no primeiro momento, logo se transformou em fato consumado com o atentado de Saravejo. Entretanto, na concepção do teórico, "com a brutalidade com que irrompeu, a guerra se alastrou: desceu ao fundo dos mares na máquina infernal dos submarinos, subiu aos ares na hélice vertiginosas dos zepelins".[306] Nesse sentido, ao descrever a gravidade e proporção desses acontecimentos, faz uma analogia sobre o cenário mundial, dizendo que "Marte se aliará a Plutão. No espirito doentio de Guilherme II, as chamas da guerra não deveriam ser menos rubras que as labaredas do inferno".[307]

Essa descrição assombrosa dos acontecimentos pelo teórico, se deu pelo fato da Alemanha, no início da guerra, ter a sua disposição dois grandes exércitos do progresso: um da ciência e outro das armas, sobretudo, direcionados à busca de seus ideais, mesmo que para isso fosse preciso a destruição e morte de seus inimigos. Todavia, o autor ao falar da relação entre a Alemanha e a França recorda antigas tensões entre as potências, ressaltando que "a história, em suas páginas ainda não amarelecidas pelo tempo, descreve-nos a amargura que por longos anos lanceou a alma francesa, desde a ocupação da Alsácia e da Lorena",[308] territórios de população germânica que foi tomado por Luís XIV da França no século XV e devolvido à Alemanha recém-unificada, conforme o acordado no Tratado de Frankfurt, em 1871. Portanto, com a derrota e perca do antigo domínio territorial, o autor descreve que "a *revanche*, a custo contida no coração generoso da França, equivaleria à mais justa das reivindicações".[309]

Para Luís Correia, esse foi também uma das motivações que acirraram a rivalidade entre os países e formaram o cenário propício para o início de uma guerra, confirmado com a declaração de guerra da Alemanha contra a França em 1914. Entretanto, apesar do anseio de vingança por parte dos franceses, a pátria preferiu confiar no seu direito assegurado Conferência da Paz e em uma justiça universal, aguardando a sentença do tribunal internacional e não em uma tomada de decisão pelas armas. Porém, a Alemanha liderada na figura de Kaiser pretendia alcançar presas maiores, e até conquistar mais territórios da Franças, mas não sabia como apresentar o plano de conquistas ao mundo sem um motivo plausível. Contudo, o Imperador

[306] CORREIA, Luiz de Morais. *DE SARAVEJO A VERSALHES: Retrospectiva da Guerra Europeia*. In: Revista da Academia Piauiense de Letras, N° 01. Ano II. Teresina: APL, 1919. p. 72.
[307] Ibid. p. 72.
[308] Ibid. p. 73.
[309] Ibid. p. 73.

alemão esperava apenas por um pretexto para executar o seu plano e, como observa Correia, "a tragédia de Saravejo forneceu o momento almejado. Baqueará ao punhal homicida de um moço anarquista o ríspido herdeiro do trono da Áustria".[310]

Como já ressaltado anteriormente, esse acontecimento resultou naquilo que é considerado pela historiografia como o e*stopim* da Primeira Guerra Mundial, sendo assim, analisando bem o contexto desses acontecimentos, Correia ressalta: "mais intensos que o pesar e o luto foram, na corte de Francisco José, os sentimentos de ódio e vingança traduzindo nas imposições feitas à Sérvia".[311] Apesar da Servia ser considerada uma pequena nação em relação ao Império Austro-Húngaro, o país dignamente se insurgia contra as humilhações lhe impostas, então preferia perder tudo frente a um adversário poderoso do que abdicar de sua luta e soberania. Logo depois desse acontecimento, "a artilharia austro-húngara já se encontrava sobre Belgrado. Não havia o que esperar, pensou o Kaiser".[312] Assim, formava-se uma aliança entre duas das mais importantes dinastias familiares da época, os Hohenzollern do Império Alemão e a casa Habsburgo do Império Austro-Húngaro. Após a consumada união, Kaiser logo agiu e "brusco partiu o insólito *ultimatum*, ao mesmo tempo dirigidos à França e a Rússia",[313] a partir daí iniciava-se a Grande Guerra em 1914.

Entretanto, na exposição do autor o mesmo ressalta que a Alemanha estava aparelhada e preparada para lutar e vencer. O seu preparo militar crescia desde à adoção do militarismo por Kaiser Guilherme II após a guerra Franco-Prussiana, por conta disso, os cientistas e pesquisadores do país substituíram nos livros didáticos e na própria escola os ideais de justiça pelos princípios de força e soberania, de tal modo que o militarismo colocava ao seu lado toda energia de seu povo, que se consumava em uma raça forte e vigorosa. Com esse cenário propício, Kaiser logo tratou de executar seu plano que a muito tempo já estava traçado e, através da Bélgica, esperava entrar na capital da França, mesmo com a neutralidade declarada dos belgas. Mesmo com a injusta invasão, o pequeno, mas aguerrido exército belga, lutou bravamente contra o Império de Kaiser, e ao tempo que as fortalezas da Bélgica respondiam ao ataque inimigo, a França reunia ao som vibrante de seu hino Marselhesa, os seus patriotas para defesa de Paris.

Destarte, a invasão da Bélgica pela Alemanha iria incitar outro gigante, os britânicos, que logo demonstraram apoio ao povo belga. Essa ação para Correia, mostrou que "a terra dos

---

[310] CORREIA. op. cit., p. 73.
[311] Ibid. p. 73.
[312] Ibid. p. 73.
[313] Ibid. p. 74.

nevoeiros não é somente o centro das indústrias: é também a pátria da liberdade. A Inglaterra fez a sua entrada triunfal na guerra".[314] Por conta disso, as suas fabricas de tecidos foram substituídas por usinas bélicas, os operários saíram das indústrias para atuarem nas trincheiras da guerra e foram substituídos por suas mulheres, e assim, serenos e firmes, os ingleses permaneceram até o fim da Grande Guerra. "Nos mares a sua poderosa esquadra jamais apagou os fogos: policiava o Atlântico; protegia os navios mercantes; conduzia as tropas Americanas".[315]

Logo após descrever essa fase inicial da guerra em sua conferência, o autor narra também o seu auge, onde os aliados faziam a defensiva vigorosa de suas trincheiras na qual a artilharia alemã atacava sem cessar fogo. Sem excitar, os aliados respondiam com canhão 75, gases asfixiantes e poderosos tanques de guerra. Ao retratar os alemães, Correia descreve que "o inimigo ora avançava, ora recuava: quando avançava, derrubava templos, destruía os monumentos de arte; quando recuava, lançava fogo aos campos, às vilas, às cidades".[316] Deste modo, no desenvolvimento do conflito os combates mantinham-se equilibrados. Posteriormente, o cenário da guerra mudaria totalmente, como retrata Luiz Correia:

> Nos mares ou, antes sob os mares, os submarinos audazes, tendo os torpedos por arma e por óculo um periscópio, não cessavam de piquear navios mercantes e até navios-hospitais. Por último, nem mais o pavilhão dos neutros foi respeitado.
> Sucessivamente, afundaram o LUZITANA, o PARANÁ, o TIJUCA, o MACAÚ...
> Era a declaração formal de guerra ao mundo inteiro. E foi aceito o desafio.
> Os Estados Unidos, o Japão, o Brasil, prestos se enfileiraram ao lado dos que defendiam os princípios universais do Direito brutalmente violados pelos inomináveis direitos de Força.
> O mundo inteiro estava, assim, envolvido na teia infernal da guerra.
> A conflagração europeia passará a guerra mundial.[317]

Contudo, incentivados pelos bloqueios marítimos impostos pela Alemanha e o ataque a navios marcantes, a entrada do Brasil junto aos Estados Unidos marcou a fase final da guerra ao lado dos países aliados da Tríplice Entende. Correia destaca que a entrada do gigante norte-americano no conflito, modificaria drasticamente o seu rumo, imprimindo-lhe uma nova feição, forte e vigorosa, se destacando em meio as potências mundiais. Esse fato, em sua concepção, "pode-se já afirmar, antes mesmo do julgamento definitivo da História, que a entrada dos Estados Unidos decidiu da sorte da guerra, decidindo ao mesmo tempo dos destinos da humanidade".[318] O povo americano desde a entrada do país na guerra estava disso convencido, sobretudo, pela confiança repassada pelo seu presidente Woodrow Wilson que, naquele

[314] CORREIA. op. cit., p. 75.
[315] Ibid. p. 76.
[316] Ibid. p. 77.
[317] Ibid. p. 77.
[318] Ibid. p. 77.

momento, além de presidir o destino do seu povo, passou também a presidir o destino geral do mundo.

Nesse momento da guerra, fatores como; os interesses comerciais da Grã-Bretanha, as vantagens territoriais da França ou os interesses econômicos dos demais aliados, já não eram mais tidos como prioridades, mas "o que ali estava em jogo eram os destinos da humanidade, as conquistas da Civilização, os princípios do Direito e normas da Justiça".[319] Contudo, a nação de Wilson que guiou o seu povo até a luta mundial, agora guiava o mundo à almejada Liga das Nações com o objetivo de estabelecer a paz entre os países com bases solidas e permanentes. O Brasil, na concepção de Correia, tinha motivos para comemorar a sua atuação na guerra, pois o seu policiamento aos mares na costa da África, bem como os combates aéreos nos campos de batalhas no *front* da Europa, foi significativo ao lado das nações aliadas, se destacando na linha de frente que atuou e nos hospitais, sobretudo, nas instituições da *Cruz Vermelha*, onde agiram os médicos, enfermeiros e militares.

Mesmo depois do cessar fogo, a guerra deixaria seus rastros no mundo, principalmente os de sangue, revelados nos altos números de feridos nos hospitais das nações beligerantes. Como ressalta Correia, "quando uma guerra termina, desaparece a trincheira, mas não a enfermaria; cessa o fogo mas não cessam os lamentos nem os gemidos".[320] Portanto, a guerra que por mais de quatro anos cobriu de sangue a Europa, alastrando-se pelo mundo inteiro, acabou deixando sua pior face, sendo ela, para o autor: "hospitais regurgitando de feridos, cidades em ruinas, a desolação dos campos, famílias cobertas de luto e a abastança convertida em pobreza".[321] Com o fim da Grande Guerra, surgia em todo o mundo à esperança da tão sonhada paz mundial com a Conferência de Versalhes, e assim como em grande parte do mundo, o fim do conflito e da participação brasileira foram também exaltadas no Piauí, como visto na conferência proferida pelo intelectual Luiz de Morais Correia que, em suas últimas palavras, destaca:

> Cessou, entretanto, o troar do canhão, o sibilar das balas, os *raids* dos zepelins, as surpresas dos submarinos e o mortuário das populações civis.
> A Paz voltou à terra. Felicitamo-nos, pois, no momento em que ela de novo brilha à face do planeta.
> Congratulemo-nos com as nações nossas aliadas. Através do Atlântico, vibre a nossa Pátria irmanada à França, à Bélgica, à Inglaterra, à Portugal, à Itália, à Sérvia, ao Japão, aos Estados Unidos.
> Festejamos, com alegria intensa, o regresso da Paz ao Mundo.
> Que ela perdure, floresça e frutifique, para felicidade dos povos, para bem da humanidade. Só ela estimula o trabalho e alenta a sociedade.

[319] CORREIA. op. cit., p. 78.
[320] Ibid. p.78.
[321] Ibid. p. 78.

Bendigamo-la e saudemo-la.[322]

Nessas últimas palavras de Correia, percebemos um sentimento de euforia com o fim da Primeira Guerra Mundial. Os quatros longos anos de conflito finalmente chegava ao fim com a rendição da Alemanha e dos países que compunham a Tríplice Aliança. O fim da Grande Guerra é tido como o retorno da paz ao mundo, como uma nova esperança que surgia para humanidade. Contudo, essas conferências apresentadas por dois dos grandes intelectuais piauienses da primeira metade do século XX, carregam em si majestosos relatos sobre os acontecimentos que levaram a conflagração de 1914 até o Tratado de Versalhes em 1919, com detalhes minuciosos dos episódios em estilos de narrativas diferentes: Celso Pinheiro faz uma admirável narrativa dos fatos com uma escrita que carrega o estilo e traços poéticos, enquanto Luiz Correia discorre sobre os acontecimentos com um estilo mais cientifico que carrega em si sua análise e conclusões sobre o *front* de guerra. Assim como na maioria dos Estados brasileiros, os intelectuais piauienses também foram bastantes atuantes na divulgação e discussão do conflito, mostrando, entre outras coisas, que o Piauí estava inserido no debate dos grandes acontecimentos mundiais assim como os grandes centros do país e do mundo.

[322] CORREIA. op. cit., p. 78-79.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou compreender como se deu a repercussão da Primeira Guerra Mundial no Piauí entre os anos de 1914 a 1919, abordando matérias produzidas e divulgadas nos jornais, relatórios governamentais e conferências dos intelectuais locais, com o objetivo de analisar a guerra em perspectivas piauienses à medida que o Estado estava integrado ao debate do conflito assim como nos grandes centros do Brasil.

O estudo permitiu ainda, observar como se deu a construção de uma ideologia do *front* através das matérias divulgadas pelos jornais, bem como à maneira que os mesmos se envolviam no debate onde alguns se posicionavam contra ou a favor do conflito, como também defendiam a causa ou tinham afinidade por algum país que compunham uma das duas frente beligerantes. Sob esse aspecto, foi possível observar que o primeiro envolvimento do Brasil foi no campo intelectual, onde os intelectuais locais, assim como na maioria das capitais do Brasil, logo de início demonstraram preocupação com os assuntos e acontecimentos do *front*, sendo essa uma das primeiras e principais formas de manifestações a respeito dos efeitos da guerra instigado pela intelectualidade piauiense, sobretudo, alguns daqueles que em 1917 viriam a fundar e compor a Academia Piauiense de Letras (APL). Àqueles que detinham laços e afinidade culturais com a França acabavam por abraças a sua causa, pois, como ressalta Johny Araújo, "as ações diplomáticas entre os dois países foram fortalecidas ao ponto de que se tornou praticamente inevitável a tomada de posicionamento do governo brasileiro no decorrer da guerra a favor da França".[323]

Anterior a entrada do Brasil no conflito, foi possível observar que além da divulgação e envolvimento da elite intelectual no debate nos jornais e periódicos piauienses, a guerra também despertou a curiosidade da população, especialmente das classes sociais mais favorecidas economicamente que detinha contato com as matérias trazidas pelos periódicos, e frequentavam espaços de lazer e socialização como o cinema, que exibiu em Teresina um filme que contava a história da participação inglesa na guerra, contribuindo e influenciando na consolidação de uma concepção popular de ideologia do conflito.

A conflagração europeia de 1914 que inicialmente parecia algo tão distante de um Estado localizado ao norte do Brasil, afastado dos grandes centros e da Capital Federal, viria a causar mudanças e prejuízos para o Piauí, sobretudo, nos aspectos econômicos, que no início do conflito teve um expressivo crescimento da exportação da cera de carnaúba e da borracha de maniçoba, o primeiro sendo exportadas para alguns dos países beligerantes, visto que foi

[323] ARAÚJO, J. S. de (2022). op. cit. p., 25.

possível extrair do produto um componente explosivo conhecido como "ácido pícrico", bastante utilizados na fabricação de pólvora. Posteriormente, o Estado viria a ser bastante lesado na queda das exportações dessas matérias primas para o continente europeu, principalmente durante o bloqueio naval imposto pela Alemanha, ocasionando uma queda brusca na receita estadual. O estudo ainda observou como se deu o envolvimento do Brasil no *front* de guerra, como à atuação da DNOG (Divisão Naval em Operações de Guerra) entre 1917 e 1918 realizada pela Marinha Brasileira, que tinha como objetivo realizar missões de patrulhamento para os aliados no Oceano Atlântico, especialmente em parte da costa da África para evitar ações e ataques de submarinos alemães.

Diante da magnitude que foi a Primeira Guerra Mundial, é plausível considerar que a participação do Brasil ao lado da Entente foi bastante limitada, sobretudo, para influenciar o resultado final da guerra, sendo o país coadjuvante em termos gerais. Mas, apesar de uma singela participação brasileira e a não participação piauiense no conflito com o envio de tropas, como lembra Daróz, "se no contexto global a contribuição brasileira foi pequena, para o país trouxe reflexos significativos e promoveu profundas transformações políticas, econômicas, sociais e militares",[324] sendo assim, todos os países envolvidos no conflito sofreram variados prejuízos e alcançaram transformações significativas decorrentes de sua participação. Em um primeiro momento, a crise se instalou no Brasil, pois o principal produto de sua exportação, o café, caiu e provocou uma crise cafeeira. Já no Piauí, a maniçoba e a cera de carnaúba que eram dois dos principais produtos de exportação que também tiveram sua saída bastante reduzida, principalmente com o bloqueio alemão e a entrada do Brasil na guerra em 1917.

Nesse sentido, as importações também foram bastantes impedidas pelo conflito, e trouxe mudanças significativas para o país, pois, como o Brasil dependia essencialmente dos produtos industrializados europeus, foi identificado a necessidade de substituir as importações para desenvolver o mercado interno através do investimento em indústrias que atendessem as variadas necessidades brasileiras, "levando o país a experimentar um inédito surto de industrialização. Durante os anos de guerra, 1914 e 1918, o número de fábricas no Brasil aumentou 400% e a quantidade de operários dobrou, muitos dos quais eram imigrantes europeus".[325] O Piauí veio a receber algumas empresas que impulsionaram o começo da industrialização local, se destacando o comércio de Parnaíba, que recebeu diversas empresas estrangeiras antes e depois da guerra.

[324] DARÓZ. op. cit. p. 182.
[325] Ibid. p. 182.

A maioria dessas empresas vieram atraídas pelo comércio de exportação no porto de Parnaíba, com o objetivo de fazer o transporte de matérias primas locais para Europa, onde destacamos a atuação de algumas, como a agência inglesa *Booth Steamship Co* que chegou na cidade em 1907 e, segundo Junia Rego, "a agência da Companhia inglesa Booth Line operou em Parnaíba de 1 de junho de 1913 até os anos 1960",[326] trabalhando com navegação de cabotagem, alvarengagem e agenciamento das cargas de exportação. A empresa ainda viria a agenciar outras poderosas empresas na cidade, como a alemã *Norddeutscher Lloyd Bremen* além de outras duas holandesas.[327] Essas agências foram de extrema importância para o Piauí, pois, com a boa fase do extrativismo local, o Estado passou a exportar diretamente para o mercado internacional matérias-primas como algodão, a cera de carnaúba, o babaçu e a maniçoba. Além de promover uma maior integração no mercado interno.

Outrossim, com a Grã-Bretanha, tradicional parceira comercial e impulsionador das indústrias brasileiras, amargando grandes prejuízos decorrentes da guerra, o capital e empresas norte-americanas começaram a adentrar-se e ser o grande impulsionador das fábricas brasileiras. Por conta dessa reorientação industrial, o Brasil impulsionou seu mercado interior e, "gradativamente, as indústrias nacionais foram ganhando o mercado interno e os produtos "*mande in Brazil*" passaram a ocupar as prateleiras de estabelecimentos comerciais de norte a sul do país".[328]

Todavia, além do impulso provocado pela navegação a vapor para Piauí que, entre outras coisas, possibilitou uma maior integração econômica do Estado com a Europa e os grandes centros do Brasil, o Telegrafo também foi um fator determinante para conexão do Piauí com os locais citados, à medida que as notícias sobre a guerra e dos principais acontecimentos do Brasil eram amplamente divulgados e debatidos no Piauí, à exemplo da reportagem sobre a *Tragédia de Saravejo* publicada pelo jornal *Diário do Piauhy* em 1914. As informações sobre o conflito, na maioria das vezes, vinham em forma de notas no setor destinado a "*Telegramas"* com a identificação da metrópole a qual a notícia tenha origem. Esse espaço era reservado somente para os *telegramas* nacionais e internacionais, com informações bem resumidas e com adaptações jornalísticas.

Porém, havia exceções como no caso da reportagem produzida pelo *Diário do Piauhy* onde é retratado com amplos detalhes o ataque ao arquiduque Francisco Ferdinand, considerado

[326] REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos mares**: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950). 2010. 291 f. Tese (Doutorado) – PPGH-UFF: Niterói, 2010. p. 118.
[327] Ibid. p. 118.
[328] DARÓZ. op. cit. p. 182.

como o *estopim* da Primeira Guerra Mundial. Apesar do referido jornal ter sido extinto no mesmo ano que iniciou a guerra por conta de fatores financeiros, o mesmo pode ser considerado como um dos principais veículos de divulgação do conflito em seu primeiro ano e incentivador para seu pares, que, nos próximos anos de agitação, passaram a divulgar corriqueiramente os acontecimentos do *front* de guerra, inclusive com reportagens sobre os mais relevantes fatos que também levaria alguns periódicos à posicionar-se diante da combate e das duas frentes beligerantes, assim como encetado pelo *Diário do Piauhy* na reportagem sobre a *Tragédia de Saravejo* em que o periódico coloca Francisco Ferdinand como um líder ambicioso com intencionalidades de conquistar territórios balcânicos. Por conta disso, foi assassinado pelo ódio dos sérvios.

A partir dessa prática, muitos intelectuais piauienses ganharam destaques ao escreverem matérias, crônicas, críticas e informativos sobre os acontecimentos da guerra, sobretudo, àqueles que compunha a elite intelectual piauiense advindos da antiga Escola de Direito de Recife, que acabaram formando um grupo de intelecto que sempre divulgavam seus conhecimentos e opiniões sobre os principais assuntos do Brasil e do mundo nos periódicos locais. O estudo ainda pôde mostrar que a intelectualidade piauiense foi o principal setor social atuante no debate acerca da Primeira Guerra Mundial, se debruçando desde o início sob o assunto e intensificando as discussões com a entrada brasileira no conflito, onde os jornais posicionava-se diante da guerra e suas frentes combatentes.

Segundo Garambone, essa postura justifica-se à medida que "o abandono da neutralidade, aliás, foi acontecendo de forma paralela ao tom do noticiário dos jornais. A isenção inicial, o cuidado em balancear os fatos, a quantidade de notícias bem equilibradas tanto do lado aliado quanto do lado das Potências Centrais duraram até o início de 1917",[329] a partir daí, cresceram as notícias e análises sobre a entrada e envolvimento do Brasil na guerra e o posicionamento entre a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente. Com a consolidação de um grupo de intelectuais na capital Teresina em meio à guerra, houve em 1917 a criação da Academia Piauiense de Letras (APL), que a partir deste ano passou a lançar uma revista anual com objetivos de propagar estudos e consolidar a intelectualidade local, na qual a maioria dos membros eram figuras de destaques no cenário local, regional e nacional.

Todavia, apesar da Grande Guerra em um primeiro momento ter aumentado as exportações piauienses e, posteriormente, causado prejuízos especialmente nas finanças do Estado por causa da queda das mesmas, posteriormente viria a provocar mudanças

[329] GARAMBONE. op. cit. p. 105.

significativas em outras esferas sociais. Além do campo econômico, industrial e intelectual, outro setor piauiense que se reconfigurou após a Primeira Guerra Mundial foi a saúde pública, que após o surto de gripe espanhola entre os anos de 1918 e 1919 aumentou os investimentos estatal na estruturação de hospitais de combates a epidemias e tratamento da saúde pública, mostrando assim, que a guerra foi agente causador de transformações em lugares tão longínquo do *front* de guerra como o Piauí.

Contudo, além da análise do posicionamento dos jornais, foi possível debruçar-se sob o estilo de vida da população piauiense, mergulhando no linguajar usado na época onde os textos vinham com uma singela formalidade, grafia diferente da usada hoje e uma firmeza nos textos. Foi por causa dos jornais, das notícias e matérias produzidas por intelectuais e publicadas nos mesmos, que a população se inseriu nas discussões sobre o *front* de guerra, adotando a postura de defender a causa aliadófilas ou germanófilas, assim como o debate referente ao Brasil entrar ou não na guerra. A ampla divulgação dos jornais e o acompanhamento dos eventos pela população através dos noticiários, "mostrou que havia agitações nas ruas e discussões sobre qual lado seria o vencedor".[330] Porém, essas polêmicas entre aliadófilos e germanófilos, apesar de serem amplamente debatidas e abordadas em palanques políticos, crônicas jornalísticas ou mesmo nas esquinas dos grandes centros, jamais se transformaram em violência entre a população civil no Brasil.

Durante os anos de 1914 e 1918, a imprensa piauiense assim como a dos grandes centros nacional, caminhou entre a simpatia pela causa aliada e pela causa alemã que buscava redesenhar o mundo com seu Império ambicioso. Os jornais foram de suma importância para o entendimento dos impactos e consequências da guerra no Brasil e no mundo, pois refletiram, discutiram e divulgaram diariamente os acontecimentos, além de anteriormente prever a possível guerra concretizada em agosto de 1914, como também acabaram por influenciar a entrada do Brasil no conflito e sugerir como deveria ser essa entrada; ao lado dos Estados Unidos da América.

Contudo, podemos afirmar que, entre notícias retratadas nos jornais e relatórios governamentais, conferências, matérias publicadas e os impactos positivo negativos provocado pelo conflito, há uma memória piauiense da Primeira Guerra Mundial, legada principalmente pelos jornais e intelectuais locais construída em torno de seus eventos. Este trabalho procurou, de certa forma, dar visibilidade a isso tecendo uma narrativa diante do material disponível, para que a memória do primeiro grande conflito em escala global, suas consequências para o Piauí,

[330] GARAMBONE. op. cit. p. 107-108.

o debate e o envolvimento dos nossos jornais e intelectuais, seus legados, não fiquem esquecidos nas alfurjas do tempo.

6. REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena e SARMENTO, Carlos Eduardo. *Mario Henrique Simonsen: um homem e seu tempo.* Depoimentos ao CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ARAÚJO, Johny Santana de. *"Rumo ao mar" e a grande guerra:* o poder naval brasileiro no início do século XX, 1904 - 1918. – Teresina: EDUFPI, 2012.

_____. *A guerra que vai acabar com todas as guerras?:* O Brasil na primeira grande guerra: a mobilização da sociedade e o engajamento da Marinha - 1917 - 1918. In: *História: Debates e Tendências*, v. 14, 2014.

_____.*Bravos do Piauí! Orgulhai-vos... A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai*: – 2. Ed. – Teresina: EDUFPI, 2015.

_____. *A criação e implantação do 25º batalhão de caçadores do exército brasileiro em Teresina:* civismo, sociabilidades e memória 1917-1934. (ISSN: 2317-1979). VOZES, PRETÉRITO & DEVIR, v. 10, p. 79-97, 2019.

_____. *A "Missão Militar Brasileira à França" nos Combates da Frente Ocidental (1918)*. Secuencia (112), e1908. doi: https://doi.org/10.18234/secuencia.v0i112.1908, 2022.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia.* Tradução: Nilo Odalia. - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história:* novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Victor; KRAAY, Hendrik. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2004.

_____. *Da história militar à "nova" história militar*. Nova história militar brasileira. Rio de Janeiro; FGV. 2004.

_____. *Recrutamento militar no Rio de Janeiro durante a Guerra do Paraguai.* Nova história militar brasileira. Rio de Janeiro; FGV. 2004.

_____. *O corintiano dos soldados na guarnição da Bahia (1850-89).* Nova história militar brasileira. Rio de Janeiro; FGV. 2004.

_____. *Ser homem pobre, livre e honrado: a sodomia e os praças nas Forças Armadas brasileiras (1860-1930).* Nova história militar brasileira. Rio de Janeiro; FGV. 2004.

_____. *Revoltas de soldados contra a República.* Nova história militar brasileira. Rio de Janeiro; FGV. 2004.

_____. *Mulheres, homossexuais e Forças Armadas no Brasil.* Nova história militar brasileira. Rio de Janeiro; FGV. 2004.

_____. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CASTRO, Celso; D'ARAÚJO, Maria Cecilia. *Dossiê Geisel.* – 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CLARK, Christopher. *Os sonâmbulos:* como eclodiu a primeira guerra mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DARÓZ, Carlos. *O Brasil na Primeira Guerra Mundial:* a longa travessia. São Paulo: Contexto, 2019.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, *nos* e por meio de periódicos. IN*: Fontes Históricas* / Carla Bazanessi Pinsky, (Organizadora). – 2.ed., I reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

FILHO. Antônio Melo. *Teresina: a condição da saúde pública na Primeira República (1889-1930)*. Recife: Dissertação de mestrado, 2000

GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira***.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GILBERT, Martin. *A Primeira Guerra Mundial*: os 1.590 dias que transformaram o mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

GINZBURG, Carlo. *A micro história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado:* 1549-2003. Teresina: Halley S.A Gráfica e Editora, 2003.

HECHT, Emmanuel; SERVENT, Pierre (org.). *O século de sangue 1914 - 2014: as vinte guerras que mudaram o mundo*. São Paulo: Contexto, 2015.

HOBSBAWM, *Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX***.** *1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado:* contribuição à semântica dos tempos históricos. – Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

_____. *A História Nova.* São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIMA, Natália Dias de Casado. *A Belle Époque e seus reflexos no Brasil***.** Espirito Santo: Anais da XI Semana de História Ufes, 2018.

MONTEIRO. Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória 2: as armas e as maquinas (1896 – 1921)*. Teresina: EDUFPI, 2015.

MENDES, Felipe. *Economia e Desenvolvimento do Piauí*. – 2. ed. – Teresina, PI: EDUFPI, 2019.

MARTIUS, Carl Friedrich Phillip Von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 6 n. 24, jan. 1845, pp. 381-403.

_____; SPIX, Johann Baptist von. *Reise in Brazilien auf befehl Sr. Majestat Maximilian Joseph I, Könings van Baiern in den jabren 1817 bis.* Munich: M. Lindauer, 1821-31. 3v.

MÉRCHER, Leonardo. *Belle Époque francesa:* a percepção do novo feminino na joalheria Art Nouveau. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Teresina, 2012.

PESSOA, Lucas. *A visibilidade da primeira guerra mundial no jornalismo piauiense*. Universidade Federal de Alagoas, 04 e 05 de out. 2006.

PESSOA, Lucas. SOUSA, Thamyres. *A Primeira Guerra Mundial no Jornalismo Piauiense: visões de um conflito*. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia, 08 a 10 de julho 2017.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa do Piauí*. Teresina: Zodíaco, 3º edição, 1997.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo.* São Paulo: Brasiliense, 2000.

PIMENTEL, Franciadna Eufrazina. *Teresina, uma Capital republicana*: as mudanças ocorridas na capital do Piauí com a chegada do século XX. Teresina: revista Humana Res. v. 1 n. 001 (2019).

QUEIROZ, Teresinha. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí (1900-1920)*. Teresina: UFPI/APL, 1994.

_____. *Os literatos e a República***:** Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

RÊGO, Ana Regina. *Imprensa piauiense: entre a literatura e a política*. Doutoranda em Comunicação UMESP UFPI/UMES. 2008.

RÊGO, Ana Regina; MOURA, Ranielle Leal. *Imprensa brasileira na Primeira Guerra Mundial:* intelectuais em ação. 2015. Trabalho apresentado no GT de Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares*: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950). 2010. 291 f. Tese (Doutorado) – PPGH-UFF: Niterói, 2010

REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front*. Tradução Helen Rumjanek. Porto Alegre: L&PM, 2004

SODRÉ, N. W. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: História Completa*. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUSA, Caio Leonardo da Silva. *A repercussão da primeira guerra mundial através dos jornais piauienses* .2018. 83 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

STEVENSON, David. *1914-1918: A história da Primeira Guerra Mundial*. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Folclore, Antropologia e História Social*. In: *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal.* 3ª Ed. Integral. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

_____. *História da Independência do Brasil*, até ao reconhecimento pela antiga metrópole, compreendendo, separadamente, a dos sucessos ocorridos em algumas províncias até essa data. *Revista do IHGB*, 1916/1917, 79, p. 5-598.

_____. *História geral do Brasil*, isto é, do descobrimento, colonização, legislação e desenvolvimento deste estado, hoje império independente, escrita em presença de muitos documentos autênticos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Espanha e da Holanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brasil, natural de Sorocaba. Tomo Primeiro. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1854.

_____. *História geral do Brasil*. Isto é, do descobrimento, colonização, legislação, desenvolvimento, e do império, escrita em presença de muitos documentos inéditos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Espanha e da Holanda, e dedicada a sua majestade imperial o senhor D. Pedro II. Tomo segundo. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert. Madrid: Imprensa de J. del Rio, 1857.

_____. *História das lutas com holandeses, desde 1624 a 1654.* São Paulo: Cultura, 1943.

VIDIGAL, Armando. *Guerras de Unificação Alemã*. In: MAGNOLI, Demétrio (Org). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.

WEHLING, Arno. *A pesquisa da História Militar Brasileira.* In: *Revista da Cultura*. Rio de Janeiro: Exército Brasileiro, ano I, n°1, jan/jul 2001.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

AGUIAR, Eurípedes Clementino de. *Mensagem Apresentada pelo Governador do Estado à Câmara Legislativa no dia 1° de junho de 1918*. Teresina Piauí.

AGUIAR, Eurípedes Clementino de. *Mensagem Apresentada pelo Governador do Estado à Câmara Legislativa no dia 1° de junho de 1919*: Teresina Piauí.

BASTOS, C. Dicionário; CHAVES, J. Apontamentos; RÊGO NETO, H. Fatos.

CORREIA, Luiz de Morais. *DE SARAVEJO A VERSALHES: Retrospectiva da Guerra Europeia*. In: Revista da Academia Piauiense de Letras, N° 01. Ano II. Teresina: APL, 1919.

ESTADO DO PIAUÍ. *A culpa sangrenta da Inglaterra na Guerra Mundial.* Jornal diário do Piauí. n° 267.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 8 de abril de 1911, n° 37.

ESTADO DO PIAUÍ. *jornal Diário do Piauí*, 12 de maio de 1914. n° 106

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 1 de junho de 1914. n° 123.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 12 de novembro de 1912, nº 248.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Chapada do Corisco*, 11 de maio de 1918, n° 1.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Chapada do Corisco*, 25 de maio de 1918, n° 2.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Chapada do Corisco*, 19 de outubro de 1919, n° 12.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 04 de agosto de 1914, n° 175.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 05 de agosto de 1914, n° 176.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 12 de abril de 1914, n°82.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 19 de abril de 1914, n° 88.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 21 de junho de 1914, n° 139.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 6 de setembro de 1914, n° 204.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 24 de novembro de 1914, n° 267.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 29 de junho de 1914, n° 170.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 30 de junho de 1914, n° 171.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Diário do Piauí*, 7 de janeiro de 1912, nº 5.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal O Arrebol*, 24 de fevereiro de 1918, n° 4.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal O Arrebol*, 19 de setembro de 1918, n° 11.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal A Cruz*, 4 de abril de 1915, n° 1.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Alto Longá*, agosto de 1917, n° 3.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Aviso*, 15 de agosto de 1917, n° 74.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Aviso*, 30 de outubro de 1917, n° 79.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal Aviso*, 15 de janeiro de 1918, n° 84.

ESTADO DO PIAUÍ. *Jornal O Tempo*, 31 de dezembro de 1915, n° 4.

ESTADO DO MARANHÃO. *O Jornal*, 8 de novembro de 1917, n° 904.

MENDES, Simplício. *A Guerra Europeia I*. Jornal Diário do Piauí, 6 de setembro de 1914, n° 204.

MIRANDA, Agenor de. *Como eu entendo a Guerra*. Jornal Diário do Piauí, 6 de setembro de 1914, n° 204.

PINHEIRO, Celso. *Paisagens da Guerra*. In: Revista da Academia Piauiense de Letras. N°. 1. Ano II. Teresina: APL, 1919.

ROSA, Miguel de Paiva. *Mensagem Apresentada pelo Governador do Estado à Câmara Legislativa no dia 1° de junho de 1915*. Teresina Piauí.